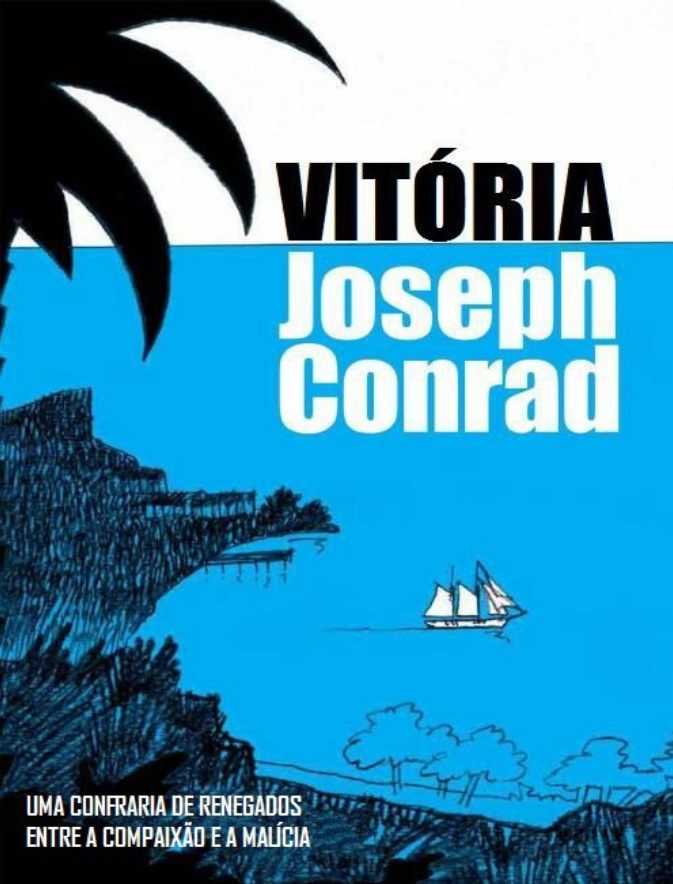




VITÓRIA

Joseph Conrad

UMA CONFRARIA DE RENEGADOS
ENTRE A COMPAIXÃO E A MALÍCIA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



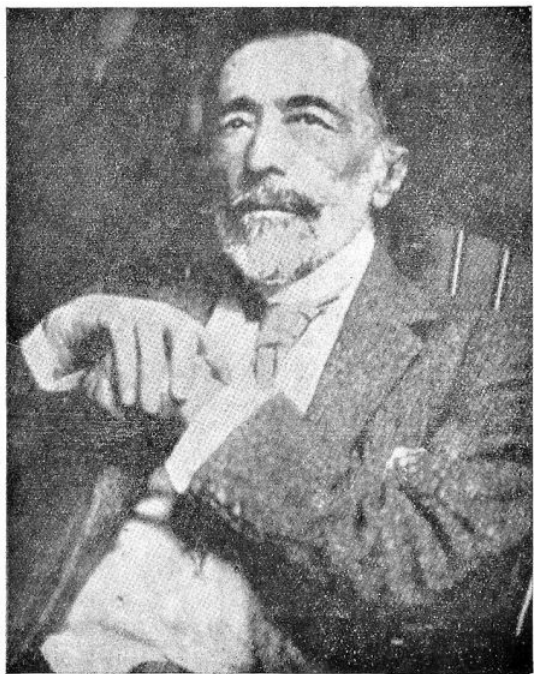
JOSEPH CONRAD

VITÓRIA

TRADUÇÃO DE
LEONEL VALLANDRO



EDIÇÃO DA LIVRARIA DO GLOBO
PÔRTO ALEGRE



Joseph Conrad

Título da edição original inglesa:

VICTORY

DIREITOS EXCLUSIVOS DE

TRADUÇÃO PARA O

BRASIL E PORTUGAL

PROPRIEDADE LITERÁRIA DE

BARCELLOS BERTASO & CIA

LIVRARIA DO GLOBO

PORTO ALEGRE

RIO GRANDE DO SUL

BRASIL

EDIÇÃO N° 1296 A

1942

Officinas Gráficas da Emp. Gráf. da "Revista dos Tribunais" Ltda.

Rua Conde de Sarzedas, 38 — São Paulo

Sinopse

VITÓRIA • JOSEPH CONRAD

Numa ilha solitária do Mar de Java, sob o sol abrasador dos trópicos, desenrola-se o drama do pessimista Heyst, o homem cerebral demais “que não aprendeu, quando jovem, a esperar, a amar e a confiar na vida.” Jamais lançou Conrad sua sonda mais fundo na alma humana do que ao contar a história deste casal de Robinsons — o cético incontentável e a sua deslumbrada, sua sublime amante, que afinal o convence da realidade de seu amor com o sacrifício da própria vida.

A vizinhança imediata dos elementos, o céu, o mar e a floresta, a trama sinistra que a perversidade e a astúcia primitivas armam a esses dois espíritos desprendidos da terra na ânsia de alcançar o absoluto, comunicam à tragédia uma grandeza cósmica. É Caliban caçando Ariel e pegando-o afinal em sua armadilha monstruosa. Mr. Jones, essa encarnação das forças do mal, estranho bandido que parece um espectro surgido de Hades, o tigrino Ricardo e o fâmulos de ambos, um bruto pré-histórico, são figuras fantásticas a que só mesmo a pena de um Conrad poderia imprimir o cunho de viva e intensa realidade que têm. Ao acompanharmos as operações do cérebro desses aventureiros, ao vermos a calúnia rodear com os seus tentáculos o pobre filósofo, temos o estremecimento que nos causa a contemplação dos cataclismos inelutáveis da natureza. Um grande livro e uma lição profunda, eis o que é “Vitória”.

Baseada nesta fascinante história, Hollywood produziu “Terror no Paraíso”, um filme de grande sucesso.

A

Perceval

e

Maisie Gibbon

*Sombras que chamam, espectros a acenar,
Vozes etéreas que articulam nomes
Em mudas plagas e desertas selvas.*

MILTON, Comus.

o

o

o

o

o

Parte 1

o

o

o

o

o

I

Existe, como bem o sabe qualquer colegial nesta nossa era científica, uma relação química muito estreita entre o carvão e o diamante. Creio ser por isso que algumas pessoas denominam o carvão de “diamante negro”. Ambos representam riqueza, mas o carvão é uma forma de propriedade muito menos portátil. Tem uma deplorável falta de concentração. Se se pudesse pôr no bolso do colete uma jazida de hulha... Mas é impossível! Contudo ele exerce um tipo de fascinação, esse produto supremo de uma época em que estamos acampados, como aturdidos viajantes num hotel ostentoso e agitado. Suponho que fossem estas duas considerações, a prática e a mística, que impediam Heyst (Axel Heyst) de ir embora.

A Companhia de Carvão da Zona Tropical entrou em liquidação. AS finanças são um mundo misterioso em que, por ser mais incrível que isto pareça, a evaporação precede a liquefação. Primeiro o capital se evapora, e depois a companhia liquida. É esta uma física antinatural, mas explica a inércia persistente de Heyst, de quem, quando estávamos lá, costumávamos rir — sem inimizade, porém. Um corpo inerte não pode lesar ninguém, não provoca hostilidade e quase não merece estorvo; mas tal não se poderia dizer de Axel Heyst. Ficava fora do caminho de todos, como se estivesse encarapitado no mais alto cume dos Himalaias, e em certo sentido com a mesma evidência. Toda a gente, naquela parte do mundo, sabia da sua existência coo habitante de uma ilhota. Uma ilha não é mais que o topo de uma montanha. Eternamente empoleirado ali. Axel ficava cercado, não por um oceano tempestuoso e imponderável de ar que se perde no infinito, mas por um mar tépido e pouco profundo, um braço apático das águas imensas que cingem os continentes deste globo. Os seus mais assíduos visitantes eram sombras; as sombras das nuvens que aliviavam a monotonia do inanimado e cismarento sol dos trópicos. O seu vizinho mais próximo — falo agora de coisas dotadas de alguma vida — era um vulcão indolente que fumegava de leve o dia inteiro, mostrando o cume pouco acima do horizonte setentrional, e que à noite lhe dardejava, de entre as estrelas nítidas, um baço clarão avermelhado, que se expandia e contraía espasmodicamente, como a ponta de um charuto gigantesco chupado nas trevas de quando em quando. Axel também fumava; e quando preguiçava na varanda com o seu charuto fazia o mesmo clarão, e do mesmo tamanho, que o outro a tantas milhas de distância.

De certa maneira, o vulcão lhe fazia companhia nas sombras da noite — muitas vezes tão espessas que se diria não deixavam passar o menor sopro de ar. Era

raro que houvesse vento suficiente para agitar uma folha. Em quase todas as noites do ano Heyst poderia sentar ao relento com uma vela desabrigada e ler um dos livros que lhe deixara o pai já falecido. O sortimento não era pequeno. Mas nunca lia, provavelmente por medo dos mosquitos. Tão pouco o silêncio o tentava alguma vez a dirigir observações à sua companheira, a claridade do vulcão. Não era doido. Esquisitão, sim; isto se poderia dizer dele, e com efeito se dizia; mas entre uma coisa e outra vai uma tremenda diferença, hão de reconhecê-lo.

Nas noites de lua cheia o silêncio em torno de Samburan, a “Ilha Redonda” dos mapas, era deslumbrante; e no jorro de luz fria Heyst podia descortinar os arredores imediatos, que tinham o aspecto de uma feitoria abandonada e invadida pela floresta: confusos telhados acima da vegetação rasteira, sombras quebradas de cercas de bambu sobre o lustre da relva crescida, e uma espécie de estrada coberta de mato, que descia entre bosquetes irregulares para a praia, distante apenas uns duzentos metros, com um pier preto e uma elevação qualquer, escura como tinta no lado que não recebia o luar. Mas o objeto mais em evidência era uma gigantesca tabuleta preta, presa em dois postes, que mostrava a Heyst, quando a lua o iluminava daquele lado, as letras “T. B. C. Co.”, brancas, com pelo menos dois pés de altura. Eram as iniciais da Companhia, a Tropical Belt Coal Company, a empresa de seus patrões — de seus ex-patrões, para sermos exatos.

De acordo com os mistérios sobrenaturais do mundo das finanças, após se evaporar o capital da Companhia no decurso de dois anos esta entrou em liquidação — creio que não voluntária, mas forçada. Não houve, contudo, nada de violento nesse encadeamento de fatos. Foi vagaroso; e enquanto a liquidação se processava lentamente em Londres e Amsterdam, Axel Heyst, classificado nos prospectos como “administrador nos trópicos”, permanecia em seu posto em Samburan, a estação de abastecimento número um da Companhia.

Mas não era apenas um posto de abastecimento. Havia na ilha uma jazida de carvão, com um veio no flanco da colina, a menos de quinhentos metros do desconjuntado pier e do imponente cartaz preto. A companhia pretendia tomar posse de todos os veios das ilhas tropicais e explorá-los localmente. E Deus sabe como eles são abundantes. Fora Heyst quem tinha localizado a maioria deles naquela parte da zona tropical, durante as suas peregrinações sem destino certo, e como gostava de escrever cartas havia enchido páginas e páginas com a descrição desses achados aos seus amigos da Europa. Pelo menos, era o que dizia.

Nós duvidávamos que ele tivesse sonhos de riqueza — para si próprio, em todo caso. O que parecia interessar-lhe sobre todas as coisas era o “passo à frente”,

segundo a sua expressão, na organização geral do universo. Mais de um, nas ilhas, lhe ouviu falar de "um grande passo à frente para estas regiões." O gesto convincente que acompanhava a frase sugeria um impulso dado às grandes vastidões dos trópicos. Isto, juntamente com as suas maneiras irrepreensivelmente cortesias, persuadia, ou como quer que fosse impunha silêncio — ao menos por algum tempo. Ninguém cuidava de discutir com ele quando falava neste tom. O seu ardor não podia prejudicar ninguém. Não havia perigo de que alguém fosse tomar a sério o seu sonho do carvão tropical. Para que, pois, melindrá-lo?

Assim pensavam homens que dirigiam honrados escritórios comerciais, onde ele fizera a sua entrada como portador de cartas de apresentação (e modestas cartas de crédito) alguns anos antes que os veios de carvão comessem a repontar na sua palestra cortês e graciosa. Desde o principio tiveram certa dificuldade em entendê-lo. Não era um viajante. Um viajante chega e parte, segue para algum lugar. Heyst nunca partia. Conheci um homem (o gerente da filial da União Bancária do Oriente em Málaca) a quem Heyst exclamara, sem mais nem menos, na sala de bilhar do clube:

— Estou encantado com estas ilhas!

Lançou esta frase de súbito, *à propos de bottes*, como dizem os franceses, enquanto passava giz no tacho. Era realmente, talvez, uma espécie de encantamento. Há mais sortilégios neste mundo do que sonham os mágicos comuns.

Grosseiramente falando, o círculo que tinha por centro o norte de Borneo e um raio de oitocentas milhas era, para Heyst, um círculo mágico. A circunferência roçava por Manila, e ele fora visto lá. Também roçava por Saigon, onde igualmente fora visto uma vez. Foram essas, talvez as suas tentativas de fuga. A ser isto verdade, foram mal sucedidas. O sortilégio devia ser daqueles que não se quebram. O gerente (o homem que lhe ouvira a exclamação) ficara tão impressionado com o tom, o fervor, o arrebatamento ou o que quer que fosse, ou talvez com a incongruência, que referiu o fato a mais de uma pessoa.

— Tipo esquisito, esse sueco — era o seu único comentário. Mas tal foi a origem do apelido "Heyst Encantado", que alguns sujeitos puseram no nosso homem.

Tinha outros nomes. Nos seus primeiros anos de Oriente, muito antes de ter adquirido aquela calva simpática, no alto da cabeça, foi levar uma carta de recomendação ao sr. Tesman, dos Irmãos Tesman, firma de Surabaya — uma casa de primeira. O sr. Tesman era um velho cavalheiro afável e benévolo. Não soube o que

concluir sobre o visitante. Depois de dizer que desejavam tornar-lhe o mais amena possível a estada nas ilhas e que estavam prontos a auxiliar os seus planos, et coetera, e tendo recebido os agradecimentos de Heyst (na forma usual dessas conversações) O velho veio a perguntar em tom vagaroso e paternal:

— E o senhor se interessa em?...

— Fatos — atalhou Heyst na sua voz cortês. — Não há nada que valha a pena conhecer senão fatos. Fatos sólidos! Só os fatos, sr. Tesman.

Não sei se o velho Tesman concordou com ele ou não, mas devia ter falado no caso, pois durante algum tempo o nosso homem foi conhecido pelo cognome de “Fatos Sólidos”. Tinha ele casa singular boa fortuna: os seus ditos se lhe apegavam e passavam a formar parte do seu nome. Depois disto vagueou pelo mar de Java numa das escunas mercantes de Tesman, e a seguir desapareceu embarcado num navio árabe que singrava para a Nova Guiné. Permaneceu tão longo tempo nessa zona exterior ao seu círculo mágico que estava quase esquecido quando tornou a surgir num prau malaio cheio de vagabundos de Goram, queimado pelo sol, magríssimo, o cabelo muito rareado, e uma pasta de desenhos sob o braço. Mostrava-os de boa vontade, mas quanto ao mais era muito reservado. “Tinha-se divertido”, dizia. Um homem que ia à Nova Guiné para se divertir... e esta!

Anos depois, quando os últimos vestígios da mocidade haviam desaparecido do seu rosto, quando todo o cabelo lhe abandonara o alto da cabeça e o seu bigode horizontal, louro avermelhado assumira proporções verdadeiramente nobres, certo homem branco de má reputação pôs-lhe um epíteto. Largando com a mão trêmula um grande copo que tinha esvaziado (quem pagava era Heyst), disse com essa sagacidade deliberada que nenhum mero bebedor de água jamais poderá igualar:

— Heyst é um perfeito cavalheiro. Perfeito! Mas é um uto-uto-utopista.

Heyst acatava de sair do bar quando esta opinião foi emitida. Utopista? Sob minha palavra, só lhe ouvi dizer uma coisa que pudesse justificar tal definição, e fora um convite feito no próprio velho Mac Nab. Voltando-se para ele com a rematada cortesia de atitude, gesto e voz que era sua característica evidente, dissera ele com delicada graça:

— Venha saciar a sua sede conosco, sr. Mac Nab!

Talvez fosse isto. Um homem que se propusesse, ainda por brincadeira, a saciar a sede do velho Mac Nab, tinha de ser um utopista, um perseguidor de quimeras; pois de ironias diretas Heyst não era pródigo. E quiçá fosse esta a razão por que geralmente gostavam dele. Nessa quadra da vida, na plenitude do seu desenvolvimento físico, de porte amplo e marcial, com aquela calva e o bigode

comprido, ele se parecia com os retratos de Carlos XII, de aventureira memória. Nada, entretanto, fazia supor que Heyst fosse em qualquer terreno um lutador.

II

Foi por esse tempo que Heyst entrou em relações com Morrison. A natureza dessas relações era motivo de dúvidas. Alguns diziam que os dois homens tinham formado sociedade, outros que Heyst era uma espécie de hóspede pagante, mas a exata verdade era mais complexa. Um dia Heyst apareceu em Timor. Por que precisamente em Timor, eis o que ninguém sabe. Vagueava ele por Déli, esse lugar altamente pestilencial, quando se encontrou na rua com Morrison, que também era, a seu modo, um homem “encantado”. Quando se lhe falava em voltar para a terra (era natural do condado de Dorset) Morrison estremecia. Respondia que a sua terra era escura e úmida, que seria o mesmo que viver com a cabeça metida num saco molhado. Isto não passava de um dos seus habituais exageros. Morrison era “um dos nossos”. Possuía e comandava o *Capricorn*, um brigue mercante, e tinha fama de ganhar dinheiro com o seu barco, salvo os prejuízos decorrentes do seu altruísmo excessivo. Era o amigo bem-amado de muitas aldeias esquecidas por Deus em obscuros estuários e baías sombrias, onde ele “comprava produtos”. Navegava muitas vezes por canais terrivelmente perigosos até algum miserável estabelecimento, onde encontrava uma população faminta a clamar por arroz. Todos os “produtos” reunidos dessa gente não dariam para encher a valisa de Morrison. Entre o regozijo geral ele descarregava assim mesmo o arroz, explicava aos indígenas que se tratava de um adiantamento, que ficavam sendo seus devedores. Exortava-os à energia e à atividade, e tomava uma nota minuciosa no diário de algibeira que sempre levava consigo. E este era o fim da transação. Não sei se Morrison assim pensava, mas os indígenas é que não tinham a menor dúvida. Sempre que uma aldeia da costa avistava o brigue, começavam a bater todos os gongos e a hastear todas as flâmulas. Todas as garotas do lugar punham flores no cabelo, a chusma se alinhava à margem do rio, e Morrison contemplava essa lufalufa através do seu cintilante monóculo, com um ar de intensa satisfação. Era alto, de maxilares salientes, usava a barba raspada e tinha o aspecto de um advogado que houvesse mandado a peruca às favas.

Costumávamos admoestá-lo:

— Se você continuar assim nunca mais verá os seus adiantamentos, Morrison.

Ele tomava um ar finório.

— Ainda hei de apertar com eles um dia... não tenham medo. E isto me faz lembrar (sacando o inseparável livrete) a aldeia Tal. A sua situação já é bastante boa.

Posso começar apertando com eles.

E tomava uma nota feroz na sua agenda:

“Memento: — Espremer a aldeia Tal na primeira visita.”

Enfiava depois o lápis na bainha do livrete e fazia estalar o elástico com inflexível determinação; mas nunca principiava a espremer. Alguns murmuravam contra ele. Estava estragando o negócio, diziam. Talvez estivesse, até certo ponto; não muito, porém. A maioria dos povoados com que negociava eram desconhecidos não só da geografia como também dessa ciência especial dos mercadores, que se transmite oralmente, sem ostentação, e forma um cabedal de misteriosos conhecimentos locais. Pretendia-se, outrossim, que Morrison tinha uma esposa em cada um desses lugarejos, mas quase todos nós repeliávamos indignados a insinuação. Ele era sinceramente humanitário, e mais ascético que outra coisa.

Quando Heyst o encontrou em Déli, Morrison caminhava pela rua com o monóculo atirado para as costas, a cabeça baixa e o aspecto desanimador desses vagabundos que vemos pelas nossas estradas, afadigando-se de albergue para albergue. Ao se ouvir saudar do outro lado da rua ergueu a cabeça com uma expressão insólita e preocupada. Via-se a braços com dificuldades. Chegara a Déli na semana anterior e as autoridades portuguesas, pretextando alguma irregularidade nos seus papéis, tinham-lhe aplicado uma multa e detido o brigue.

Nunca lhe sobrava dinheiro para despesas eventuais. Com o seu sistema de comércio, não era para menos. E todas aquelas dívidas na sua agenda não dariam para levantar sequer mil-réis, quanto mais um xelim. Os funcionários portugueses imploraram que não se afligisse. Concederam-lhe uma semana de prorrogação, finda a qual venderiam o brigue em leilão público. Seria a ruína de Morrison. E quando Heyst o chamou do outro lado da rua, com o costumeiro tom de polidez, a semana estava quase vencida.

Heyst atravessou a rua e disse, fazendo uma leve mesura, com os modos de um príncipe que procura outro príncipe para tratar de assunto particular;

— Que prazer inesperado! Faz objeção em tomar algo comigo naquela infame taberna ali? O sol está forte demais para se conversar na rua.

O macilento Morrison seguiu-o docilmente até um barracão sombreado e fresco, onde teria desdenhado entrar em qualquer outra ocasião. Estava distraído. Mal sabia o que fazia. Teria sido tão fácil levá-lo para a beira de um precipício como para aquela taberna. Sentou-se qual um autômato. Estava sem voz, mas viu diante de si um copo cheio de vinho tinto, e esvaziou-o. Enquanto isso, observando-o com ar polido, Heyst sentou-se a sua frente.

— receio que esteja com febre — disse com simpatia.

O pobre Morrison soltou a língua afinal.

— Febre! — exclamou. — Antes fosse febre. Antes fosse a peste! De doença um homem se cura. Mas estou sendo assassinado! Os portugueses estão me assassinando. Esse bando acaba de dar cabo de mim. Vão cortar meu pescoço depois de amanhã.

Diante desse desespero Heyst levantou as sobrancelhas, num leve movimento de surpresa que não estaria deslocado numa sala de recepção. Quebrara-se afinal a reserva angustiada de Morrison. Tinha vagueado com a garganta seca por toda aquela miserável cidade de barracos de barro, silencioso, sem nenhuma alma a que recorrer em sua desgraça, positivamente enlouquecido com seus pensamentos; e de súbito esbarrara com um homem branco, figurada e literalmente branco — pois Morrison se recusava a incluir os funcionários portugueses em sua raça. Desabafou, pelo simples conforto de uma fala violenta, os cotovelos plantados na mesa, os olhos injetados, a voz quase sumida, a aba do chapéu de fibra, redondo, a sombrear um rosto lívido e barbudo. Sua roupa branca, que não tirava havia três dias, estava imunda. Tinha já a aparência de um homem irremediavelmente perdido. Era um espetáculo chocante para Heyst, que todavia nada deixou transparecer na sua atitude, escondendo a impressão sob aquelas suas consumadas maneiras de boa sociedade. Não mostrou mais que uma atenção polida, como compete a um cavalheiro a escutar outro; e, como de costume, esta atitude foi contagiosa. Morrison caiu em si e terminou a narrativa em tom sereno, com o ar de um homem de sociedade.

— É uma conspiração infame. Infelizmente, não se pode fazer nada. Esse patife do Cousinho Andreas, você sabe, há anos que anda cobiçando o brigue. Naturalmente, eu não o venderia a troco de nada. Ele não é apenas meu ganhão: é minha vida. De modo que o homem preparou esse golpe com o chefe da alfândega. O leilão, naturalmente, será uma farsa. Aqui não há ninguém para fazer lances. Ele ficará com o brigue por dez réis de mel coado... não, nem isso: por um real de mel coado. Você já está há alguns anos nas ilhas, Heyst. Conhece a nós todos; já viu como vivemos. Terá agora a ocasião de ver como acabam alguns de nós; porque isto é o meu fim. Já não posso iludir a mim mesmo. Você compreende, não é verdade?

Morrison tinha caído em si, mas sentia-se a tensão do esforço no seu domínio próprio reconquistado. Heyst começara a dizer que “bem via as consequências desse infortunado...” quando Morrison o interrompeu em voz sacudida.

— Palavra que não sei por que lhe conto tudo isso. Foi, suponho, o encontro com um verdadeiro homem branco, como você, que me fez desabafar. Palavras nada podem fazer; mas, já que disse tanto posso dizer mais. Escute. Hoje de manhã, a bordo, no meu camarote, ajoelhei e rezei pedindo ajuda. Pus-me de joelhos!

— Você é religioso, Morrison? — perguntou Heyst em evidente tom de respeito.

— O que posso afirmar é que não sou incrédulo.

A resposta de Morrison foi viva e reprovadora. Houve uma pausa, enquanto o capitão interrogava talvez a eu a consciência e Heyst mantinha no semblante um interesse cortês e inalterado.

— Rezei como uma criança, naturalmente. Acho natural que as crianças rezem — bem, as mulheres também, mas quer-me parecer que Deus espera dos homens um pouco mais de confiança em si mesmos. Não tolero os homens que andam eternamente a importunar o Altíssimo com os seus ridículos aborrecimentos. Parece desfaçatez. Seja como for, esta manhã eu... nunca fiz mal, coincidentemente, a uma criatura neste mundo... esta manhã rezei. Um impulso repentino... Arreei-me nos joelhos. De modo que você pode julgar...

Um e outro se fitavam nos olhos, com ar sério. O pobre Morrison acrescentou, como a uma reflexão tardia e desanimadora:

— Acontece que este é um lugar tão abandonado por Deus...

Heyst perguntou com delicada entonação se podia saber a soma pela qual o brigue fora apreendido.

Morrison reprimiu uma praga e mencionou com brusquidão uma quantia tão insignificante que teria feito exclamar um outro qualquer. O próprio Heyst mal pôde afastar a incredulidade da sua voz cortesmente modulada, ao perguntar se era verdade que Morrison não tinha essa quantia.

Morrison não tinha. Tinha apenas algum ouro inglês, umas poucas libras a bordo. Deixara todo o dinheiro disponível com os Tesman em Semarang, para saldar certas contas que venceriam na sua ausência. De qualquer maneira, esse dinheiro não lhe seria mais inútil se estivesse nas profundezas do inferno. Disse tudo isto bruscamente. E ficou a olhar com súbito desagrado para aquela testa nobre, o grande bigode marcial e os olhos cansados do homem que tinha à sua frente. Quem diabo era esse sujeito? Por que estava ele, Morrison, a falar daquela maneira? Não conhecia melhor a vida de Heyst que o resto de nós, mercadores do Arquipélago Malaio. Se o sueco se erguesse repentinamente e lhe desse um murro no nariz, Morrison não ficaria mais atônito do que ficou ao ouvir esse estranho, esse

vagabundo sem classe definida, dizer com um pequeno cumprimento:

— Oh, se é este o caso terei enorme prazer em ajudá-lo!

Morrison não compreendeu. Era uma dessas coisas que não acontecem — coisas inauditas. Não fazia a menor ideia do que aquilo significava, até que Heyst disse positivamente:

— Posso emprestar essa quantia.

— Tem esse dinheiro? — murmurou Morrison. — Aqui mesmo, no seu bolso?

— Sim, comigo. É um prazer ser útil.

Morrison, contemplando-o boquiaberto, procurou por cima do ombro a fita do monóculo que lhe pendia às costas. Ao encontrá-lo encaixou-o apressadamente no olho. Era como se esperasse ver o traje branco tropical de Heyst transformar-se numa vestimenta deslumbrante, um par de asas luminosas crescer nos ombros do sueco — e não quisesse perder nem um só pormenor da metamorfose. Mas se Heyst era um anjo do céu, enviado em resposta à prece, não traía por sinais exteriores a sua origem celeste. Assim, ao invés de cair de joelhos como se sentia inclinado a fazer, Morrison estendeu a mão, que Heyst estreitou com alegria formalista e um murmúrio cortês em que mal se podiam distinguir as palavras “ninharia... encantado... prestar serviço”.

“Há mesmo milagres”, pensou Morrison cheio de terror sagrado. Para ele, como para todos nós nas ilhas, esse errante Heyst que não trabalhava nem fiava visivelmente, seria 3 Última pessoa a servir de agente da Providência num aperto de dinheiro. A sua aparição em Timor ou alhures não era mais maravilhosa que o pousar de um pardal em dado momento no peitoril da nossa janela. Mas que trouxesse dinheiro no bolso, eis o que parecia um tanto inconcebível.

Tão inconcebível que, ao trilharem a custo a areia da estrada que conduzia à alfândega (outra choça de barro), Morrison começou a suar frio, deteve-se e exclamou vacilante:

— Escute! Você não está brincando, Heyst?

— Brincando! — ecoou Heyst, encarando fixamente o descomposto Morrison. — Em que sentido, posso saber? — continuou com austera cortesia.

Morrison ficou envergonhado.

— Perdoe-me, Heyst. Você deve ter sido mandado por Deus em resposta à minha oração. Mas estive três dias quase fora de mim com tanto aborrecimento, e veio esta lembrança repentina: “E se fosse o diabo que o mandou?”

— Não tenho relações com as potências sobrenaturais — disse Heyst amavelmente, continuando a andar. — Ninguém me mandou. Surgi no seu

caminho por acaso.

— Não creio nisso — redarguiu Morrison. — Posso ser indigno, mas fui ouvido. Eu o sei, sinto-o cá dentro. Que motivo tinha você para o oferecer?...

Heyst inclinou a cabeça, como a indicar respeito por uma convicção que não podia compartilhar. Mas manteve-se na sua, murmurando que diante de um fato abominável como este era natural...



Algumas horas mais tarde, paga a multa e ambos a bordo do brigue, de onde fora retirada a guarda, Morrison (que não só era cavalheiro como também homem honrado) começou a falar em reembolso. Conhecía perfeitamente a sua incapacidade para por dinheiro de parte. Isto tanto se devia as circunstâncias como ao seu temperamento, e seria muito difícil dividir as responsabilidades entre umas e outro. O próprio Morrison não o saberia dizer, embora confessasse o fato. Com um ar aflito, pô-lo à conta da fatalidade.

— Não sei por que razão nunca pude economizar. É uma espécie de maldição. Sempre há uma conta ou duas por saldar.

Pescou no bolso a famosa agenda tão conhecida nas ilhas, o fetiche das suas esperanças, e correu febrilmente as páginas.

— E contudo... Veja — prosseguiu. — Aí está: mais de cinco mil dólares a receber. Isto sempre é alguma coisa.

Calou de súbito. Heyst, que todo esse tempo procurava, aparentar indiferença, emitiu uns ruídos guturais tranquilizadores. Mas Morrison não só era honrado como pundonoroso, e nesse dia de angústia, diante do pasmoso emissário da Providência e na tempestade que lhe revolvía a alma, fez a sua grande renúncia. Abandonou a ilusão permanente da sua existência.

— Não. Não. Isto nada vale. Nunca poderei espremê-los. Nunca. Durante anos afirmei o contrário, mas agora renuncio. Jamais acreditei verdadeiramente que pudesse fazê-lo. Não conte com isso, Heyst. Acabo de roubá-lo.

O pobre Morrison chegou a deitar a cabeça sobre a mesa do camarote, e

permaneceu nessa posição aniquilada enquanto Heyst tratava de o consolar, com a máxima polidez. O sueco estava tão angustiado quanto o próprio Morrison, pois compreendia perfeitamente os sentimentos do outro. Jamais escarnecera de um sentimento digno. Mas era incapaz de cordialidade exterior nas maneiras, e sentia vivamente este defeito. A polidez consumada não é o tônico indicado para um colapso emocional. Ambos devem ter passado momentos bem penosos no camarote do brigue. Por fim Morrison, buscando desesperadamente uma ideia no negror da sua prostração, teve a lembrança de convidar Heyst a viajar com ele no brigue, participando das suas aventuras comerciais até perfazer a importância do empréstimo.

Uma circunstância característica da existência desprendida e flutuante de Heyst era a de estar pronto a aceitar esta proposta. Nada nos leva a crer que ele tivesse naquela ocasião o desejo especial de bater a bordo do brigue por todos os cantos e buracos do arquipélago, onde Morrison fazia quase todo o seu negócio. Longe disso; mas teria consentido em qualquer arranjo que pusesse termo àquela cena dilacerante. Deu-se instantaneamente uma grande mutação: Morrison ergueu a cabeça abatida e assestou o monóculo para considerar Heyst com afeto, desenvolveu-se uma garrafa, e assim por diante. Ficou combinado que não sealaria a transação a ninguém. Morrison, compreendendo, não se orgulhava do episódio, e temia ser impiedosamente ridicularizado.

— Um macaco velho como eu! Deixar-me apanhar por esses malditos tratantes portugueses! Nunca mais me deixariam em paz. Precisamos guardar segredo.

Por motivos bem diversos, entre os quais sobressaía a sua delicadeza congênita, Heyst fazia ainda mais questão de jurar sigilo. Um cavalheiro se esquivaria naturalmente ao papel de mensageiro celeste que Morrison lhe queria impor. Já estava bastante constrangido com o que houvera, e provavelmente não desejava que viessem a sabê-lo possuidor de alguns recursos, fossem estes quais fossem — suficientes, em todo caso, para permitir-lhe fazer empréstimos de dinheiro. Os dois homens tiveram dentro daquele camarote, como conspiradores de opereta, o seu dueto de “Psiu, psiu! Segredo! Segredo!” Deve ter sido engraçadíssimo, pois eles encaravam a coisa com muita seriedade.

A conspiração foi bem sucedida por algum tempo, tanto que todos nós concluímos que Heyst estava hospedado com o bondoso (alguns diziam: sugando o imbecil) Morrison a bordo do seu brigue. Mas já sabem o que acontece com todos esses mistérios. Há sempre um rombo em alguma parte. O próprio Morrison, que

nada tinha de estanque, rebentava de gratidão, e sob esta pressão deve ter deixado escapar alguma coisa vaga — o bastante para dar um ensejo à tagarelice ilhoa. E todos sabem quão caridoso é o mundo em seus comentários sobre aquilo que não compreende. Propalou-se o rumor de que Heyst, tendo obtido algum ascendente misterioso sobre Morrison, colara-se a ele e estava a sugá-lo. Os que investigaram a origem de tais murmúrios deram-se ao cuidado de não acreditar neles. O originador, ao que parece, fora um certo Schomberg, homem enorme, barbudo e viril, cheio de convicção germânica e dotado de uma língua ingovernável que devia com certeza funcionar sobre um espigão. Ignoro se era de fato tenente da rReserva, conforme declarava. No Oriente exercia a profissão de hoteleiro, a princípio em Bangkok, depois em algum outro lugar, e ultimamente em Surabaya. Arrastava consigo por aquela região dos trópicos uma mulherzinha silenciosa e assustada, que usava cachos compridos e sorria estupidamente para a gente, mostrando um dente azulado. Não sei por que tantos dentre nós frequentávamos os seus vários estabelecimentos. Era um imbecil nocivo que satisfazia à custa dos hóspedes a sua paixão pelos mexericos tolos. Foi ele quem uma tarde, quando Heyst e Morrison passavam pelo hotel (não eram seus fregueses habituais) cochichou misteriosamente ao grupo heterogêneo reunido na varanda:

— A aranha e a mosca acabam de passar, senhores. — E, muito importante e confidencial, pondo a grossa pata ao lado da boca: — Aqui entre nós, cavalheiros, só lhes posso aconselhar que nunca se envolvam com esse sueco. Não se deixem apanhar na sua teia.

III

Sendo a natureza humana o que é, com o seu lado tolo bem como outro mesquinho, não foram poucos os que se fingiram indignados, sem mais autoridade que uma propensão geral para acreditar em todas as maledicências; e um grande número de outros que achavam simplesmente engraçado chamar Heyst de Aranha — pelas costas, já se vê. Ele ignorava isto tão serenamente como os seus demais apelidos. Mas não tardou que encontrassem outras coisas para dizer de Heyst; não muito depois o nosso homem alcançou grande evidência, em assunto de maiores proporções. O botão desabrochou por fim, e tomou formas definidas. Heyst atraiu a atenção pública como administrador local da Companhia de Carvão da Zona Tropical, firma que tinha escritórios em Londres e Amsterdam, com outras particularidades de aparência grandiosa. Os tais escritórios podiam consistir — e provavelmente consistiam — numa sala apenas; mas a tamanha distância, lá no Oriente, tudo isso produzia a sua impressão. Estávamos mais intrigados que deslumbrados, é verdade; mas até os mais circunspectos dentre nós começavam a pensar que podia haver algo de sério naquilo. Os Tesman nomearam agentes, e firmou-se um contrato com o governo para a circulação de barcos postais. Iniciava-se para as ilhas a era do vapor. Um grande passo à frente — o passo de Heyst!

Tudo isto nasceu do encontro do entalado Morrison com o vagabundo Heyst, que podia ou não ter sido o resultado direto de uma prece. Morrison não era um imbecil, mas parecia ter caído num estado de extraordinária confusão quanto a sua posição exata em face de Heyst. Pois, se este fora enviado com dinheiro no bolso por um decreto do Todo-Poderoso, não havia razão para lhe ser particularmente grato, sendo ele o instrumento involuntário de uma força superior. Mas Morrison acreditava simultaneamente na eficácia da oração e na infinita bondade de Heyst. Agradecia a Deus com respeitosa sinceridade a sua mercê, e quanto a Heyst não podia agradecer-lhe bastante aquele serviço prestado de homem para homem. Neste emaranhado (muito honroso) de sentimentos fortes, a gratidão de Morrison insistia em associar Heyst a grande descoberta. Finalmente soubemos que Morrison seguira para a Inglaterra, via Suez, afim de pugnar pessoalmente pela magnífica ideia do carvão. Despediu-se do seu brigue e desapareceu da nossa vista. Mas soubemos que escrevera uma ou várias cartas a Heyst, dizendo que Londres era frio e triste, que não gostava dos homens nem das coisas, e que se sentia “tão solitário como um corvo em terra estranha”. Na realidade, consumia-se com saudades do Capricorn — não me refiro apenas ao trópico, mas ao navio também. Por fim foi ao

Dorsetshire ver a sua gente, apanhou uma gripe e morreu com extraordinária precipitação no seio da família consternada. Ignoro se os seus esforços em Londres lhe haviam enfraquecido a vitalidade, mas acredito ter sido essa visita que deu vida à ideia do carvão. Seja como for, a Companhia de Carvão da Zona Tropical nasceu bem pouco depois de Morrison, vítima da gratidão e do seu clima natal, ter ido reunir-se aos seus antepassados num cemitério de Dorsetshire.

Heyst ficou imensamente abalado. Recebeu a notícia nas Molucas, por intermédio dos Tesman, e desapareceu por algum tempo. Pelo modo, esteve com um médico do governo holandês em Amboina, um amigo que cuidou dele por uma temporada no seu bangalô. Tornou a ser visto, um tanto inopinadamente, com os olhos encovados e uma espécie de atitude defensiva, como se temesse ser censurado pela morte de Morrison.

Ingênuo Heyst! Alguém ia lá cuidar de... Nenhum de nós se interessava por aqueles que voltavam para a pátria. Eram outros tantos de menos. Ir para a Europa era tão terminante como ir para o céu. Excluía um homem do mundo do acaso e da aventura.

Para dizer a verdade, muitos de nós só soubemos da morte de Morrison alguns meses depois — e por Schomberg, que tinha uma antipatia gratuita por Heyst e murmurava coisas sinistras:

— Este é o resultado de andar metido com aquele sujeito. Espreme as pessoas como um limão até deixá-las secas, e depois joga fora... manda-as para morrer lá na terra. Que Morrison lhes sirva de aviso.

Nós, naturalmente, ríamos dessas tenebrosas insinuações do hoteleiro. Muitos sabíamos que Heyst também se dispunha a ir à Europa, afim de dar impulso pessoalmente à empresa do carvão. Mas nunca partiu. Foi desnecessário. A companhia formou-se sem ele, e a sua nomeação para administrador nos trópicos chegou pelo correio.

Desde o início escolhera Samburan, ou Ilha Redonda, para a estação central. Alguns exemplares dos prospectos publicados na Europa, tendo chegado ao Oriente, eram passados de mão em mão. Muito admiramos o mapa que os acompanhava, para edificação dos acionistas. Samburan era ali representada como o ponto central do Hemisfério Oriental, com o nome impresso em enormes maiúsculas. Grossas linhas irradiavam da ilha em todas as direções, através dos trópicos, figurando uma misteriosa e admirável estrela — linhas de influência ou linhas de distância, ou qualquer coisa desse gênero. Os organizadores de companhias têm uma imaginação peculiar. Não há no mundo temperamento mais

romântico que o de um organizador de companhia. Enviaram-se engenheiros, importaram-se cules, construíram-se bangalôs em Samburan, abriu-se uma galeria no flanco da colina, e até se chegou a extrair certa quantidade de carvão.

Essas demonstrações abalaram os mais ponderados. Por algum tempo não se falou nas ilhas em outra coisa que não fosse a Tropical Belt Coal, e mesmo aqueles que sorriam tranquilamente de si para si estavam apenas escondendo a sua inquietude. Era chegada a hora, não havia dúvida. Qualquer um podia prever as consequências: o fim do comércio individual, sufocado por uma grande invasão de vapores. Não estávamos em condições de comprar vapores. Isso não. E Heyst era o administrador.

— Heyst, sabes, o Heyst Encantado.

— Não me digas! Desde que o conhecemos por aqui, não tem sido mais que um vagabundo.

— Sim, dizia ele que andava à procura de fatos. Pois bem, já encontrou um que dará cabo de nós todos — comentava uma voz amarga.

— Isso é o que eles chamam desenvolvimento... diabos os levem! — resmungava outra.

Nunca se havia falado tanto de Heyst nos trópicos.

— Não é um barão sueco ou coisa parecida?

— Ele, barão? Ora vá saindo!

Quanto a mim, não tenho a menor dúvida de que o fosse. Ele mesmo me disse certa ocasião, quando ainda vagava pelas ilhas, enigmático e desprezado como um fantasma insignificante. Isso muito antes de nosso homem assumir as proporções alarmantes de um destruidor da nossa pequena indústria — Heyst o Inimigo.

Tornou-se moda entre bom número de pessoas o referir-se a Heyst como o Inimigo. Ele era então muito concreto, muito visível. Andava a correr todo o Arquipélago, embarcando em vapores e desembarcando como se fossem bondes, aqui, acolá e por toda parte — organizando a toda pressão. Aquilo já não era vagabundagem, era negócio. E esta súbita mostra de energia bem aplicada abalou a incredulidade dos mais cépticos melhor do que poderia fazê-lo qualquer demonstração científica sobre o valor das jazidas de carvão. Impressionava. Schomberg era o único a resistir o contágio. Enorme, de uma varonilidade imponente e abundantes barbas, com um copo de cerveja na pata grossa, aproximava-se de alguma mesa onde estava sendo discutido o tópico do momento, escutava uns instantes e saía com esta declaração invariável:

— Tudo isso está muito bem, meus senhores; mas a mim é que ele não joga o seu pó de carvão nos olhos. Tudo é conversa. Que mais poderia ser? Um sujeito desses na administração... pf!

Seria a clarividência do ódio imbecil, ou meramente a estólida tenacidade de opinião que termina às vezes por vencer o mundo inteiro da maneira mais assombrosa? Quase todos podemos recordar exemplos de tolice triunfante; e aquele asno de Schomberg triunfou. A T. B. C. Co. entrou em liquidação, conforme comecei por dizer. Os Tesman lavaram as mãos. O governo cancelou os famosos contratos. As conversas foram morrendo, e dentro em pouco era observado aqui e ali que Heyst desaparecera completamente. Tornara-se invisível, como naqueles primeiros tempos em que costumava sumir-se de inopino, em suas tentativas para romper o encanto “destas ilhas”, quer na direção da Nova Guiné quer na de Saigón — buscando os canibais ou os cafés. O Heyst Encantado! Tinha afinal quebrado o encanto? Morrerá? Éramos demasiado indiferentes para pensar muito nisso. Percebem: em geral gostávamos bastante dele. E gostar não é suficiente para manter o interesse que nos desperta uma pessoa. Com o ódio, aparentemente, dá-se o contrário. Schomberg é que não podia esquecer Heyst. O sanguíneo teuto sabia odiar. Os tolos sabem-no muitas vezes.

— Boa noite, cavalheiros. Não lhes falta nada? Só! Muito bem! Estão vendo? Que era que eu lhes dizia sempre? Ahá! Era tudo conversa. Eu bem sabia. Mas gostaria de saber que fim levou aquele... sueco.

Sublinhava a palavra sueco como se fosse sinônima de patife. Detestava os escandinavos em geral. Por quê? Só Deus o sabe. Os imbecis dessa bitola são insondáveis. Schomberg prosseguia:

— Faz cinco meses ou mais que falei com alguém que o tinha visto.

Como já disse, não tínhamos grande interesse; mas Schomberg, claro, não podia compreender semelhante coisa. Sempre que três pessoas se reuniam no seu hotel, ele tinha o cuidado, de lhes trazer a companhia de Heyst.

— Espero que o sujeito não se tenha afogado — ajuntava com uma gravidade cômica que deveria fazer-nos estremecer. O nosso grupo, porém, era superficial, e escapava-lhe a psicologia desse piedoso voto.

— Por quê? Heyst não lhe deve bebidas, deve? — perguntou-lhe certa vez alguém motejando.

— Bebidas! Oh, de modo algum!

O hoteleiro não era mercenário. O temperamento alemão raramente o é. Mas tomava uma expressão sinistra para nos dizer que Heyst, ao todo, não chegara

talvez a entrar três vezes no seu “estabelecimento”. Este era o seu crime, pelo qual Schomberg lhe desejava nada menos que uma longa, e atormentada existência. Note-se o senso da proporção e a compassiva natureza teutônica.

Por fim, uma tarde, Schomberg foi visto a aproximar-se de um grupo de fregueses. Evidentemente, impava de satisfação. Encheu o peito varonil com grande importância.

— Cavalheiros, tenho notícias dele. De quem? Ora, daquele sueco. Ainda está em Samburan. Nunca saiu de lá. A companhia se foi, os engenheiros se foram, os escriturários se foram, os cules se foram, tudo se foi, mas ele ficou. O Capitão Davidson, que costeava a ilha pelo lado oeste, viu-o com seus próprios olhos: uma mancha branca no pier. Entrou no porto e foi à praia num bote pequeno. Era Heyst mesmo. Meteu o livro no bolso, sempre muito polido. Estava passeando no pier, lendo. “Continuo na posse disto aqui”, disse ao Capitão Davidson. O que eu queria saber é como ele se arranja lá para comer. Um pedaço de peixe seco de vez em quando... hein? Que decadência, para um homem que torcia o nariz à minha mesa!

Piscou o olho com imensa malícia. Uma sineta começou a repicar e ele abriu caminho para a sala de jantar como para um templo, muito grave, com o ar de um benfeitor da humanidade. Sua ambição era alimentá-la a preços lucrativos, e eu deleite falar dela pelas costas. Era uma característica muito sua o regozijar-se com a ideia de que Heyst nada tinha de bom para comer.

IV

Alguns de nós, dos que estávamos bastante interessados, fomos pedir pormenores a Davidson. Não eram muitos. Disse-nos ele que tinha costeado propositalmente o norte de Samburan, pois queria ver o que se passava ali. A princípio lhe pareceu que aquela parte da ilha fora completamente abandonada. Era o que ele esperava. Dali a pouco, por cima da densa massa de vegetação que Samburan apresenta à vista, divisou a ponta de um mastro sem bandeira. Depois, ao atravessar a ligeira enseada que fora oficialmente conhecida como a Baía do Diamante Negro, avistou pela luneta a figura branca no pier do carvão. Só podia ser Heyst.

— Fiquei certo de que ele queria ser embarcado, de sorte que entrei com o vapor. Ele não fez sinal nenhum. Contudo, arreei um escaler. Não pude ver outro ser vivo em parte alguma. Sim, Heyst tinha um livro na mão. Estava exatamente como sempre o vimos: muito limpo, sapatos brancos, capacete de cortiça. Explicou-me que sempre gostara da solidão. Era a primeira vez que ouvia isso, disse-lhe eu. Limitou-se a sorrir. Que mais podia eu dizer? Ele não é um homem com quem se possa conversar familiarmente. Tem um certo modo... A gente não se atreve.

— Mas com que fim? Você pretende ficar de dono da mina? — perguntei-lhe.

— Mais ou menos — responde ele. — Estou de guarda.

— Mas tudo isto está mais morto que Júlio César — digo. — De fato, você não tem mais nada que guardar, Heyst.

— Oh, eu briguei com os fatos — diz ele levando bruscamente a mão ao capacete com uma daquelas suas breves medidas”.

Assim despedido, Davidson voltou para bordo e fez-se ao mar. Enquanto se afastava observou, da coberta, Heyst que caminhava para a praia ao longo do pier. Penetrou nas ervas altas e sumiu-se — menos a copa do capacete de cortiça, que parecia boiar num mar verde. Depois também Isso desapareceu, como se se tivesse afundado nos sorvedouros vivos da vegetação tropical, que é mais ciosa das conquistas humanas que o próprio oceano, e que se ia cerrando sobre os Últimos vestígios da Companhia de Carvão da Zona Tropical — A. Heyst, administrador no Oriente.

Davidson, um homem bom e simples à sua maneira, ficou singularmente comovido. Deve ser notado que ele sabia muito pouco de Heyst. Era um daqueles a quem mais fortemente desconcertava a perfeita cortesia de atitude e intonação de

Heyst. Ele também era um homem de sentimentos finos, suponho, embora, naturalmente, não tivesse mais polidez que o resto de nós. Éramos uma gente de trato fácil, com padrões todos nossos — não piores, ousa dizer, que os dos outros; mas a polidez não era um deles. A delicadeza de Davidson foi bastante ativa para alterar a rota do vapor que ele comandava. Em vez de passar pelo sul de Samburan, criou o hábito de usar a passagem da costa norte, a uma milha do pier.

— Pode nos ver se quiser — disse Davidson. E, em segunda reflexão: — Escutem, ele não considerará isso uma intrusão?

Nós o tranquilizamos sobre este ponto de pragmática. O mar era aberto a todos.

O pequeno desvio alongava mais ou menos em dez milhas a viagem circular de Davidson, mas como o trajeto media seiscentas milhas isso não fazia grande diferença.

— Já comuniquei ao meu armador — disse o consciencioso comandante do *Sissie*.

O seu armador tinha uma cara de limão murcho. Era baixinho e encarquilhado — circunstancia estranha, pois em geral os chineses, à medida que vão prosperando, crescem em largura e altura. Trabalhar para uma firma chinesa não é tão mau. Uma vez convencidos da honradez de um empregado, a sua confiança não tem limites. Nada do que se faz está mal. De sorte que o velho chinês de Davidson grasnou apressadamente:

— Muito bem, muito bem, muito bem. Faça o que quiser, capitão.

E o assunto ficou resolvido; não de todo, entretanto. De quando em quando o chinês perguntava pelo homem branco. Ainda estava lá, hein?

— Nunca o vejo — tinha Davidson de confessar ao seu armador, que o considerava silenciosamente através dos óculos redondos, com aros de chifre, muitíssimos grandes para a sua carinha de velho. — Nunca o vejo.

A. mim dizia ocasionalmente:

— Não tenho dúvida de que ele está lá. Escondido. Isso é muito desagradável. — Davidson estava um tanto vexado com Heyst. — É esquisito, de todas as pessoas com quem falo ninguém pergunta por ele, a não ser esse meu chinês... e Schomberg — acrescentava depois de um momento.

Sim, Schomberg, naturalmente. Interrogava toda a gente sobre todas as coisas, para depois dar à informação o caráter mas escandaloso que a sua imaginação podia conceber. De tempos em tempos abeirava-se da gente, porejando malícia pelos olhos empapuçados e pestanejantes, pelos grossos beijos, até pela

barba castanha.

Boa noite, senhores. Não lhes falta nada? So! Muito bem! Pois me dizem que o mato na Baía do Diamante Negro sufocou até os barracões. É fato. Ele é agora um ermitão em plena selva. Mas que será que esse administrador arranja para comer lá? Não posso entender.

Às vezes um desconhecido perguntava, com natural curiosidade:

— Quem? Que administrador?

— Oh, um tal sueco respondia Schomberg com a ênfase sinistra de quem dissesse “um tal bandido”. — Muito conhecido por aqui. Fez-se ermitão por vergonha. É o que faz o diabo quando o desmascaram.

Ermitão. Era este o último dos rótulos mais ou menos espirituosos aplicados a Heyst durante as suas peregrinações sem rumo nessa seção da zona tropical, onde o inane farfalhar da língua de Schomberg nos molestava o ouvido.

Mas Heyst não parecia ser um anacoreta por temperamento. A vista do seu semelhante não lhe era invencivelmente odiosa. Assim devemos pensar, já que, por esta ou aquela razão, ele deixou o seu retiro durante algum tempo. Talvez fosse apenas para procurar as suas cartas na casa Tesman. Não sei. Ninguém sabe. Mas esta reaparição mostra que o seu afastamento do mundo não era completo. E toda atitude incompleta traz consigo perturbações. Axel Heyst não se devia ter preocupado com as cartas — ou o que quer que o fez voltar após um ano e meio de residência em Samburan. Mas era inútil. Ele não tinha vocação para eremita! Era este, ao que parece, o seu mal.

Seja como for, tornou subitamente a aparecer no mundo, peito amplo, fronte escavada, longos bigodes, maneiras polidas e tudo — o Heyst completo, até os olhos bondosos e sumidos em que pairava ainda a sombra da morte de Morrison. Naturalmente, fora Davidson que o trouxera da sua ilha esquecida. Não havia outro meio de sair de lá, salvo algum barco indígena que passasse, uma probabilidade muito remota e insatisfatória para ser aguardada. Sim, veio com Davidson, a quem declarou espontaneamente que era apenas por pouco tempo — alguns dias, nada mais. Tencionava voltar para Samburan.

Como Davidson exprimisse o seu horror e incredulidade em face de semelhante loucura, Heyst explicou-lhe que ao ser formada a companhia mandara vir da Europa os seus poucos pertences.

Para Davidson, como para qualquer de nós, a ideia de Heyst, o errante, o desprendido Heyst, possuir coisas com que guarnecer uma casa era surpreendentemente nova, parecia uma fantasia grotesca. Como um pássaro que

fosse proprietário de bens de raiz.

— Pertences? Você quer dizer mesas, cadeiras? — perguntou Davidson, sem dissimular o assombro.

Era isto que Heyst queria dizer.

— O meu pobre pai morreu em Londres. Ficou tudo guardado — explicou.

— Todos esses anos? — exclamou Davidson, pensando no tempo que todos nós víamos Heyst esvoaçar de árvore para árvore naquela selva.

— Ainda mais — respondeu Heyst, que compreendera muito bem.

— Isto parecia implicar que ele andara vagueando já antes de o conhecermos. Por que regiões? Desde quando? Mistério! Talvez o pássaro nunca houvesse possuído um ninho.

— Saí cedo da escola — observou ele uma ocasião a Davidson, durante a viagem. — Era na Inglaterra. Uma escola excelente. Não fui um aluno brilhante.

Tais eram as confissões de Heyst. Nem um de nós (provavelmente com exceção de Morrison, que estava morto) jamais soubera tanta coisa sobre a sua vida. Quer parecer que a existência de eremita tem o dom de soltar a língua à gente, não é mesmo?

Durante aquela memorável travessia do Sissie, que durou uns dois dias, ele fez espontaneamente outras alusões — pois não se lhes poderia chamar informações — à sua vida. E Davidson interessou-se, não porque os pormenores fossem emocionantes, mas devido à curiosidade inata pelo próximo, que é um dos traços da natureza humana. Também a existência de Davidson, levando e trazendo o Sissie através do Mar de Java, era bem monótona e, em certo sentido, solitária. Jamais tinha a bordo qualquer espécie de companhia. Passageiros indígenas de coberta, naturalmente, havia de sobra; mas nunca um homem branco. Assim, a presença de Heyst durante aqueles dois dias deve ter sido um presente do céu. Davidson contou-nos depois tudo que soubera. Heyst lhe disse que seu pai tinha escrito muitos livros. Era um filósofo.

— Parece-me que ele era também um tanto excêntrico — comentava Davidson. — Pelo jeito, tinha brigado com a sua gente na Suécia. Exatamente como se esperava que fosse O pai de Heyst. Ele mesmo não é um pouco excêntrico? Disse-me que assim que o pai morreu atirou-se ao mundo por sua conta, e andou por aí tudo até topar com esse famoso negócio do carvão. É bem o filho de tal pai, não é verdade?

No mais, Heyst foi cortês como sempre. Quis pagar a passagem, mas como Davidson recusasse terminantemente, deu-lhe um cordial aperto de mão, fez uma

daquelas suas reverências palacianas e declarou-se comovido com o amistoso procedimento do capitão.

— Não me refiro a essa ninharia que você não quer aceitar — acrescentou dando uma sacudidela à mão de Davidson. — O que me toca é a sua humanidade. — Outra sacudidela. — Creia-me, eu tenho profunda consciência das suas atenções. — Sacudidela final. Tudo isto significava que Heyst dera a justa interpretação ao aparecimento periódico do Sissie à vista do seu eremitério.

— Ele é um genuíno cavalheiro — nos disse Davidson. — Fiquei triste às deveras quando desembarcou.

Perguntamos-lhe onde tinha deixado Heyst.

— Ora, em Surabaya. Onde podia ser?

Os Tesman tinham o seu escritório principal em Surabaya. Havia de longa data uma ligação entre Heyst e eles. Essa incongruência de um cenobita com procuradores não nos surpreendia, nem sequer o absurdo de um proscrito esquecido, administrador de uma companhia arruinada, morta e desaparecida, ter negócios a tratar. Ao falar em Surabaya tínhamos por certo, naturalmente, que ele se hospedaria em casa de um dos Tesman. Um de nós até desejou saber que espécie de acolhimento lhe dariam, pois era sabido que Julius Tesman guardava um ressentimento excessivo pelo fiasco da Companhia de Carvão da Zona Tropical. Mas Davidson esclareceu-nos. Não era nada disso. Heyst fora para o hotel de Schomberg, desembarcando na própria lancha do hotel. Não que Schomberg se dignasse de mandar a sua lancha para recolher passageiros de um simples mercante como o Sissie. Mas a embarcação fora encontrar um pacote de cabotagem, e tinha sido chamada. Era Schomberg em pessoa quem ia ao leme.

— Queria que vissem os olhos arregalados de Schomberg quando Heyst lhe saltou na lancha com a sua velha mala! — disse Davidson. — Fingiu que não o conhecia... pelo menos no princípio. Eu não fui com eles. Não ficamos no porto mais que um par de horas. Descarregamos dois mil cocos e zarpamos. Combinei de ir buscá-lo na minha próxima viagem, dentro de vinte dias.

V

Sucedeu atrasar-se Davidson de dois dias na viagem de volta; coisa de pouca monta sem dúvida, mas o comandante fez questão de ir logo à terra, na hora mais calma da tarde, para procurar Heyst. O hotel de Schomberg ficava atrás de um vasto muro que encerrava um jardim, algumas árvores grandes e, sob a larga ramada destas, um “salão” aparte, “próprio para concertos e outras representações”, segundo escrevia Schomberg em seus anúncios. Nos dois pilares de tijolo que flanqueavam o portão, cartazes rasgados, com os farrapos esvoaçantes, anunciavam em grossas maiúsculas vermelhas: “Concertos todas as noites”.

A caminhada fora longa e esbraseada por um sol infernal. Davidson ficou a enxugar o rosto e o pescoço alagados naquilo que Schomberg chamava a “piazza”. Várias portas abriam para ela, mas todas as cortinas estavam descidas. Não se via alma viva, nem mesmo um dos criados chineses nada mais que um grupo de cadeiras e mesas de ferro pintado. A solidão, a sombra, o silêncio melancólico — e uma leve brisa traiçoeira, que vinha de sob as árvores e bem inesperadamente provocou em Davidson um ligeiro arrepio, esse arrepio dos trópicos que, especialmente em Surabaya, significa muitas vezes a febre e o hospital para o branco incauto.

O prudente Davidson tratou de se refugiar na sala escura mais próxima. No crepúsculo artificial, atrás das mesas de bilhar encapadas, uma forma branca ergueu-se de duas cadeiras onde estivera estendida. O meio da tarde, findo o almoço na mesa comum, eram as horas de lazer de Schomberg. Aproximou-se devagar, majestoso, circunspecto, na defensiva, a grande barba loura cobrindo o peito qual uma couraça. Não gostava de Davidson, que nunca lhe fora um freguês muito fiel. Ao passar por uma das mesas premiu uma campainha e perguntou com um ar distante, muito oficial da reserva:

— Deseja?

O bom Davidson, ainda a enxugar o pescoço suado, respondeu com simplicidade que viera buscar Heyst, conforme o combinado.

— Não está!

Apareceu um chinês, acudindo à campainha. Schomberg virou-se muito severamente para ele:

— Atenda o cavalheiro.

Davidson tinha que ir. Não podia esperar. Rogava apenas fosse comunicado a Heyst que o Sissie partiria à meia-noite.

— Não — está — aqui, estou-lhe dizendo!

Davidson deu uma palmada apreensiva na coxa.

— Bom Deus! No hospital, suponho. (Conjectura assaz natural num lugar tão assolado pela febre).

O tenente da Reserva limitou-se a espichar os beiços e alçar as sobrancelhas sem olhar para o outro. Esta expressão podia significar qualquer coisa, mas, Davidson abandonou confiadamente a ideia do hospital. Todavia, precisava encontrar Heyst antes da meia-noite.

— Esteve parado aqui? — perguntou.

— Sim, parou aqui.

— Sabe dizer-me onde está agora? — prosseguiu Davidson placidamente.

No íntimo começava a ficar ansioso, pois tomara a Heyst a afeição de um protetor voluntário. Eis a resposta que obteve:

— Não sei dizer. Isso não é da minha conta — acompanhada de majestosas oscilações de cabeça, como se o hoteleiro aludisse a algum mistério terrível.

Davidson era a placidez personalizada. Era este o seu natural. Não demonstrou os seus sentimentos, que não eram favoráveis a Schomberg.

— “Tenho certeza de descobrir no escritório dos Tesman”, pensou. Mas fazia muito calor, e se Heyst estivesse no porto já devia saber que o Sissie tinha entrado. Era até possível que houvesse subido a bordo, onde podia gozar uma frescura que era negada à cidade. Sendo um homem corpulento, Davidson buscava em toda parte a fresca e tendia para a imobilidade. Deixou-se ficar, como que irresoluto. Schomberg, a porta, olhava para fora e fingia perfeita indiferença. Não pôde mantê-la, contudo. Voltou-se subitamente para dentro e perguntou com raiva brusca:

— Queria falar com ele?

— Pois claro — tornou Davidson. — Combinamos de nos encontrarmos...

— Não se incomode. Ele agora não se importa com isso.

— Não?

— O senhor pode julgar por si mesmo. Não o encontrou aqui, não é verdade? Pode fiar-se no que lhe digo. Não se preocupe com ele. É um conselho de amigo.

— Obrigado — disse Davidson, intimamente sobressaltado com aquele tom selvagem. — Creio que vou sentar um pouco e beber alguma coisa, afinal de contas. Não era esta a resposta esperada por Schomberg. Gritou brutalmente:

— Boy!

O chinês se aproximou, e depois de indicar o cliente com um aceno de cabeça o hoteleiro saiu resmungando. Davidson ouviu-lhe ranger os dentes ao sair.

Schomberg ficou sozinho com as mesas de bilhar, como se o hotel estivesse sem hóspedes. A sua placidez era tão genuína que não se entregou a apreensões descabidas com respeito à ausência de Heyst ou aos modos misteriosos de Schomberg. Considerava tudo isso com a astúcia que lhe era própria Acontecera qualquer coisa, e repugnava-lhe sair para tomar informações, tolhido como estava pelo pressentimento de que poderia ser esclarecido ali mesmo. Na parede que lhe fazia frente havia um cartaz com os dizeres: “Concertos Todas as Noites”, igual aos do portão mas bem conservado. Leu-o descuidosamente e notou surpreendido que se tratava de uma orquestra feminina, coisa pouco comum naquela época. “Excursão de Zangiacomo no Oriente — Dezoito Figuras”. O anúncio dizia que a orquestra tivera a honra de executar o seu seletor repertório diante de várias autoridades coloniais, bem como de paxás, xeques, principais Indígenas, S. A. o sultão de Mascate, etc., etc.

Davidson teve pena das dezoito senhoras que compunham a orquestra. Não ignorava o que fosse aquele gênero de vida, a sordidez e os incidentes brutais dessas tournées dirigidas pelos tais Zangiacomos, que muitas vezes eram tudo menos músicos. Enquanto considerava o cartaz abriu-se uma porta às suas costas e entrou a mulher que passava por ser esposa de Schomberg, e sem dúvida o era. Conforme observara alguém certa ocasião, com cinismo, era muito desgraçada para ser outra coisa. A crença de que o marido a maltratava abominavelmente fundava-se na sua expressão assustada. Davidson tirou o chapéu. Apálida sra. Schomberg fez-lhe uma inclinação de cabeça e instalou-se imediatamente atrás de uma espécie de balcão elevado, de frente para a porta e com um espelho e várias filas de garrafas às costas. Usava um penteado complicado, com dois cachos no lado esquerdo do pescoço ossudo. O vestido era de seda. Viera para entrar em serviço. Por uma razão ou outra Schomberg exigia isto dela, conquanto a mulher não aumentasse em nada os atrativos do estabelecimento. Ali ficava sentada, entre a fumaça e a bulha, como um ídolo entronizado, de tempos a tempos sorrindo estupidamente para as mesas de bilhar, sem falar com ninguém e sem que ninguém lhe falasse. O próprio Schomberg não se interessava por ela senão para lhe fazer alguma carranca súbita e totalmente imotivada. Fora isto, até os chineses ignoravam a sua existência.

A hoteleira havia interrompido as reflexões de Davidson. Como estavam sós, o seu silêncio e aquela imobilidade esgazeada deixaram-no contrafeito. Tinha a compaixão fácil. Pareceu-lhe grosseria não prestar atenção à mulher.

— Esta gente está hospedada aqui? — perguntou indicando o cartaz.

Tão des acostumada estava ela de ouvir os fregueses dirigir-lhe a palavra que ao som da voz de Davidson deu um pulo na cadeira. Davidson contou-nos depois que ela pulara exatamente como um boneco de pau, sem perder a sua rígida imobilidade. Nem sequer moveu os olhos. Respondeu desembaraçadamente, se bem que até os seus lábios pareciam feitos de pau.

— Passaram um mês. Já foram embora. Tocavam todas as noites.

— Boa orquestra, não?

A isto ela não respondeu. Continuou a olhar fito para a frente, e o seu silêncio desconcertou Davidson. Parecia não tê-lo ouvido — o que era impossível. Talvez houvesse traçado a si mesma a regra de nunca emitir opiniões, ou então fora adestrada por Schomberg, por motivos domésticos, em guardá-las para si. Mas Davidson sentia-se na obrigação de conversar. Disse pois, interpretando a seu modo aquele silêncio surpreendente:

— Entendo... não é grande coisa. Orquestras como essa raramente têm muito valor. Com certeza são italianas, sra. Schomberg, a julgar pelo nome do chefe?

Ela abanou a cabeça.

— Não. Na realidade ele é alemão, mas tinga o cabelo e a barba de preto para se fazer passar por italiano. Negócios... Zangiacomo é nome falso.

— É um fato curioso — disse Davidson. Como trazia a cabeça cheia de Heyst, lembrou-lhe que ela podia ter conhecimento de outros fatos. Era esta uma descoberta assombrosa para quem quer que olhasse a sra. Schomberg. Ninguém suspeitara jamais que ela possuísse um espírito, digo a menor capacidade de pensar. Éramos inclinados a considerá-la uma coisa — um autômato, um manequim dos mais feios, com um dispositivo para inclinar a cabeça uma vez por outra e sorrir estupidamente de quando em quando. Davidson examinou-lhe o perfil, o nariz achatado, a face côncava e o olho protuberante, fixo, que nunca pestanejava. Perguntou consigo: isso falou há pouco? Falará de novo? Era tão emocionante como procurar conversar com um mecanismo. Um sorriso bailou nas nébias feições de Davidson: O sorriso de um homem que faz um experimento divertido. Tornou a interrogá-la:

— Mas as outras componentes da orquestra deviam ser italianas, não eram?

Não tinha desejo de sabê-lo, naturalmente. Queria apenas ver se o mecanismo funcionaria de novo. Funcionou. Disse que não. Eram mulheres de todas as nacionalidades, ao que parecia. O manequim fez uma pausa, com um dos olhos salientes posto lá fora, na “piazza”. Depois continuou na mesma voz baixa:

— Havia até uma inglesa.

— Coitada! — disse Davidson. — Suponho que essas mulheres não sejam, no fundo, mais que escravas. O tal sujeito da barba pintada seria um homem decente, a seu modo?

O mecanismo permaneceu silencioso. O espírito simpatizante de Davidson tirou as suas conclusões.

— Vida abominável a dessas pobres mulheres — disse ele. — A inglesa era moça, sra. Schomberg? Algumas dessas tocadoras de orquestra não são nada crianças.

— Bastante moça — articulou a voz baixa emitida pela fisionomia impassível da sra. Schomberg.

Davidson, assim animado, disse que tinha pena dela. Apiedava-se facilmente dos outros.

— Para onde foram daqui? — inquiriu.

— Ela não foi com o resto. Fugiu.

Foi esta a nova revelação obtida por Davidson. Despertou-lhe um interesse novo.

— Bom, bom! — exclamou placidamente. E, com o tom seguro de um homem que conhece a vida: — Com quem?

A imobilidade da sra. Schomberg dava-lhe a aparência de uma pessoa que escuta com atenção. Talvez escutasse realmente. Mas Schomberg devia ter ido terminar a sesta em alguma peça distante. O silêncio era profundo, e durou o bastante para se tornar inquietador. Afinal, entronizada acima de Davidson, ela terminou por cochichar:

— Aquele seu amigo.

— Ah, a senhora sabe que eu vim aqui procurar um amigo — tornou Davidson, esperançoso. — Não me querará dizer?...

— Já lhe disse.

— Hein?

Foi como se um véu se erguesse diante dos olhos de Davidson, descobrindo alguma coisa em que ele não podia acreditar.

— Não pode ser isso! — exclamou. — Ele não é homem para fazer semelhante coisa.

Mas as últimas palavras saíram em voz desfalecida. A sra. Schomberg não bulia com a cabeça nem um centímetro. Davidson, depois que o choque o fez apertar-se na cadeira, sentiu-se todo mole.

— Heyst! Um perfeito cavalheiro! — tornou a exclamar com voz fraca.

Asra. Schomberg não pareceu ouvi-lo. Essa pasmosa ocorrência não correspondia de certo modo à ideia que Davidson fazia de Heyst. Este nunca falava em mulheres, nunca parecia pensar nelas ou sequer lembrar-se da sua existência. E de repente... uma coisa assim! Fugir com uma qualquer, uma tocadora de orquestra!

— Se me dessem um piparote eu teria caído — dizia-nos Davidson algum tempo depois.

Mas já então começara a considerar com indulgência ambas as partes da assombrosa transação. Em primeiro lugar, refletindo bem, não estava absolutamente seguro de que isso deslustrasse o cavalheirismo de Heyst. Enfrentava de cara séria os nossos sorrisos, francos ou discretos. Heyst levava a moça para Samburan, e isto não era nenhuma brincadeira. A solidão e as ruínas do posto haviam impressionado a alma simples de Davidson. Não se casavam com os comentários frívolos daqueles que nunca tinham visto a ilha. Aquele pier negro projetando-se da selva para o mar; aquelas cumeeiras de casas abandonadas, assomando entre a erva crescida! Uf! Agigantesca e funérea tabuleta preta com as iniciais da Companhia, a emergir ainda de um matagal bravio, como inscrição cravada sobre uma sepultura (o grande monte de carvão abandonado na base do pier) aumentava a desolação geral.

Assim pensava o sensível Davidson. A moça devia estar muito descrente da vida para acompanhar um desconhecido a tal sítio. Heyst, sem dúvida, lhe dissera a verdade. Era um cavalheiro. Mas não havia palavras que descrevessem as condições de existência em Samburan. Falar em ilha deserta era pouco. Aliás, quando um homem era jogado a uma ilha deserta... bem, não tinha outro remédio. Mas que uma moça, violinista de orquestra ambulante, passasse ali um dia, um único dia, satisfeita, era coisa inconcebível. Só de ver aquilo havia de assustar-se, de gritar.

De quanta simpatia são capazes esses homens fortes e tranquilos! Davidson estava abalado até as profundezas do seu ser. E via-se facilmente que quem o preocupava era Heyst, Perguntamos-lhe se havia passado ultimamente por lá.

— Claro que sim. Sempre passo... cerca de meia milha da costa.

— Não viu ninguém?

— Não, ninguém. Nem uma sombra.

— Você apitou?

— Apitar! Acham-me capaz de fazer semelhante coisa?

Não admitia sequer a possibilidade de tão injustificável intrusão.

— Mas então como sabe que eles estão lá? — era a pergunta que isto

provocava naturalmente.

Heyst confiara à sra. Schomberg um bilhete para Davidson — umas poucas linhas a lápis num papelzinho amarrado. Dizia que uma necessidade imprevista o obrigava a ausentar-se antes do dia aprazado. Pedia a indulgência de Davidson para essa aparente descortesia. A senhora do hotel (aludindo à sra. Schomberg) lhe descreveria as circunstâncias, se bem, naturalmente, não pudesse explicá-las.

— Que havia para explicar? — perguntava Davidson com ar dúbio. — Ele agradou-se dessa violinista e...

— E ela dele, ao que parece — sugeriu.

— Mas como foi rápido! — refletiu Davidson. — Como pensa você que isso terminará?

— Pelo arrependimento, suponho. Mas como veio ele a escolher a sra. Schomberg para confidente?

Porque, na verdade, um boneco de cera parecia mais prestativo que aquela mulher que todos nós estávamos habituados a ver presidir às duas mesas de bilhar, rígida, sem expressão, sem voz, sem olhos para enxergar.

— Pois ela ajudou a moça a fugir — respondeu Davidson voltando para mim os olhos inocentes, arregalados pelo constante estado de assombro em que essa história o havia mergulhado, como esses choques de terror ou de pesar que às vezes deixam suas vítimas atacadas de tremor nervoso. Aparentemente, jamais conseguiria vencer a impressão.

— A sra. Schomberg atirou o bilhete de Heyst no meu colo, enrolado num canudinho, enquanto eu estava sentado sem suspeitar de nada — prosseguiu Davidson. — Assim que caí em mim do meu espanto perguntei-lhe que papel podia ter desempenhado naquilo, para Heyst deixar o recado com ela. Então, mais parecendo uma figura pintada que uma mulher viva, ela murmurou, apenas bastante alto para que eu ouvisse:

“— Eu os ajudei. Reuni as coisas dela, fiz uma trouxa com o meu chalé e joguei-a no pátio por uma janela dos fundos. Eu mesma.

“Aquele mulher que se diria não ter coragem para bulir com o dedo mindinho! — dizia Davidson, maravilhado, na sua voz serena que ofegava ligeiramente. — Que lhes parece isto?”

Pareceu-me que ela devia ter nisso algum interesse pessoal. Quem iria atribuir um impulso de compaixão àquele ser tão sem vida? Impossível supor, também, que Heyst a houvesse subornado. Por grandes que fossem as suas posses, não bastariam para tanto. Ou quem sabe se a movia essa paixão desinteressada das

peças Que adoram entregar uma mulher a um homem, e que nas rodas respeitáveis são chamadas casamenteiras?... Um exemplo dos mais singulares!

— Com certeza era uma trouxa pequenina — observou Davidson ainda.

— Suponho que a moça seja muito atraente — . disse eu.

— Não sei. Ela passava miséria. Creio que não possuía mais que alguma roupa interior e um ou dois desses vestidos brancos que elas usam para tocar.

Davidson seguiu o fio dos seus pensamentos. Supunha o fato inédito na história dos trópicos. Onde se encontraria alguém capaz de roubar uma tocadora de orquestra? Sem dúvida, havia aqui e ali sujeitos que se engraçavam com alguma um pouco mais bonita — mas não para fugir com ela. Meu Deus» não! Para isso era preciso um doido como Heyst.

— Reflitam no que isso significa — continuou Davidson em voz presa, dando tratos à imaginação com a sua invencível placidez. — Procurem compreender! Aquelas cismas solitárias em Samburan lhe deram volta ao juízo. Ele não considerou um só instante no que fazia, do contrário não o teria feito. Nenhum homem no seu juízo perfeito... Como poderá terminar uma coisa dessas? Que fará ele com a moça no fim? Isso é loucura.

— Você diz que ele está louco. Schomberg afirmava que ele devia passar fome na ilha. De modo que talvez ainda termine comendo a moça — insinuei.

Segundo nos disse Davidson, a sra. Schomberg não tivera tempo para entrar em minúcias. Era, na verdade, de admirar que os tivessem deixado sós por tanto tempo. As sonolentas horas da tarde se iam escoando. Ressoaram passos e vozes na varanda... perdão, na piazza. Arrastar de cadeiras, tinido de campainha. Eram os fregueses que chegavam. A sra. Schomberg estava rogando apressadamente a Davidson (sem olhar para ele) que não dissesse nada a ninguém, quando o seu murmúrio nervoso foi interrompido no meio de uma palavra. Schomberg entrou por uma portinha interna, o cabelo e a barba penteados, mas as pálpebras ainda inchadas da sesta. Olhou com expressão suspicaz para Davidson e até relanceou os olhos para a sua mulher, mas despistaram-no a placidez natural de um e a sistemática imobilidade da outra.

— Mandaste as bebidas? — perguntou de cara amarrada.

Ela não abriu a boca, pois naquele momento o chefe dos garçons chineses aparecia com uma bandeja carregada, a caminho da varanda. Schomberg foi até a porta e cumprimentou os fregueses, mas não lhes fez companhia. Ficou a atravancar metade da porta, com as costas para a sala, e ainda se achava ali quando Davidson, decorrido algum tempo, se levantou para ir embora. Ouvindo o ruído da

cadeira Schomberg voltou a cabeça, viu-lhe tirar o chapéu para sua mulher, ser correspondido com uma inclinação automática do cabeça acompanhada de um sorriso estúpido, e tornou a desviar os olhos. Tinha um ar de dignidade altaneira. Davidson parou à porta, muito sutil na sua simplicidade.

— É pena que o senhor não me queira explicar a ausência do meu amigo — disse ele. — O meu amigo Heyst, sabe. A única coisa que me resta fazer agora, suponho, é pedir informações no porto. Tenho certeza que hei de saber alguma coisa por lá.

— Peça informações ao diabo! — replicou Schomberg entre dentes.

O propósito de Davidson ao dirigir a palavra ao hoteleiro era principalmente dissipar as suspeitas que ele pudesse ter quanto à sra. Schomberg. Mas de bom grado teria também colhido mais pormenores sobre a aventura de Heyst, considerada sob um novo ponto de vista. Foi uma ideia bem inspirada, e teve um êxito surpreendente, pois o ponto de vista do hoteleiro era horivelmente injurioso. De súbito, no mesmo tom rouco e sinistro, entrou a chamar Heyst de uma porção de nomes (dos quais “porco-cachorro” não era o pior), e com tanta veemência que chegou literalmente a sufocar. Aproveitando a primeira pausa, Davidson, cujo temperamento podia aguentar maiores embates, ponderou à meia voz em tom de branda repreensão:

— Não é razoável encolerizar-se assim. Ainda que ele tivesse fugido com a sua caixa...

O enorme hoteleiro adiantou a cabeça, e sua cara furibunda quase tocou na de Davidson.

— A minha caixa! A minha... ele... Ouça, Capitão Davidson! Ele fugiu com uma mulher. Que me importa a mulher? Não tenho nada com ela.

Proferiu uma palavra infamante que fez Davidson estremecer. Era o qualificativo que Schomberg dava à mulher. Reiterou a afirmação de que não tinha nada com ela. O que lhe importava era o bom nome da sua casa. Por toda parte onde estivera estabelecido tinha hospedado “artistas” no seu hotel. Uns o recomendavam aos outros. Mas que iria acontecer agora, quando fosse sabido que os diretores de trupe corriam o risco de perder elementos femininos na sua casa... na sua casa! E justamente quando tinha gasto setecentos e trinta e quatro florins para construir um salão de concertos no recinto! Isso era coisa que se fizesse num hotel respeitável? Que descaro, que indecência, que falta de vergonha, que desacato! Vagabundo, impostor, embusteiro, canalha, Schweinkund!

Segurara Davidson por um botão do casaco, detendo-o à porta, exatamente

na linha de visão da sra. Schomberg. Davidson relanceou um olhar furtivo naquela direção, pensando em fazer-lhe algum sinal tranquilizador, mas a mulher parecia tão inconsciente, quase sem vida, ali empoleirada, que ele achou não valia a pena. Desprendeu com placidez o botão dos dedos do hoteleiro. Ante isto, sufocando uma derradeira praga, Schomberg desapareceu no interior da casa para tratar de recuperar a calma na solidão. Davidson saiu para a varanda. O explosivo incidente da porta não passara despercebido aos outros fregueses. Davidson conhecia um deles, e fez-lhe um aceno de cabeça ao passar. Mas o seu conhecido interpelou-o:

— O homem está com sangue de bugio, hein? Anda assim desde aquele dia. E riu alto, enquanto todos os outros sorriam. Davidson parou.

— Pois é.

Estava, segundo nos disse depois, cheio de resignação atônita. Mas este sentimento, é desnecessário dizê-lo, não era mais visível aos outros. Que as emoções de uma tartaruga quando recolhe a cabeça na casca.

— Isto me parece despropositado — murmurou pensativamente.

— Ah, mas eles tiveram uma pega! — tomou o outro.

— O quê? Houve luta? ... Luta com Heyst? — perguntou Davidson, muito perturbado se bem que um tanto incrédulo.

— Heyst? Não, entre esses dois... o chefe da orquestra, o sujeito que trouxe as mulheres, e o nosso Schomberg. Na manhã depois daquela noite o signor Zangiacomo virou bicho e atirou-se ao nosso amigo. Foi como lhe digo! Os dois rolaram engalfinhados no chão, aqui nesta varanda, depois de se perseguirem por toda a casa, batendo as portas, e as dezessete mulheres aos gritos na sala de jantar. Os chineses ganharam as árvores... Ó João! Você trepa árvore para ver briga, hein?

O boy, impassível com os seus olhos de amêndoa, emitiu um grunhido desdenhoso, terminou de esfregar a mesa e se retirou.

— Pois foi uma pega das boas, e quem começou foi Zangiacomo. Olha, aí vem Schomberg. Escute, Schomberg, ele não se atirou a você quando achou falta da pequena, porque você tinha exigido Que as artistas se misturassem com o público durante os intervalos?

Schomberg tornara a aparecer à porta. Adiantou-se para a varanda. Seu porte era majestoso, mas tinha as narinas extraordinariamente dilatadas e dominava a sua voz com visível esforço,

— Claro. Era só para ajudar o negócio. Eu lhe impus condições especiais apenas em atenção aos senhores. Tinha em vista os meus fregueses regulares. Nesta cidade não se tem nada que fazer à noite. Creio, cavalheiros, que todos ficaram

satisfeitos por ter uma ocasião de ouvir boa música; e que mal há em oferecer um refresco de framboesa ou outra coisa qualquer a uma senhora? Mas aquele sujeito — aquele sueco — embelecou a menina. Embelecou toda a gente aqui. Há anos que o venho observando. Hão de lembrar-se de como ele embelecou Morrison,

Fez abruptamente meia-volta, como se estivesse numa parada, e se afastou. Os fregueses instalados em redor da mesa entreolharam-se silenciosos. Davidson mantinha-se na atitude de um espectador. Podiam-se ouvir da varanda os passos de Schomberg, que percorria meditativo a sala de bilhar.

— E o mais engraçado — tornou o homem, que falara antes, guarda-livros inglês empregado numa casa holandesa — o mais engraçado é que ainda não tinha dado nove horas, naquela manhã, quando os dois tocaram juntos de carrinho para o porto, em procura de Heyst e da pequena. Eu os vi andar por lá tomando informações. Não sei o que pretendiam fazer à garota, mas pareciam dispostos a cair sobre o seu amigo Heyst, Davidson, e matá-lo ali mesmo no cais.

Nunca, disse ele, tinha visto coisa tão estapafúrdia. Os dois investigadores, colaborando febrilmente para o mesmo fim, arregalavam os olhos um para o outro com incrível ferocidade. Cheios de ódio e desconfiança, embarcaram numa lancha e percorreram todo o porto de navio em navio, fazendo enorme sensação. Os comandantes dos navios, vindo à terra pela tarde, referiam singulares episódios de invasão e queriam saber quem eram os dois malucos desaforados que andavam a bordo de uma lancha, aparentemente à procura de um homem e uma moça, e contando uma história sem pés nem cabeça. Em geral tinham sido mal recebidos, e mesmo o imediato de um navio americano escorraçara-os com desabrida violência.



Entrementes, Heyst e a moça achavam-se já a algumas milhas do porto, pois haviam embarcado à noite numa das escunas dos Tesman, que zarpara rumo a leste. Isto veio a saber-se depois, por intermédio dos barqueiros javaneses que Heyst ajustara as três da manhã com esse fim. À escuna dos Tesman levantara ferro ao amanhecer, com a brisa da terra, e provavelmente ainda se achava à vista pelas

nove horas. Entretanto os dois perseguidores, depois da aventura com o imediato americano, resolveram voltar à terra. Ao desembarcar tiveram outra alteração violenta, em alemão. Mas não houve pugilato desta vez, e finalmente, deitando-se olhares de feroz animosidade, subiram juntos a um carrinho — evidentemente no razoável propósito de dividir as despesas — e abalaram, deixando no cais uma pequena multidão pasmada, composta de europeus e indígenas.

Depois de ouvir esta espantosa história Davidson afastou-se da varanda do hotel, que começava a encher-se com os fregueses habituais de Schomberg. A proeza de Heyst formava o assunto geral das conversas. Nunca esse incompreensível indivíduo fora alvo de tanta bisbilhotice, parecia-lhe. Não! Nem ao ser fundada a Companhia de Carvão, quando a sua efêmera posição de homem público lhe atraía as críticas tolas e a inveja obtusa de quanto vagabundo e aventureiro havia nas ilhas. A conclusão tirada por Davidson foi que o povo gostava de discutir esse gênero de escândalo mais que qualquer outro.

Perguntei-lhe se, em fim de contas, considerava aquilo Um escândalo assim tão grande.

— Meu Deus, não! — disse o excelente homem que, pessoalmente, era incapaz de qualquer desvio de conduta. — Mas eu, por exemplo, não faria tal coisa, ainda que não fosse casado.

Não ia nisto nenhuma condenação subentendida, mas antes uma espécie de mágoa. Davidson compartilhava da minha suspeita: aquilo devia ter sido, em essência, a libertação de uma cativa. Não que nós fôssemos duas almas românticas a tingir o mundo com as cores do nosso temperamento; mas tanto um como outro éramos bastante argutos para ter percebido, desde muito, que Heyst o era.

— Eu não teria coragem para isso — continuou ele. — Vejo as coisas sob todas as faces, por assim dizer; mas Heyst não é assim, do contrário teria medo. Ninguém leva uma mulher para um deserto sem que venha a arrepender-se tarde ou cedo, de um modo ou de outro. E o cavalheirismo de Heyst só serve para agravar a situação.

VI

Nada mais falamos sobre Heyst nessa ocasião, e não tornei a ver Davidson pelo espaço de três meses. Quando nos encontramos novamente, foi esta quase a primeira coisa que o capitão me disse:

— Falei com ele.

Sem me dar tempo para exclamar, Davidson asseverou-me que não tomara liberdades, que não fora intruso. Tinham-no chamado. De outra forma, não lhe viria sequer a lembrança de insinuar-se na intimidade de Heyst.

— Estou certo disso — lhe garanti, ocultando o divertimento que me causava a sua extraordinária delicadeza. Era o homem mais respeitador que já fez circular entre os trópicos um pequeno cargueiro. Mas o seu sentimento de humanidade, igualmente forte e igualmente louvável, fazia-o passar diante do pier de Samburan (à distância média de uma milha) exatamente todos os vinte e três dias. Davidson era delicado, humano e pontual.

— Heyst o chamou? — indaguei interessado.

— Sim, Heyst o chamara por ocasião de uma dessas passagens regulares. Davidson, no seu incansável humanitarismo, perscrutava a praia com o óculo?

— Avistei um homem de branco. Só podia ser Heyst. Tinha amarrado numa vara de bambu uma espécie de bandeira branca, enorme, e abanava com ela da ponta do velho pier.

Davidson não quis atracar — por medo de ser indiscreto suponho. Mas aproximou-se da praia, mandou parar as máquinas e arreou um escaler. Desceu ele mesmo no bote, conduzido, naturalmente, pelos seus marinheiros malaios.

Vendo vir o escaler na sua direção, Heyst abaixou o sinal, e quando chegou Davidson estava de joelhos, ocupado em desamarrar a bandeira da haste.

— Tinha havido algum contratempo? — perguntei, pois Davidson fizera uma pausa, e a sua narrativa me despertara a curiosidade. Devem lembrar-se de que Heyst não nos dera a impressão, no Arquipélago, de ser um homem amigo de fazer sinais.

— Foi essa a pergunta que me escapou — disse Davidson, — antes de encostar o bote aos pilares. Não me pude conter.

Heyst levantou-se e começou a dobrar cuidadosamente o pano, que pareceu a Davidson ter as dimensões de um lençol.

— Não, tudo vai bem — gritou o sueco. Seus dentes uivos lampejaram amavelmente sob a longa barra horizontal dos bigodes acobreados.

Ignoro se foi a delicadeza ou a obesidade que impediu Davidson de trepar ao pier. Pôs-se de pé no escaler. Sobranceiro a ele, Heyst inclinava o tronco sorrindo com urbanidade, agradecendo e pedindo desculpas da liberdade, como sempre fazia. Davidson esperava notar-lhe alguma mudança, mas era o mesmo homem. Nada, em suas maneiras, revelava o momentoso fato de ter consigo naquela selva uma moça, uma violinista de orquestra que ele trouxera diretamente do tablado de concertos para a sua ilha deserta. Não se mostrava envergonhado, arrogante nem confuso. O seu tom, ao falar com Davidson, seria um tudo-nada confidencial, Suas palavras foram enigmáticas.

— Resolvi fazer-lhes estes sinais — disse ele, — porque achei que podia ser da máxima importância manter as aparências. Não para mim, claro. Não me importa o que os outros digam, e naturalmente ninguém me pode causar dano. Acredito que eu tenha feito algum mal, visto como me deixei arrastar à ação. O que fiz pareceu-me na ocasião bastante inocente, mas toda ação é forçosamente nociva. É diabólica, e eis a razão por que o mundo na sua totalidade é mau. Mas já renunciei! Nunca mais bulirei com um dedo. Acreditava antes que a observação dos fatos era o melhor modo de enganar o tempo que nos é concedido, bom ou mau grado nosso; mas já renunciei à observação também.

Imaginem o pobre, o simples Davidson a ouvir este discurso ao pé de um pier abandonado e em ruínas, encaixado numa selva tropical. Jamais ouvira alguém falar assim, e muito menos Heyst, cuja palestra era concisa e cortês, com um leve timbre galhofeiro na cultivada intonação da voz.

— Enlouqueceu — pensou Davidson lá consigo.

Mas, considerando a fisionomia que tinha à sua frente no alto do pier, teve de afastar a ideia de uma loucura comum. Aquelas falas, entanto, eram inusitadas. Lembrou-se então (a surpresa lhe fizera esquecer) que Heyst tinha agora uma moça em sua companhia. Era esta, provavelmente, a causa do singular discurso. Davidson repeliu a ideia absurda e, como desejava dar uma prova de amizade e não tinha mais que dizer, perguntou:

— Você não está com falta de mantimentos ou coisa parecida?

Heyst sorriu e abanou a cabeça.

— Não, não. Nada disso. Não nos falta nada aqui. Em todo caso, agradeço-lhe. Se tomei a liberdade de o fazer parar, não foi por nenhuma dificuldade quanto a mim e... minha companheira. A pessoa em que pensava quando resolvi invocar o seu auxílio era a sra. Schomberg.

— Eu falei com ela — interpôs Davidson.

— Ah, você falou? Sim, eu confiava em que ela arranjaría um meio de...

— Mas não me informou muita coisa — atalhou Davidson, que não era avesso a saber algo mais.

— Hum... sim. Mas aquele meu bilhete? Então? Ela teve ocasião de lho entregar? Muito bem, ótimo. É uma mulher de mais recursos do que parece.

— Isso acontece muitas vezes com as mulheres — observou Davidson. À estranheza que o dominava, simplesmente porque o seu interlocutor havia raptado uma mulher, ia-se dissipando com o correr dos minutos. — Há muita coisa, inesperada nas mulheres — generalizou com um fim didático que pareceu não surtir efeito, pois Heyst continuou, tocando num objeto de pano que trazia no braço:

— Este é o chale da sra. Schomberg. Tecido indiano, creio — ajuntou olhando para o pano.

— Não tem grande valor — disse Davidson, com verdade.

— Muito provavelmente. A questão é que ele pertence à esposa de Schomberg. Aquele Schomberg parece ser um rufião sem escrúpulos... não acha? Davidson sorriu ligeiramente.

— Já nos acostumamos com ele por aqui — disse à maneira de escusa para essa tolerância criminosa e universal com tão notório flagelo. — Eu não o qualificaria assim. Só o conheço como hotelheiro.

— Eu é que não o conhecia sequer como tal... pelo menos até o dia em que você fez o obséquio de levar-me a Surabaya. Fui hospedar-me lá por economia. O Netherlands House é muito dispendioso, e é praxe os hóspedes levarem os seus criados consigo. Uma complicação.

— Claro, claro — protestou Davidson apressadamente. Depois de um curto silêncio Heyst voltou ao assunto do chalé. Queria devolvê-lo à sra. Schomberg. Disse que podia ser muito embaraçoso para ela não ter o chalé para mostrar quando lho pedissem. Esta ideia o trazia preocupado. A sra. Schomberg tinha terror do marido, Pelos modos, não lhe faltava razão para isso.

Davidson também, o tinha notado. Isto não a impedia, observou, de enganá-lo, de certo modo, no interesse de um desconhecido.

— Oh! Você sabe! — tornou Heyst. — Sim, ela me... ela nos ajudou.

— Assim me disse. Tive uma verdadeira palestra com ela — informou-lhe Davidson. — Imagine uma pessoa qualquer conversando com a sra. Schomberg! Se eu contasse aos rapazes, não me acreditavam. Como foi que você conseguiu conquistá-la, Heyst? Como foi que teve essa lembrança? Se ela parece estúpida

demais para entender a linguagem humana, e medrosa demais para enxotar uma galinha! Oh, as mulheres, as mulheres! Ninguém sabe de que são capazes as mais sossegadas.

— Estava empenhada em defender a sua posição na vida — disse Heyst. — É um propósito muito digno.

— Ah, sim? Eu tinha certa desconfiança de que fosse isso — admitiu Davidson.

Relatou então a Heyst as violentas ocorrências que se seguiram ao descobrimento da sua fuga. A atenção cortês de Heyst tomou um matiz sombrio, mas ele não manifestou surpresa e não fez comentários. Terminada a narrativa de Davidson, estendeu-lhe o chalé, e o outro prometeu fazer o possível para devolvê-lo em segredo à sra. Schomberg. Heyst exprimiu a sua gratidão em poucas palavras, realçadas pela sua consumada polidez. Davidson preparou-se para partir. Os dois homens não se olhavam. De súbito disse Heyst:

— Você compreende que se tratava de uma perseguição odiosa, não é verdade? Eu me apercebi disso, e...

Era um ponto de vista que o simpatizante Davidson sabia apreciar.

— O que você diz não me surpreende — respondeu placidamente. — Bastante odiosa, não duvido. E você, naturalmente... como não é casado... podia intervir. Bem, bem!

Sentou-se no banco de popa, e já havia apanhado a corda de leme quando Heyst observou repentinamente:

— O mundo é um cão traçoeiro. Se lhe damos ensejo, morde-nos. Mas creio que aqui poderemos desafiar impunemente o destino.

Ao contar-me tudo isto, Davidson só tinha este comentário:

— Esquisita maneira de desafiar o destino: tomando uma mulher a reboque!

VII

Bastante tempo depois (não nos encontrávamos muito amiúde) perguntei a Davidson como se havia arranjado para devolver o chalé, e soube que ele desempenhara a sua missão por uma forma simples, sem encontrar dificuldades. Na primeira ocasião que tocou em Semarang enrolou o xale num pacote de papel pardo, que fez o menor possível, e levou-o à terra. Após tratar dos seus negócios na cidade subiu a um carrinho com o pacote e dirigiu-se para o hotel. Baseando-se na experiência anterior, escolheu a hora exata em que Schomberg dormia a sesta. Encontrou o hotel vazio como na primeira ocasião. Entrou na sala de bilhar e sentou-se a uma mesa do fundo, próxima à espécie de tablado onde a seu tempo viria instalar-se a sra. Schomberg, e rompeu a quietude sonolenta da casa batendo vigorosamente numa campainha. Atendeu logo um dos chineses. Davidson pediu uma bebida e ficou imóvel, à espera.

— Se necessário fosse, teria pedido vinte bebidas uma depois da outra — disse-me Davidson (que era muito abstinente) — mas não havia de levar aquele pacote de volta. Também não podia deixá-lo num canto sem avisar a mulher. Podia ser ainda pior para ela do que se não lhe tivesse restituído a coisa.

Esperou pois, tocando várias vezes a campainha e engolindo sem vontade duas ou três aguardentes geladas. Daí a pouco, conforme calculara, apareceu a sra. Schomberg: vestido de seda, pescoço alongado, cachos, olhar medroso e sorriso idiota, tudo completo. Provavelmente aquele madraço lhe mandara ver quem era o sedento que acordava os ecos da casa, a essa hora votada ao descanso. Mesura, inclinação de cabeça... Ela acomodou-se no seu assento atrás do balcão elevado, com um ar tão desamparado, tão inane, que se não fosse o pacote, dizia Davidson, teria julgado que tudo que se passara entre eles fora um sonho. Pediu mais alguma coisa para afastar da sala o chinês, apanhou o pacote, que repousava numa cadeira ao seu lado, e murmurando: “Isto lhe pertence” introduziu-o rapidamente num nicho do balcão, aos pés da hoteleira. Pronto! O resto era com ela. E não fora sem tempo. Nem bem voltara Davidson à sua cadeira quando Schomberg apareceu, a bocejar afetadamente. Lançava olhares desconfiados e coléricos em torno de si. A Invencível placidez de expressão prestou inestimável serviço a Davidson nessa ocasião. O outro, claro, não tinha o menor motivo para suspeitar um entendimento entre sua mulher e o freguês.

Quanto à sra. Schomberg, estava impassível como um ídolo. Davidson pasmou. Acreditava agora que a mulher vinha simulando havia anos. Nem sequer

pestanejava. Era fantástico! Aquele íntimo assim revelado quase o aterrava. Não cabia em si de assombro por conhecer a verdadeira sra. Schomberg melhor que qualquer outro nas ilhas, inclusive o próprio Schomberg. Era um portento de dissimulação. Não admirava que Heyst tivesse raptado a moça sob as barbas de dois homens, tendo-a por assistente!

O maior prodígio, contudo, era andar Heyst às voltas com mulheres. Sua vida fora, durante anos, um livro aberto para nós, Não podia ser mais alheia a contatos femininos. Salvo as bebidas que, como qualquer outro, pagava de quando em quando aos conhecidos, o observador de fatos não parecia ter relação alguma com os negócios e paixões terrenas. Era como uma pluma a flutuar levemente na atmosfera prosaica que nós respirávamos. Por tal motivo, esse espectador atraía a atenção Sempre que entrava em contato com as coisas. Primeiro fora a misteriosa parceria com Morrison; depois, a grande sensação da Companhia de Carvão da Zona Tropical, onde, na verdade, estiveram envolvidos interesses de vária sorte: um genuíno empreendimento comercial. E agora este rapto, este discordante fenômeno de autoafirmação, o maior portento de todos, e não menos divertido que maravilhoso.

Davidson confessou-me que o zunzum ia diminuindo. O caso já estaria esquecido se aquele asno de Schomberg não continuasse a ranger os dentes em público. Era mesmo irritante que Davidson não nos pudesse dar uma ideia da moça. Ignorava se era bonita ou não. Demorara-se a tarde inteira no hotel de Schomberg, principalmente no propósito de descobrir alguma coisa a respeito dela. Mas a história já ia ficando corriqueira. Os grupos da varanda tinham casos mais recentes para comentar, e Davidson evitava as Indagações diretas. Ficou placidamente sentado, satisfeito com passar despercebido, e esperando alguma alusão casual. Não me admiraria se o digno homem estivesse cochilando. É difícil dar uma ideia adequada da sua placidez.

Em dado momento Schomberg, que vagueava por ali, veio fazer companhia ao grupo instalado em redor da mesa contígua à do capitão.

— Um homem como esse sueco, cavalheiros, é um perigo público — começou ele, — Há anos que o conheço. Não vou referir-me à sua espionagem... ele mesmo costumava dizer que andava à procura de fatos incomuns, e o que é isso senão espionagem? Espionava a vida de toda a gente. Tomou conta do Capitão Morrison, espremeu-o bem, como nós esprememos uma laranja, e afinal enxotou-o para a Europa sabendo que ele morreria lá. Todos sabem que o Capitão Morrison era fraco do peito. Primeiro saqueado e depois assassinado! Eu não uso panos quentes

para dizer as coisas... ah, não! Depois ele veio com aquela vigarice da Companhia de Carvão. Todos os senhores conhecem a história. E agora, com os bolsos recheados de dinheiro alheio, rapta uma moça branca, pertencente a uma orquestra que toca no meu salão, para os meus clientes, e vai viver como um príncipe naquela ilha, onde ninguém pode agarrá-lo. Que garota idiota... Isso é nojento... puf!

Cuspiu. Sufocava de raiva — pois não resta dúvida que tinha visões. Levantou-se de um salto e afastou-se, talvez para fugir delas. Entrou na sala onde se achava sua mulher. O aspecto desta não podia trazer grande lenitivo ao seu tormento.

Davidson não se julgou na obrigação de defender Heyst. O seu método era travar conversação com um e outro, naturalmente, mostrando-se pouco ao par da história, com o fim de averiguar alguma coisa sobre a moça. Teria ela atrativos excepcionais? Seria bonita? Muito bonita não podia ser, pois não chamara muita atenção. Era moça: nisto todos concordavam. O caixeiro inglês dos Tesman lembrava-se de lhe ter notado a palidez do rosto. Era um homem morigerado e correto. Não seria capaz de se misturar com tal casta de gente. A maioria das mulheres eram espécimes bastante deteriorados. Schomberg as alojara naquilo que ele chamava o “Pavilhão”, situado nos terrenos do hotel, onde elas mourejavam cerzindo e lavando os seus vestidos brancos, e onde podiam ser vistas a estendê-los entre as árvores para secar, como um bando de lavadeiras. Até no tablado tinham uma aparência de lavadeiras quarentonas. Mas a moça tomara um quarto no prédio principal, onde também estavam o diretor, o homem das barbas pretas, e uma mulher velhusca e casmurra, a pianista da orquestra, que diziam esposa do sujeito.

O resultado da investigação não era muito satisfatório. Davidson demorou-se no hotel, ficou mesmo para jantar na mesa comum, sem conseguir mais nada. Estava resignado.

— Imagino — chiava placidamente — que ainda hei de vê-la um dia.

Tencionava passar pelo canal de Samburan em todas as viagens, como antes.

— Sim — respondi. — Não duvido. — Um dia Heyst lhe fará sinal novamente. O que eu pergunto é para que será.

Davidson não me respondeu. Tinha lá as suas ideias a esse respeito, e o seu silêncio calava muita coisa. Não falamos mais na pequena de Heyst. Antes de nos separarmos ele observou:

— E engraçado. Desconfio que haja jogo de noite no hotel de Schomberg, às escondidas. Reparei nuns indivíduos que se dirigiam em grupos de dois e três para aquele salão onde antes davam os concertos. As janelas devem ser muito bem

fechadas, porque não vi a menor luz. Mas não posso crer que aqueles velhacos vão lá só para ficar sentados no escuro, pensando nos seus pecados.

É singular. Parece incrível que Schomberg arrisque uma coisa dessas — respondi.

o

o

o

o

o

Parte 2

o

o

o

o

o

Como já sabemos, Heyst fora hospedar-se no hotel de Schomberg, em completa ignorância do quanto a sua pessoa era odiosa a esta notabilidade. Quando chegou fazia já algum tempo que a orquestra Zangiacomo estava instalada ali.

O negócio que o arrancara à sua reclusão naquele canto perdido dos mares orientais era um negócio de dinheiro e estava nas mãos dos Tesman. Resolveu-o rapidamente e ficou sem nada que fazer enquanto esperava Davidson, que devia levá-lo de regresso à sua ilha deserta — pois para lá tencionava Heyst voltar. O homem a quem costumávamos referir-nos como “o Heyst Encantado” estava preso de fundo desencanto. Não com as ilhas, todavia. O Arquipélago exerce uma fascinação duradoura. Não é fácil romper o sortilégio da vida ilhoa. Heyst sentia-se desencantado com a vida em geral. O seu temperamento desdenhoso, induzido a agir, sofria com o insucesso por uma forma sutil, desconhecida dos que estão afeitos a esgrimir-se com as realidades dos empreendimentos humanos. Era como a dor confrangedora de uma apostasia inútil, uma espécie de vergonha em face de sua própria natureza traída. Considerava-se responsável pela morte de Morrison — sentimento algo absurdo, pois ninguém podia prever os horrores daquele inverno úmido e frio que aguardava o pobre homem na sua pátria.

O caráter de Heyst não comportava a melancolia, mas o trato social repugnava naquele momento à sua disposição de animo. Passava os serões sentado, sozinho, na varanda do hotel. As lamentações dos instrumentos de corda evoluam-se do pavilhão, cujas proximidades eram decoradas com lanternas japonesas de papel, penduradas entre diversas árvores grandes. Fragmentos de música, mais ou menos queixosa, chegavam-lhe ao ouvido. Perseguiam-no até no seu quarto, que abria para uma varanda superior. A intrusão desses sons destacados e ásperos tornava-se, com o tempo, indizivelmente fastidiosa. Como quase todos os sonhadores, a quem é dado por vezes ouvir a música das esferas, Heyst, o vagabundo do Arquipélago, tinha o gosto do silêncio e durante anos pudera satisfazer essa predileção. As ilhas são muito silenciosas. Vemos todas estendidas, envoltas na sua roupagem escura de folhas, em meio à grande quietude do azul sombreado de prata, onde mar e céu se encontram num anel de mágico silêncio. Uma espécie de torpor sorridente paira sobre elas. A própria voz dos nativos é doce e abafada, como se receassem romper algum encanto protetor.

Talvez fosse este mesmo o encanto que subjugara Heyst de início. Para ele, contudo, se quebrara. Já não era um encantado, embora continuasse cativo das

ilhas. Não tencionava deixá-las jamais. Para onde iria depois de tantos anos? Não tinha em todo o mundo uma única pessoa sua. Só recentemente se apercebera deste fato, que aliás lhe interessava de perto: é sempre o insucesso que faz um homem voltar-se para si mesmo e avaliar os seus recursos. E, conquanto tivesse resolvido retirar-se do mundo fazendo-se ermitão, o sentimento de solidão que lhe viera na hora da renúncia calava nele com absurda intensidade. Magoava-o. Nada é mais doloroso que o choque dessas contradições violentas que nos laceram o coração e o espírito.



Enquanto isso, Schomberg observava Heyst com o canto do olho. Mantinha diante do alvo inconsciente da sua inimizade uma atitude distante, à tenente da reserva. Cutucava alguns fregueses e pedia que reparassem nos ares que se dava "esse sueco".

— Francamente, não sei por que ele veio para o meu hotel. Não é lugar que lhe convenha. Prouvera a Deus que fosse alardear superioridade em outra parte. Por exemplo, eu organizei esta série de concertos para os cavalheiros, com o fim de animar um pouco os nossos serões. Pois julgam que ele se digna entrar no salão e ouvir um ou dois números? Que esperança! Há muito que o conheço. Fica ali sentado no canto mais escuro da piazza, até a hora de ir para a cama — meditando alguma nova ladroeira, sem dúvida. Pelo sim, pelo não, eu seria capaz de lhe pedir que fosse procurar hospedagem noutra parte, Mas é que ninguém gosta de tratar assim um branco nos trópicos, Não sei quanto tempo ele pretende ficar, mas seria capaz de apostar uma bagatela em como nunca se resolverá a pagar Os cinquenta centavos da entrada para ouvir um pouco de boa música.

Ninguém aceitou a aposta. Se aceitassem, o hoteleiro teria perdido. Uma noite Heyst foi arrastado ao desespero por aqueles trechos de melodia, ásperos, arranhados, estrídulos, que o perseguiam até no leito duro, com um mosquiteiro diáfano e um colchão mais fino que uma panqueca. Desceu para o meio das árvores. A luz suave das lanternas japonesas destacava nêgas claras, aqui e ali, nos

largos troncos rugosos, sob o negror da basta folhagem. Outras lanternas, em forma de acordeão cilíndrico, pendentes em fila de um cordel bambo, decoravam a entrada daquilo que Schomberg chamava grandiloquentemente "o meu salão de concertos". No seu desespero Heyst subiu três degraus, abriu uma cortina de calicó e entrou.

A confusão no interior do pequeno barracão, construído sobre estacas com madeira importada, era simplesmente atordoante: uma confusão musical, uivando, resmungando, choramingando, soluçando, arranhando, guinchando uma espécie de melodia viva, enquanto o piano de cauda, tocado por uma mulher ossuda e rubicunda, de narinas coléricas, fazia chover notas duras como rajada no meio da tempestade das rabecas.

O pequeno tablado estava cheio de vestidos de musseline branca com faixas vermelhas a tiracolo e providos de braços nus que subiam e desciam ritmicamente, sem descanso. Zangiacomo regia a orquestra. Trajava uma jaqueta branca de oficial, colete preto de cerimônia e calça branca. Os cabelos compridos e desgrelhados, as grandes barbas, eram de um negro arroxeadado. O homem tinha um aspecto medonho. O calor era terrível. Cerca de trinta pessoas bebiam nas mesinhas circulares. Heyst, completamente alquebrado pelo barulho, jogou-se numa cadeira. No movimento rápido da música, no clamor multíssonos das cordas, na oscilação dos braços nus, nos vestidos decotados, nas fisionomias grosseiras e no olhar pétreo das executantes sentia-se um subentendido brutal — qualquer coisa cruel, sensual e repulsiva.

— Isso é um horror! — murmurou Heyst a si mesmo.

Mas há uma fascinação diabólica em todo ruído sistemático. Ele não fugiu logo, como seria de esperar. Deixou-se ficar, pasmado de si mesmo, pois nada podia ser mais repugnante ao seu gosto, mais doloroso aos seus sentidos e, por assim dizer, mais avesso ao seu gênio, do que essa rude exibição de vigor. A orquestra de Zangiacomo não tocava música: não fazia mais que assassinar o silêncio com uma energia feroz e vulgar. Tinha-se a impressão de assistir a um ato de violência; e tão forte era essa impressão que causava assombro ver aquela gente calmamente sentada nas suas cadeiras, a beber, e sem dar mostras de consternação, cólera ou temor, Heyst desviou os olhos desse espetáculo de calos a indiferença.

Terminada a peça musical, tão grande foi o seu alívio que ele sentiu uma ligeira vertigem, como se um abismo de silêncio se lhe escancarasse aos pés. Quando tornou a erguer os olhos, a audiência mostrava nos rostos um interesse, uma perversa animação, e as mulheres desciam aos pares do tablado para o corpo do

“salão de concertos”. Espalharam-se por ele todo. O homem do nariz adunco e da barba roxo e negra desapareceu não se sabia onde. Era este o intervalo durante o qual, segundo estipulara o astuto Schomberg, as componentes da orquestra deviam sentar-se com o público — isto é, com aqueles membros do público que se sentissem inclinados a fraternizar generosamente com as artes, simbolizando essa fraternidade e essa generosidade com ofertas de bebidas.

O expediente pareceu a Heyst altamente incorreto. A inconveniência do engenhoso plano de Schomberg era, contudo, muito atenuada pelo fato de já não serem moças a maioria das mulheres, e de que nenhuma delas jamais tinha sido bela. Suas faces, mais ou menos fanadas, estavam levemente pintadas de rouge; mas afora isto, que bem podia ser simples questão de hábito profissional, não pareciam interessar-se muito pelo bom êxito do plano. Sendo evidentemente fraco no público o desejo de fraternizar com a arte, algumas executantes sentaram-se indiferentes em volta das mesas desocupadas, ao passo que outras continuavam perambulando no corredor central, de braço dado e assaz satisfeitas, sem dúvida, por poderem estirar as pernas enquanto descansavam os braços. Suas faixas encarnadas davam um toque de alegria artificial à atmosfera fumarenta do salão. Heyst sentiu uma súbita compaixão dessas criaturas exploradas, indefesas, sem encanto nem graça, e cujo destino de triste servidão punha algo de patético nas suas fisionomias tristes e grosseiras.

Heyst tinha, por temperamento, a simpatia fácil. Era-lhe doloroso vê-las passar e repassar rente à sua mesinha. Ia levantar-se para sair quando notou que dois dos vestidos brancos haviam ficado na plataforma. Um deles recobria o corpo ossudo da mulher das narinas zangadas. Era ela nada menos que a sra. Zangiacomo. Tinha se levantado do piano e, de costas para o salão, punha em ordem as partituras da segunda parte do concerto, com movimentos bruscos e impacientes dos seus feios cotovelos. Tendo terminado virou-se, avistou o outro vestido de musseline imóvel numa cadeira da segunda fila e adiantou-se para ele entre as estantes de música, com senhoris e agressivas passadas. No regaço daquele vestido descansavam, abertas e vazias, duas mãozinhas não muito alvas, presas a dois braços bem torneados. Outra particularidade observada por Heyst foi o penteado: duas grossas tranças castanhas enroladas em volta de uma cabeça cujo feitio era bem bonito.

— Uma donzela, por Júpiter! — exclamou ele mentalmente.

Era evidentemente uma donzela. Revelava-o o contorno das espáduas, o busto magro atravessado em diagonal pela faixa carmesim, o rodado da saia em

forma de sino, que escondia a cadeira onde ela ficara sentada, um pouco afastada do centro do salão. Os pés, calçados de sapatinhos brancos de salto baixo, estavam graciosamente cruzados.

Amoça captara a atenção de Heyst, que experimentava uma sensação nova. O motivo disto era nunca ter sido a sua faculdade de observação atraída até esse dia por um ser feminino, de maneira tão conspícua e exclusiva. Considerava-a ansiosamente, como homem nenhum olha para outro homem. Esquecia, positivamente, o lugar onde estava. Perdera o contato com o ambiente. A mulherança, ao adiantar-se, ocultou a moça um instante à sua vista. Curvou-se sobre a juvenil figura ao passar-lhe muito próxima, como para lhe dizer uma palavra ao ouvido. Seus lábios moveram-se, com efeito. Mas que palavra seria aquela, para fazer a moça saltar em pé tão vivamente? Heyst, no seu lugar, teve um tremor por simpatia. Correu rapidamente a vista em derredor. Ninguém estava olhando para o tablado, e quando os seus olhos tomaram a fixar-se ali a moça, com a enorme mulher nos calcanhares, vinha descendo os degraus da plataforma. Deteve-se ao pé da escadinha, deu um passo titubeante e imobilizou-se de novo, enquanto a outra — a dueña, a tarasca, o mulherão achamboado que tocava piano — passava por ela com modos bruscos e, avançando truculentamente pelo corredor central, no meio das mesas, foi reunir-se a Zangiacomo lá fora. Durante essa extraordinária saída, feita como se tudo que estava no salão fosse cisco sob os seus pés, os seus olhos desdenhosos cruzaram-se com o olhar alçado de Heyst, que desviou instantaneamente a vista na direção da moça. Esta não se movera. Seus braços pendiam molemente, suas pálpebras estavam baixadas.

Heyst largou o charuto fumado pelo meio e comprimiu os lábios. Levantou-se então, levado por um impulso semelhante ao que anos atrás o fizera atravessar a rua arenosa da abominável cidadezinha de Déli, em Timor, para falar a Morrison, naquele tempo pouco menos de um estranho para ele, um homem em dificuldades, presa de inexprimível tormento, acabrunhado, solitário.

Era o mesmo impulso. Ele, porém, não o reconheceu. Naquele momento não pensava em Morrison. Pela primeira vez desde o abandono final das jazidas de Samburan, pode-se dizer, esquecera totalmente o falecido Morrison. É verdade que, de certo modo, havia também esquecido o lugar onde estava.

E assim, sem ter nenhuma consciência do que fazia, Heyst caminhou para a moça.

Diversas mulheres já haviam encontrado ancoragem aqui e acolá, pelas mesas ocupadas. Falavam com os homens apoiadas nos cotovelos, dando com os

seus vestidos brancos (ressalva feita das faixas vermelhas) a impressão humorística de uma assembleia de noivas quarentonas, de voz rouca e maneiras fáceis. O burburinho das palestras em voz baixa, bastante animadas, enchia o salão de concertos de Schomberg. Ninguém notou a ação de Heyst, pois, a dizer verdade, não era ele ali o único homem que estava de pé. Permaneceu algum tempo diante da moça antes que ela reparasse na sua presença. Fitava o chão, muito quieta, descorada, os olhos parados, sem voz, sem movimento. Só ergueu a vista quando Heyst lhe falou no seu tom polido.

— Queira desculpar-me — disse ele em inglês, — mas me parece que aquela horrível mulher lhe fez alguma coisa. Beliscou-a, não foi? Tenho certeza de que a beliscou ainda há pouco, quando parou diante da sua cadeira.

A moça recebeu estas palavras com os olhos arredondados imóveis da estupefação profunda. Heyst, cheio de vexame, desconfiou que ela não o houvesse compreendido. Era impossível determinar a nacionalidade dessas mulheres, salvo que as havia ali de todos os países. Mas o que ainda mais assombrava a moça era a proximidade do homem, aquela fronte ampla e calva, aquelas faces tostadas, aqueles longos bigodes horizontais de pelos bronzeados, a expressão bondosa dos olhos azuis que fitavam os seus. Heyst viu o assombro petrificado ceder o passo, nos olhos dela, a um susto momentâneo, a que sucedeu por sua vez uma expressão resignada.

— Tenho certeza de que ela a beliscou com a maior crueldade — murmurou, já um pouco encastrado com o que fizera.

Foi-lhe um grande alívio ouvi-la dizer:

— Não seria a primeira vez. E supondo que seja verdade... que é que o senhor vai fazer?

— Não sei — tornou ele com um ligeiro acento brincalhão que desde algum tempo não se lhe notava na voz, e que pareceu impressionar agradavelmente a moça. Lamento dizer que não sei. Mas poderei fazer alguma coisa? Que deseja a senhora que eu faça? Ordene, por favor.

De novo se estampou na face dela um assombro imenso, pois agora notava como ele era diferente dos outros homens que ali se achavam: tão diferente deles quanto ela o era das demais executantes da orquestra feminina.

— Ordenar? — murmurou perplexa, volvidos alguns instantes. — Quem é o senhor? — perguntou em voz um pouco mais alta.

— Estou passando alguns dias neste hotel. Acabo de entrar aqui por acaso. Esta afronta...

— Não procure intervir — atalhou ela com tanta gravidade que Heyst perguntou, no seu tom levemente gracejador:

— Deseja que eu me retire?

— Eu não disse tal coisa — respondeu a moça. — Ela me beliscou porque me demorei a descer para o salão.

— Não lhe posso exprimir a minha indignação. Mas já que desceu — disse Heyst, com o desembaraço de um homem de sociedade a conversar com uma dama numa sala, — não seria melhor que nos sentássemos?

Ela obedeceu ao seu gesto de convite, e ambos se sentaram nas cadeiras mais próximas. Fitaram-se por cima da mesinha circular, com uma expressão de surpresa franca. O acanhamento veio tão devagar que só ao cabo de muitos minutos desviaram os olhos. Logo tornaram e encontrar-se, temporariamente, para se repelirem de novo, por assim dizer. Por fim se fixaram um no outro. Já então, porém, cerca de quinze minutos após se haverem sentado os dois, terminara o “intervalo”.

Isto quanto aos olhos. A conversação fora perfeitamente trivial, pois, naturalmente, nada tinham que se dizer. A fisionomia da moça despertara o interesse de Heyst. Sua expressão não era simples nem muito legível. Tão pouco era refinada (o que não seria mesmo de esperar) mas as feições tinham mais delicadeza que as de qualquer semblante feminino que até então lhe fora dado observar de tão perto. Havia nelas qualquer coisa de inexprimivelmente audacioso e de infinitamente desventurado — porque tanto o temperamento como a existência da moça se refletiam no seu rosto. Mas a voz!... Heyst ficara seduzido pela sua maravilhosa modulação. Era uma voz feita para enunciar as coisas mais sutis, uma voz capaz de fazer suportável a garrulice vã e até do tomar fascinantes as mais grosseiras falas. Heyst bebia-lhe o encanto, como quem escuta o som de um instrumento sem prestar atenção à música.

— A senhora canta tão bem como toca? — perguntou do inopino.

— Nunca abri a boca para cantar na minha vida — respondeu ela, evidentemente surpresa com o descabido da pergunta, pois não estavam falando em música. Via-se que a moça não tinha consciência da sua voz. — Que me lembre, desde guria nunca tive muito motivo para cantos — acrescentou.

Esta frase deselegante, pela mera vibração e cálida nobreza do timbre, foi direito ao coração de Heyst. O seu espírito, lúcido, observador, viu-a mergulhar ali com uma espécie de vaga ansiedade ante o hóspede absurdo, até que ela pousou no fundo, no mais entranhado desvão onde jazem os nossos anseios secretos.

— É inglesa, sem dúvida?

— Que lhe parece? — respondeu ela com o mais encantador dos acentos. E depois, como se achasse que lhe tocava a vez de formular também uma pergunta: — Por que é que o senhor não para de sorrir enquanto fala?

Isto era suficiente para fazer qualquer pessoa ficar séria. Mas tão evidente era a boa fé da moça que Heyst recobrou logo o sorriso.

— É o meu malfadado jeito — disse, com aquela sua graça delicada e cortês. — Isso a contraria muito?

Ela respondeu com muita seriedade:

— Não. Apenas reparei. Tenho encontrado pouca gente assim agradável, nesta vida.

— O fato é que essa mulher do piano é infinitamente mais desagradável que todos os canibais com quem tenho tratado.

— Bem o creio! — tornou ela, estremecendo. — Como foi que o senhor veio a tratar com canibais?

— Seria uma história muito comprida — volveu Heyst com um leve sorriso. Os sorrisos de Heyst eram um tanto melancólicos e não casavam bem com o seu grande bigode, sob o qual a sua simples expressão brincalhona se aninhava tão confortavelmente quanto um pássaro na moita natal. — Demasiado comprida. Como foi que a senhora veio parar no meio desta gente?

— Má sorte — respondeu ela concisamente.

— Sem dúvida, sem dúvida — concordou Heyst com ligeiros meneios de cabeça. E, ainda indignado com o beliscão que adivinhara sem precisamente o ver: — Diga-me: a senhora não tem algum modo de se defender?

Ela já se havia levantado. As executantes da orquestra voltavam devagar aos seus lugares. Algumas já estavam sentadas, ociosas, o olhar imóvel, diante das suas estantes. Heyst levantou-se também.

— Não posso com eles — disse a moça.

Esta breve frase era tirada do repertório comum da experiência humana. Pela virtude da voz que a pronunciava, todavia, foi como que uma revelação emocionante para Heyst. Este tinha os sentimentos confusos, mas o cérebro continuava lúcido.

— Isso é lamentável. Mas afinal, não é propriamente de maus tratos que esta moça se queixa — refletiu depois que ela se afastou.

II

Foi assim que a história começou. Como veio a terminar do modo que sabemos, não é tão fácil expô-lo com precisão. É bem claro que Heyst não via com indiferença, não digo a moça, mas o destino desta. Ele era ainda o mesmo homem que se atirara em socorro de Morrison em transe de ir ao fundo, conhecendo-o apenas de vista e pelas bisbilhotices habituais do Arquipélago. Mas este mergulho era de gênero totalmente diverso, e tinha visos de conduzir a uma ligação de espécie bem diferente.

Refletiu ele? Provavelmente. Era bastante refletido. Mas se o fez, foi com escasso conhecimento de causa, pois não há indícios de que ele se tenha recolhido dentro de si alguma vez no tempo que decorreu entre aquela noite e a manhã da fuga. Na verdade, Heyst não era homem de muitas pousas na ação. Esses sonhadores que devaneiam contemplando a agitação universal são terríveis quando se apossa deles O desejo de agir. Carregam de cabeça baixa contra um muro, com uma pasmosa serenidade que só a imaginação indisciplinada lhes pode dar.

Não era tolo. Creio que sabia (ou pelo menos pressentia) aonde aquilo o levaria. Mas sua completa inexperiência lhe conferia a audácia necessária. A voz da moça era encantadora quando lhe falava no seu miserável passado, com uma espécie de cinismo inconsciente que é companheiro inseparável das sórdidas condições da pobreza. Ou porque Heyst fosse muito humano, ou porque a voz dela possuía todas as modulações do patético, do bom humor e da coragem, não foi repulsa que a narração lhe despertou, mas um sentimento de imensa tristeza.

Noutra noite, durante o intervalo do concerto, à moça contou sua existência a Heyst. Era quase uma filha das ruas. O pai tocava em orquestras de teatrinhos. A mãe fugira quando ela era ainda pequena, e as proprietárias de diversas casas pobres de pensão tinham zelado, a intervalos, pela sua infância abandonada. Jamais chegou positivamente a passar fome ou a andar esfarrapada, mas toda a sua vida decorrera sob o signo da pobreza. Fora seu pai quem lhe ensinara a tocar violino. Ao que ela dizia, embriagava-se às vezes, mas sem encontrar nisso prazer, e tão somente porque não podia esquecer a esposa desertora. Depois que ele sofreu um ataque de paralisia, despenhando-se fragorosamente da galeria de orquestra de um music-hall, durante a execução de um trecho, a menina ingressou na companhia de Zangiacomo. Ele se achava agora num asilo para doentes incuráveis.

— E aqui estou — concluiu a moça — sem ninguém para me chorar se eu der um mergulho na primeira ocasião que encontre a jeito.

Heyst lhe disse que ela poderia fazer melhor, se é que se tratava apenas de deixar este mundo. A moça considerou-o com particular atenção e um olhar perplexo que lhe dava ao semblante um ar de inocência.

Foi isto durante um dos “intervalos” do concerto. Dessa vez ela descera ao salão sem que para tanto fosse preciso beliscá-la a horrível mulher de Zangiacomo. É difícil supor que a houvessem seduzido a testa de pensador e o longo bigode arruivado do seu novo amigo. Novo não é o termo próprio. Nunca tivera um amigo; e a sensação dessa amizade que lhe vinha ao encontro era emocionante já pelo que tinha de inédita. Ademais, qualquer homem que não se parecesse com Schomberg afigurava-se, por esta mesma razão, atraente. Ela tinha medo do hoteleiro, que durante o dia, aproveitando-se da circunstância de estar a moça hospedada no corpo do hotel e não no Pavilhão com as demais artistas, rondava-a, calado, faminto, majestoso nas suas barbaças, assediando-a por vezes em cantos retirados e corredores vazios com murmúrios misteriosos pelas costas. Esses murmúrios, não obstante o seu sentido claro, pareciam-lhe de algum modo horripilantemente insanos.

As maneiras tranquilas e polidas de Heyst davam-lhe, por contraste, um deleito especial e enchiam-na de admiração. Jamais tinha visto coisa semelhante. Talvez houvesse em sua vida encontrado a bondade, mas nunca a simples cortesia. Interessava-lhe como uma experiência inédita, pouco compreensível mas positivamente agradável.

— Digo-lhe que não posso com eles — repetia, às vezes estouvadamente, mas em geral abanando a cabeça com desânimo pressago.

Não tinha, naturalmente, dinheiro nenhum. Aterrava-a a grande quantidade de “negros” naquelas regiões. Não fazia, na verdade, uma ideia definida do ponto da superfície do globo onde se encontrava. A orquestra passava geralmente do vapor para um hotel, e ali ficava encerrada até a hora de embarcar em outro vapor. A moça não guardava na memória os nomes que ouvia.

Como é mesmo que se chama este lugar? — costumava perguntar a Heyst.

— Surabaya — dizia ele distintamente, observando o desalento que esta palavra peregrina fazia assomar aos seus olhos, fixos no rosto do interlocutor.

Heyst não podia evitar a compaixão. Aconselhou-lhe que recorresse ao cônsul, mas era a consciência que ditava este alvitre, e não convicção. Ela nunca tinha ouvido falar nesse bicho e ignorava a sua utilidade. Um cônsul! Que era isso? Quem era ele? Que podia fazer? Quando soube que talvez se pudesse convencer o

cônsul a mandá-la para a sua terra, ficou cabisbaixa.

— Que farei eu quando chegar lá? — murmurou com uma intonação tão justa, um acento tão penetrante (o encanto da sua voz não desaparecia nem ao cochichar), que Heyst teve a impressão de ver a ilusão da fraternidade humana esvaecer-se ante a verdade nua daquela existência, deixando-os ambos face a face no meio de um deserto moral mais resseco do que as areias do Saara, sem sombra que repousasse, sem água que refrescasse.

Ela avançou o busto levemente por cima da mesinha, a mesma diante da qual se haviam sentado na primeira vez que se falaram. E, sem recordar outra coisa senão as pedras das ruas que conhecera na sua infância, na angústia das impressões incoerentes, confusas, rudimentares das suas viagens que lhe infundiam um vago terror ante o mundo, disse em voz rápida como a dos desesperados:

— Faça o senhor qualquer coisa! É um cavalheiro. Não fui eu que o procurei, não é mesmo? Não fui eu que comecei. Foi o senhor que se aproximou de mim e me falou, quando eu estava parada ali. Para que me veio falar? Bem, isso não me importa, mas o senhor tem de fazer alguma coisa!

Sua atitude era ao mesmo tempo impetuosa e súplice — clamorosa, em suma, conquanto sua voz não passasse de um murmúrio. Era bastante clamorosa para chamar a atenção. Heyst riu alto, propositadamente. Amoça quase sufocou de indignação diante dessa insensibilidade brutal.

— Que significavam então as suas palavras quando me pediu que “ordenasse”? — perguntou em voz sibilante. A firmeza dos olhos de Heyst, que não sorriam, e um “está bem” tranquilo e terminante, restituíram-lhe a calma.

— Não sou bastante rico para pagar o seu resgate — prosseguiu ele, com uma extraordinária careta de desprendimento, — mesmo que isso fosse possível. Mas sempre posso roubá-la.

Ela considerou-o com um olhar profundo, como se estas palavras tivessem um sentido encoberto e muito complicado.

— Afaste-se agora — disse ele em voz rápida, — e trate de sorrir.

Ela obedeceu com inesperada presteza. E, como possuía duas belas feições de dentes alvos, o efeito desse sorriso maquinal de encomenda foi prazenteiro, radiante. Heyst pasmou. Não admira, pensou ele, que as mulheres possam enganar tão bem os homens. A faculdade lhes era inerente; pareciam ter sido criadas com uma aptidão especial. Este sorriso, por exemplo, ele lhe conhecia perfeitamente a origem; e contudo lhe comunicava uma sensação de calor, uma espécie de ardor vital muito novo para a sua experiência.

Ela fora ter com as outras “damas da orquestra”. Dirigiram-se arrebanhadas para a plataforma, impelidas com truculência pela altaneira cara-metade de Zangiacomo, que tinha o ar de reprimir com dificuldade o desejo de lhes ferretar as costas. Zangiacomo marchava na retaguarda, com a sua barbaça tingida a balouçar, a sua curta jaqueta branca, e um aspecto de concentração sorrateira que lhe davam a cabeça baixa e os olhos inquietos, muito chegados. Subiu os degraus por último, virou-se para o salão exibindo a barba roxa, e bateu com o arco para chamar a atenção. Heyst encolheu-se, antecipando a horrível bulha que estourou imediatamente, infrene e medonha. A um lado da plataforma a pianista, mostrando o perfil cruel, a cabeça inclinada para trás, martelava as teclas sem olhar para a música.

Heyst não pôde suportar a balbúrdia mais que pelo espaço de um minuto. Saiu, com o cérebro causticado pelo ritmo de uma música de dança mais ou menos húngara. As florestas habitadas pelos canibais da Nova Guiné, cena das suas mais emocionantes aventuras até então, eram silenciosas. E esta aventura, não talvez na sua realização mas pela sua natureza, requeria ainda mais coragem que todos os perigos já arrostados por ele. Caminhando entre as lanternas de papel suspensas das árvores, recordou com saudade a escuridão e a quietude morta das florestas ao fundo tia Baía de Geelvink, que é talvez, de todos os sítios da terra que têm vista para o mar, o mais selvagem, o mais mortalmente perigoso. Oprimido por estes pensamentos, buscou a escuridão e a paz do seu quarto. Não eram, porém, completas. Os sons distantes do concerto lhe chegavam ao ouvido, fracos na verdade mas ainda importunos. Não se sentia, tão pouco, muito seguro ali: pois o sentimento de segurança não depende das circunstâncias exteriores mas da nossa convicção íntima. Não procurou dormir; nem sequer desabotoou a túnica. Sentou-se numa cadeira e pôs-se a cismar. Acostumara-se, na solidão e no silêncio, a pensar com clareza, às vezes até profundamente, contemplando a vida sem a lisonjeira ilusão óptica da esperança que nunca morre, das falácias convencionais com que cada um engana a si mesmo, de uma felicidade que jamais deixamos de esperar. Mas nessa noite estava perturbado. Ligeiro véu começava a empanar-lhe a visão mental: uma ternura que despertava, ainda indistinta e confusa, por aquela desconhecida.

Pouco a pouco se fizera em torno dele o silêncio. O concerto terminara. O público tinha-se retirado. O salão de concertos estava às escuras, e até no Pavilhão, onde as componentes da orquestra dormiam após fazer tanto ruído, não se via uma só luz. De súbito, Heyst sentiu uma inquietação que lhe invadia todos os membros.

Como não havia maneira de fugir a essa reação provocada pela longa imobilidade, satisfê-la saindo de mansinho para a varanda escura e daí para o outão da casa, entre as sombras negras sob as árvores, onde as lanternas de papel apagadas balouçavam suavemente os seus globos que semelhavam frutas murchas.

Esteve largo trecho a caminhar de um lado para outro, tal um fantasma pensativo no seu traje de brim branco, revolvendo no cérebro pensamentos completamente novos, perturbadores e sedutores: acostumava o espírito à contemplação do seu desígnio afim de que, encarado com firmeza, este lhe parecesse judicioso e louvável. O ofício da razão é justificar os desejos obscuros que são o móbil da nossa conduta — impulsos, paixões, preconceitos, anseios doidos, e também os nossos temores.

Sentia que se havia comprometido por uma promessa temerária a uma ação preñhe de consequências incalculáveis. Perguntava consigo se a moça compreendera o seu propósito. Quem o poderia saber? Assaltavam-no dúvidas de toda sorte. Levantando os olhos do chão, avistou uma forma alvacentas que flutuava no meio das árvores. Logo desapareceu; mas não podia haver engano. Vexou-se de ter sido surpreendido a vaguear assim altas horas da noite. Quem seria? Não lhe ocorreu que também a moça podia a excitação ter roubado o sono. Avançou com prudência e divisou novamente a branca e espectral aparição. Logo se desvaneceram todas as suas dúvidas quanto ao estado de espírito da moça, pois a sentiu agarrar-se-lhe, à maneira dos suplicantes em todo o mundo. Murmurava coisas tão incoerentes que ele não pôde entender nada; Isto, porém, não obstava a que me sentisse profundamente comovido. Não tinha ilusões sobre ela, mas a plenitude do coração vencia o cepticismo.

— Acalme-se, acalme-se — murmurou-lhe ao ouvido, devolvendo o seu abraço, primeiro maquinalmente, e depois com uma simpatia cada vez maior pela sua humana aflição. Os arquejos daquele peito, o tremor de todo aquele corpo que cingia nos braços parecia penetrar nele, contagiar-lhe até o coração. Enquanto a moça se aquietava nos seus braços crescia a agitação dele, como se o mundo contivesse uma quantidade fixa de emoção violenta. A própria noite parecia mais muda, e mais perfeita a imobilidade das formas negras e indefinidas que o rodeavam.

— Tudo correrá bem — disse em tom convicto, procurando tranquilizá-la. Como lhe falara ao ouvido, foi preciso estreitá-la ainda mais contra si.

Ou as palavras, ou a ação, produziram excelente efeito. Heyst ouviu um leve suspiro confortado. Ela falou com calma e ardor.

— Oh, eu sabia que tudo correria bem desde a primeira vez que você me falou! Sim, é verdade, compreendi isso logo que se aproximou de mim naquela noite. Sabia que tudo se resolveria, bastando para isso que você o quisesse. Mas, naturalmente, ignorava qual era a sua intenção. “Ordene”, foi o que você disse. Esquisito, um homem como você dizer uma coisa assim! Falava sério? Não estava caçoando comigo?

Ele protestou que fora toda a vida um homem sério.

— Acredito — disse ela ardentemente. Esta declaração o tocou. — É o jeito que você tem de falar como se se estivesse divertindo com a gente — continuou ela. — Mas eu não me enganei. Percebi que estava furioso com aquela tarasca. E é perspicaz também. Farejou logo alguma coisa. Viu na minha cara, hein? Não tenho uma cara antipática, não é mesmo? Você nunca há de se arrepender. Olhe, ainda não tenho vinte anos. Estou-lhe dizendo a verdade, e não posso ser tão feia, porque... Vou-lhe ser franca: eu já tenho sido perseguida e importunada por sujeitos como este. Não sei o que eles querem de mim...

Falava com precipitação. Sufocou. Por fim exclamou em tom de desespero:

— O que será? Que é que eu tenho?

Heyst havia retirado subitamente os braços, recuando um pouco.

— Será culpa minha? Nem olho para eles, garanto-lhe. Nunca! Acaso olhei para você? Diga-me. Foi você que começou.

Na verdade, Heyst recuara à ideia de uma competição com sujeitos desconhecidos, com o hoteleiro Schomberg. A vaporosa figura branca vacilava lamentavelmente na escuridão, diante dele. Envergonhou-se de ser tão exigente.

— Receio que nos tenham visto — murmurou. — Pareceu-me avistar alguém atrás de você, no caminho entre a casa e o macegal.

Não avistara ninguém. Era uma piedosa mentira. Sua compaixão era tão genuína como o tinha sido o seu recuo, e, no juízo de Heyst, mais nobre.

Ela não voltou a cabeça. Seu alívio era evidente.

— Seria aquele animal? — sussurrou, referindo-se naturalmente a Schomberg. — Está ficando muito ousado comigo. O que se poderia esperar? Ainda esta noite, depois do jantar, ele... Mas eu me escapuli. Você não se incomoda, não é? Oh, eu me sinto capaz de enfrentá-lo sozinha, agora que sei que você se interessa por mim. Uma moça sempre tem forças para lutar. Não me acredita? Apenas, não é fácil defender-se sozinha quando não se tem nada nem ninguém para nos apoiar. Não há nada mais só neste mundo que uma moça obrigada a tomar conta de si mesma. Quando deixei meu pobre pai naquele asilo (era no campo, perto duma

aldeia) vi-me na estrada com sete xelins e três pence na minha velha bolsa, e mais a passagem de volta. Caminhei uma milha e tomei o trem...

Acabou-se-lhe a voz, e ficou um momento calada.

Não me enjeite agora — prosseguiu. — Se você não me quisesse, que faria eu? Continuar a viver, sem dúvida, porque teria medo de me matar; mas da sua parte isso seria mil vezes pior do que matar uma pessoa. Disse-me que sempre viveu só, que nunca teve sequer um cachorro. Pois bem, eu não prejudicarei ninguém se for viver com você, nem mesmo um cachorro. Que outra intenção podia ter você quando chegou tão perto de mim e me olhou nos olhos?

— Nos olhos? Foi mesmo? — murmurou ele imóvel diante da moça, na escuridão profunda. — Tão perto assim?

Ela teve um acesso de cólera e desespero. Refreava, porém a voz.

— Já esqueceu, então? Que é que você esperava? Eu me conheço, mas em todo caso não sou uma moça a quem os homens virem as costas... e você deve sabê-lo, só se é diferente dos outros. Oh, perdão! Você é diferente mesmo. Não se parece com nenhum dos homens com quem falei até hoje. Não faz caso de mim? Não vê...?

Ele a via, branca e espectral, estender-lhe os braços nas trevas da noite como um fantasma implora dor. Tomou-lhe as mãos e emocionou-se, quase surpreso, ao senti-las tão cálidas, tão concretas, tão firmes, tão vivas entre as suas. Puxou-a para si, e ela reclinou-lhe a cabeça no ombro soltando um profundo suspiro.

— Estou morta de cansaço — murmurou, num queixume.

Heyst tornou a apertá-la nos braços, e apenas pelos movimentos convulsivos do seu corpo percebeu que ela estava soluçando sem ruído. Amparando-a, deixou-se submergir no grande silêncio da noite. Ao cabo de algum tempo ela serenou, e pôs-se a chorar do mansinho. E de repente, como se despertasse:

— Não viu mais essa pessoa que pensava estar-nos espiando? — perguntou.

Este sussurro vivo e ardente fê-lo estremecer. Respondeu que com toda probabilidade se enganara.

— Se era mesmo alguém — refletiu ela em voz alta, — só podia ser aquela mulher... a mulher do hoteleiro.

— Asra. Schomberg? — tornou Heyst surpreso.

— Sim. É outra que não pode dormir de noite. Por quê? Então você não vê?

Porque sabe o que acontece, claro. Aquele animal nem se dá ao trabalho de esconder o que faz. Se ao menos ela tivesse um pouquinho de coragem! Sabe também como isso me revolta, mas tem medo até de olhar para a cara dele, quanto

mais de falar. Ele mandaria enforcá-la.

Heyst manteve-se algum tempo calado. Uma disputa em público com o hoteleiro era coisa em que nem convinha pensar. A ideia causava-lhe horror. Falando em suaves murmúrios, tratou de convencer a moça de que, na presente situação, não lhe permitiriam provavelmente retirar-se da companhia. Ela escutou esta explicação com ansiedade, estreitando de tempos em tempos a sua mão, que procurara no escuro e de que se apossara.

— Como lhe disse, não sou bastante rico para pagar o seu resgate, e vou raptá-la logo que encontrar um meio de sair de Java. Nesse meio tempo, o sermos vistos juntos de noite seria fatal ao nosso plano. Não nos devemos denunciar. Seria melhor que nos separássemos imediatamente. Creio que há pouco me enganei; mas, se como você diz a pobre sra. Schomberg não pode dormir de noite, precisamos ter mais cuidado. Ela iria contar ao sujeito.

A moça desprendera-se do seu frouxo abraço enquanto ele falava, e estava agora à sua frente, segurando-lhe ainda a mão com firmeza.

— Oh, não — disse, em tom de perfeita segurança. — Estou-lhe dizendo que ela não se atreve a falar ao homem. Além disso, não é tão tola como parece. Não seria capaz de nos trair. Nessa é que ela não caía. Há de nos ajudar, isso sim, se tiver a coragem de fazer alguma coisa.

— Você parece ver a situação com muita clareza — disse Heyst. E em paga do elogio recebeu um beijo cálido e demorado.

Verificou então que separar-se dela não era tão fácil como supusera.

— Palavra — disse antes de se despedirem, — nem sei ainda como você se chama.

— Não? Eles me chamam de Alma, não sei por que. Que nome estúpido! De Madalena, também. Mas isso não importa; você pode chamar-me pelo nome que quiser. Sim, dê-me um nome. Pense num que lhe agrade... alguma coisa nova. Como eu desejaria esquecer tudo que aconteceu até como a gente esquece um sonho e até o medo que ele lhe causou! Havia de fazer um esforço.

— Sim? — murmurou ele. — Mas isso não é proibido. Segundo ouvi dizer, as mulheres esquecem facilmente qualquer fato passado que as diminua aos seus próprios olhos.

— Era nos seus olhos que eu pensava, pois tenho certeza de que nunca tinha desejado esquecer coisa alguma, até aquela noite em que você caminhou para mim e me devassou a alma com os olhos. Eu sei que não valho grande coisa; mas também sei ser leal a um homem. Cuidei de meu pai desde que tive entendimento.

Ele não era má pessoa. Agora que não lhe posso mais valer de nada, gostaria de esquecer tudo isso e começar uma vida nova. Mas isso não são assuntos em que eu lhe possa falar. Em que lhe poderei falar, meu Deus?

— Não lhe dê cuidado — voltou Heyst. — A sua voz é suficiente. Estou enamorado dela, o que diz não importa!

Ela ficou algum tempo calada, como se estas serenas palavras lhe houvessem tirado o fôlego.

— Oh! Queria perguntar-lhe...

Heyst lembrou-se de que ela ignorava provavelmente o seu nome, e ficou à espera que o perguntasse agora. Mas depois de breve hesitação a moça continuou:

— Por que foi que me mandou sorrir esta noite lá na sala de concerto?...

Lembra-se?

— Pareceu-me que nos estavam observando. Um sorriso é a melhor máscara que se pode imaginar. Schomberg estava a duas mesas da nossa, bebendo com uns holandeses, uns empregados de escritório. Não resta dúvida de que nos vigiava... a você, pelo menos. Foi por isso que lhe pedi para sorrir.

— Ah, por isso. Nunca me passou pela ideia.

— E que bem, que você o fez... e prontamente, como se tivesse compreendido a minha intenção.

— Prontamente! — repetiu ela. — Ah, eu sorri de muito boa vontade naquela hora. Essa é que é a verdade. Havia anos, posso garantir-lhe, que não me sentia tão disposta a sorrir. Não tenho tido muitas ocasiões de sorrir na minha vida, creia. Especialmente nestes últimos tempos.

— Mas você sorri com um modo encantador... fascinante mesmo.

Fez uma pausa. Ela esperou mais, imóvel, com a imobilidade da suprema delícia, desejando prolongar a sensação.

— Fiquei maravilhado — acrescentou ele. — Aquilo me veio direito ao coração, como se você tivesse sorrido para me agradar. A minha impressão foi de nunca ter visto alguém sorrir até hoje. Fiquei pensando nisso depois que nos separamos. Estava nervoso.

— Pois o meu sorriso fez tudo isso? — disse ela numa voz insegura, doce e incrédula.

— Se você não tivesse sorrido daquela maneira, talvez eu não sáísse aqui fora esta noite — voltou Heyst no seu tom joco-sério. — Foi o seu triunfo.

Sentiu os lábios dela tocar de leve nos seus, e imediatamente a moça se afastou. Seu vestido alvejou ao longe, e depois pareceu ser engolido pela densa

escuridão da casa. Heyst esperou um pouco antes de seguir pelo mesmo caminho. Dobrou o cunhal, subiu os degraus da varanda e entrou no seu quarto, onde se deitou finalmente — não para dormir, mas para recordar tudo que os dois se tinham dito.

— Aquilo do sorriso é a pura verdade — pensou, Não mentira à moça neste ponto. E a voz também. Quanto ao resto... o que tinha de ser seria.

Uma grande onda de calor envolveu-o. Virou-se sobre as costas, estendeu os braços em cruz sobre a cama larga e dura, e ficou quieto, de olhos abertos sob o mosquiteiro, até que a luz da manhã lhe entrou no quarto, clareou rapidamente e fez-se inflexível soalheira. Então se levantou, caminhou para um espelhinho pendurado à parede e encarou atentamente na sua própria imagem. Não era nenhum impulso de vaidade que o levava a examinar-se assim. O seu novo estado de espírito lhe dava uma grande sensação de estranheza, e não podia resistir à suspeita de que a sua aparência exterior houvesse mudado durante a noite. O que viu no espelho, entretanto, foi o mesmo homem de sempre. Foi uma espécie de decepção, uma diminuição da sua experiência recente. Sorriu então da sua própria ingenuidade; pois, tendo já passado dos trinta e cinco anos, devia saber que na maioria dos casos o corpo é a máscara imutável da alma, e que a própria morte o demuda pouco, até ser ele posto onde ninguém o pode ver, e onde suas transformações deixam de ter importância, quer para os nossos amigos quer para os nossos inimigos.

Heyst não tinha consciência de possuir nem uns nem outros. A própria essência da sua vida era ser uma realização solitária, consumada não pelo retiro cenobítico, no silêncio e na imobilidade, mas por um sistema de peregrinações sem fim, pelo desprendimento de um espírito que perdura entre cenas mutáveis. Nesse programa via o meio de passar pela vida sem dor e quase sem uma única preocupação — invulnerável porque intangível.

III

Pelo espaço de quinze anos Heyst vagara, invariavelmente cortês e inacessível, e em paga era tido como “um esquisitão”. Tinha começado as suas viagens depois da morte do pai, um sueco expatriado que morrera em Londres, descontente com o seu país e indignado com o mundo inteiro, que instintivamente rejeitava a sua filosofia.

Pensador, estilista e homem de sociedade em seus tempos, Heyst pai tinha principiado por cobiçar todas as alegrias, as dos grandes e as dos humildes, as dos tolos como as dos sábios. Durante mais de sessenta anos arrastara por este atribulado planeta a mais requintada, a mais desinquieta alma que a civilização já moldou para arrastá-la à desilusão e ao arrependimento. Não se lhe podia negar certa grandeza, pois era infeliz de um modo que as almas mediócras desconhecem. Heyst não chegara a conhecer a mãe, mas guardava uma terna recordação do semblante pálido e distinto do pai. A memória lho representava geralmente envolto num amplo chambre azul, num casarão de sossegado subúrbio londrino. Após sair da escola com a idade de dezoito, vivera três anos com o velho Heyst, que então estava escrevendo o seu último livro. Nesta obra, escrita no ocaso da vida, reivindicava para a humanidade o direito de absoluta liberdade moral e intelectual, de que já não a considerava digna.

Três anos em tal companhia, nessa idade plástica e impressionável, tinham por força que incutir no rapaz uma profunda descrença da vida. Ele aprendeu a refletir, o que é um processo destrutor, em orçamento dos custos da ação. Não são os cérebros lúcidos que governam o mundo. Os grandes feitos são realizados numa espécie de nevoeiro mental ditosamente morno, que as lufadas frias e impiedosas da análise paterna tinham varrido do filho.

Deixar-me-ei vogar — resolvera Heyst.

Não dava a estas palavras um sentido apenas intelectual, sentimental ou moral. Tencionava deixar-se vogar completa e literalmente, corpo e alma, como uma folha solta se deixa levar pelos ventos, sob as árvores imóveis de uma clareira na floresta; vogar sem jamais prender-se a coisa alguma.

Será esta a minha defesa ante a vida — dissera a si mesmo, na consciência profunda de que para o filho de tal pai não havia outra alternativa digna.

Tornou-se assim um ente aparte, austeramente, por princípio, como outros se tornam pela bebida, pelo vício ou alguma fraqueza de caráter. Fê-lo deliberadamente, como outros o fazem por desespero. Tal fora, despida dos acidentes exteriores, a vida de Heyst até aquela noite perturbadora. No outro dia,

quando viu a moça a quem chamavam Alma, esta achou meio de lhe deitar um olhar de franca ternura, ligeiro como o relâmpago, e que deixou uma impressão profunda, tocou-lhe no coração. Era no recinto do hotel, quase à hora do almoço, quando as executantes da orquestra voltavam para o pavilhão depois do ensaio, prática, ou que outro nome lhe dessem, no salão de concertos. Heyst, que voltava da cidade, onde verificara que encontraria dificuldades em deixar Surabaya imediatamente, ia atravessando o pátio, desapontado e aborrecido.

Misturara-se, quase sem dar por isso, ao grupo das mulheres. Sentiu um choque quando, ao sair da sua abstração, viu a garota tão perto dele, qual uma pessoa que acordasse de repente e avistasse a imagem do seu sonho feita carne e sangue. Ela não ergueu a cabeça graciosa. O seu olhar, porém, não foi nenhuma visão de sonho. Foi bem concreto, a impressão mais real (até então) da existência isolada de Heyst.

Este não correspondeu ao olhar, embora lhe parecesse impossível que o seu efeito sobre ele não fosse notado por quem o estivesse observando. E havia diversos homens na varanda, fregueses habituais da mesa de almoço, a olhar na sua direção... a olhar para as mulheres, mais exatamente. Heyst atemorizou-se, não por vergonha ou timidez, mas por escrúpulo. Ao subir para a varanda, contudo, não percebeu na fisionomia dos outros nenhum sinal de interesse ou admiração, como se todos ali fossem cegos. O próprio Schomberg, que teve de lhe dar passagem no alto da escada, continuara a palestrar com um cliente sem dar o menor sinal de perturbação.

O hoteleiro tinha, na verdade, visto Heyst falar com a moça nos intervalos. Um seu companheiro lhe chamara a atenção com uma cotovelada, e ele achara que aquilo vinha muito a propósito. Aquele palerma conservaria os outros à distância. Mais satisfeito que outra coisa, observava-os de soslaio, gozando maliciosamente a situação: uma espécie de alegria diabólica. Poucas dúvidas tinha quanto à sua fascinação pessoal e muito menos quanto ao seu poder de dominar a garota, que parecia muito ignorante para se defender e vivia pior que sozinha, pois por alguma razão incorrera na hostilidade da sra. Zangiacomo, uma mulher sem consciência. Quanto à aversão que ela lhe mostrara, na medida em que ousava fazê-lo (pois nem sempre é prudente aos desamparados ostentar a delicadeza dos seus sentimentos), Schomberg perdoava-a. levando-a à conta da tolice feminina convencional. Tinha dito a Alma, à guisa de argumento, que sem duvida era bastante sagaz para perceber que o melhor partido para ela seria por a sua confiança num homem de recursos, na flor dos anos, e que sabia guiar-se no mundo. Salvo o tremor agitado da

sua voz e a extraordinária forma por que seus olhos pareciam querer saltar-lhe da cara rubicunda e hirsuta, estas falas tinham toda a aparência de conselhos calmos e desinteressados — e que, segundo o hábito dos apaixonados, passavam facilmente aos auspiciosos planos de futuro.

— Logo nos livraremos da velha — cochichava-lhe às pressas, com uma ferocidade arquejante. — Diabos a levem! Nunca me importei com ela. O clima não lhe convém. Vou mandá-la para junto da família, na Europa. E terá de ir! Eu me encarrego disso. Eins, zwei, marche! Depois vendemos este hotel e abrimos outro por aí.

Asseverava-lhe que estava pronto a fazer tudo por ela. E era verdade. Quarenta e cinco anos é para muitos homens a quadra da temeridade, como se desafiassem a dissolução e a morte, que os espreitam no vale sinistro, ao termo da inevitável descida. O encolhimento da moça, os seus olhos baixos quando era obrigada a ouvi-lo encurralada num canto de corredor vazio, tomava-os ele por sinais de submissão à força avassaladora da sua vontade. Pois todas as idades se nutrem de ilusões, afim de que os homens não renunciem muito cedo à vida e não venha assim a extinguir-se a raça humana.

E fácil imaginar a humilhação de Schomberg, a sua fúria Indignada, quando descobriu que a garota que resistira semanas inteiras aos seus assédios, aos seus rogos, aos seus protestos Veementes, fora-lhe roubada sob as barbas por “aquele sueco”, aparentemente sem grande dificuldade. Não quis acreditar. A princípio convenceu-se de que os Zangiacomo, por alguma razão incompreensível, lhe tinham pregado uma feia peça. Mas quando já não foi possível duvidar modificou sua opinião sobre Heyst. O desprezado sueco tornou-se, para Schomberg, o mais matreiro, o mais perigoso, o mais odioso patife. Não podia crer que a criatura a quem cobiçara com tanta força e tão pouco êxito era na realidade meiga, dócil aos seus próprios impulsos, e quase se oferecera a Heyst, de consciência tranquila, levada pelo desejo de segurança e pela necessidade de por a sua fé ali aonde o instinto guia a mulher ignorante. Schomberg não se conformava senão com a explicação de que ela fora enfeitiçada por alguma influência oculta, por algum sutil artifício. Sua vaidade ferida ruminava incessantemente sobre o meio que “aquele sueco” teria empregado para seduzi-la e roubá-la a um homem como ele, Schomberg — como se esse meio tivesse por força de ser extraordinário, inaudito, inconcebível. Batia ostensivamente na testa diante dos seus fregueses. Ficava sentado a refletir em silêncio, ou então extravasava-se repentinamente em declamações contra Heyst, sem medida, fito, nem prudência, com a cara túmida e uma afetação de virtude

ofendida que não teria enganado um só momento o mais pueril dos moralistas — e que muito divertia os circunstantes.

Tornou-se uma recreação predileta ir ouvi-lo injuriar Heyst enquanto se tomavam refrescos gelados na varanda do seu hotel. Fazia, de certa maneira, mais sucesso que os concertos de Zangiacomo, com intervalos e tudo. Era sempre fácil provocá-lo. Qualquer um o podia fazer, bastando para isso a mais longínqua alusão. Muitas vezes ele desfiava as suas acusações sem fim na própria sala de bilhar, onde a sra. Schomberg se achava entronizada como de costume, tragando os soluços, escondendo as torturas do seu terror, da sua abjeta humilhação, sob aquele sorriso estúpido, fixo, eterno, que, dado pela natureza, era uma excelente máscara, porquanto nada — nem a própria morte, talvez — poderia lhe tomar.

Mas nada dura neste mundo, ao menos sem mudar de fisionomia. E assim, ao cabo de algumas semanas, Schomberg recobrou a calma exterior, como se a indignação se houvesse estancado dentro dele. E não foi sem tempo. Estava-se tornando maçante com a sua incapacidade de falar em outra coisa que não a imoralidade de Heyst, a maldade de Heyst, os seus enredos, as suas astúcias, as suas tramas criminosas. Schomberg já não simulava desprezá-lo. Depois do que acontecera não poderia simular, nem mesmo ante si próprio. Mas a sua indignação arrolhada fermentava venenosamente. No tempo da sua loquacidade imoderada um dos ouvintes, um homem idoso, observara certa noite:

— Se este asno continua assim acabará por ficar doido.

Não era muito errada esta opinião. Schomberg levava Heyst incrustado no cérebro. O próprio estado insatisfatório dos seus negócios, cujas perspectivas nunca foram menos promissoras desde que ele viera para o Oriente logo após a guerra franco-prussiana, atribuía-o a alguma influência sutilmente nociva de Heyst. Parecia-lhe que nunca mais seria o mesmo homem enquanto não tirasse desforra do artificioso sueco. Estava pronto a jurar que Heyst lhe arruinara a vida. À garota, que lhe fora subtraída por forma tão injusta, manhosa e vil, tê-lo-ia inspirado a começar nova vida com sucesso. Evidentemente, a sra. Schomberg, a quem ele terrorificava com os seus silêncios furiosos reforçados de olhares envenenados a socapa, não lhe podia dar inspiração. Tornara-se negligente em todas as coisas, mas com uma inclinação para os expedientes temerários, como se já não lhe importasse a ruína da sua carreira de hoteleiro. Esta condição desmoralizada explicava o que Davidson observara na sua última visita ao estabelecimento de Schomberg, cerca de dois meses após a partida secreta de Heyst com a moça para a solidão de Samburan.

O Schomberg de poucos anos atrás (o Schomberg de Bangkok, por exemplo,

onde começara a servir os seus famosos jantares de mesa comum) nunca teria arriscado semelhante coisa. O seu gênio era moldado para aliciar fregueses — “um branco a serviço dos brancos” — e para a invenção, elaboração e divulgação de mexericos escandalosos, com unção burrinal e descarado deleite. Mas o seu espírito pervertera-se com as agonias da vaidade ferida e da paixão contrariada. E nesse estado de fraqueza moral Schomberg deixou-se corromper.

IV

Isto foi obra de um hóspede que chegou uma bela manhã no paquete de carreira. Embarcara em Macassar, fazendo escala em Celebes, mas vinha de mais longe, do Mar da China, segundo soube Schomberg. Um nômade, evidentemente, como o era Heyst; mas pertencia a uma espécie diferente, e não andava só.

Schomberg, alçando os olhos da proa da sua lancha a vapor, com que ia buscar passageiros a bordo dos paquetes que chegavam, descobriu um par de olhos que o miravam fito do alto da amurada da primeira classe. Não era grande fisionomista. Para ele, os seres humanos ou eram alvo de mexericos escandalosos, ou recipientes de estreitas tiras de papel com o timbre do hotel: “W. Schomberg, proprietário; as contas são pagas mensalmente.”

E assim, na cara escanhoadada, extremamente fina, que avançava por cima da amurada, Schomberg viu apenas a cara de uma “conta” possível. As lanchas dos outros hotéis também haviam encostado, mas ele obteve preferência.

— É o sr. Schomberg, não? perguntou a cara inesperadamente.

Para servi-lo — respondeu o hoteleiro, de baixo. Os negócios são os negócios, e suas fórmulas e praxes devem ser observadas, ainda quando nos tortura o peito varonil essa raiva surda que sucede à fúria da paixão ludibriada, como o rescaldo das cinzas às labaredas impetuosas.

Momentos depois, o dono da cara macilenta, embora bem formada, estava sentado à popa da lancha, junto com Schomberg. Tinha um corpo comprido e desengonçado. Reclinava-se em postura lânguida e ao mesmo tempo com os músculos retesados, prendendo com os dedos finos entrelaçados a perna que repousava sobre a outra. À sua frente ia outro passageiro, que o homem da cara escanhoadada apresentara nestes termos:

— Meu secretário. O senhor deve dar-lhe um quarto contíguo ao meu.

— Podemos arranjar isso facilmente.

Schomberg timoneava com dignidade, os olhos fitos na frente, mas muitíssimo interessado nessas duas promissoras “contas”. A bagagem dos homens, um par de grandes malas de couro tornadas ruças pela idade e alguns pacotes menores, estava empilhada na proa. Um terceiro indivíduo — um ser cabeludo e indefinível — empoleirara-se modestamente em cima das malas. A parte inferior da sua fisionomia mostrava um desenvolvimento excessivo; a testa estreita e baixa, sulcada de rugas horizontais que denotavam falta de inteligência, encimava umas faces extremamente hirsutas e um nariz chato de largas ventas de gorila. Havia

qualquer coisa de equívoco na aparência desse ente, cuja humanidade estava como que afogada em pelos. Também ele parecia ser um acompanhante do homem da cara escanhoad, e pelos modos viajara no convés com os passageiros indígenas, dormindo na tolda. O seu físico amplo e atarracado denotava grande vigor. Segurando as bordas da lancha, ostentava um par de braços notavelmente longos, terminados por grossas patas escuras e peludas, de aspecto simiesco.

Que faremos com esse meu homem? — perguntou a Schomberg o personagem principal. — Deve haver alguma estalagem nas proximidades do porto... alguma taberna onde lhe deem um colchão para dormir, hein?

Schomberg respondeu que havia uma casa dirigida por um mestiço de português.

— Criado seu? — perguntou.

— Sim, ele me acompanha. É um caçador de jacarés. Trouxe-o da Colômbia, sabe? Já estive na Colômbia?

— Não — respondeu Schomberg muito surpreso. — Caçador de jacarés? Esquisito ofício! Então o senhor vem da Colômbia?

— Sim, mas há muito tempo que saí de lá. Andei por numerosos lugares. Viajo para oeste, percebe?

— Por esporte, talvez? — sugeriu Schomberg.

Sim, pode chamar-lhe assim. Que lhe parece de seguir a trilha do sol?

— Compreendo... um cavalheiro que corre mundo — disse Schomberg, vigiando uma canoa à vela que lhe ia cruzar pela proa, e pronto para desviar a lancha com uma guinada do leme.

O outro passageiro fez-se ouvir repentinamente.

— Diabos levem essas embarcações indígenas! Estão sempre se atravessando no caminho dos outros.

Era um homem baixo e musculoso, com uns olhos que cintilavam e pestanejavam, voz áspera e uma cara redonda, sem expressão, ornada por um ralo e irregular bigode que se eriçava exoticamente sob a ponta do nariz rígido. Schomberg refletiu que o homem não tinha aspecto de secretário. Tanto ele como o seu comprido e descarnado patrão usavam o traje branco usual dos trópicos, com capacete de cortiça, sapatos brancos cobertos de alvaia — tudo em ordem. A cabeluda e indefinível criatura empoleirada na bagagem, na proa, vestia camisa xadrez e calça azul de algodão. Lançava aos outros dois olhares atentos de animal amestrado.

— O senhor me deu preferência — disse Schomberg no seu tom viril. —

Conhecia o meu nome. Posso saber onde ouviram falar em mim, cavalheiros?

— Em Manila — respondeu prontamente o viajante. — Por um homem com quem joguei uma partida de cartas uma noite, no Hotel Castilla.

— Que homem? Não tenho amigos em Manila, que eu saiba — estranhou Schomberg, de cenho severo.

— Não lhe posso dizer o nome dele. Esqueci-o completamente. Mas não tenha cuidado. O homem não era nada seu amigo. Chamou-lhe todos os nomes que lhe vieram à cabeça. Disse Que o senhor espalhou uma porção de intrigas a respeito dele uma ocasião... em Bangkok, se não me engano. Sim, foi em Bangkok. O senhor já teve mesa comum em Bangkok, não é verdade?

Schomberg, atônito com a natureza da informação, só pôde enfundar ainda mais o peito e exagerar os seus ares de tenente da reserva. Mesa comum? Sim, por certo. Sempre tinha... para os clientes brancos. E nesta cidade também? Sim, aqui também.

— Então tudo vai bem. — O desconhecido desviou os olhos negros, cavernosos e magnéticos do barbudo Schomberg, que segurava o timão de metal com a palma da mão úmida. — O seu hotel é muito frequentado à noite?

Schomberg recobrava corta calma.

— Vinte talheres mais ou menos, em média — respondeu com calor, segundo convinha a um assunto que lhe tocava na corda sensível. — Devia haver mais, se esta gente compreendesse que é em seu próprio proveito. Muito pouco lucro tiro eu disso. Os senhores apreciam as mesas comuns?

O novo hóspede respondeu que gostava de um hotel onde pudesse conversar à noite com as pessoas da terra. Na falta disso, os serões eram horivelmente enfadonhos. O secretário, em sinal de aprovação, emitiu um grunhido pasmosamente feroz, como se pretendesse devorar a gente da terra. Tudo isso parecia prometer uma longa estada, pensou Schomberg, satisfeito sob os seus ares graves. Mas depois, lembrando-se da moça que lhe fora roubada pelo último hóspede que fizera uma longa estada no seu hotel, rangeu os dentes por forma tão audível que os outros dois olharam admirados para ele. A convulsão momentânea do seu rubicundo semblante pareceu deixá-los mudos de surpresa. Trocaram um olhar rápido. Passado um momento, o homem da cara escanhoadá atirou mais uma pergunta, no seu tom brusco e incriminoso:

— Não tem mulheres no seu hotel, hein?

— Mulheres! — exclamou Schomberg indignado, mas também com algum susto. — Que quer dizer com isso? Que mulheres? Há a sra. Schomberg,

naturalmente — acrescentou com indiferença altaneira, acalmando-se de súbito.

— Tudo irá muito bem se ela souber conservar-se no seu lugar. Não tolero mulheres perto de mim. Dão-me arrepios — declarou o outro. — São uma verdadeira praga!

Enquanto ele externava os seus sentimentos com esta veemência, o secretário tinha no rosto um sorriso feroz. O primeiro passageiro cerrou os olhos encovados, como se tivesse ficado exausto, e apoiou a cabeça ao suporte do toldo. Nesta altura faziam-se notar as suas pestanas compridas, femininas, as feições regulares, a linha acentuada da mandíbula e o queixo bem desenhado, dando-lhe um ar de distinção fatigada, gasta e depravada. Só tornou a abrir os olhos quando a lancha encostou ao cais. Ele e o outro homem de desembarcaram então rapidamente, subiram a um carro e mandaram tocar para o hotel, deixando Schomberg encarregado da bagagem e do seu singular companheiro. Este último, que mais parecia um urso amestrado e abandonado pelo seus donos do que um ser humano, seguia todos os passos do hoteleiro, caminhando nos seus calcanhares e resmoneando de si para si numa linguagem que era uma espécie de espanhol corrupto. O hoteleiro só se sentiu à vontade quando o deixou num covil escuro, onde um mestiço de português, majestoso e muito aseado, serenamente postado à porta, parecia saber perfeitamente como tratar com fregueses de todo gênero. Tomou das mãos da criatura o fardo atado com correias que ele levava estreitado contra o peito durante essas peregrinações numa cidade estranha, e atalhou as tentativas de explicação de Schomberg afirmando cheio de confiança:

— Compreendo muito bem, senhor

— Ele é mais feliz do que eu — pensou Schomberg enquanto se afastava dando graças por estar livre da companhia do caçador de jacarés. Perguntava a si mesmo o que seriam esses indivíduos, sem poder formar uma conjectura plausível. Soube seus nomes naquele mesmo dia perguntando pessoalmente. “Para assentar nos meus livros”, explicou com atitude militar e formalista, peito enfundado, barba em evidência.

O homem da cara escanhoad, esparramado numa cadeira preguiçosa com seu ar de mocidade fanada, ergueu os olhos languidamente.

— O meu nome? Oh, ponha Mr. Jones simplesmente... um viajante. E este é Ricardo. — O homem bexigoso, que se jogara em outra preguiçosa, careteou como se alguma coisa lhe fizesse cócegas na ponta do nariz, mas não deixou a sua postura supina. — Martin Ricardo, secretário. Não precisa saber mais nada, precisa? Hein, o quê? Ocupação? Ponha... bem, ponha turistas. Já nos têm chamado nomes mais

feios; não nos ofenderemos. E aquele meu homem... onde foi que o meteu? Oh, ele sabe tirar-se de dificuldades. Quando quiser alguma coisa há de tomá-la. Chama-se Pedro. Cidadão colombiano. Pedro... não sei se alguma vez teve outro nome. Pedro, caçador de jacarés. Sim, pagarei as suas despesas na hospedaria do mestiço. Não tenho outro remédio. O diabo do sujeito me é tão dedicado que se eu o despedisse era capaz de me esganar. Preciso contar-lhe como matei o irmão dele nas selvas da Colômbia? Bem, talvez em outra ocasião... é uma história bastante comprida. O que nunca deixarei de lamentar é não o ter matado, a ele também. Podia tê-lo feito então, sem muito trabalho. Um grande estorvo; mas às vezes é útil. De certo o senhor não vai por tudo isso no seu livro?

Os modos rudes e despachados e o tom desdenhoso de “Mr. Jones – simplesmente” desconcertaram Schomberg. Nunca lhe tinham falado assim na sua vida. Sacudiu a cabeça em silêncio e saiu, não precisamente atemorizado (conquanto fosse de natureza tímida sob o seu exterior varonil), mas positivamente mistificado e impressionado.

V

Três semanas depois, tendo guardado a caixa do dinheiro no cofre de ferro que ocupava um canto da alcova, Schomberg virou-se para a esposa, mas sem exatamente olhar para ela, e disse:

— Preciso livrar-me daqueles dois. Isto não dá certo!

Fora esta, desde o começo, a opinião da sra. Schomberg. Mas havia muitos anos que lhe tinham ensinado a guardar suas opiniões para si. Sentada, em camisa de dormir, à luz de uma vela única, teve o cuidado de não emitir o menor som, pois sabia por experiência que mesmo concordando provocaria a ira do marido. Seguia com os olhos a figura de Schomberg, que, de pijama, caminhava desassossegado pelo quarto.

Ele não voltava sequer os olhos na sua direção, A sra. Schomberg, no seu traje de noite, parecia o objeto mais sem, atrativos do mundo: mesquinha, insignificante, murcha, prostrada, velha, E o contraste com a forma feminina que lhe morava no espirito tornava ofensiva ao seu senso estético a aparência da esposa,

Schomberg caminhava praguejando e bufando, com o fim de remontar a sua coragem.

Diabos me levem se eu não devia ir agora mesmo ao quarto dele e mandá-los retirar, ele e o tal de secretário, amanhã cedo. Não me importam as rodas de baralho, mas fazer da minha table d'hôte um chamariz... chega a me ferver o sangue! Ele veio para cá porque algum velhaco em Manila lhe disse que eu tinha mesa comum.

Dizia estas coisas, não para Informar a sra. Schomberg, mas pensando simplesmente em voz alta e tratando de se enfurecer ate ganhar ânimo para enfrentar “Mr. Jones-simplesmente”.

— Trapaceiro descarado, impostor, caloteiro! prosseguiu. — Estou quase resolvido a...

Estava fora de si, à maneira teutônica, que é sombria e penada, tão diversa da fúria viva e pitoresca da raça latina. E embora os seus olhos vagueassem indecisos, as suas feições intumescidas e coléricas despertaram na infeliz a quem ele havia tiranizado durante anos um temor pela sua preciosa carcaça, pois a pobre criatura não tinha outra coisa a que se agarrar neste mundo. Conhecia-o bem, mas não o conhecia a fundo. A última coisa que uma mulher consentirá em descobrir no homem a quem ama, ou do qual depende, é a falta de coragem, Tímida no seu canto, aventurou-se a dizer com ansiedade:

— Tem cuidado, Wilhelm! Lembra-te das facas e revolveres que eles têm nas malas.

À guisa de agradecimento por esta solícita advertência ele proferiu uma praga horrível na direção da mulher encolhida. Naquele pobre traje de dormir, e descalça, lembrava uma penitente da Idade Média a quem estivessem reprovando seus pecados em termos blasfematórios. Aquelas armas mortais não saíam da cabeça de Schomberg. Não as tinha visto pessoalmente. O seu papel, dez dias após a chegada dos hóspedes, fora vaguear pela varanda com ares másculos e negligentes — montando guarda — enquanto a sra. Schomberg, munida de um molho de chaves sortidas, os dentes lívidos a bater como castanholas e os olhos protuberantes completamente idiotizados de terror, “passava revista” à bagagem dos estranhos hóspedes. Fora o seu terrível Wilhelm que insistira nisto.

— Eu fico de sentinela, já te disse. Darei um assobio quando os vir voltar. Tu não sabes assobiar. E se ele te pillasse em flagrante e te pusesse fora do quarto a cachações não te machucaria muito. Mas não é capaz de tocar numa mulher. Que esperança! Ele mesmo me disse. Animal pedante! Preciso descobrir mais alguma coisa desta história. Vai! Vai agora! Acelerado, marche!

Era uma terrível incumbência. Não obstante, ela foi, pois tinha muito mais medo de Schomberg que das possíveis consequências do ato. Seu maior receio era que nenhuma das chaves servisse. Que decepção para Wilhelm! Verificou, contudo, que tinham deixado as malas abertas. Mas não foi longa a pesquisa. Tinha medo de armas de fogo, e em geral de todas as armas, não propriamente por covardia mas, como sucede com algumas mulheres, quase por superstição, por um horror abstrato à violência e ao crime. Tornou a sair para a varanda muito antes que Wilhelm tivesse ocasião de soltar o seu assobio. Sendo o medo instintivo e imotivado o mais difícil de vencer, não houve nada que a fizesse tornar ao quarto, nem rugidos ameaçadores nem silvos ferozes, nem mesmo um ou dois cutucões nas costelas.

— Fêmea estúpida! — resmungou o hoteleiro, perturbado pela ideia daquele arsenal num dos seus quartos. Não se tratava de um sentimento abstrato; nele, era constitucional. — Desaparece da minha vista! — rosnou. — Vai vestir-te para o almoço!

Ficando só, Schomberg refletira. Que diabo significava aquilo? O trabalho do seu cérebro era lento e espasmódico. Mas de súbito viu luz.

— Por Deus, são bandidos! — pensou.

Nesse instante avistou “Mr. Jones” e seu secretário, que usava o nome

ambíguo de Ricardo. Vinham entrando no recinto do hotel, de volta do porto, onde tinham ido tratar de algum negócio. O esguio Mr. Jones abria regularmente as longas pernas, como um compasso, e o outro caminhava-lhe ao lado, a passos vivos. A convicção firmou-se no espírito de Schomberg. Eram efetivamente dois bandidos, não restava a menor dúvida. Mas, como o seu terror era apenas uma sensação de ordem geral, teve tempo de assumir os seus ares mais severos de tenente da reserva muito antes de lhe haverem, os dois homens chegado ao pé.

— Bom dia, cavalheiros.

A civilidade irônica da resposta confirmou-o na sua convicção. A maneira como Mr. Jones voltava para a gente os seus olhos encovados, como um espectro indiferente, e o modo como o outro repuxava os lábios quando lhe falavam, mostrando os dentes e sem olhar para o interlocutor — eis aí provas suficientes para decidir a questão. Bandidos! Passaram pela sala de bilhar, misteriosos e inescrutáveis, dirigindo-se para o seu quarto nos fundos da casa, onde os esperavam as suas malas violadas.

— A campainha do almoço vai tocar dentro de cinco minutos, cavalheiros — gritou-lhes Schomberg, exagerando a masculinidade da voz.

Pusera-se num estado de agitação intensa. Esperava vê-los voltar furiosos e maltratá-lo com odiosa sem-cerimônia. Bandidos! Contudo, não voltaram; nada de novo haviam notado nas malas. Schomberg recobrou a compostura e disse consigo que tinha de se livrar desse incubo logo que fosse possível. Não haviam de querer ficar muito tempo. Não era esta a cidade — a colônia — mais indicada para aventureiros criminosos. Schomberg recuava diante da ação. Temia toda espécie de desordem (“baderna”, conforme sua expressão) no seu hotel. Essas coisas prejudicavam o negocio. Está visto que às vezes tinha de haver “baderna”. Mas fora relativamente fácil agatanhar pelas costelas o frágil Zangiacomo — cujos ossos não eram maiores que os duma galinha — erguê-lo no ar, jogá-lo ao chão e cair em cima dele. O desgraçado jazera sem movimento, sepultado sob as suas barbas roxas.

Subitamente, recordando o motivo daquela “baderna”, Schomberg gemeu dolorosamente como se lhe tivessem encostado um carvão ardente à boca do estômago, e abandonou-se ao desespero. Ah, se tivesse aquela garota consigo, havia de ser o senhor, resoluto, destemido: lutaria com vinte bandidos, não faria caso de ninguém! A posse da sra. Schomberg, em contraposição, não era estímulo para o exercício das virtudes viris. Ao invés de não fazer caso de ninguém, não fazia caso de nada. A vida era uma farsa sem sentido; não ia arriscar-se a levar uma bala nos pulmões ou no fígado só para conservar sua integridade moral. Não tinha graça,

com o demônio!

Nesse estado de decomposição moral Schomberg, mestre que era na arte do hoteleiro, e cioso de não dar motivo para críticas às potestades que regem esse ramo de atividade humana, deixou que os acontecimentos seguissem o seu curso natural — conquanto percebesse muito bem para onde tendia esse curso. A coisa começou com uma partida ou duas após o jantar (por bebida, aparentemente) com algum freguês que se demorasse no hotel, numa das mesinhas encostadas à parede da sala de bilhar. Schomberg compreendeu logo a significação daquilo. Era isso o que eles eram! Caminhando desassossegado de um lado para o outro (já tinha entrado então no seu período de silêncio soturno), deitava olhares de esguelha à mesa dos jogadores. Mas não dizia nada. Não valia a pena armar contenda com homens tão arrogantes. Mesmo quando começou a aparecer dinheiro nessas partidas de sobremesa, que atraíam um número cada vez maior de pessoas, absteve-se de tocar no assunto. Não desejava chamar indevidamente a atenção de “Mr. Jones-simplesmente” e do equívoco Ricardo sobre a sua pessoa. Uma noite, contudo, depois que as salas públicas do hotel ficaram vazias, Schomberg fez uma tentativa para atacar o problema por vias indiretas.

Num canto distante, o garçom chinês fatigado cochilava de cócoras, encostado à parede. Aí, Schomberg tinha desaparecido, como costumava fazer entre as dez e as onze horas. Schomberg passeava devagar, da sala para a varanda e vice-versa, pensativo, esperando que os dois hóspedes se recolhessem. Mas de repente chegou-se para eles, militarmente, o peito saliente, a voz brusca e marcial.

— Uma noite quente, senhores.

Mr. Jones, ociosamente refestelado numa cadeira, ergueu os olhos. Ricardo, igualmente ocioso porém mais teso, ficou impassível.

— Não querem tomar um cálice comigo antes de se recolherem? — continuou. Schomberg, sentando-se junto da mesinha.

— Aceito — disse Mr. Jones com indolência.

Ricardo mostrou os dentes num largo sorriso, rápido, estranho. Schomberg sentiu dolorosamente a dificuldade do entrar em contato com aqueles homens, ambos tão sossegados, tão senhores de si, de tão ameaçadora sem-cerimônia. Mandou o chinês trazer a bebida. Seu intuito era descobrir quanto tempo os hóspedes tencionavam ficar no hotel. Ricardo não se mostrava muito disposto a palestrar, mas Mr. Jones parecia bastante comunicativo naquela noite. Sua voz casava-se, de certo modo, com os seus olhos encovados. Era cava sem ser em absoluto lúgubre. Parecia distante, desinteressada, como se ele falasse do fundo de

um poço. Schomberg soube que teria a honra de hospedar os dois cavalheiros pelo espaço de um mês ainda, no mínimo. Não pôde ocultar a sua consternação ante esta notícia.

— Que é isto? Você não gosta de ter gente em casa?

— perguntou Mr. Jones em voz lânguida. — Eu teria suposto que nada podia ser mais agradável a um hoteleiro.

Alçou as sobranceiras finas e primorosamente desenhadas a craião.

Schomberg murmurou umas frases indistintas em que declarava enfadonha a localidade, e de pouco interesse para viajantes... não acontecia absolutamente nada... sossegado demais. Mas, por todo resultado, obteve a resposta de que o sossego também tinha o seu encanto às vezes, e até o tédio era bem-vindo, para variar um pouco.

— Não tivemos tempo de nos enfasiar nestes últimos três anos — ajuntou Mr. Jones fixando um olhar tenebroso em Schomberg, a quem convidou para tomar um segundo trago, desta vez à sua custa, e recomendou que não se inquietasse com coisas que não compreendia, e principalmente não fosse inospitaleiro, o que não se coadunava com a sua profissão.

— Coisas que não compreendo — resmungou Schomberg. — Ah, mas eu compreendo perfeitamente. Eu...

— Você está assustado — atalhou Mr. Jones. — Que há, afinal?

— Não quero escândalos na minha casa, aí está.

Schomberg tratava de enfrentar a situação com bravura, mas aquela mirada fixa e sombria o deixava nervoso. Quando desviou os olhos contrafeito viu o sorriso careteante de Ricardo, que punha à mostra uma porção de dentes, embora o homem parecesse a todas essas absorto nos seus pensamentos.

— E demais — prosseguiu Mr. Jones no mesmo tom distante, — você não tem saída senão se conformar. Aqui estamos, e aqui ficamos. Pretende pôr-nos na rua? Reconheço que a coisa é possível, mas não havia de fazê-lo sem perigo para a sua integridade física... sem grande perigo. Acho que podemos prometer-lhe isto, não é, Martin?

O secretário contraiu os lábios e ergueu os olhos ardentes para Schomberg, como se estivesse ansioso por saltar sobre ele com unhas e dentes.

Schomberg conseguiu, arrancar do peito uma profunda risada.

— Ah! Ah! Ah!

— Com ar fatigado, Mr. Jones cerrou os olhos, como se a luz lhe fizesse mal, e por um instante se pareceu de maneira notável com um cadáver. Isto já era

bastante assustador; mas quando ele tornou a abri-los, a prova de nervos foi ainda pior para Schomberg. Aespectral intensidade daquele olhar fito no hoteleiro e (o que era positivamente aterrador), sem nenhuma expressão definida, pareceu dissolver o último resquício de resolução no seu peito. Você não julga decerto que está tratando com gente comum, hein? — inquiriu Mr. Jones naquele tom sem vida, que parecia implicar uma espécie de ameaça vinda de além-túmulo.

— Ele é um cavalheiro — testificou Martin Ricardo estalando subitamente os beijos, após o que o seu bigode mexeu-se por si mesmo de um modo singular, que tinha muito de felino.

— Oh, eu não me referia a isso — tornou Mr. Jones enquanto Schomberg, mudo e pesadamente plantado na sua cadeira, olhava de um para o outro, inclinando um pouco o busto para a frente. — Está claro que sou um cavalheiro; mas Ricardo dá demasiada importância a essas prerrogativas sociais. O que quero dizer, por exemplo, é que ele, tranquilo e inofensivo como o vê aí, não faria o menor escrúpulo do atear fogo ao seu hotel. Esta casa de madeira arderia como uma caixa de fósforos. Reflita nisso! Não havia de favorecer muito os seus negócios, hein?... não importa o que nos viesse a acontecer.

— Ora, ora, meus senhores — admoestou Schomberg num murmúrio. — Isto são falas doidas.

— E você está acostumado a lidar com gente cordata, não é? Mas nós não somos cordatos. Uma ocasião mantivemos toda uma cidade furiosa encurralada durante dois dias, o acabamos por ir embora com a presa. Foi na Venezuela. Pergunte aí ao Martin. Ele lhe contará.

Instintivamente Schomberg olhou para Ricardo, que se contentou em passar a ponta da língua pelos beijos com uma espécie de gozo selvagem, mas não só dispôs a falar.

— Bem, talvez a história seja um tanto comprida — reconheceu Mr. Jones depois de um breve silêncio.

— Eu é que não tenho desejo nenhum de ouvir essa história — disse Schomberg. — Isto não é a Venezuela. Os senhores não podiam escapar assim tão facilmente. Mas tudo isso é conversa fiada, e da pior espécie. Quer dizer então que seria capaz de cometer um crime por causa de meia dúzia de florins? Que o senhor e o outro... (considerando suspicazmente Ricardo, como quem olha para um animal estranho) e o outro cavalheiro ganham numa noite? Os meus fregueses não são uns ricaços que tragam os bolsos recheados de dinheiro. Admira-me que se deem tanto trabalho e se arrisquem tanto por tão pouca coisa.

Mr. Jones contestou o argumento de Schomberg declarando que se devia fazer alguma coisa para matar o tempo. Matar o tempo não era crime. Quanto ao mais, sentindo-se de veia comunicativa, Mr. Jones disse languidamente, e em voz indiferente, como que saída de uma sepultura, que só acreditava em si mesmo, como se o mundo fosse ainda uma selva imensa e sem lei. Martin era outro que tinha o mesmo pensar... por motivos pessoais.

Tudo isto ora confirmado por Ricardo com sorrisos breves e inumanos. Schomberg baixou os olhos, pois a vista dos dois homens o intimidava. Mas ia perdendo a paciência.

— Eu percebi desde logo, naturalmente, que os senhores eram dois tipos arrojados... qualquer coisa no gênero do que acaba de contar. Mas, e se eu lhes dissesse que sou quase tão arrojado como os senhores? “Esse Schomberg leva boa vida com o seu hotel”, é o que pensam por aí. Entretanto, se formos a isso, pouco se me daria que me estripar sem ou que metessem fogo nesta caranguejola. Aí está!

Ouviu-se um ligeiro assobio. Procedia de Ricardo, e era irrisório. Schomberg, respirando com força, pôs os olhos no chão. Na verdade, nada lhe importava. Mr. Jones, languidamente estirado na cadeira, continuava céptico. Fez um muxoxo.

— Você tem um negócio regular. É um homem sossegado. Tem... (uma pausa e depois, em tom de repugnância); — Tem uma esposa.

Schomberg bateu irado com o pé no chão e proferiu rindo uma praga.

— Para que me vêm lembrar essa peste? — gritou. — Quem me dera que a levassem consigo para o inferno! Eu não lhes correria atrás.

Este rompante inesperado teve singular efeito sobre Mr. Jones, que recuou horrorizado, arrastando consigo a cadeira, como se Schomberg lhe houvesse atirado uma víbora ao rosto.

— Que diabo de asneira é esta? — resmungou em voz rouca. — Que quer você dizer? Como se atreve?

Ricardo riu audivelmente.

— Digo-lhes que estou por conta — repetiu Schomberg. — Pouco me importa o que venha a acontecer-me!

— Bem, então — começou Mr. Jones em tom serenamente ameaçador, como se as palavras comuns de uso diário tivessem para o seu espírito algum outro sentido mortal, — então por que essa atitude desagradável e ridícula conosco? Se, como diz, nada lhe importa, podia dar-nos a chave desse seu barração onde tocam música, para jogarmos mais à vontade. Banca pequena: uma dúzia de velas mais ou menos. Os seus fregueses haviam de apreciar imenso, a julgar pelo modo como os vi

apostar na partida de écarté que joguei com aquele homem louro, com cara de menino... como se chama ele? O que lhes faz falta é um jogo de banca, com paradas modestas. Além disso, temo que aí o Martin leve a mal se você se apuser; mas naturalmente não o fará. Pense no consumo de bebidas!

Schomberg ergueu afinal os olhos e enfrentou as duas chamas nas negras cavernas que se abriam sob as sobranceiras satânicas de Mr. Jones, e que se fixavam nele com expressão impenetrável. Estremeceu, como se naquelas grutas se ocultassem horrores ainda mais tétricos do que o crime, e disse indicando Ricardo com um aceno de cabeça:

— Calculo que ele não hesitaria em me passar a faca, se contasse com a sua ajuda! Antes eu tivesse metido a minha lancha a pique e fosse ao fundo com ela, do que abordar o vapor em que vieram os dois! Bem, enfim havia já semanas que eu andava no inferno, e os senhores não fazem grande diferença. Vou ceder-lhes o salão de concertos... e para o diabo as consequências! Mas que dizem do boy que trabalha de noite? Se ele vir correr dinheiro vai dar com a língua nos dentes, e toda a cidade ficará logo sabendo.

Os lábios de Mr. Jones encrespam-se num sorriso sinistro.

— Ah, percebo que você não quer fazer sensação. Muito bem. É assim que se faz. Não se inquiete com isso. Toque todos os chins para a cama bem cedo, o nós traremos Pedro para cá todas as noites. Ele não tem boa figura para garçom, mas sempre serve para carregar as bandejas enquanto você fica aqui sentado das nove às onze, despachando as bebidas e metendo dinheiro na gaveta.

— Serão três agora — pensou o infeliz Schomberg.

Mas em todo caso Pedro era um simples bruto escorreito, embora perigoso. Nada havia nele de misterioso, de sobre natural, nada que sugerisse um gato do mato, furtivo e decidido, ou um espectro insolente saído do Hades e revestido de pele e ossos e um poder sutil de aterrorizar. Pedro, com as suas presas, a sua barba emaranhada e a esquisita mirada dos seus olhinhos de urso era, em confronto, deliciosamente natural. Além disso, Schomberg já não tinha como se opor.

— Está bem — consentiu ele lamentavelmente. — Mas saibam os senhores que se tivessem aparecido aqui há três meses... menos de três meses... teriam encontrado um homem muito diferente daquele que lhes fala agora. É a verdade. Que me dizem a isto?

— Não sei bem o que pensar. Quer me parecer que é mentira. Provavelmente você não era menos cordato há três meses do que hoje. Nasceu cordato, como a maioria das pessoas neste mundo.

Mr. Jones levantou-se espectralmente da cadeira, e Ricardo imitou-o, rosnando e estirando os membros. Schomberg, profundamente absorto nos seus pensamentos, continuou como se falasse a si mesmo:

— Havia lá uma orquestra... dezoito mulheres.

Mr. Jones soltou uma exclamação consternada e correu os olhos ao derredor de si como se as paredes da sala, e a casa inteira, estivessem contaminadas da peste. Ficou então muito irado, e amaldiçoou Schomberg violentamente por se atrever a tocar em tais assuntos. A surpresa do hoteleiro pregou-o à sua cadeira. Contemplava pasmado a cólera de Mr. Jones, que nada tinha de espectral mas não era por isso mais compreensível.

— Que é que há? — gaguejou ele. — Que assunto? Não me ouviu dizer que se tratava de uma orquestra? Não há mal nenhum nisso. Sim, entre elas havia uma garota... — O olhar de Schomberg tornou-se fixo. Juntou as mãos diante do peito, com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos. — Que garota! Cordato, eu? Por ela, seria capaz de quebrar tudo aqui a pontapé. E ela, naturalmente... eu estou no vigor dos anos... Depois veio um sujeito e a enfeitiçou... Um vagabundo, um bruto refalsado, mentiroso, velhaco, sorrateiro, sem escrúpulos. Ah!

Seus dedos entrelaçados estalaram quando ele separou as mãos num gesto violento, atirou os braços para a frente e descansou a testa sobre eles, abandonando-se à sua fúria arrebatada. Os outros dois olhavam-lhe para as costas convulsos: Mr. Jones, mais calmo, com desprezo e uma espécie de medo, Ricardo com a expressão de um gato que contempla uma posta de peixe na dispensa, fora do seu alcance. Schomberg atirou o tronco para trás. Tinha os olhos secos, mas o seu pomo de Adão subia e descia como se ele tragasse soluços.

— Não admira que façam de mim gato-sapato. Não Imaginam... Deixem-me ao menos contar os meus aborrecimentos...

— Não quero saber dos seus malditos aborrecimentos — atalhou Mr. Jones, na sua voz mais positiva e sem vida.

Tinha estendido uma mão para lhe impor silêncio. Schomberg ficou boquiaberto, e ele retirou-se da sala com suas longas e extraordinárias passadas. Ricardo seguiu-lhe nos calcanhares; mas olhou para trás e mostrou os dentes a Schomberg.

VI

Datavam dessa noite os fenômenos misteriosos mas significativos que casualmente haviam chamado a atenção do Capitão Davidson quando este veio, plácido mas astuto, devolver o chale indiano da sra. Schomberg. E, circunstância singular, prolongaram-se por um tempo considerável. Isto parecia indicar honestidade, ou pouca sorte, ou bem um extraordinário comedimento por parte de Mr. Jones & Cia. em suas discretas operações com o baralho.

O salão de concertos de Schomberg formava um espetáculo curioso, atravancado que estava numa das extremidades por grandes pilhas de cadeiras amontoadas em cima e em derredor do estrado da orquestra, e iluminado na outra por duas dúzias de velas dispostas em volta de uma longa mesa formada de cavaletes e coberta com um pano verde. No meio da mesa Mr. Jones, emaciado espectro transformado em banqueiro, fazia face a Ricardo, um gato de movimentos vagarosos, algo sinistro, transformado em croupier. As outras fisionomias em redor da mesa, que se contavam entre vinte e trinta, deviam parecer por contraste espécimes de humanidade ingênua e indefesa, tocantes na sua espreita dos pequenos lances de sorte, que para elas podiam na verdade ter grande importância. Não punham atenção no cabeludo Pedro, que carregava a bandeja com os modos desajeitados de um animal apanhado no mato e ao qual se houvesse ensinado a caminhar sobre as patas traseiras.

Quanto a Schomberg, mantinha-se à distância. Ficava na sala de bilhar, entregando as bebidas ao incrível Pedro, com o ar de não ver o monstro rosnador, de não saber para onde iam os copos e garrafas, de ignorar que houvesse um salão de orquestra entre as árvores, a cinquenta metros do hotel. Conformava-se à situação com um estoicismo desalentado, composto de medo e de resignação. Assim que os jogadores se retiravam (ele via os vultos escuros escoarem-se pelo portão, isolados ou em grupos), ia meter-se num lugar onde não pudesse ser visto, atrás de uma porta entrecerrada, para não encontrar os dois extraordinários hóspedes. Mas espiava pela fresta da porta as duas figuras tão dessemelhantes, quando estas passavam pela sala de bilhar o desapareciam a caminho dos seus quartos. Ouvia então batidas de portas em cima, e um silêncio profundo caía sobre a casa inteira, sobre o seu hotel expropriado, infestado por esses insolentes que tinham um arsenal completo nas suas malas. Silêncio profundo. Às vezes Schomberg deixava-se tomar pela impressão de que estava sonhando. Sacudido de tremores, cobrava ânimo e saía do seu esconderijo com movimentos cautelosos que contrastavam

singularmente com a sua atitude de tenente da reserva, pela qual tratava de impor-se ao respeito do mundo.

Pesava sobre ele uma grande solidão. Apagava as luzes uma após outra e dirigia-se de mansinho para a alcova, onde o esperava a sra. Schomberg — imprestável companheira para um homem com as suas qualidades, e ademais “no vigor dos anos”. Mas aí! essa radiante madureza estiolava-se inútil. Nunca o sentia com mais intensidade do que quando, ao abrir a porta do quarto, punha os olhos naquela mulher pacientemente sentada numa cadeira, com os dedos dos pés a espiar sob a orela do camisão, os cabelos pasmosamente raros escorrendo pela longa nuca, onde as vértebras formavam serra, e com aquele eterno sorriso amedrontado que punha à mostra um dente azulado e não exprimia coisa alguma — nem sequer medo, pois ela se acostumara ao marido.

Às vezes ele sentia a tentação de desaparafusar aquela cabeça. Imaginava-se a fazê-lo — um movimento rotativo, com uma só mão. Não o pensava a sério, naturalmente simples vazão dos seus sentimentos exasperados. Era incapaz de matar, disto tinha certeza. E, recordando de súbito as falas francas de Mr. Jones, refletia: “Suponho que eu seja com efeito demasiado cordato para isso” — em perfeita inconsciência de ter assassinado moralmente a mulher, anos atrás. Sua inteligência era muito acanhada para que pudesse ter noção de tal crime. A presença corporal da sra. Schomberg era altamente ofensiva, em virtude do contraste com uma imagem feminina bem diversa. E era inútil procurar desembaraçar-se dela. Era um hábito de muitos anos, e ele não tinha nada para por no seu lugar. Em todo caso, podia falar a essa idiota até de madrugada, se lhe aprouvesse.

Nessa noite tinha palrado diante dela sobre a sua intenção de enfrentar os dois hóspedes e, em lugar da inspiração que necessitava, não recebera mais que a advertência habitual: “Tem cuidado, Wilhelm”. Não precisava que uma fêmea imbecil lhe viesse recomendar cuidado. O de que precisava eram dois braços femininos que, cingindo-lhe o pescoço, lhe dessem a coragem suficiente para o encontro. Inspirá-lo, eis como denominava isto no seu íntimo.

Ficou muito tempo acordado. As madornas, quando vieram, foram breves e insatisfatórias. A luz matinal não lhe trouxe alegria para os olhos. Escutou sorumbático os rumores no interior da casa. Os chineses abriam de par em par as portas das salas públicas que davam para a varanda. Horrível! Mais um dia envenenado que teria de atravessar como melhor pudesse. A lembrança da sua resolução fê-lo por um momento sentir-se mal. Em primeiro lugar, as atitudes

fidalgas e abandonadas de Mr. Jones o desconcertavam. Depois, o seu silêncio desdenhoso. Mr. Jones nunca falava de assuntos gerais a Schomberg, nunca descerrava os lábios senão para lhe dizer “Bom dia” — duas palavras simples que, na boca daquele homem, afiguravam-se uma zombaria ameaçadora. E, finalmente, não era um mero temor físico que ele lhe causava (pois, no tocante a isto, até um rato encurralado se defende) mas um terror supersticioso, encolhido, uma espécie de repugnância invencível a procurar conversa com um espectro malfazejo. O fato de ser ele um espectro diurno, de atitudes surpreendentemente angulosas, e estendido a maior parte do tempo sobre três cadeiras em linha, não tornava mais fácil a empresa. A luz do dia não fazia senão tornar a aparição mais fantástica, mais perturbadora e maléfica. Circunstância singular: de noite, quando ele deixava a sua muda horizontalmente, o seu aspecto extraterreno não chamava tanto a atenção. À mesa de jogo, quando o homem manuseava as cartas, esse aspecto desaparecia provavelmente. Mas Schomberg, tendo resolvido não tomar conhecimento do que se passava, à maneira do avestruz, jamais entrava no salão profanado. Nunca, tinha observado Mr. Jones no exercício da sua profissão (ou talvez fosse simples ofício?).

— Falarei com ele esta noite — disse Schomberg consigo enquanto sorvia o chá matinal, de pijama na varanda, antes que o sol nascente topetasse com as árvores do pátio. O orvalho prateado ainda recobria a relva, cintilava nas flores do canteiro central e dava uma tonalidade escura ao cascalho da alameda. — É o que vou fazer. Esta noite não me esconderei. Hei de apanhá-lo quando ele passar para o quarto com a caixa do dinheiro.

— Em fim de contas, que era o sujeito senão um aventureiro vulgar? Perigoso? sim, bastante perigoso, talvez... Schomberg sentiu uma contração espasmódica dos músculos do ventre sob o tecido fino do pijama. Mas mesmo um bandido teria pensado duas vezes, ou melhor, uma centena de vezes, antes de assassinar abertamente um cidadão inofensivo numa cidade civilizada e sob a proteção das autoridades europeias. Sacudiu os ombros. Claro! Estremeceu outra vez e voltou ao seu quarto para se vestir. Havia tomado a sua resolução e não pensaria mais nisso. Tinha, contudo, as suas dúvidas, que foram crescendo e expandindo-se com o decorrer do dia, como fazem certas plantas. Em dados momentos aumentavam-lhe a transpiração, e não o deixaram sestar. Após virar-se mais de uma dúzia de vezes na cama ele renunciou a essa ilusão de repouso, levantou-se e desceu.

Era entre três e quatro horas, o instante de paz profunda. Às próprias flores

pareciam dormir nas suas hastes, de onde pendiam as folhas sonolentas. O mesmo ar estava imóvel, pois a brisa do mar só viria mais tarde. Os criados estavam invisíveis, desfrutando sonecas na sombra, para os fundos da casa. A sra. Schomberg, num quarto escuro de cima, com as persianas fechadas, arranjava aqueles dois compridos cachos que formavam parte tão conspícua do seu toucado da tarde. Àquela hora nenhum freguês perturbava o descanso do hotel. Schomberg, que vagueava muito só pela casa, recuou diante da porta da sala de bilhar como se tivesse visto uma cobra no seu caminho. Sozinho com as mesas de bilhar, as mesinhas nuas e uma porção de cadeiras vazias, o secretário Ricardo estava sentado junto à parede, aparentemente a executar, com extraordinária rapidez, habilidades com o seu baralho particular, que carregava sempre no bolso. Se ele não voltasse a cabeça Schomberg ter-se-ia afastado sem fazer ruído. Já que fora visto, porém, o hoteleiro preferiu entrar como a menos arriscada das alternativas. A consciência da sua íntima, abjeção ante esse homens sempre, fazia Schomberg enfunar o peito e tomar uma expressão severa. Ricardo, segurando o baralho com ambas as mãos, observou-o enquanto se aproximava.

— Deseja alguma coisa, talvez? — insinuou Schomberg na sua voz de tenente da reserva.

Ricardo abanou a cabeça sem dizer nada e pareceu ficar à espera de alguma coisa. Com ele, Schomberg trocava pelo menos vinte palavras todos os dias. Era muitíssimo mais comunicativo do que o seu patrão. Às vezes afigurava-se um ser humano comum, dentro da sua classe. Neste momento parecia disposto a mostrar-se amável. De repente espalhou dez cartas em leque, com as costas para cima, e estendendo-as bruscamente a Schomberg:

— Vamos, homem, tire uma depressa!

Schomberg ficou tão surpreendido que tirou uma carta precipitadamente, depois de estremecer por forma bem visível. Os olhos de Martin Ricardo fosforeavam na penumbra da sala, que as persianas abrigavam do calor e da luz crua dos trópicos.

— É um rei de copas que você tem aí — disse ele com um riso gutural, mostrando os dentes num lampejo momentâneo.

Schomberg olhou para a carta, admitiu que era o rei de copas e largou-a sobre a mesa.

— Nove vezes sobre dez, consigo fazer uma pessoa tirar a carta que eu quero — exultou o secretário com uma singular crispação dos lábios e um reflexo verde nos olhos alçados.

Schomberg considerou-o em silêncio. Pelo espaço de alguns segundos nenhum deles se moveu. Por fim Ricardo baixou os olhos e, abrindo as mãos, deixou o baralho cair na mesa. Schomberg se sentou. Apenas por sentir as pernas frouxas. Tinha a boca seca. Como se sentou, achou-se na obrigação de falar. Perfilou os ombros, como numa parada.

— Você é muito hábil nessas coisas — disse.

— A prática faz a perfeição — respondeu o secretário.

Sua precária amabilidade impossibilitava Schomberg de se retirar. E deste modo, em razão da sua própria timidez, o hoteleiro viu-se empenhado numa palestra que, só em pensar nela, o enchia de apreensão. Schomberg, justa-lhe seja feita, dissimulava o seu medo de forma assaz convincente. Muito serviço-lhe prestava o hábito de enfunar o peito e falar em tom severo. Também no seu caso, a prática fazia a perfeição; teria provavelmente conservado essa atitude até o fim, até o derradeiro momento, o instante do Colapso total que o poria de rastos no chão. Além disso — circunstância que ainda mais agravava a sua perturbação secreta — não sabia o que dizer. Só encontrou isto:

— Suponho que tenha amor às cartas.

— Que é que você esperava? — perguntou Ricardo filosoficamente. — Podia deixar de ter? — E, com súbito ardor: — Amor às cartas? Sim, verdadeira paixão!

O efeito desta efusão era acrescido pelas pálpebras modestamente baixadas, por uma pausa cheia de reserva, como se aquilo fosse a confissão de um amor de outra espécie. Schomberg torturou o cérebro em busca de outro assunto, mas nada encontrou. Os habituais mexericos escandalosos não teriam cabimento. Esse jogador não conhecia ninguém em mil milhas à roda. Schomberg viu-se quase forçado a continuar no mesmo tópico.

— Suponho que tenha sido sempre assim... desde mocinho.

Os olhos de Ricardo continuavam postos no chão. Seus dedos brincavam distraídos com as cartas espalhadas sobre a mesa.

— Não sei se foi desde tão cedo. Comecei a jogar por fumo... a bordo, bem sabe, no castelo de proa... jogos de marinhaio. Costumávamos passar quartos de ronda inteiros a jogar, em roda de um caixote, debaixo de uma candeia de sebo. Mal tínhamos tempo para morder um naco de carne de cavalo salgada... Não comíamos nem dormíamos. Mal nos podíamos por em pé quando mudavam a ronda no convés. Aquilo é que era jogar! — Deixou o tom evocativo para informar: — Ando no mar desde menino, sabe?

Schomberg tinha mergulhado em cisma, sem contudo perder a consciência da calamidade que o ameaçava. As palavras que ouviu a seguir foram estas:

Dei-me muito bem no mar, por sinal. Cheguei a imediato de uma escuna... podia-se dizer um iate... com um beliche de primeira, no Golfo do México, um desses empregos camaradas que a gente só encontra uma vez na vida. Sim, eu era imediato desse navio quando deixei O mar para segui-lo.

Ricardo espichou o queixo indicando o quarto de cima. Schomberg, com o intelecto desagradavelmente despertado por esta lembrança da existência de Mr. Jones, concluiu que este se havia retirado para o quarto de dormir. Ricardo, que o observava sob as pálpebras descidas, prosseguiu:

— Deu a sorte de sermos companheiros de bordo.

— Refere-se à Mr. Jones? Ele também é marinheiro?

Isto fez Ricardo erguer as pálpebras.

— Ele não se chama Mr. Jones, nada — disse com evidente orgulho. — Ele, marinheiro! Isto mostra a sua ignorância. Mas é assim mesmo! Um estrangeiro não pode entender. Eu sou inglês, e conheço um gentleman à primeira vista. Havia de reconhecê-lo bêbado, na sarjeta, na cadeia, na forca. Tem qualquer coisa... não é propriamente a aparência, é um... não adianta procurar explicar-lhe. Você não é inglês; se o fosse não precisaria que lho dissessem.

Uma torrente de loquacidade, de que nada fazia suspeitar, rompera os diques no interior do homem, diluía-lhe o sangue ardente é amolentara-lhe a fibra implacável. Schomberg sentiu uma mescla de alívio e de receio, como se de repente um enorme gato bravo comesse a enroscar-se-lhe nas pernas com uma afeição inexplicável. Em tal conjuntura, nenhum homem prudente ousaria bulir. Schomberg não buliu.

Ricardo tomou uma postura negligente, encostando o cotovelo na mesa. O hoteleiro tornou a perfilar os ombros.

— Eu trabalhava naquele iate, escuna ou como quer que se chamasse, para dez cavalheiros ao mesmo tempo. Isto o surpreende, hein? Sim, dez. Pelo menos, nove deles eram cavalheiros passáveis, lá ao seu modo, e o décimo um cavalheiro consumado, e esse era...

Ricardo tornou a espetar o queixo para cima, o que dignificava: Ele! O único!

— Inconfundível! — prosseguiu. — Eu o adivinhei logo no primeiro dia. Como? Por quê? Bem pode perguntar. Eu não tinha encontrado muitos cavalheiros na minha vida. Bem, seja como for, percebi logo. Se você fosse inglês havia de...

— Que iate era esse? — interrompeu Schomberg com certa impaciência,

tanta quanto lhe permitia a sua timidez, pois esta insistência sobre a questão das nacionalidades mexia com os seus nervos já bastante postos à prova. — Qual era o jogo?

— Você sempre tem alguma coisa dentro dessa cabeça! Jogo! Isso mesmo! É o que aquilo era... uma dessas tolices que os cavalheiros inventam lá entre eles, para correr aventura. Cada um deles entrou com a sua parte, você compreende, para comprarem a escuna. Foi o agente desses senhores na cidade que contratou a mim e ao capitão. O maior segredo, e tal e coisa. Imagino que ele andasse rindo-se por dentro todo aquele tempo... nem resta dúvida. Mas isso não era da nossa conta. Que jogassem fora o seu dinheiro como bem entendessem! O pior é que muito pouco vinha parar nas nossas mãos. O salário justo, nada mais. E diabos levem os salários, grandes ou pequenos, se quer a minha opinião!

Seus olhos verdoengos pestanejaram à luz fosca. O calor parecia ter aquietado todas as coisas, exceto a sua voz. Praguejou livre e abundantemente, rosnando em surdina, não se poderia dizer por que. Depois acalmou-se, não menos inexplicavelmente, e prosseguiu, como um marinheiro que desfia uma história.

— No começo eram só nove os senhores aventureiros. Depois, um ou dois dias antes da data marcada para partirmos, chegou ele. Tinha ouvido falar na coisa, não sei como. Eu diria que foi alguma mulher que lhe contou, se não o conhecesse como o conheço. Ele fuge dez milhas de qualquer mulher. Não as tolera. Ou talvez tivesse sido em alguma tasca. Ou então em algum daqueles clubes de luxo de Pall Mall. Em todo caso, o agente o incluiu prontamente na transação: pagamento à vista e vinte e quatro horas para se aprontar, nem um minuto mais. Mas ele não perdeu o navio. Pois sim! Uma corrida de última hora, pode-se dizer... para um cavalheiro. Eu o vi chegar. Conhece as Docas das Índias Ocidentais, hein?

Schomberg não as conhecia. Ricardo considerou-o algum tempo pensativamente e depois prosseguiu, como se não houvesse remédio para tal ignorância.

— O nosso rebocador já estava encostado. Dois desocupados vinham atrás dele, trazendo as suas coisas. Mandeí o pessoal do cais segurar as nossas amarras um minuto mais. Já tínhamos recolhido a prancha, mas para ele foi uma brincadeira. Num pulo só, atirou aquelas pernas compridas por cima da amurada e assentou pé no convés. Passaram para cima as suas malas (bonitas malas!) e ele meteu a mão no bolso da calça e jogou no cais, para os tais carregadores, todo o troco miúdo que tinha. Quando largamos, ainda estavam os dois de quatro pés pelo cais. Foi só então que ele olhou para mim — calmamente, você sabe, devagar. Não era tão magro

como agora, mas notei que era mais velho do que parecia — bem mais velho. O homem pareceu tocar em alguma coisa aqui dentro. Afastei-me depressa dali. Aliás, precisavam de mim na proa. Não foi por medo. Do que teria medo? Apenas me senti tocado, tocado na fibra. Mas por Judas, se alguém me tivesse dito que nós seríamos companheiros antes do fim daquele ano... nem sei o que pensaria.

Proferiu uma porção de pragas estranhas e variadas, algumas delas comuns, outras singularmente horríveis para o ouvido de Schomberg, e todas elas simples interjeições inocentes provocadas pelas mudanças e vicissitudes da humana fortuna. Schomberg mexia-se um pouco na sua cadeira. Mas o admirador de “Mr. Jones-simplesmente” parecia ter esquecido o hoteleiro de momento. A torrente de blasfêmias ingênuas (algumas delas em mau espanhol) havia estancado e Martin Ricardo, entendido em cavalheiros, ficou mudo, com os olhos parados, como a maravilhar-se interiormente das incidências, conjunções e associações de acontecimentos que dirigem as peregrinações do homem sobre a face deste planeta.

Afinal Schomberg arriscou:

— De modo que o... esse cavalheiro lá em cima o persuadiu a deixar o seu emprego?

Ricardo teve um arranco.

— Persuadir! Não era preciso. Fez-me um sinal, e foi bastante. Já então estávamos no Golfo do México. Uma noite tínhamos lançado a âncora, perto de um banco de areia posto a seco (até hoje não sei onde era), ao largo da Colômbia ou por ali assim. Na manhã do dia seguinte íamos começar as escavações e toda a equipagem fora deitar cedo, preparando-se para trabalhar rijo com as pás. Ele chega-se a mim e, com aquele seu jeito de falar calmo e cansado (pode-se conhecer um cavalheiro por isso, quase tão bem como por outros sinais), chega-se a mim pelas costas e diz, assim mesmo, ao ouvido:

“ — Então, que acha você desta caça ao tesouro?

“Eu nem voltei a cabeça. Fiquei exatamente como estava e respondi, na mesma voz baixa:

“ — Se o senhor quer mesmo saber, parece-me uma rematada asneira.

“Nós tínhamos, naturalmente, conversado algumas vezes durante viagem. Meia dúzia de palavras apenas. Não duvido que ele tivesse lido na minha alma como num livro. Eu não tenho grandes qualidades, salvo que nunca fui manso, mesmo quando andava pelas ruas, dizendo piadas e pagando bebidas aos camaradas... sim, e até a estranhos. Via-os empinar um copo à minha custa, ou rebentar de riso com as minhas gracinhas... sei ser engraçado quando me dá na

veneta, pode crer!”

Uma pausa para a contemplação satisfeita da sua própria generosidade e veia cômica atalhou o fluxo verbal de Ricardo. Schomberg aplicava-se a manter nos devidos limites o tamanho dos seus olhos, que ele tinha a impressão de sentir crescer nas órbitas.

— Sim, sim — apressou-se a murmurar.

— Eu olhava para eles e pensava: “Vocês, meus amigos, não sabem quem eu sou. Se soubessem...!” Com as mulheres também. Certa ocasião eu namorava uma moça. Costumava dar-lhe beijos atrás da orelha, dizendo cá comigo: “Se tu soubesses quem te está beijando, minha querida, soltavas um grito e pisavas no mundo!” Ah, Ah! Não que eu quisesse fazer mal a elas, mas sentia em mim o poder de fazê-lo. Por exemplo, aqui estamos nós sentados como amigos, e tudo vai bem. Você não se atravessa no meu caminho. Mas eu não sou seu amigo. Não me importo com você, simplesmente. Outros também falam assim; mas eu não me importo mesmo. Você para mim não tem mais importância que aquela mosca ali. Igualzinho. Posso esmagá-lo ou deixá-lo em paz. Tanto faz uma coisa como a outra.

Se verdadeira força de caráter consiste em vencer as nossas fraquezas repentinas, Schomberg mostrou possuí-la em alto grau. À menção da mosca reforçou o seu ar de dignidade como quem torna a encher, com grande dispêndio de fôlego, um balão de borracha que se esvazia. A atitude familiar e indolente de Ricardo era, na verdade, aterradora.

— Pois é — continuou ele. — Sou um tipo assim. Você não teria imaginado, hein? Não. É preciso dizer-lhe. Por isso mesmo estou-lhe dizendo, e aposto como você não me acredita de todo. Mas não pode convencer-se de que estou bêbado, por mais que me espete os olhos. Não tomei hoje mais que um copo de água gelada. Para ler na alma de um homem é preciso ter fibra de cavalheiro. Sim, senhor: ele me adivinhou. Já lhe disse que nós tínhamos tido umas ligeiras palestras a bordo, sobre um assunto e outro. E eu o observava pela claraboia, a jogar cartas no salão com os seus companheiros. Afinal, tinham que matar o tempo de uma maneira ou doutra. Ele, do mesmo modo, me pilhou uma ocasião a jogar, e foi então que eu lhe disse gostar de cartas... e também que em geral era feliz no jogo. Sim, ele Já me havia tomado o pulso. Por que não? Um cavalheiro é igual a outro homem qualquer... e alguma coisa mais.

Veuio à mente de Schomberg a reflexão de que esses dois homens, na verdade, combinavam muito bem apesar da enorme diferença: duas almas idênticas sob disfarces distintos.

— Diz ele a mim — começou Ricardo de novo a palrar: — “Estou com as malas prontas. Já é tempo de nos irmos daqui, Martin.”

“Era a primeira vez que ele me chamava Martin. Respondi:

“— Fala sério, meu senhor?

“— Você acreditou que eu andasse atrás do tal tesouro, por acaso? O que eu queria era raspar-me da Inglaterra na calada. A viagem me saiu bastante cara, mas consegui o que queria.

“Dei-lhe a entender logo que na sua companhia eu estava disposto a tudo, desde uma partida de pitch and toss até o homicídio premeditado.

“— Homicídio premeditado? — replica ele, com aquela sua calma. — Que diabo de coisa é essa? Em que é que você está falando? Às vezes, com efeito, uma pessoa morre quando se atravessa no caminho da gente, mas isso é legítima defesa, entendeu?

“Respondi que entendia. Depois disse que ia descer um instante à coberta, para meter algumas das minhas coisas numa mala de marinheiro que eu tinha. Nunca fui amigo de muita bagagem. Sempre segui a teoria de ter as mãos desembaraçadas quando andava no mar. Voltei e encontrei-o a caminhar de um lado para o outro no convés, como se estivesse tomando a fresca antes de ir deitar-se, conforme fazia todas as noites.

“— Pronto?

“— Sim, senhor.

“Nem olhou para mim. Tínhamos arreado um escaler na popa, desde que lançáramos a âncora, de tarde. Ele jogou a ponta do charuto por cima da amurada.

“— Você não conseguirá trazer o capitão aqui ao convés? — perguntou.

“Era essa a ordem que eu menos esperava dele. Fiquei um instante sem língua.

— Posso tentar — disse afinal.

“— Bem, então eu vou descer. Traga-o cá para cima e segure-o aqui até eu voltar. Preste atenção! Não o deixe descer enquanto eu não vier.

“Não resisti à tentação de lhe perguntar por que me pedia para acordar um homem que dormia, quando o melhor para nós seria que toda a gente de bordo continuasse ferrada no sono até nos afastarmos da escuna. Ele riu-se um pouco e disse que eu ainda não compreendia bem o negócio.

— Tome tento — ajuntou; — não o deixe ir embora enquanto não me vir subir de novo. — E, chegando o rosto ao meu: — Segure-o aqui a todo custo.

— Quer dizer? — pergunto eu.

“— A todo custo... para ele. Empregue todos os meios possíveis e impossíveis. Não quero ser interrompido no meu serviço lá em baixo. Ele me daria muito que fazer. Escolhi você como companheiro para me poupar trabalho em várias circunstâncias. E você vai entrar em funções imediatamente.

“— Perfeitamente, meu chefe — digo eu; e ele desapareceu pela escotilha abaixo.

“Com um cavalheiro sempre se sabe a quantas se anda. Mas o serviço era delicado. O capitão para mim era mesmo que nada, tal qual o senhor neste momento, Mr. Schomberg. Pode acender um cigarro ou rebentar os miolos agora mesmo, a mim tanto se me dá que faça uma coisa como a outra, as duas, ou nenhuma. Trazer o capitão ao convés era coisa fácil. Bastava bater com o pé no tombadilho meia dúzia de vezes, em cima do seu camarote. Bati com força. Mas como, depois de o fazer subir, iria segurá-lo ali?”

— Houve alguma coisa, sr. Ricardo? — ouvi a voz dele perguntar atrás de mim.

“Lá estava o homem. E eu nem pensara ainda no que lhe diria! Assim, não me voltei. Com o luar, a noite estava mais clara do que certos dias no Mar do Norte.

“— Por que me chamou? Que é que está olhando aí, sr. Ricardo?

“Enganara-se com o fato de eu conservar as costas voltadas para ele. Não estava olhando para coisa alguma, mas o engano do homem me inspirou uma ideia.

“— Estou observando uma coisa que parece uma canoa, ali assim — disse eu muito devagar.

“O capitão ficou logo inquieto. Não que temesse os habitantes, fossem eles lá quem fossem.

“— Oh, com os demônios! — diz ele. — Que contrariedade! — Esperava que a presença da escuna ao largo da costa não seria notada tão cedo. — É o diabo, com o trabalho que temos em mão, virem estes negros observar as operações. Mas o senhor está certo de que é mesmo uma canoa?”

— Pode ser um tronco boiando na água — disse eu, — mas achei que convinha o senhor ver com os seus próprios olhos. Poderá distinguir melhor do que eu.

“Os olhos do capitão não valiam os meus. Mas ele disse:

“— Certamente, certamente. Fez muito bem.

“A verdade é que eu tinha visto alguns troncos boiando ao cair do sol. Percebi logo o que eram e não pensei mais naquilo. Até aquele momento tinha-os esquecido, Não há nada de extraordinário em ver troncos boiando no mar, perto

duma costa como aquela; e que me enforcem se o capitão não enxergou algum, na esteira da lua. E esquisito que a vida de um homem dependa às vezes de coisas tão insignificantes: uma simples palavra! Está você aí, por exemplo, tranquilamente sentado diante de mim, e daqui a pouco pode soltar, sem saber, alguma coisa que será a sua conta. Não que eu tenha maus sentimentos. Não tenho sentimentos de espécie alguma. Se o capitão tivesse dito “Ora sebo!” e me voltasse as costas, não chegaria a dar três passos. Mas ficou junto da amurada, olhando. Tratava-se agora de fazê-lo sair do convés quando não fosse mais preciso ali.

“ — Estamos tentando descobrir se aquilo ali é uma canoa ou um tronco — diz ele a Mr. Jones.

“Mr. Jones tinha voltado, tão sem pressa e despreocupado como ao descer. Enquanto o capitão pairava sobre canoas e troncos, eu perguntei por sinais, atrás dele, se não era melhor dar-lhe uma cacetada na cabeça e jogá-lo sem ruído pela borda fora. Anoite ia-se acabando, e nós tínhamos de ir. Já não podíamos adiar para a noite seguinte. Não. Não podíamos mais. E sabe por quê?”

Schomberg fez um ligeiro sinal negativo com a cabeça. Esta interrogação direta importunava-o, produzia uma dissonância naquele sossego de um grande conversador que é forçado a fazer papel de ouvinte e nele se deixa submergir, como quem vai mergulhando no sono. Ricardo tornou em tom zombeteiro:

— Não sabe por quê? Não adivinha, hein? Porque o patrão já se havia abotoado com o cofre do capitão. Compreendeu?

VII

— Um ladrão vulgar!

Schomberg mordeu a língua tarde demais, e acordou de todo vendo Ricardo retrair os lábios numa careta felina. Mas o companheiro de “Mr. Jones-simplesmente” não modificou a sua atitude confortável e palreira.

— Sebo! E se ele quisesse recuperar o seu dinheiro, como faz qualquer vendeiro, taverneiro ou escrevinhador? Faça-se ideia, um mequetrefe como você dando opiniões sobre um cavalheiro! Um cavalheiro não se pode aquilatar assim levianamente. Até eu mesmo, às vezes, não consigo entendê-lo. Por exemplo, aquela noite, ele não fez mais que acenar-me com o dedo. O capitão, surpreso, fez ponto na sua tagarelice imbecil.

“— Hein? O que é isso? — perguntou ele.

“O que era aquilo! Era ele que escapava de ir para o outro mundo, nem mais nem menos!

— Oh, nada, nada — diz o meu cavalheiro. — O senhor tem absoluta razão. Um tronco... um simples tronco...

“Ah, ah! Salvo da morte, sem exagero, porque se tivesse continuado ainda muito tempo a discutir estupidamente seria preciso desembaraçar-nos dele. Eu mal podia conter-me, pensando nos minutos preciosos que estávamos perdendo. Seja como for, o seu anjo da guarda inspirou-lhe a ideia de fechar o bico e voltar para a cama. Eu estava maluco por causa do tempo perdido.

“— Por que o senhor não me deixou sentar-lhe uma paulada na caixa da asneira? — perguntei.

. — Nada de ferocidades, nada de ferocidades — diz ele, levantando o dedo para mim com toda a calma.

“Não se pode saber como procede um cavalheiro num caso desses. Eles não perdem o sangue frio. Seria má educação. Você nunca há de ver um cavalheiro perder a calma... pelo menos na frente dos outros. À ferocidade tão pouco é de bom gosto... isto eu acabei por aprender, com outras coisas mais. Estou tão bem treinado que você não poderia adivinhar pela minha cara se eu tivesse a intenção de estripá-lo agora mesmo — e, claro, posso fazê-lo num abrir e fechar de olhos. Carrego uma faca na perna da calça.”

— Não! — exclamou Schomberg incrédulo.

Com a rapidez do relâmpago, o sr. Ricardo deixou a postura indolente, curvou-se e pôs a arma à mostra com um puxão na perna esquerda da calça.

Schomberg vislumbrou-a um segundo, presa por uma correia ao membro cabeludo. O sr. Ricardo, erguendo-se num salto, bateu com o pé para fazer descer novamente a perna da calça e voltou à sua atitude descuidada, apoiando um cotovelo à mesa.

— O sistema é muito mais cômodo do que lhe parece — continuou ele, fitando com expressão abstrata os olhos arregalados de Schomberg. — Suponha que durante uma partida surja um pequeno desentendimento. Você se abaixa para apanhar uma carta que caiu no chão, e quando se levanta de novo está com a faca na mão, pronto para cortar, ou então enfiada na manga à espera da primeira oportunidade. Ou então mete-se em baixo da mesa, quando vê que vai correr bala. Você não faz ideia do estrago que pode fazer um sujeito com uma faca embaixo duma mesa, nos atravessados de maus bofes que querem encrencar, antes que eles percebam do que se trata e deem sebo às canelas... aqueles que têm tempo para isso, bem entendido.

O róseo das faces de Schomberg, na raiz da sua barba castanha, empalideceu visivelmente. Ricardo teve um risinho gutural.

Mas nada de ferocidades, nada de ferocidades! Os cavalheiros é que sabem. De que serve enfurecer-se um homem? E nada de fugir às contingências, tão pouco. Um cavalheiro nunca faz isso. O que eu aprendo nunca mais esqueço, Ah! Nós temos jogado nas planícies, com aqueles malditos vaqueiros, nas fazendas; jogo limpo, note bem... e uma vez sim outra não eles acabam armando briga para nos tomar os nossos ganhos. Temos jogado nas montanhas, nos Vales e na praia, e em alto-mar... quase sempre jogo limpo. Em geral não dá mau resultado. Começamos na Nicarágua, depois de deixar e escuna e a tal expedição idiota. No cofre do capitão havia cento e vinte e sete libras e alguns dólares mexicanos. Não era lá coisa para se quebrar a cabeça dum homem, devo confessar; mas que o capitão escapou pela tangente, o próprio patrão não podia negá-lo.

“— O senhor quer dar-me a entender que lhe importa alguma coisa o haver uma vida a mais ou a menos neste mundo? — perguntei-lhe algumas horas depois de termos deixado a escuna.

“— Claro que não — responde ele.

“— Então por que não me deixou fazer aquilo?

“— Há um modo correto de fazer as coisas. Você terá de aprender isto. Deve-se também evitar todo esforço inútil... quando não for senão a bem da estética.

“Um modo de falar próprio de um cavalheiro, não resta dúvida!

“Ao nascer do sol metemo-nos pela embocadura de um regato, afim de nos

escondermos no caso que os caçadores de tesouro se lembrassem de caçar também a nós. E que me apertem o gasnete se não o fizeram! Vimos a escuna ao largo, velejando para sotavento, sem dúvida alguma com dez pares de binóculos a varrer o mar por todos os lados. Aconselhei ao patrão que lhes desse tempo para se porem a andar novamente, antes de cairmos para o limpo. E assim ficamos uns dez dias à beira do regato, perfeitamente a gosto. No sétimo dia tivemos de matar um homem, o irmão desse Pedro que anda conosco. Eram, de fato, caçadores de jacarés. Fomos morar na cabana deles, Nem o patrão nem eu sabíamos falar espanhol muito bem naquela época. Areia seca, boa sombra, ótimas redes, peixe fresco, jogo animado, tudo como se queria. O patrão pagou-lhes alguns dólares de entrada; mas era o mesmo que morar com um par de macacos selvagens. Pouco depois reparamos que eles conversavam muito. Tinham bispado a caixa do dinheiro, as malas de couro e a minha mala — linda presa! Deviam ter estado a dizer um ao outro:

“ — Não é provável que alguém venha algum dia procurar esses dois homens, que parecem ter caído da lua. Vamos degolá-los.

“Ora se não! Claro como água. Não me era preciso espiar um deles, a quem vi afiar um enorme facão atrás dumas macegas, olhando ao mesmo tempo para os lados com aqueles olhos de fera, para saber o que estavam preparando. Pedro estava junto do irmão, experimentando o fio de outro facão. Julgavam-nos na outra margem do rio, a vigiar a escuna, como costumávamos fazer durante o dia. Não que esperássemos avistar a escuna, mas sempre era bom ter certeza; além disso, não fazia tanto calor fora do mato, no sopro da brisa. A verdade é que o patrão estava lá, confortavelmente deitado em cima dum cobertor, num lugar de onde podia observar o largo, mas eu tinha vindo à cabana buscar um naco de fumo na minha mala. Ainda não me tinha desfeito desse costume, e só me sentia contente quando tinha nas bochechas um naco do tamanho de um punho de criança.”

A esta comparação canibalística Schomberg murmurou em voz fraca, com engulho: “Acabe com isso!” Ricardo aprumou-se na cadeira e olhou com satisfação as suas pernas estendidas.

— Em geral tenho a pisada bastante leve — prosseguiu.

— Acho até que seria capaz de botar uma pitada de sal na cauda dum pardal. Seja como for, eles não me ouviram. Espreitei os dois brutos, escuros e cabeludos, a menos de dez metros de distância. Toda a sua roupa consistia em calça branca de brim arregaçada até a coxa. Não se diziam uma palavra. Antônio estava de cócoras sobre as grossas barrigas das pernas, ocupado a amolar a faca numa pedra chata; Pedro, encostado a uma árvore pequena, passava o polegar no gume

do seu facão. Retirei-me mais silenciosamente que um rato, pode crer.

“Naquela hora não disse nada ao patrão. Estava apoiado sobre o cotovelo, em cima do cobertor, e não parecia disposto a ouvir nada. Ele é assim: tão gentil às vezes que se diria ser capaz de comer na mão da gente, e outras vezes tratando a gente com a maior dureza — mas sempre calmo. Um cavalheiro perfeito, digo-lhe. Não o importunei então; mas o que não podia era esquecer aqueles dois sujeitos, tão ocupados com as suas facas. Naquela ocasião só possuíamos um revólver entre os dois, a arma de seis tiros do patrão, mas que só tinha cinco câmaras carregadas. Não tínhamos outros cartuchos. Ele esquecera a caixa numa gaveta, no seu camarote. Situação delicada! Eu só levava comigo uma velha navalha, que para nada serviria num conflito sério.

“À noite sentamos os quatro em volta de uma pequena fogueira, diante do barracão onde dormíamos, comendo peixe assado em folhas de bananeira, e, em lugar de pão, inhames assados: o passadio de costume. O patrão e eu estávamos de um lado e aquelas duas gracinhas do outro, com as pernas cruzadas, rosnando de vez em quando um para o outro umas coisas que mal pareciam língua de gente, com os olhos cravados no chão. Havia três dias que eles não nos olhavam direito. Daí a pouco comecei a falar ao patrão, com calma, exatamente como lhe estou falando agora, com um jeito descuidado, e contei-lhe o que tinha visto. Ele continuou a cortar pedaços de peixe e a comê-los com toda a pachorra. É um gosto tratar com um cavalheiro. Não olhou nem uma só vez para os dois sujeitos.

“— E agora — disse eu, bocejando para despistar, — teremos de montar guarda de noite, por turnos, e trazer os olhos abertos o dia inteiro, também, para que eles não nos saltem em cima quando menos esperarmos.

“— Isto é perfeitamente insuportável — diz o patrão. — E você sem arma de espécie alguma!

u — Pretendo andar sempre junto do senhor, daqui por diante, se isso não o incomoda — digo eu.

“Ele não fez mais que um ligeiro sinal com a cabeça, limpou os dedos na folha de bananeira, levou a mão atrás como para se por em pé, sacou o revólver de baixo do casaco e meteu uma bala bem no coração do sr. Antônio. Está vendo o que é lidar com um cavalheiro? Nada de trapalhada, e tudo feito sem hesitação. Mas ele bem podia ter-me piscado o olho, ou coisa parecida. Dei um pulo de quase um metro de altura. Medo não é bem a palavra! Não sabia sequer quem tinha atirado. O silêncio era tão grande que o estampido me pareceu o barulho mais forte que já ouvi na minha vida. O digno Antônio caiu para a frente — sempre caem para a frente,

na direção do tiro; você já deve ter reparado nisso. Pois é, caiu para a frente, por cima das cinzas, e todo aquele cabelo que tinha na cara e na cabeça pegou fogo como pólvora. Devido à graxa, imagino: eles viviam raspando o sebo daqueles couros de jacaré...

— Escute — exclamou Schomberg com violência, como se tentasse romper umas peias invisíveis, — você quer dizer que tudo isso aconteceu, mesmo?

— Não — respondeu Ricardo tranquilamente. — Estou inventando tudo enquanto falo, só para entretê-lo nesta tarde tão quente. De modo que ele caiu com as ventas nas brasas, e o belo Pedro e eu saltamos em pé ao mesmo tempo, como dois diabinhos de caixa de surpresa. O bruto faz menção de raspar-se, olhando por cima do ombro, e eu, mal sabendo o que fazia, salto-lhe para as costas. Tive a presença de espírito de segurá-lo logo pelo pescoço, e por sinal foi a custo que pude juntar os dedos das duas mãos. Você já viu o pescoço do menino, hein? Duro como ferro, garanto-lhe! Fomos os dois ao chão. Ao ver isso, o patrão meteu o revólver no bolso.

“— Amarre as pernas dele, patrão — berrei eu. — Estou tentando esganá-lo.

“Havia por ali uma porção de cordas de embira. Dei um último apertão ao homem e levantei-me.

“— Eu podia ter acertado uma bala em você — diz o patrão, muito preocupado.

“— Mas está satisfeito por ter poupado um cartucho, patrão — respondo eu.

“Isso graças ao meu pulo. Seria um desastre deixar o homem escapar assim no escuro, para depois nos andar rondando entre as ervas, talvez, com a espingarda de pedemeira, toda enferrujada, que eles tinham. O patrão reconheceu que a ideia do pulo tinha sido boa.

“— Mas não está morto — disse ele, curvando-se sobre o homem.

“Seria o mesmo que querer estrangular um boi. Amarramos depressa os cotovelos dele nas costas e, antes que ele voltasse a si, nós o arrastamos para baixo de uma árvore pequena, sentamos o homem e o amarramos à árvore, não pela cintura mas pelo pescoço: umas vinte voltas de corda em volta da garganta e da árvore, rematadas com um nó duplo, debaixo da orelha. Em seguida fomos atender o digno Antônio, cuja cara assava nas brasas, exalando forte cheiro. Nós o levamos rolando para o regato, e deixamos o resto por conta dos jacarés.

“Eu estava cansado. Aquela pequena refrega me tinha tirado as forças que era um horror. O patrão não ficou com um fio de cabelo fora do lugar. É aí que um

cavalheiro leva vantagem sobre a gente. Não se excita. Nenhum cavalheiro se excita jamais... ou, pelo menos, é muito raro que isso aconteça. Adormeci num instante e deixei-o fumando junto da fogueira que eu tinha feito, com a sua manta de viagem em roda das pernas, tão calmo como se estivesse num vagão de primeira classe. Apenas trocamos umas dez palavras depois que tudo acabou, e desde aquele dia nunca mais tornamos a falar no assunto. Eu julgaria que ele tinha esquecido, se não houvesse aludido a isso no outro dia, quando falava com você... a propósito de Pedro, bem sabe.

“O que ele lhe disse o surpreendeu, não foi? É por isso que lhe estou contando como ele veio a nos acompanhar, como uma espécie de cão... muito mais útil que um cão, todavia. Já o viu trotando por aí com as bandejas? Pois esse homem é capaz de derrubar um boi com um murro, e com a mesma destreza, a uma ordem do patrão. E como gosta dele! Mais que qualquer cão gosta de um homem, palavra!”

Schomberg enfunou o peito.

— Ah, isto é uma das coisas de que queria falar com Mr. Jones — disse ele. — É desagradável andar esse sujeito aí pela casa tão cedo. Fica sentado horas inteiras na escada dos fundos, assustando essa gente, e o serviço do hotel sofre com isso. Os chineses...

Ricardo meneou a cabeça afirmativamente e ergueu a mão.

— A primeira vez que eu o vi, era capaz de assustar um urso, quanto mais um chinês. Agora, está relativamente civilizado. Pois naquela manhã, a primeira coisa que vi quando abri os olhos foi ele, sentado junto da árvore a que estava amarrado pelo pescoço. Piscava os olhos. Passamos o dia observando o mar, e chegamos à avistar a escuna que velejava para barlavento, sinal que tinham desistido de nos procurar. Bom! Na outra manhã, quando o dia clareou, espreitei o nosso Pedro. Não estava mais piscando. Revirava os olhos, que num instante apareciam completamente brancos e logo depois pretos, e deixava pender um metro de língua. Estar assim estreitamente amarrado pelo pescoço era coisa capaz de domar o próprio diabo... com o tempo... com o tempo, note bem! Não sei mesmo se um autêntico cavalheiro teria ânimo para ficar firme até o fim. Daí a pouco fomos tratar de aprontar o bote. Eu estava ocupado em armar o mastro, quando o patrão observou:

“— Parece-me que ele quer dizer alguma coisa.

“Havia já algum tempo que eu o ouvia regougar, mas não queria prestar atenção. Quando o patrão falou deixei o bote e caminhei para ele, levando um pouco d’água. Tinha os olhos vermelhos... vermelhos, pretos e quase saltados para

fora da cabeça. Bebeu toda a água que lhe dei, mas o que tinha para dizer era pouca coisa. Voltei para junto do patrão.

“— Quer que lhe metamos uma bala na cabeça antes de irmos embora — disse eu. O patrão não ficou nada contente.

“— Ah, nem se deve pensar nisso — respondeu.

“Tinha vazão. Só restavam quatro balas, e tínhamos noventa milhas de costa perigosa que percorrer, antes de alcançarmos um lugar onde fosse possível comprar balas de revólver.

— Em todo caso — digo eu, — ele pede por favor que o matem de um modo qualquer.

“E continuei a armar o mastro do bote. Não me apetecia a ideia de esfaquear um homem amarrado de mãos e pés, e além do mais, atado pelo pescoço. Já então eu tinha uma faca, a faca do digno Antônio. E é esta mesma faca que trago aqui.”

Ricardo deu uma palmada sonora na perna.

— A primeira presa que fiz no meu novo gênero de vida — prosseguiu com áspere jovialidade. — O truque de carregá-la na perna, vim a aprendê-lo depois. Naquele dia levava-a atravessada na cinta. Não, o serviço não era muito do meu gosto; mas quando a gente trabalha para um cavalheiro, um autêntico cavalheiro, pode-se ficar certo de que ele saberá adivinhar os nossos sentimentos. De repente diz o patrão:

“— Isso até pode ser considerado como seu direito — percebe-se aí o cavalheiro a falar, hein? — mas que acha você de o levarmos conosco no bote?

“E o patrão começou a alegar que o miserável nos seria útil na viagem porque conhecia a costa. Podíamos desembaraçar-nos dele antes de chegarmos ao primeiro lugar um pouco civilizado. Não foi preciso muita conversa para me convencer. Saí de dentro do bote.

“— Está hem, mas o homem se deixará governar, patrão?

“— Oh, sim. Está domado. Vá soltá-lo. Eu assumo a responsabilidade.

“— Perfeitamente, patrão.

“Ele me viu aproximar caminhando depressa, com a faca do irmão... Eu nem pensava no aspecto que a coisa podia ter para ele, você sabe... pois caramba, quase morreu! Arregalou os olhos como um novilho louco de medo e começou a suar e a retorcer-se todo que era uma coisa mesmo de pasmarr. Fiquei tão surpreso que parei para olhá-lo. As gotas de suor caíam-lhe pelas sobranceiras, corriam pela barba, pingavam da ponta do nariz... e ele estertorava. Então lembrou-me que o homem não podia ler no meu pensamento. Fosse por favor ou fosse eu

direito, chegada a hora não queria morrer, pelo menos daquele jeito. Quando o rodeei para alcançar o nó ele soltou uma espécie de mugido em voz baixa. Com certeza pensou que eu ia apunhalá-lo pelas costas. Cortei todas as voltas de uma só passada, e ele caiu de lado no chão e pôs-se a espernear. Como me ri! Não sei o que havia de engraçado naquilo, mas eu chegava a dar urros! O meu riso e os corcovos do sujeito dificultaram o serviço. Logo que passou a dormência dos membros ele correu para o banco de areia, onde o patrão tinha ficado, aproximou-se dele de gatinhas e abraçou-lhe as pernas. Que gratidão, hein? Via-se que o perdão da vida lhe convinha perfeitamente. O patrão desprendeu as pernas com brandura e murmurou para mim:

“ — Vamos largar. Meta-o no bote.

“Não foi difícil — continuou Ricardo depois de considerar Schomberg um instante com olhar fixo. — Ele entrou no bote de muito boa vontade, e... aqui está conosco. Deixar-se-ia cortar em picadinho (e sorrindo, note bem; sorrindo!) pelo patrão. Não sei se faria o mesmo por mim; mas se não chegar até lá andará perto. Fui eu que o ateí e desataí, mas ele percebeu quem era que mandava. Além disso, conhece um cavalheiro. Até um cão conhece um cavalheiro... qualquer cão. São só certos estrangeiros que não conhecem; e a esses ninguém pode ensinar.”

— Então você quer dizer — perguntou Schomberg, desdenhando o que podia haver de agastador para ele na ênfase dada a esta observação final, — quer dizer que abandonou um emprego seguro, com bom salário, por uma vida como essa?

— Aí está! — tornou Ricardo tranquilamente. — É justamente o que diria um homem da sua espécie. Tal é o seu conformismo! Eu acompanho um cavalheiro, e isso não é a mesma coisa que servir um patrão. Eles nos pagam salário como quem atira um osso a um cão, e ainda esperam que nós lhes fiquemos agradecidos. É pior que a escravidão. Ninguém espera que um escravo comprado com dinheiro fique agradecido. E vender o seu trabalho, o que é senão vender a si mesmo? Temos tantos dias de vida, e vendemo-los um depois do outro. Que tal? Quem me poderá pagar bastante pela minha vida? Sim! Mas eles atiram-nos o salário semanal e ainda esperam que a gente diga “obrigado!” antes de apanhá-lo.

Resmoneou algumas pragas dirigidas, pelos modos, aos patrões em geral, e de repente assanhou-se:

— Para o inferno o trabalho! Eu não sou um cachorro que caminha nas patas de trás para ganhar um osso; sou um homem que acompanha um cavalheiro, Há aí uma diferença que você nunca há de compreender, sr. Pacato.

Bocejou levemente. Schomberg, que conservava uma rigidez militar reforçada por um ligeiro franzir de cenho, deixara os seus pensamentos divagar. Estava ocupado a desenhar mentalmente a imagem de uma moça... uma moça ausente, desaparecida, que lhe haviam roubado. Começou a se enfurecer. Ali estava aquele patife a encará-lo com insolência. Se a moça não lhe tivesse sido vergonhosamente surripiada, não permitiria que ninguém lhe dirigisse olhares insolentes. Pelo sim, pelo não, sentava um murro nos olhos do biltre. Depois disso, dava um pontapé no outro sem hesitar. Via-se a fazê-lo; e, ao impulso dessa visão gloriosa, a perna e o braço direito de Schomberg moveram-se convulsivamente.

Neste momento ele saiu da sua cisma repentina para reparar alarmado na lúcida curiosidade do olhar de Ricardo.

— De modo que o senhor anda assim pelo mundo, jogando? — observou casualmente, para ocultar sua confusão. Mas o olhar de Ricardo não mudou, e ele continuou em tom vago:

— Por aqui, por aí e por toda parte. — Cobrou ânimo e perfilou os ombros. — Não é um gênero de existência muito precário? — disse em tom firme,

Apalavra precário pareceu produzir efeito, pois os olhos de Ricardo perderam a sua expressão de interesse perigoso.

— Não, não é tão má assim — tornou ele com indiferença. — Sou de opinião que os homens jogarão enquanto tiverem um níquel para apostar numa carta. O jogo? O jogo é a natureza. E a própria vida, o que é? Nunca se sabe que carta vai sair. O pior de tudo é que jamais se pode dizer com exatidão que espécie de cartas temos na mão. Qual é o trunfo? Eis o problema. Percebe? Todo o homem jogará se lhe derem um ensejo, a troco de tudo e de qualquer coisa. Você também...

— Há vinte anos já que não toco numa carta — interrompeu Schomberg em tom austero.

— Pois se ganhasse a vida desse modo não seria pior do que é, vendendo bebida — detestável cerveja e péssimas aguardentes, umas peçonhas capazes de fazer um bode velho fugir aos berros se lhe empinassem um copo goela abaixo. Uf! Não posso suportar o maldito álcool. Nunca pude. Basta sentir o cheiro de conhaque num copo para ter náuseas. Sempre fui assim. Se todos fossem como eu, os fabricantes de bebidas estariam pedindo esmola. Você deve achar isto esquisito num homem, hein?

Schomberg esboçou um vago gesto de tolerância. Ricardo endireitou-se na cadeira e tornou a apoiar o cotovelo a mesa.

— Agora, devo confessar que gosto do *sirop* francês. Em Saigon é que eles são

bons. Vejo que você tem aí. Diabos me levem se não estou ficando com a garganta seca, de tanto conversar. Venha de lá, sr. Schomberg, seja hospitaleiro, como diz o patrão.

Schomberg ergueu-se e caminhou com dignidade para o balcão. Seus passos ecoaram fortes no assoalho polido. Baixou da prateleira uma garrafa rotulada Sirop de Groseille. Os pequenos sons que fez ouvir, o retinir dos vidros, o gorgolejo do liquido, o espocar da rolha da garrafa de soda, tinham um realce sobrenatural. Voltou com um copo róseo e brilhante. O sr. Ricardo lhe havia acompanhado os movimentos com olhares oblíquos, expectantes e sonsos, como um gato que vê encher um pires de leite; e o ruído satisfeito que emitiu depois de beber podia considerar-se uma forma de ronrom felino ligeiramente modificado, gutural e suave. Produziu uma impressão desagradável em Schomberg, como um novo exemplo do que havia de inumano naqueles dois homens. E nisto residia a dificuldade de tratar com eles. Um fantasma, um gato e um macaco: eis um lindo trio com que discutir um homem, refletiu com um íntimo estremecimento. Schomberg estava escravizado, pode-se dizer, pela sua imaginação, e o seu entendimento era incapaz de reagir contra essa ideia fantasista que fazia dos seus hóspedes. Todavia, não se tratava somente das aparências. A moral de Mr. Ricardo lhe parecia semelhar-se muito com a moral dum gato. Para dizer a verdade, semelhava-se demais. Que espécie de argumento podia um simples homem apresentar a um... ou mesmo a um fantasma? Quanto ao que pudesse ser a moral dum fantasma, Schomberg não fazia a menor ideia. Qualquer coisa de horrível, sem dúvida. Não haveria nela, certamente, lugar para a compaixão. Quanto ao macaco... toda a gente sabia o que era um macaco. Não tinha piorai. Um caso perdido.

Exteriormente, contudo, depois de apanhar com os dedos grossos, um dos quais era enfeitado por um anel de ouro, o charuto que largara para preparar o refresco, Schomberg fumou com uma compostura sorumbática. Diante dele, Ricardo pestanejou descansadamente por algum tempo e acabou por fechar de todo os olhos, com a placidez de um gato caseiro a dormir no tapete da lareira. Passado um momento tomou a arregalá-los e pareceu surpreso de ver Schomberg ainda ali.

— Está tendo um dia bastante morto, hein? — observou. — Mas a verdade é que este raio de cidade também parece um cemitério. Nunca tinha visto uma gente tão desanimada no jogo. Às onze horas começaram a falar em ir embora. Que se passa com eles? Querem deitar cedo ou o quê?

— Imagino que os senhores não perdem nenhuma fortuna com isso — tornou Schomberg com uma expressão de sarcasmo sombrio.

— Não — reconheceu Ricardo, com uma careta que lhe esgaçou a boca de orelha a orelha, fazendo luzir subitamente os seus dentes alvos. — Mas você compreende: quando eu começo a jogar sou capaz de fazê-lo por nozes, por amendoim torrado, por qualquer bagatela. Jogaria até pelas almas deles. Mas estes holandeses não valem nada. Parece que nunca chegam a esquentar, ganhem ou percam. Experimentei-os, por sinal, dos dois modos. Que o diabo leve esses pepinos animados, esses moluscos sem sangue!

— E se acontecesse alguma coisa fora das regras, eles os meteriam na cadeia com a mesma calma, você e o seu cavalheiro lá em cima — rosnou Schomberg de mau modo.

— Realmente! — disse Ricardo devagar, medindo Schomberg com os olhos. — E quanto a você?

— Você fala muito grosso — explodiu o hoteleiro. — Fala em escumar o mundo inteiro, em fazer grandes coisas, em pegar a fortuna pelo cachaço, e agarra-se a esta miserável profissão!

— É verdade que o ofício não é muito rendoso — confessou Ricardo inesperadamente.

Schomberg estava rubro de audácia.

— Mesquinho, é como eu o qualifico — proferiu.

— Assim parece. Não lhe posso dar outro qualificativo. — Ricardo parecia desejoso de congarçar o hoteleiro. — Eu mesmo teria vergonha disso, mas você percebe, o padrão é sujeito a acessos...

Acessos! — exclamou Schomberg, em voz baixa contudo. — Não diga! Exultava intimamente, como se esta revelação atenuasse a dificuldade da situação. — Acessos! Isso é grave, não? Você devia pô-lo no hospital... um lugar delicioso.

Ricardo inclinou de leve a cabeça, com um ligeiro sorriso.

— Bastante grave. Verdadeiros acessos de preguiça, é como lhes chamo. De vez em quando ele se me afunda assim na cama, e não há nada que o faça levantar. Se você pensa que eu gosto disso está muito enganado. Em geral, consigo persuadi-lo. Sei tratar com um cavalheiro. Não sou um escravo que só pense em ganhar o seu pão. Mas quando ele diz “Martin, estou enfasiado”, então cautela! Não há nada que fazer se não calar o bico, com o demônio!

Schomberg, muito desalentado, ouvira boquiaberto.

— Qual é a causa disso? — perguntou. — Por que é ele assim? Não

compreendo.

— Quanto a mim, creio que sei — disse Ricardo. — Um cavalheiro, você percebe, não é uma pessoa simples como você ou eu; e não é tão fácil de conduzir tão pouco. Se eu tivesse ao menos alguma coisa com que o empurrar!

— Empurrar? Que quer dizer com isso? — grunhiu Schomberg desesperançado.

Esta obtusidade impacientou Ricardo.

— Você não entende língua de gente? Olhe aqui! Eu não poderia mover de uma só polegada essa mesa de bilhar ainda que lhe falasse até se acabar o mundo, não é mesmo? Pois o patrão também é assim quando tem os seus acessos. Agarra tédio a tudo. Nada vale a pena, nada é bastante bom para ele, isso se vê logo. Mas se eu visse aí no chão uma barra de cabrestante, em dois tempos movia essa sua mesa de bilhar o quanto quisesse. Aí está.

Ergueu-se da cadeira sem ruído, ágil e furtivo, com curiosos movimentos laterais da cabeça e alongamentos inesperados do corpo maciço, relanceou a porta com o rabo do olho, e finalmente encostou-se à mesa, cruzando os braços confortavelmente sobre o peito, numa atitude completamente humana.

— É outra particularidade pela qual se pode conhecer um cavalheiro: as venetas. Um cavalheiro, como um vagabundo das estradas, não tem que prestar contas a ninguém. Não precisa acertar o passo com os outros. O patrão ficou assim uma vez, num miserável pueblo mexicano, no meio dumas montanhas que pareciam o fim do mundo. Passava o dia inteiro deitado num quarto escuro...

— Bêbado? — Tendo deixado escapar inadvertidamente esta palavra, Schomberg sentiu medo. Mas o dedicado secretário pareceu achar natural.

— Não, nunca dá para beber quando tem esses acessos. Ficava simplesmente estirado num colchão, enquanto um rapaz esfarrapado que ele tinha apanhado na rua sentava-se no pátio, de pernas ao léu, entre dois aloendros junto à porta do quarto, dedilhando uma guitarra e cantando tristes para ele, da manhã à noite. Tristes, você sabe: dum, dum, dum, au-hu, cru-ia!

Schomberg ergueu as mãos com desespero. Este tributo pareceu lisonjear Ricardo, cuja boca teve um esgar sombrio.

— Assim mesmo... capaz de dar cólicas a um avestruz, hein? Pois havia lá uma cozinheira que me queria bem, uma negra velha e gorda, de óculos. Eu ia esconder-me na cozinha e dar-lhe corda, para que me fizesse *dulces* (doces, você sabe, quase todos eles preparados com ovos e açúcar) para matar o tempo. Eu sou o mesmo que uma criança por doces. E por falar nisso, por que nunca serve um

pudim na sua mesa, sr. Schomberg? Só frutas, de manhã, ao almoço e ao jantar. Que coisa enjoativa! Pensa que a gente é abelha?

Schomberg não fez caso do seu tom ofendido.

— E quanto tempo durou esse acesso, como você chama? — perguntou ansiosamente.

— Semanas, meses, anos, séculos, me parecia — voltou o sr. Ricardo com certo sentimento na voz. — De noite o patrão vinha para a sala e seringava a alma jogando com o juiz do lugar, um homenzinho pardo de suíças pretas — écarté, bem sabe, um jogo francês rápido, por tostões. O comandante, um malandro zarolho, meio índio, e eu, tínhamos de olhar o jogo em pé e apostar nas cartas deles. Era horrível!

— Horrível! — ecoou Schomberg com uma intonação teutônica e gutural de desespero. — Olhe aqui, eu vou precisar dos seus quartos.

— Claro. Há algum tempo que venho esperando por isto — tornou Ricardo com indiferença.

— Estava louco quando lhes dei ouvido. Isto tem de acabar!

— Acho que ainda está louco — disse Ricardo, sem descruzar sequer os braços ou mudar de posição um centímetro. Abaixou a voz para ajuntar: — E se eu desconfiasse que você tivesse ido à polícia, mandava Pedro pegá-lo pela cintura e quebrar-lhe esse pescoço gordo puxando a cabeça para trás: crac! Vi-o fazer isso com um negrão metido a valente que estava floreando uma navalha na frente do patrão. Pode-se fazer. Ouve-se um ligeiro estalo, nada mais... e o homem cai no chão como um trapo mole.

Nem sequer a cabeça de Ricardo, levemente inclinada sobre o ombro esquerdo, se movera. Mas quando ele terminou, as suas iris verdoengas, que tinham estado fitas na porta, deslizaram para o canto dos olhos que ficava mais próximo de Schomberg e ali se quedaram com uma expressão modestamente voluptuosa.

VIII

Schomberg sentia abandoná-lo o desespero, esse lamentável substituto da coragem. Não era tanto a ameaça de morte, mas a forma extraordinariamente circunstanciada em que era feita, que o afetava. Um simples “vou matá-lo”, por mais feroz e decidido, poderia ele enfrentá-lo; mas diante desse modo inédito de falar e proceder, tendo a imaginação muito sensível às coisas incomuns, abateu-se como se lhe houvessem deslocado as vértebras morais: crac!

— Ir à polícia? Naturalmente que não. Nunca pensei nisso, nem em sonhos. Agora é tarde. Deixei-me envolver nesse negócio. Vocês me arrancaram o consentimento quando eu não tinha domínio sobre mim mesmo. Expliquei-lhes na ocasião.

Os olhos de Ricardo desviaram-se vagarosamente da pessoa de Schomberg para olhar ao longe.

— Sim. Desgostos com uma mulher. Mas nós não temos nada com isso.

— Claro! O que eu digo é o seguinte: de que servem essas ameaças selvagens que me fazem? — Veio-lhe à lembrança um bom argumento: — Isso é descabido, porque mesmo que eu fosse bastante tolo para dar parte à polícia agora, não teria nenhuma queixa séria para fazer. Não fariam mais que deportá-los. Faziam-nos embarcar no primeiro vapor para Singapura. — Schomberg ganhara ânimo. — Para o inferno — a juntou entre dentes, para seu deleite pessoal.

Ricardo não respondeu nada e não deu sinal de ter ouvido uma única palavra. Isto tornou a desanimar Schomberg, que erguera os olhos esperançado.

— Por que hão de se plantar aqui? — exclamou. — Não paga a pena andar por aí perdendo tempo. Não falava ainda agora na dificuldade de incitar o seu patrão? Pois a polícia se encarregaria disso, e de Singapura podiam ir para a costa oriental da África.

— Diabos me levem se o sujeito não está mesmo tramando a tal asneira! — foi o comentário de Ricardo, emitido num tom de mau agouro que fez Schomberg voltar à realidade da sua situação.

— Não! Não! — protestou o hoteleiro. — É um modo de falar. Está claro que eu não faria isso.

— Parece-me que essa história da mulher o deixou mesmo um tanto apatetado, sr. Schomberg. Creia-me, seria melhor para você que nos separássemos amigos, porque, sejamos ou não deportados, um de nós há de voltar aqui antes de muito tempo para tirar desforra de qualquer trampolinagem que esteja preparando.

— Gott im Himmel! — gemeu Schomberg. — Será que nada fará esse homem ir embora? Há de ficar aqui toda a vida? Suponhamos que eu lhe indicasse um negócio mais rendoso, você não poderia?...

— Não atalhou Ricardo. — Não podia, a não ser que tivesse alguma coisa para empurrá-lo. Já lhe disse isto antes.

— Um estímulo? — murmurou Schomberg.

— Sim. A costa oriental da África não basta. Ele me disse o outro dia que a costa oriental terá de esperar até que esteja disposto a ir lá; e talvez leve ainda muito tempo, porque a costa oriental não pode fugir, e não é provável que alguém vá roubá-la.

Estas considerações, quer fossem apresentadas como axiomas, quer como uma descrição do estado mental de Mr. Jones, eram positivamente desanimadoras para o atribulado Schomberg; mas há a sua dose de verdade no velho adágio, segundo o qual a hora mais negra precede a alvorada. O som das palavras, aparte do seu sentido, também tem uma força própria. E esta palavra “roubá-la” tinha uma afinidade especial com a ideia fixa do hoteleiro. Estava-lhe sempre presente ao espírito, e neste momento veio à superfície, evocada por uma expressão puramente fortuita. Não, ninguém podia roubar um continente; mas Heyst roubara a garota!

Ricardo não podia adivinhar qual era a causa da mudança de expressão de Schomberg. No entanto, ela dava bastante na vista para fazê-lo cessar o bamboleio negligente da perna e dizer, olhando para o hoteleiro;

— Não há muito que discutir com uma pessoa que fala nesses termos, não é mesmo?

Schomberg não o escutava.

— Podia indicar-lhes outra pista — disse ele devagar. Subitamente calou-se, como sufocado por uma emoção diabólica, de ardor intenso combinado com o temor do insucesso. Ricardo esperava atento, mas não sem algum desprezo.

— Na pista de um homem! — proferiu Schomberg convulsivamente; e fez nova pausa, consultando o seu furor e a sua consciência.

— O homem da lua, hein? — insinuou Ricardo num murmúrio escarminho. Schomberg sacudiu a cabeça.

— Seria quase tão fácil lográ-lo como ao homem da lua. Vá lá e faça a experiência. Não fica tão longe assim.

Estava refletindo. Estes homens eram assassinos e ladrões, não menos que jogadores — indivíduos terrivelmente apropriados para fins de vingança. Mas preferia não entrar em particularidades. Disse a si mesmo, sumariamente, que

tiraria desforra de Heyst e ao mesmo tempo se livraria dos seus opressores. Bastava-lhe soltar a rédea ao seu talento natural para o comércio de escândalos. No caso presente, a sua grande prática era corroborada pelo ódio que, como o amor, tem uma eloquência peculiar. Com o maior desembaraço retratou para Ricardo, já sério e atento, um Heyst locupletado durante anos na rapina pública e privada, assassino de Morrison, esbulhador de inúmeros acionistas, um admirável composto de astúcia e descaró, de traças profundas e simples ardis, de mistério e futilidade. Neste exercício da sua função natural, Schomberg cobrou nova vida, a cor voltou-lhe às faces, tornou-se loquaz, retórico, ardente, a virilidade realçada pelo porte militar.

— Esta é a história verdadeira. Ele foi visto a rondar anos inteiros nesta parte do mundo, espionando a vida de toda a gente. Mas eu fui o único que o adivinhei desde o primeiro momento: um indivíduo desprezível, refalsado, sem escrúpulos, perigoso.

— Perigoso, é?

O som da voz de Ricardo fez Schomberg cair em si.

— Bem, você sabe o que eu quero dizer — tornou, um pouco contrafeito. — Um patife mentiroso, enredador, de falsas mansas, cortês, presumido, Não tem um pingão de honestidade.

O sr. Ricardo tinha-se afastado da mesa e rondava pela sala com movimentos silenciosos e oblíquos. Ao passar por Schomberg fez-lhe uma careta em que os dentes lampejaram, e rosnou:

— Ah! Hum!

— Então, que quer você de mais perigoso? — argumentou Schomberg. Creio que ele não tem valor para lutar — acrescentou negligentemente.

— E tem vivido lá sozinho?

— Como o homem da lua — respondeu Schomberg prontamente. — Ninguém se inquieta com o que lhe possa acontecer. Anda escondendo-se, compreende, depois de meter no saco toda essa presa.

— Presa, hein? Por que não voltou para a terra com ela? — indagou Ricardo.

O secretário de “Mr. Jones-simplesmente” começava a achar que o negócio era digno de consideração, e dispunha-se a pesquisar a verdade à maneira de homens dotados de moralidade mais sã e mais puras intenções do que ele; isto é, pesquisava-a à luz da sua experiência e preconceitos pessoais. Porquanto os fatos, seja qual for a sua origem (e só Deus sabe de onde nascem eles), só podem ser auscultados pelas nossas suspeitas individuais. Ricardo era todo ele suspeitas. Schomberg (tal é o efeito tônico da reavida estima própria) retorquiu impávido:

— Voltar para a terra? Por que não volta você para a sua terra? Quem o ouve falar diria que já amontoaram uma fortuna regular com o dinheiro que ganham no jogo por aí. Já deviam estar prontos para voltar.

Ricardo deteve-se para contemplar Schomberg com surpresa.

— Você se julga muito esperto, não?

Schomberg estava naquele momento tão convencido da sua esperteza que esta malévola ironia não o perturbou. Notava-se positivamente um sorriso no meio da sua nobre barba teutônica, o primeiro sorriso depois de muitas semanas. Achava-se numa disposição feliz.

— Como sabe você que ele não pensava em voltar para a terra? O fato é que ia a caminho de lá.

— E como posso saber se você não se está divertindo a me contar uma história da carochinha? — atalhou Ricardo asperamente. — Não sei como ainda tenho a pachorra de ouvir essas asneiras!

Schomberg recebeu impassível esta mutação de humor. Não era preciso ser um observador muito sutil para perceber que havia despertado certo sentimento, talvez de cobiça, em Ricardo.

— Não quer acreditar? Muito bem! Pergunte a qualquer pessoa das que aparecem por cá se esse... esse sueco não chegou até aqui na viagem de volta. Para que havia ele de vir a Surabaya se não fosse por isso? Pergunte a qualquer um.

— Sim, perguntar! —olveu o outro. — Eu é que ia andar por aí tomando informações sobre um homem que trago de olho! Essas coisas devem ser feitas na calada, ou então é melhor desistir.

A intonação especial desta última frase deu a Schomberg uma sensação de frio na nuca. Pigarreou de leve e desviou os olhos, como se tivesse ouvido uma indelicadeza. Depois, numa espécie de arremesso:

Está claro que ele não me disse nada. Havia de me dizer? Mas eu não tenho olhos? Não tenho cabeça para compreender? Sei adivinhar as intenções das pessoas. Por exemplo, ele fox falar com os Tesman. Por que havia de falar com os Tesman dois dias seguidos, hein? Não sabe? Não compreende?

Esperou com indulgência que Ricardo terminasse de praguejar contra ele, chamando-lhe tagarela excomungado, e depois continuou:

— Um homem não vai dois dias seguidos a um escritório comercial, nas horas de trabalho, só para cavaquear sobre o tempo. Então por que foi? Para saldar as contas num dia e receber o dinheiro no outro! Isto não é claro?

Ricardo, com o seu sestro de olhar numa direção enquanto caminhava na

outra, aproximou-se vagarosamente de Schomberg.

— Para receber o dinheiro? — ronronou.

— Gewiss — replicou Schomberg com impaciente superioridade. — Que mais podia ser? Apenas o dinheiro que estava com os Tesman, note bem. Quanto ao que ele escondeu ou enterrou na ilha, só o diabo sabe. Pense no dinheiro sonante que passou pelas mãos desses homens, para pagamento de empregados e compra de provisões... e ele é um ladrão esperto, estou-lhe dizendo.

O olhar fixo de Ricardo perturbou o hoteleiro, que acrescentou embaraçado:

— Isto é, um ladrão vulgar, sorrateiro... sem nenhum valor. E faz-se passar por barão sueco, se faz favor! Pfiu!

— É barão, hein? Essa nobreza estrangeira não vale grande coisa — continuou o sr. Ricardo em tom sério. — E depois? Ele andou rondando por aqui.

— Sim, andou rondando. — disse Schomberg com uma careta. — Ele... andou rondando. É isso. Rondando...

Sua voz se apagou. Uma expressão de curiosidade estampou-se no semblante de Ricardo.

— Assim, sem motivo? Depois fez. meia volta e voltou para aquela ilha?

— E voltou para aquela ilha — ecoou Schomberg numa voz sem vida, fitando os olhos no chão. Que é que você tem? — perguntou Ricardo com sincera surpresa. — O que é isto?

Schomberg fez um gesto de impaciência, sem erguer os olhos. Tinha o rosto rubro e conservava-o abaixado. Ricardo tornou ao ponto em discussão.

— Bem, como é que você explica isso? Qual foi o motivo? Com que fim voltou ele para a ilha?

— Lua de mel! — atirou Schomberg com ferocidade.

Estava quieto, com os olhos baixos. De súbito, sem nenhum gesto preliminar, sentou na mesa uma punhada que fez saltar o desprevenido Ricardo. Só então ergueu Schomberg os olhos, com uma expressão de ressentimento opaco.

Ricardo olhou-o fito um instante, foi até o fundo da sala, voltou vivamente e resmungou “sim, sim!” em voz profunda, por cima da rígida cabeça de Schomberg. Que o hoteleiro era capaz de um grande esforço moral, provou-o o retorno gradual das suas maneiras severas de tenente da reserva.

— Sim, sim! — repetiu Ricardo mais decididamente que antes, após ter refletido. — Seria preferível que não lhe tivesse perguntado, ou que você me tivesse mentido. Não me convém saber que há uma mulher envolvida nisto. Que jeito tem ela? É a garota que você...?

— Acabe com isso! — resmungou Schomberg, lamentável sob a sua rígida fachada militar.

— Sim, sim! — exclamou Ricardo pela terceira vez, compreendendo cada vez melhor, e cada vez mais perplexo. — Não tolera que se fale nisso... a coisa é tão séria assim? E contudo eu apostaria como ela não é nenhum prodígio de beleza.

Schomberg fez um gesto indicando que não sabia, que não lhe importava. Depois perfilou os ombros e pôs os olhos no vácuo, carrancudo.

— Barão sueco... hum! — prosseguiu Ricardo pensativamente. — O patrão há de achar que o negócio merece consideração, se eu lhe falar com jeito. O patrão gosta de um duelo, se assim se pode dizer; mas ainda não vi um homem capaz de lhe fazer frente em campo raso. Você já viu um gato brincar com um rato? E um lindo espetáculo.

Ricardo, com os seus olhos que luziam voluptuosamente e a sua expansão modesta, parecia-se de tal maneira com um gato que Schomberg ficaria tão alarmado quanto um rato se outros sentimentos não o dominassem então por completo.

— Entre nós dois não há fingimentos — disse ele, em voz mais firme do que esperava.

— Mas de que serve isso? Ele foge das mulheres. Naquele pueblo mexicano onde estivemos encalhados, eu ia às vezes a um baile de noite. As moças do lugar me perguntavam se o caballero que estava na posada era um monge disfarçado, ou se tinha feito promessa à santíssima madre de não falar com mulheres, ou se... Você faz ideia do que umas garotas que não têm papas na língua são capazes de perguntar quando chegam ao ponto de dizer o que lhes vem à cabeça. E aquilo me vexava. Sim, o patrão tem medo de mulheres.

— De uma mulher só? — interpôs Schomberg em voz gutural.

— Às vezes é mais difícil lidar com uma do que com duas ou duzentas, se formos a isso. Num lugar cheio de mulheres, a gente não é obrigado a olhar para elas, a não ser que o queira. Mas quando se entra numa sala onde só esteja uma mulher, moça ou velha, bonita ou feia, tem-se que enfrentá-la. E nesse caso, a não ser que ela nos interesse (neste ponto o patrão tem toda a razão), é um estorvo.

— Por que reparar nela então? — resmungou Schomberg. — Que mal podem elas fazer?

— No mínimo, podem fazer barulho — respondeu o sr. Ricardo laconicamente, com a repugnância de um homem cujos métodos requerem silêncio; pois, na verdade, nada há mais odioso que o ruído para quem está absorvido num

importante jogo de cartas, — Barulho, barulho, meu amigo — continuou ele vigorosamente, — excomungado barulho por uma coisa ou outra, e se o patrão não gosta disso, eu tão pouco. Mas no caso do patrão há outra coisa mais. Ele não pode absolutamente tolerá-las.

Fez uma pausa para refletir sobre este fenômeno psicológicos, e como não havia ali nenhum filósofo para lhe dizer que não há sentimento forte que não seja acompanhado de certo terror, assim como não existe verdadeira religião sem um pouco de fetichismo, ele formulou a sua conclusão pessoal, que evidentemente não podia atingir o âmago da questão.

— Diabos me levem se elas não são para ele o que a bebida é para mim. O brandy... uf!

Fez uma cara de nojo e teve um autêntico estremecimento. Schomberg ouvia-o pasmado. Parecia que aquele... sueco seria protegido pela sua própria patifaria, pois o fruto de sua iniquidade se erguia entre o ladrão e o seu castigo.

— Pois é, meu velho. — Ricardo quebrou o silêncio depois de ter contemplado com uma espécie de simpatia o mudo desânimo de Schomberg. — Acho que a manobra vai falhar.

— Mas é uma tolice — murmurou o homem esbulhado da vingança, que já parecia ter nas mãos, por uma manobra e exasperante idiossincrasia.

— Não se meta a julgar um cavalheiro — verberou Ricardo sem cólera, com expressão sorumbática. — Nem eu mesmo posso compreender perfeitamente o patrão. Eu, que sou inglês e lhe acompanho os passos! Não, acho que não ousarei falar-lhe nisso, por mais farto que esteja deste lugar.

Ricardo não podia estar mais farto de Surabaya do que estava Schomberg da sua presença no hotel. Schomberg acreditava tão firmemente na realidade de Heyst, tal como o pintavam o seu poder de tirar inferências falsas, o seu ódio, o seu amor do escândalo, que não pôde reprimir um grito abafado, cheio de uma convicção tão sincera quanto o podem ser nos momentos supremos a maior parte das nossas convicções, servas disfarçadas de nossas paixões.

— Seria o mesmo que ir buscai uma pepita de ouro valendo mil libras, ou quem sabe se duas ou três vezes mais. Nenhum obstáculo, nada de...

— O obstáculo é a mulher — contraveio Ricardo. Recomeçara as suas caminhadas silenciosas, oblíquas e felinas, onde um observador descobriria uma excitação de nova índole, qual a que revelaria um gato bravo ansioso por saltar. Schomberg nada viu. Se visse, teria provavelmente recuperado a esperança; mas em geral preferia não olhar para Ricardo. Este, contudo, num dos seus olhares

irrequietos, de viés, observou o sorriso amargo que se escondia a meio entre as barbas de Schomberg, o sorriso inconfundível da esperança frustrada.

— Você é um tipo bem rancoroso — disse ele, detendo-se um instante com expressão de interesse. — Que me enforcem se alguma vez já vi uma cara tão desapontada! Aposto como você mandaria a peste negra àquela ilha se pudesse... hein, que tal? A peste ainda é muito boa para eles? Ah, ah, ah!

Inclinou-se para fitar Schomberg, que permanecia imóvel, com os olhos e as feições petrificados, aparentemente surdo à cáustica zombaria daquele riso que soalhava tão próximo da sua orelha rubra e carnuda.

— A peste negra é muito boa para ele, ah, ah! — Ricardo insistia com o atormentado hoteleiro, que mantinha obstinadamente os olhos no chão.

— Não quero mal à pequena — resmoneou.

— Mas ela não se pôs ao fresco? Não lhe deu a tábua? Diga lá!

— Só o diabo sabe o que lhe fez esse infame sueco... o que lhe prometeu, como a aterrorizou. Ela não podia gostar dele, tenho certeza. — A vaidade de Schomberg apegava-se a esta crença em algum meio de sedução extraordinário e atroz, empregado por Heyst. — Pense no modo como ele enfeitiçou o pobre Morrison — murmurou.

— Ah, Morrison... o homem tirou-lhe todo o dinheiro, hein?

— Sim... e a vida também.

— Sujeito terrível, esse barão sueco. Como se pode deitar-lhe a mão?

Schomberg estrugiu:

— Três contra um! São medrosos? Quer que eu lhe dê uma carta de apresentação?

— Você devia olhar-se num espelho — disse Ricardo calmamente. — Diabos me levem se não tiver algum ataque daqui a pouco. E este é o homem que diz que as mulheres não podem fazer mal nenhum! Essa mulher dará cabo de você, a menos que consiga esquecê-la.

— Quem me dera — confessou Schomberg ardentemente. — E é tudo obra daquele sueco. Durmo mal, sr. Ricardo. E além disso, para liquidar comigo, aparecem-me aqui os senhores... como se eu já não tivesse desgostos que chegassem.

— Isso lhe faz bem — sugeriu o secretário com irônica seriedade. — Afaste-lhe do espírito essa preocupação idiota. Na sua idade, além do mais!

Não prosseguiu, como se sentisse pena do outro. E mudando de tom:

— Eu gostaria sinceramente de lhe prestar um serviço, fazendo ao mesmo tempo um bom negócio.

— Um excelente negócio — insistiu Schomberg, como que maquinalmente. Na sua simplicidade era incapaz de renunciar à ideia que se lhe instalara no espírito. Uma ideia só pode ser expelida por outra ideia, e as ideias de Schomberg eram raras e por conseguinte tenazes. — Ouro cunhado — murmurou ele com uma espécie de angústia.

Tão expressiva combinação de palavras não deixou de produzir efeito sobre Ricardo. Ambos os homens eram acessíveis à influência das sugestões verbais. O secretário de Mr. Jones-simplesmente suspirou e murmurou:

— Sim, mas como se pode chegar até ele?

— Como são três contra um — disse Schomberg — creio que seria bastante pedir por boca.

— Dir-se-ia que o sujeito mora aí ao lado — rosnou Ricardo com impaciência. — Que demônio, você não sabe responder a uma pergunta? Perguntei-lhe o caminho.

Schomberg pareceu recobrar vida.

— O caminho?

O torpor das esperanças desiludidas, que se ocultava sob as suas mudanças de humor, fora dissipado por estas palavras, que pareciam cheias de intenção.

— O caminho é pelo mar, está visto — disse o hoteleiro. — Para homens como os senhores, três dias num bom bote grande é uma brincadeira. Um simples passeio, uma mudança de ares. Nesta época do ano o Mar de Java é um lago. Tenho um excelente bote, perfeitamente seguro... um escalor de navio... com lugar para trinta pessoas, quanto mais três. Uma criança poderia manobrá-lo. Nesta quadra do ano não receberiam nem um respingo de água no rosto. Uma viagem de recreio, pode-se dizer,

— Mas já que tem esse bote, por que não foi atrás dela... ou atrás dele? Como amante enganado, você é um fracasso!

Esta insinuação causou um estremecimento em Schomberg.

— Eu não sou três — disse com semblante carrancudo, por ser esta a resposta mais breve entre as diversas que tinha à escolha.

— Oh, eu conheço os tipos da sua marca — disse Ricardo negligentemente. — Você e como quase toda a gente... ou talvez um pouco mais conformado que o resto dos traficantes que mandam nesta joça. Pois meu caro cidadão respeitável — prosseguiu, — vamos examinar a fundo este negócio.

Quando Schomberg compreendeu por fim que o assessor de Mr. Jones estava disposto a discutir, conforme as suas próprias palavras, “esse seu bote, as

rotas e as distancias”, e outras particularidades concretas de mau agouro para o infame sueco, recobrou a sua atitude marcial, perfilou os ombros e perguntou com a sua intonação militar:

— Deseja então ir avante com o negócio?

Ricardo inclinou a cabeça. Estava quase resolvido, disse. Devia-se, tanto quanto possível, fazer as vontades dum cavalheiro; mas em certas ocasiões era preciso tomar as rédeas na mão, para o bem dele próprio. E cumpria a um bom auxiliar conhecer a ocasião e os métodos especiais dessa delicada parte das suas obrigações. Tendo exposto esta teoria, Ricardo passou à aplicação prática.

— Nunca cheguei positivamente a mentir-lhe — disse ele, — e não vou fazê-lo desta vez. Limitar-me-ei a não dizer nada sobre a garota. Ele terá de suportar o choque como puder. Que diabo! Neste caso não convém ter demasiada consideração com os seus sentimentos.

— Esquisito — observou Schomberg vivamente.

— Acha? Sim, você não se importaria de pegar uma mulher pelas goelas nalgum canto escuro, desde que não houvesse ninguém perto, aposto!

Esta horrível, perversa e felina prontidão de Ricardo para mostrar as garras a qualquer momento impressionou Schomberg como de costume. Mas não deixava de provocante também.

— E você? — perguntou à guisa de defesa. — Não me quer fazer crer que está para todas?

— Eu, meu caro? Claro que estou. Eu não sou um cavalheiro, e você tão pouco. Pegá-las pelo pescoço ou fazer um afago no queixo, para mim é a mesma coisa... pouco mais ou menos — afirmou Ricardo com um tom sutilmente irônico na sua complacência vaidosa. — Bem, vamos ao nosso negócio. Um passeio de três dias num bom bote não é coisa para assustar homens como nós. Até aí você tem razão; mas há outros pormenores.

Schomberg estava pronto para entrar nos pormenores. Explicou que possuía em Madura uma pequena plantação, com uma cabana habitável. Propôs que os três hóspedes partissem da cidade no seu bote, fazendo crer que iam em excursão àquele sítio campestre. Os guardas de alfândega, no cais, estavam habituados a ver o bote partir nesses passeios.

De Madura, num dia apropriado e após descansarem, Mr. Jones e seus companheiros efetuariam a verdadeira partida. Velejariam com vento favorável. Schomberg encarregava-se de aprovisionar o bote. O maior contratempo a recear seria alguma chuvurada. Naquela estação não havia tormentas sérias.

O coração de Schomberg pôs-se a latejar com força ao ver aproximar-se assim a hora da vingança. Sua fala era pastosa, mas persuasiva.

— Nenhum risco... absolutamente nenhum!

Ricardo afastou com um gesto impaciente estas asseverações. Estava pensando em outros riscos.

— Quanto à saída daqui, está muito bem. Mas podemos ser vistos no mar, e isso nos poderá trazer aborrecimentos depois. Um escaler de navio com três homens brancos, em alto-mar, é coisa para dar que falar. E provável que sejamos vistos em caminho?

— Não, a não ser pelas embarcações indígenas — disse Schomberg.

Ricardo inclinou a cabeça satisfeito. Os dois homens consideravam a vida dos indígenas como um simples jogo de sombras — um teatrinho chinês que a raça dominadora podia atravessar indiferente e despercebida, na perseguição dos seus fins e necessidades incompreensíveis. Não. As embarcações indígenas não entravam em conta, naturalmente. Era um trecho de mar vazio e solitário, continuou Schomberg a explicar. Só o pacote de Ternate cruzava essa região por volta do dia 8 de cada mês, regularmente... nunca, porém, aproximando-se da ilha. Rígido, a voz rouca, o coração batendo com força, o espírito concentrado no meu plano, o hoteleiro multiplicava as palavras como que para pôr entre ele e o aspecto criminoso do seu desígnio o maior número delas possível.

— De modo que se os senhores partirem da minha plantação sem espalhafato no dia 8 (é sempre preferível largar de noite, com a brisa da terra) há uma probabilidade em cem... que digo eu? uma probabilidade em mil de que sejam vistos na passagem. Tudo que têm a fazer é conservar o rumo de nordeste durante coisa de cinquenta horas; talvez nem tanto. Sempre haverá bastante vento para mover o bote; podem contar com isso. E depois... .

Os músculos do abdome lhe estremeciam sob a roupa, de alvoroço, impaciência e algo semelhante a um receio, cujo verdadeiro caráter ele não percebia com clareza. Aliás, não tinha desejo de investigá-lo. Ricardo olhava firme para ele, com os olhos a brilhar mais como pedras polidas do que como um tecido vivo.

— E depois? — inquiriu.

— E depois... ora, vão fazer uma surpresa a Herr Baron... ah ah!

Schomberg pareceu expelir à força as palavras e o riso, em voz rouca de baixo.

— E você acredita que ele tem toda a presa? — perguntou Ricardo, mais por

descargo de consciência, pois o fato, considerado com agudeza sob todos os pontos do vista, lhe parecia extremamente provável.

Schomberg ergueu as mãos e tornou a baixá-las devagar.

— Como podia ser de outra forma? Ele ia voltar para a Inglaterra, e quando esteve aqui já ia de viagem. Pergunte a quem quiser. É possível que tivesse deixado o dinheiro na ilha?

— Ricardo estava imerso em reflexões. Subitamente, erguendo a cabeça, observou:

— Cinquenta horas no rumo de nordeste, hein? A rota é um pouco vaga. Já ouvi contar casos de navios que deixaram atrás um porto com informações melhores. Poderia falar da configuração da ilha? Mas com certeza você nunca a viu...

Schomberg confessou que não a tinha visto, no tom de um homem que se felicita por ter escapado a uma contingência desagradável. Não, certamente que não. Nunca tivera necessidade de ir lá. Mas que tinha isso? Podia dar ao sr. Ricardo um marco dos melhores. Riu nervosamente. Errar o porto! Desafiava quem quer que passasse a quarenta milhas de distância a deixar escapar o valhacouto do infame sueco.

— Que me diz de uma coluna de fumaça durante o dia e uma fogueira à noite? Há perto daquela ilha um vulcão em plena atividade... daria quase para guiar um cego. O que mais você deseja? Um vulcão ativo para dar o norte!

Estas últimas palavras foram proferidas num brado exultante. De súbito ele saltou em pé e cravou um olhar furioso na porta que dava para o interior do hotel. Esta se abriu e a sra. Schomberg, trajada para o serviço, defrontava-o na outra extremidade da sala. Demorou-se um momento com a mão no trinco, depois entrou e encaminhou-se para o seu posto, onde se sentou com os olhos fitos na frente, segundo o costume.

o

o

o

o

o

Parte 3

o

o

o

o

o

I

Anatureza tropical compadecera-se da empresa comercial malograda. A desolação da sede da Companhia de Carvão da Zona Tropical ficara encoberta para as bandas do mar, de onde os olhos espreitadores (se alguns houvesse suficientemente interessados, quer por malícia quer por comisseração) poderiam ter avistado os ossos em decomposição daquela empresa que tão promissora tinha sido.

Heyst morava entre os ossos tão compassivamente enterrados sob as ervas altas de duas estações chuvosas. Mais que impedir, favorecia suas meditações solitárias o silêncio dos arredores, só rompido por sons tais como o distante ribombar do trovão, a chuva que fustigava a folhagem de algumas árvores enormes, o ruído do vento a agitar as folhas da floresta e das pequenas ondas a se quebrarem na praia.

A meditação é sempre (ao menos num homem branco) um exercício mais ou menos interrogativo. Heyst meditava com simplicidade sobre o mistério dos seus atos. E respondia a si mesmo com esta reflexão sincera:

— Em fim de contas, deve haver em mim muito do primitivo Adão.

Refletia também, com a impressão de descobrir um fato novo, que não é fácil suprimir esse ascendente primevo. A voz mais antiga do mundo é justamente aquela que nunca se cala. Se havia alguém capaz de impor silêncio aos seus ecos imperiosos, esse alguém seria o pai de Heyst, com a sua negação desdenhosa e inflexível de todo esforço. Mas, no parecer, não o conseguira. Havia no filho muito desse primeiro antepassado que, apenas saída do molde celeste a sua forma de barro, pusera-se a estudar e a nomear os animais do paraíso que tão cedo viria a perder.

Ação: o primeiro pensamento, ou talvez o primeiro impulso, surgido na terra! O anzol farpado, tendo por isca a ilusão do progresso, para arrancar ao caos tenebroso as gerações inumeráveis!

— E eu, o filho de meu pai, também fui fisgado como o mais idiota de todos os peixes! — dizia Heyst de si para si.

Sofria. Magoava-o o espetáculo da sua própria vida, que deveria ser uma obra-prima de isolamento. Nunca esquecia a última noite passada com o pai. Revi a o rosto fino, a grande cabeleira branca, a tez de marfim. Sobre uma mesinha, ao lado do sofá, havia um candelabro de cinco ramos. Tinham conversado largo tempo. Os ruídos da rua haviam-se apagado um a um, até que enfim as casas de Londres, sob o luar, começaram a assumir o aspecto de túmulos, os túmulos de um cemitério de

esperanças, esquecido e desprezado.

Ele tinha escutado o velho, e ao cabo de um silêncio perguntara (pois naquele tempo era bem moço ainda):

— Não há nada para nos orientar?

Seu pai sentia-se, inesperadamente, disposto à afabilidade naquela noite em que a lua singrava um céu sem nuvens por cima das sombras enfarruscadas da cidade.

— Ainda crês em alguma coisa, então? — disse ele numa voz clara que ultimamente vinha perdendo o vigor. — Talvez ainda acredites na carne e no sangue? Um desprezo total e uniforme porá termo a isso também. Mas já que ainda não chegaste até lá, aconselho-te a cultivar essa forma de desprezo que se chama piedade. E talvez a menos difícil. Nunca esqueças, entretanto, que tu és tão digno de lástima como os demais, porem jamais esperes piedade para ti mesmo.

— Que se deve fazer, então? — suspirou o moço, considerando o pai rígido no sofá de encosto alto.

— Observar calado. — Foram estas as últimas palavras daquele homem que passara a vida inteira a soprar uma trombeta aterradora que enchera de ruínas o céu e a terra, enquanto a humanidade seguia o seu caminho sem dar por isso.

Nessa mesma noite morreu ele na sua cama, tão serenamente que o foram encontrar na posição em que costumava dormir, deitado sobre o lado, uma mão sob o rosto e os joelhos ligeiramente dobrados. Nem sequer havia estirado as pernas.

O filho sepultou o destruidor de sistemas, de esperanças, de crenças, que se calara para sempre. Notou que a morte desse amargo detratador da vida não perturbava a torrente da vida, na qual homens e mulheres passam compactos como grãos de poeira, revoluteando e se entrechocando como bonecos de cortiça, chumbados o bastante para que mantenham sua orgulhosa postura vertical.

Depois do enterro Heyst foi se sentar sozinho no gabinete, ao lusco-fusco, e a sua meditação tomou a forma de uma visão nítida da torrente, dos bonecos que esbarravam Uns nos outros, oscilavam, rodopiavam doidamente, impelidos para a frente por uma força irresistível, e não davam sinal de haver notado que uma voz, na margem, se calara de súbito... Sim. Umas poucas notas necrológicas, quase todas Insignificantes e algumas delas grosseiramente injuriosas. O filho leu tudo com melancólico desprendimento.

— Este ódio e este furor vêm do medo — pensou — e também da vaidade ferida. Os bonecos soltam os seus gritinhos ao passar. Suponho que eu também devia odiá-lo...

Percebeu que os seus olhos estavam unidos. Não era porque se tratasse de seu pai. Para ele isto era uma simples questão de ouvir dizer, incapaz, em si mesma, de provocar tal emoção. Não! Era porque o tivera tanto tempo diante dos olhos que lhe sentia muito a falta. O morto o retivera consigo na margem. E agora Heyst sentia agudamente o fato de ter ficado só à beira da torrente. Por orgulho, resolveu não entrar nela.

Algumas lágrimas lentas lhe rolaram pelas faces. Nos aposentos da casa, que se enchiam de sombras, parecia pairar um fantasma melancólico e inquieto, procurando em vão se expressar. O moço levantou-se com a singular impressão de ceder o lugar a um ser impalpável que reclamasse a posse da casa, saiu e fechou a porta à chave. Quinze dias depois iniciou as suas viagens, levando o propósito de “observar calado”.

Heyst pai deixara algum dinheiro e certa quantidade de objetos, como fossem livros, mesas, cadeiras e quadros, que poderiam queixar-se de cruel abandono após tantos anos de devotado serviço, pois as coisas também têm uma alma. Heyst (o nosso Heyst) pensava neles muitas vezes, via-os mudos e repreensivos, envoltos nas suas mortalhas e encerrados naquela remota casa de Londres, entre os ruídos distantes da rua, e por vezes gozando um pouco de sol, quando a zeladora erguia os estores e abria as janelas, em cumprimento das suas recomendações. Era como se, na sua concepção de um mundo indigno de ser tocado, e que talvez não tivesse bastante substância para que se pudesse abarcá-lo com as mãos, esses objetos familiares da sua meninice e juventude, ligados à memória de um velho, fossem as únicas realidades, as únicas coisas dotadas de existência absoluta. Nunca quis mandar vendê-los, ou mesmo retirar dos lugares que ocupavam na última vez que os vira. Quando lhe avisaram de Londres que o contrato de aluguel expirara e a casa, com algumas outras iguazinhas a ela, ia ser demolida, sentiu uma estranha angústia.

Já então enveredara pela ampla estrada das inconsistências humanas. Era no tempo da Companhia. Escreveu dando ordem para que algumas daquelas coisas lhe fossem enviadas para Samburan, tal como teria feito uma pessoa crédula comum. E as coisas vieram, arrancadas ao seu longo repouso: livros em quantidade, algumas cadeiras e mesas, o retrato a óleo do pai, que surpreendeu Heyst pelo seu ar de mocidade, pois as suas recordações pintavam-no como um homem muito mais velho; uma porção de miudezas, como castiçais, tinteiros, e estatuetas do gabinete do pai, que o surpreenderam por parecer tão pequenas e tão usadas.

Ao desencaixotá-las na varanda, cuja sombra era assediada pelo sol terrível,

o administrador da Companhia de Carvão da Zona Tropical teve com certeza diante dessas relíquias a sensação de um apóstata arrependido. Manuseava-as com ternura. Foi, talvez, a presença delas que o prendeu à ilha quando se lhe abriram os olhos à inutilidade da sua apostasia. Fosse qual fosse a razão decisiva, Heyst permanecera naquele lugar, de onde um outro qualquer se teria retirado satisfeito. O excelente Davidson descobrira o fato sem compreender a razão e sentira um interesse bem humano pela singular existência de Heyst, conquanto a sua inata delicadeza não lhe permitisse invadir a solidão do outro. Não podia adivinhar que Heyst, sozinho na ilha, não se sentia nem mais nem menos solitário do que em qualquer outro lugar, deserto ou populoso. A preocupação de Davidson era, se assim nos podemos expressar, de que aquele espírito viesse a morrer à míngua; mas Heyst era um espírito que renunciara a todo alimento, exterior, nutrindo-se orgulhosamente do seu próprio desprezo pelos pastos vulgares e grosseiros que a natureza oferece aos apetites comuns dos homens.

O corpo de Heyst tão pouco corria perigo de morrer de fome, segundo afirmara Schomberg com tanta confiança. Ao se iniciarem as operações da companhia a ilha fora provida de mantimentos, com uma abundância superior às necessidades. Heyst não tinha por que recear a fome, e a sua própria solidão não era absoluta. Entre os numerosos trabalhadores chineses importados, um ao menos permanecera em Samburan, solitário e estranho, como uma andorinha deixada atrás na migração da sua tribo.

Wang não era um cule comum. Já tinha sido criado de brancos. O ajuste entre ele e Heyst consistira na troca de algumas palavras, no dia em que a última turma de mineiros chineses deixava Samburan. Heyst, debruçado sobre o parapeito da varanda, via-os embarcar, na aparência tão calmo como se nunca se houvesse apartado da doutrina de que este mundo não é, para os sábios, mais que um espetáculo divertido. Wang surgiu no cunhal da casa e, parando em baixo, ergueu a cara amarela e fina.

— Tudo acabado? — perguntou.

Heyst, na varanda, meneou de leve a cabeça olhando na direção do pier. Uma multidão de homens vestidos de azul, em que se destacavam as caras e as pernas amarelas, era metida às pressas nos escaleres do paquete surto ao longe, como um navio pintado sobre um mar pintado, tudo em cores cruas, sem sombras, sem sentimento, com precisão brutal.

— É bom você apressar-se, se não quer que o deixem aqui.

Mas o chinês não se moveu.

— Mim fica — disse.

Heyst pôs os olhos nele pela primeira vez.

— Você quer ficar?

— Sim.

— O que você fazia? Qual era seu trabalho aqui?

— Selvia mesa.

— Quer ficar como meu criado? — perguntou Heyst surpreso.

Inesperadamente, o chinês fez uma cara de súplica e disse, ao cabo de uma pausa regular:

— Pode faz.

— Não precisa ficar — disse Heyst, — a não ser que queira. Eu pretendo continuar aqui... talvez ainda por muito tempo. Não tenho autoridade para obrigá-lo a ir embora se você deseja ficar, mas não vejo razão para isso.

— Alanjei mulhé — respondeu Wang friamente. E afastou-se, voltando as costas para o pier e o mundo inteiro, representado pelo pacote que esperava os escaleres.

Pouco depois Heyst veio a saber que Wang tinha persuadido uma mulher da povoação dos alfuos, situada na praia ocidental da ilha, além das montanhas centrais, a vir viver com ele num ponto distante da clareira. Era um caso curioso, porquanto os alfuos, atemorizados com aquela invasão súbita de chineses, tinham abatido algumas árvores para bloquear o caminho que atravessava as montanhas, nunca se aventurando no outro lado. Os cules, em conjunto, olhando com desconfiança a manifesta pacatez desse inofensivo povo de pescadores, respeitaram a fronteira sem tentar atravessar a ilha. Wang fora uma brilhante exceção. Devia ser dotado de alguma fascinação incomum, imperceptível para Heyst, ou então seria extraordinariamente persuasivo. OS serviços prestados pela mulher a Heyst limitavam-se ao fato de prender Wang à ilha com os seus encantos, que ficaram ignorados pelo homem branco, pois ela em ocasião alguma se aproximou das casas. O casal vivia na orla da floresta, e às vezes se podia ver a mulher olhando na direção do bangalô, com a mão em pala sobre os olhos. Mesmo de longe parecia uma criatura tímida e selvagem, e Heyst, não querendo por à prova os seus nervos primitivos, evitava escrupulosamente, em suas caminhadas, de passar por aquele lado da clareira.

No dia (ou melhor, na primeira noite) seguinte ao início de da sua vida de ermitão, ele ouviu vagamente uns sons festivos que vinham daquelas bandas. Ganhando coragem com a partida dos estrangeiros invasores, alguns nativos,

amigos e parentes da mulher, aventuraram-se além das montanhas para assistir a uma espécie de boda. Fora Wang que os convidara. Mas foi essa a única ocasião em que um som mais forte que o zumbido dos insetos perturbou o silêncio profundo da clareira. Os indígenas nunca mais foram convidados. Ademais de saber viver de acordo com as convenções sociais, Wang tinha sólidas ideias pessoais quanto à organização da existência doméstica. Passado algum tempo, Heyst reparou que o chinês se apoderara de todas as chaves. Qualquer chave que ficasse à vista desaparecia após a passagem de Wang. Posteriormente algumas delas — as que não pertenciam aos depósitos de mantimentos ou aos bangalôs desocupados, e que não se podiam considerar propriedade comum dessa comunidade composta de duas pessoas — foram devolvidas a Heyst, atadas em molho com um barbante. Encontrou-as uma manhã sobre a mesa, junto ao seu prato. A ausência das chaves não lhe causara transtorno, pois nunca fechava as gavetas ou as malas. Heyst nada disse. Wang, tão pouco. Talvez fosse taciturno de seu natural, talvez o influenciasse o gênio da localidade, que era indubitavelmente o do silêncio. Até o dia em que Heyst e Morrison tinham desembarcado na Baía do Diamante Negro e lhe deram este nome, aquela parte de Samburan raríssimas vezes ouvira o som da voz humana. Era fácil ser taciturno na companhia de Heyst, que mergulhara num abismo de meditação sobre os seus livros, e dali não saía enquanto a sombra de Wang, obscurecendo a página, e o som da sua voz baixa e áspera pronunciando a palavra malaia makan, não o forçassem a subir para comer.

Na sua província natal da China talvez houvesse sido Wang uma pessoa alegre, cheia de vida e de sensibilidade agressiva. Mas em Samburan encerrava-se numa estolidez misteriosa e não parecia melindrar-se por lhe não dirigirem senão uma palavra que outra, as quais não chegavam, em média, a somar meia dúzia por dia. Aliás, não dava mais do que recebia. É de supor que, se isto lhe era pesado, cobrava-se com a esposa. Voltava sempre para junto dela ao anoitecer, desaparecendo subitamente do bangalô como uma espécie de fantasma diurno movido por mecânica e dotado de um rabicho e uma jaqueta branca. Pouco depois, cedendo à paixão dominante dos chineses, foi visto a desmoitar a terra em roda da sua choça, com um alvião de mineiro, entre os grossos tocos de árvores derrubadas. Descobriu então uma pá enferrujada mas ainda prestativa. num dos depósitos vazios, e é de crer que a sua horta prosperasse maravilhosamente — se bem que nada se pudesse ver, pois ele se dera ao trabalho de demolir um dos barracões da companhia para fazer, com as tábuas, uma cerca alta e muito cerrada em redor do seu terreno, como se o cultivo de legumes fosse um invento patenteado ou um

mistério sagrado e terrível, cuja guarda estivesse confiada à sua raça.

Heyst, acompanhando de longe os progressos hortícolas de Wang e as suas precauções (era só o que havia para ver) divertia-se ao pensar que ele constituía, em sua pessoa, todo o mercado para essa produção. O chinês encontrara nos depósitos vários pacotes de sementes, e cederá ao impulso irresistível de lançá-las na terra. Faria o amo pagar as verduras que plantava para satisfazer o seu instinto. E, contemplando silenciosamente o silencioso chinês que atendia com firmeza e vagar aos seus afazeres no bangalô, Heyst invejava-lhe essa obediência aos seus instintos, a poderosa simplicidade de propósitos que fazia parecer quase automática a sua existência, na misteriosa precisão dos pormenores.

II

Durante a estada do patrão em Surabaya, Wang ocupara-se do terreno fronteiro ao bangalô principal. Ao sair da orla de macegas que cresciam junto à base do pier, Heyst avistou um espaço amplo e limpo, plano e escuro, onde tinham ficado apenas um ou dois restolhos chamuscados. O fogo consumira tudo desde a frente da casa até as primeiras árvores da floresta.

— Você assumiu o risco de atear fogo às ervas? — perguntou Heyst.

Wang meneou a cabeça afirmativamente. Pelo braço do homem lhe estava à frente vinha a moça chamada Alma; mas nem pelo olhar do chinês, nem pela sua expressão, se poderia adivinhar que ele tinha conhecimento deste fato.

— Ele esteve aformoseando isto aqui, e empregou o método mais prático — explicou Heyst sem olhar para a moça, cuja mão lhe descansava no antebraço. — Este chinês constitui todo o pessoal do estabelecimento, como vê. Eu lhe disse que não tinha nem um cão para me fazer companhia.

Wang afastara-se na direção do pier.

— É como os garçons daquela casa — disse ela. “Aquela casa” era o hotel de Schomberg.

— Os chineses se parecem muito uns com os outros — observou Heyst, — Ele nos será útil. Esta é a casa.

Defrontavam-se-lhes, a certa distância, os seis degraus baixos que conduziam à varanda. A moça soltou o braço de Heyst.

— Esta é a casa — repetiu ele.

Sem se mover de junto do companheiro, ela olhou fixamente para a escada, como se esta fosse uma escada nunca vista, impraticável. Heyst esperou alguns instantes, mas a moça ficou imóvel.

— Não quer entrar? — perguntou ele, sem voltar a cabeça para olhá-la. — O sol está muito forte para ficar aqui. — Tratou de vencer uma espécie de medo, de fraqueza impaciente que o assaltara, e a sua voz se fez áspera. — Seria melhor entrar —: concluiu.

Ambos se moveram então, mas ao pé dos degraus Heyst parou, enquanto a moça subia rapidamente, como se nada, agora, pudesse detê-la. Atravessou lesta a varanda, penetrou na penumbra da grande peça central, e daí para a penumbra mais densa da peça que ficava além. Parou naquela semiobscuridade em que seus olhos mal podiam distinguir a forma dos objetos, e soltou um suspiro de alívio. A impressão do sol, do mar e do céu prolongava-se no seu espírito como a lembrança

de uma dolorosa provação por que passara e — que vencera afinal!

Nesse meio tempo Heyst voltara devagar na direção do pier. Mas não foi até lá. O prático, o automático Wang apossara-se de um dos vagonetes que outrora se usavam para transportar cestos de carvão ao longo dos navios ancorados junto ao pier. Surgiu empurrando-o diante de si, carregado com a mala leve de Heyst e a trouxa que continha os pertences da moça, envoltos no chale da sra. Schomberg. Heyst deu meia volta e seguiu o chinês, caminhando ao lado dos trilhos enferrujados em que o corria o vagonete. Wang fez alto em frente da casa, ergueu a mala no ombro, equilibrou-a cuidadosamente e depois apanhou a trouxa.

— Deixe essas coisas na mesa da sala grande... entendeu?

— Mim sabe — grunhiu Wang, encaminhando-se para o bangalô.

Heyst viu-o desaparecer da varanda. Só depois de tornar Wang a sair foi que ele entrou na penumbra da sala grande. Já então Wang se achava nos fundos da casa, fora do alcance da vista mas não do ouvido. O chinês distinguiu a voz, daquele que, quando havia muita gente na ilha, era em geral mencionado como o “Número Um”. Wang não podia entender as palavras, mas interessou-lhe o tom em que foram ditas.

— Onde está você? — chamou o Número Um.

Então Wang ouviu, muito mais fraca, uma voz que nunca tinha ouvido antes — uma impressão nova, que ele registou inclinando a cabeça levemente para um lado.

— Estou aqui... na sombra.

Anova voz soava remota e incerta. Wang nada mais ouviu, conquanto esperasse algum tempo, muito quieto, com o cocoruto da cabeça raspada ao nível da varanda dos fundos. Enquanto isto o seu rosto mantinha uma imobilidade inescrutável. De súbito ele se abaixou para apanhar a tampa de uma caixa de pinho para velas, que jazia no chão aos seus pés. Rachando-a com os dedos, dirigiu-se para o barracão que servia de cozinha. Acocorou-se ali e começou a fazer fogo debaixo de uma chaleira coberta de fuligem, provavelmente com o fim de preparar chá. Wang tinha algum conhecimento dos ritos e cerimônias mais superficiais da existência do homem branco, em tudo mais estranhos e enigmáticos ao seu espírito, e contendo inesperadas possibilidades de bem ou de mal que era preciso observar com cuidado e prudência.

III

Nessa manhã, como nas outras muitas que se haviam passado desde a sua volta com a moça para Samburan, Heyst saiu para a varanda e debruçou-se no parapeito abrindo amplamente os cotovelos, numa cômoda atitude de proprietário. A cadeia de montes que atravessava o centro da ilha ocultava ao bangalô o nascer do sol, quer fosse resplendente ou nublado, ameaçador ou sereno. Os habitantes daquela parte eram assim impedidos de prever desde cedo o aspecto do novo dia. Este saltava para eles em toda a sua plenitude quando a sombra imensa se retirava e o sol, galgando as montanhas, dardejava-lhes os seus raios secos e ardentes, como o olho devorador de um inimigo. Mas Heyst, outrora o Número Um da localidade, quando esta fervilhava de gente, gozava a frescura matinal que se prolongava, o dilúculo suave e demorado, o apagado fantasma da noite que se fora, a fragrância da sua alma escura e orvalha da, presa um instante ainda entre a grande fogueira do céu e o intenso resplendor do mar.

Era-lhe, naturalmente, difícil obstar a que o seu pensamento se espraiasse sobre as consequências desta sua última traição ao papel de espectador indiferente. Guardara, todavia, da sua destroçada filosofia o suficiente para não lhe deixar perguntar conscientemente a si mesmo como iria terminar aquilo. Mas, ao mesmo tempo, não deixava de ser ainda um espectador, por temperamento, pela força do hábito e da vontade — um espectador um pouco menos ingênuo, talvez, mas (segundo descobriu com certa surpresa) sem muito mais clarividência que o comum dos homens. Ao exemplo de nós outros, os que agimos, ele só podia dizer a si mesmo, com uma gravidade algo afetada:

— Veremos!

Este espírito de dúvida sombria só se insinuava nele quando se encontrava só. Tais momentos, no correr do dia, eram raros agora, e Heyst os via chegar com desgosto. Nessa manhã não teve tempo para ficar inquieto. Alma veio ter com ele muito antes que o sol, surgindo acima das montanhas de Samburan, dissipasse a sombra fresca da manhã e apagasse os vestígios que o sereno da noite deixara no teto sob o qual os dois moravam havia já três meses. Ela saiu para fora como fazia todas as manhãs. Heyst ouviu-lhe os passos leves na sala grande — a sala onde dispusera as coisas vindas de Londres, e que agora tinha três paredes forradas de livros até meia altura. Acima das estantes, a delicada esteira unia-se ao forro de calicó, muito esticado. Na sombria frescura da peça só se via brilhar a moldura dourada do retrato de Heyst pai, assinado por um artista famoso, o solitário no

centro de uma parede.

Heyst não se virou.

— Sabes em que estava pensando? — perguntou.

— Não — disse ela. Sua voz denunciava sempre uma ligeira ansiedade, como se nunca soubesse ao certo como iriam terminar suas conversas com ele. Encostou-se ao parapeito, junto ao companheiro.

— Não — repetiu. — Em quê?

Ficou esperando. E depois, mais relutante que tímida, perguntou: — Estavas pensando em mim?

— Queria saber quando sairias — voltou Heyst, ainda sem olhar para a moça, a quem, após vários ensaios com combinações de letras e sílabas, dera o nome de Lena.

Ela redarguiu, depois de uma pausa:

— Eu não estava muito longe.

— Ao que parece, não estavas bastante perto quanto eu o desejaria.

— Se precisavas de mim, podias chamar-me — disse ela. — Não demorei tanto assim a me pentear.

— Ao que parece, demoraste demais para o meu desejo.

— Bem, em todo caso pensavas em mim. Estou contente. Sabes, me parece, não sei por que razão, que se deixasses de pensar em mim eu não existiria neste mundo!

Heyst virou-se e olhou para ela. Sempre dizia coisas que o surpreendiam. O vago sorriso que ela tinha nos lábios desfez-se quando se viu assim examinada.

— O que é isso? — perguntou ele. — Uma censura?

— Uma censura? Mas como isso seria possível? — tornou ela, na defensiva.

— Então o que queria dizer? — insistiu Heyst.

— Simplesmente o que disse — nada mais. Por que é injusto?

— Ah, agora, sim, é uma censura!

Ela corou até a raiz dos cabelos.

— É como se quisesse se convencer de que sou mal-agradecida — murmurou. — Serei mesmo? Logo vai me deixar até com medo de abrir a boca. Acabo por acreditar que não presto.

Sua cabeça pendeu um pouco sobre o peito. Ele considerou-lhe a testa lisa e baixa, as faces levemente coradas e os lábios vermelhos entreabertos, deixando ver os dentes brilhantes.

— E então não prestarei mesmo — ajuntou ela, cheia de convicção. — Nem

resta dúvida! Só posso ser aquilo que você acredita que eu sou.

Ele fez um ligeiro movimento. Lena pôs a mão no braço dele, sem erguer a cabeça, e prosseguiu, imóvel mas em voz animada:

— Isso mesmo. Não podia ser de outra forma, com uma mulher como eu e um homem como você. Estamos sozinhos aqui, e eu nem sei que lugar é este.

— Um ponto conhecidíssimo do globo — disse Heyst com suavidade. — Devem ter sido distribuídos pelo menos cinquenta mil prospectos na ocasião... cento e cinquenta mil, com mais probabilidade. Foi o meu amigo que se encarregou disso, e ele tinha fé robusta e ideias largas. De nós dois, o verdadeiro crente era ele. Cento e cinquenta mil, com toda certeza.

— O que quer dizer? — perguntou ela em voz baixa.

— Que defeito posso encontrar em você? — continuou Heyst. — Ser amável, boa, gentil... e bonita?

Fez-se um silêncio. Então ela:

— É bom que tenha essa opinião de mim, pois aqui não há ninguém para pensar bem ou mal de nós.

O raro timbre da sua voz dava um valor especial ao que dizia. Heyst percebia ser mais física do que moral a emoção indefinível que lhe despertavam certas intonações dessa voz. Todas as vezes que ela lhe falava parecia abandonar-lhe um pouco de si mesma — qualquer coisa extremamente sutil e inexprimível, a que ele era sensível em alto grau, e de que sentiria amargamente a falta se a moça o deixasse. Enquanto Heyst a mirava nos olhou ela ergueu no ar o antebraço nu, fazendo descer a manga, e conservou-o alçado até que ele o notou e pousou o grande bigode bronzeado na alvura da pele. Voltaram então para dentro.

Ato contínuo Wang apareceu na frente e, pondo-se de cócoras, começou a remexer com modos misteriosos numas plantas ao pé da varanda. Quanto Heyst e a moça tornaram a sair, o chinês afastara-se segundo sua maneira própria, mais como se desaparecesse da existência que da vista, um processo de evaporação mais que de movimento. Eles desceram os degraus, olhando um para o outro, e logo atravessaram o terreno limpo. Mas não haviam andado dez metros quando, sem nenhum movimento ou som perceptíveis, Wang se materializou na sala vazia. O chinês ficou imóvel, com os olhos examinando as paredes, como que em busca de algum sinal, alguma inscrição; explorando o assoalho como se procurasse um alçapão ou uma moeda que houvessem deixado cair. Depois inclinou a cabeça de lado, levemente, diante do perfil do pai de Heyst que empunhava uma pena sobre uma folha branca de papel, em cima de uma mesa coberta com um pano vermelho.

E avançando silenciosamente, começou a tirar a louça do breakfast.

Embora o fizesse devagar, a precisão infalível dos seus gestos e a absoluta falta de ruído com que executou a operação davam a esta um aspecto de prestidigitação. Executado o número, Wang desapareceu da cena para se materializar logo depois na frente da casa. Materializou-se afastando-se dela, sem nenhuma intenção visível ou conjecturável; mas ao cabo de uns dez passos parou, descreveu meia volta e fez viseira com a mão sobre os olhos. O sol topetava com o espigão das montanhas cinzentas. Fora-se a grande sombra matinal, e muito longe, sob a luz devoradora, Wang ainda pôde avistar o Número Um e a mulher, dois longínquos pontos brancos sobre a linha sombria da floresta. Um momento depois sumiam. Com um mínimo de movimentos, Wang sumiu também da clareira inundada de sol.

Heyst e Lena penetraram na escura senda da floresta que atravessava a ilha e que, próximo ao seu ponto mais alto, estava bloqueada pelas árvores derrubadas. Mas não tencionavam ir até lá. Depois de seguir a senda por algum tempo, deixaram-na num sítio em que a floresta não tinha ervas, e as árvores, engalanadas de parasitas, se erguiam isoladas umas das outras, no meio daquele crepúsculo que era criação sua. Aqui e além, viam-se grandes manchas de luz no solo. Eles caminhavam, silenciosos em meio à grande quietude, respirando aquela calma, aquela solidão infinita, o repouso de uma modorra sem sonhos. No limite extremo da vegetação, surdiram entre umas rochas. E, numa depressão da encosta abrupta, formando uma espécie de plataforma pequena, viraram-se e olharam daquela altura para o mar, solitário, com a cor ofuscada pela luz do sol, o horizonte envolto numa névoa de calor, uma simples tremularão imaterial na pálida e cegadora infinidade, a que se sobrepunha o resplendor mais intenso do céu.

— Isto me deixa tonta — murmurou a moça, cerrando os olhos e pousando-lhe a mão no ombro.

Heyst, que olhava fixamente para o lado de leste, exclamou:

— Vela à vista!

Houve um momento de silêncio.

— Deve estar muito longe — continuou ele. — Não creio que possas ver. Alguma embarcação indígena que se dirige para as Molucas, provavelmente. Vem, não devemos ficar aqui.

Com o braço em volta da sua cintura fê-la descer um pouco, e instalaram-se na sombra. Ela sentou-se no chão e ele um pouco mais abaixo, reclinando-se aos seus pés.

— Não gostas de olhar o mar aqui de cima? — perguntou volvido algum tempo.

Ela abanou a cabeça. Tinha horror àquele espaço vazio. Mas limitou-se a repetir:

— Deixa-me tonta.

— Vasto demais?

— Solitário demais. Chega a me causar angústia — acrescentou em voz baixa, como a confessar um segredo.

— Receio — disse Heyst — que terias razão se me censurasses por causa dessas sensações. Mas que querias que eu fizesse?

Falava em tom de gracejo, mas os seus olhos, postou no rosto dela, estavam sérios. Lena protestou.

— Não me sinto sozinha contigo... absolutamente. Foi só quando subimos àquela pedra e vi tanta água e tanta luz...

— Então nunca mais voltaremos aqui — atalhou ele.

Lena ficou algum tempo calada, devolvendo-lhe o olhar até que ele desviou o seu.

— Tem-se a impressão de que tudo que existe foi tragado pela água — disse ela.

— Lembra a história do dilúvio — murmurou o homem, estendido aos seus pés e olhando para estes. — Isso te faz medo?

— Teria medo se me deixassem aqui sozinha. Quando digo eu quero dizer nós, naturalmente.

— Sim?... — Heyst permaneceu algum tempo calado.

— A visão dum mundo destruído — devaneou em voz alta. — Tu o lamentarias?

— Lamentaria as pessoas felizes que existem nele — tornou Lena simplesmente.

O olhar de Heyst subiu-lhe pelo corpo e alcançou o seu rosto, onde lhe pareceu que surpreendia o clarão velado da inteligência, como se vislumbra o sol entre as nuvens.

— Pois eu julgaria que eles, ainda mais que os outros, mereciam parabéns. Não achas?

— Sim... compreendo o que queres dizer. Mas passaram-se quarenta dias antes de se acabar tudo.

— Parece conhecer todos os pormenores da história.

Heyst falara simplesmente por dizer alguma coisa, de preferência a contemplá-la em silêncio. Lena não estava olhando para ele.

— A escola dominical. — murmurou. — Frequentei-a regularmente, desde os oito até os onze anos. Morávamos no norte de Londres, perto da Kingsland Road. Não eram maus tempos. Papai ganhava bem. A dona da casa costumava mandar-me para a rua de tarde, com as filhas dela. Era uma boa mulher. O marido trabalhava no correio — distribuidor de cartas ou coisa parecida. Um homem tão calmo! Costumava sair de casa às vezes, depois da ceia, com certeza para fazer plantão. Mas um dia brigaram e acabou-se a pensão. Lembro-me que chorei quando tivemos de arrumar as malas às pressas e procurar outra casa. Entretanto, nunca fiquei sabendo o que houve...

— O dilúvio — murmurou Heyst em tom distraído.

Sentia intensamente a personalidade dela, como se este fosse o primeiro momento de lazer que encontrava para estudá-la, desde que tinham vindo juntos para a ilha. O timbre peculiar da voz de Lena, com as modulações que lhe imprimiam a audácia ou a tristeza, teriam comunicado interesse à mais vã garrulice. Lena, porém, não era tagarela. Era antes calada, tinha o dom de ficar imóvel, quieta e tesa, como quando descansava no tablado dos concertos, entre duas peças musicais, os pés cruzados, as mãos repousando no regaço. Mas na intimidade da sua existência comum os olhos dela, cinzentos e destemidos, incutiam-lhe a sensação de algo inexplicável que dormitasse no íntimo da mulher: estupidez ou inspiração, fraqueza ou força — ou simplesmente um vazio abismal, que se esquivava até nos momentos de completo abandono.

Durante largo trecho, decorrido em silêncio, ela não olhou para ele. E de repente, como se a palavra “dilúvio” não lhe houvesse saído do espírito, perguntou alçando os olhos para o céu sem nuvens:

— Nunca chove aqui?

— Há uma quadra do ano em que chove quase todos os dias — respondeu Heyst, surpreendido. — Também há trovoadas. Certa ocasião tivemos uma chuva de lama.

— Chuva de lama?

— Aí o nosso vizinho estava vomitando cinzas. De vez em quando limpa dessa maneira a sua garganta incandescente. Na mesma ocasião houve uma trovoada. Foi o diabo. Mas em geral o nosso vizinho comporta-se bem. Contenta-se com fumar sossegadamente, como naquele dia em que te mostrei a fumaça no céu, do convés da escuna. É um vulcão indolente e bonachão.

— Uma vez vi uma montanha que fumegava assim — disse ela olhando fito para a haste esguia de um feto arborescente, uns quatro metros à sua frente. — Foi pouco depois do sairmos da Inglaterra... alguns dias depois. Enjoei tanto no começo que perdi a conta dos dias. Uma montanha que fumegava... não me lembro como a chamavam.

— O Vesúvio, talvez — sugeriu Heyst.

— Era esse o nome.

— Eu também o vi, há anos... há séculos — disse Heyst.

— Em viagem para cá?

— Não, muito antes de pensar sequer em vir para esta parte do mundo.

Ainda era menino.

Ela virou-se e considerou-o atentamente, como procurando descobrir algum vestígio dessa meninice na fisionomia madura do homem de longo e basto bigode, e cujo cabelo começava a rarear no alto da cabeça. Heyst suportou o seu exame franco com um sorriso brincalhão, ocultando o efeito profundo que lhe produziam aqueles velados olhos cinzentos — se era no seu coração ou nos seus nervos, se era de caráter sensual ou espiritual, de ternura ou de irritação, não o saberia dizer.

— Então, princesa de Samburan — disse afinal, — encontrei graça aos teus olhos?

Ela pareceu acordar, e sacudiu a cabeça.

— Estava pensando — murmurou em voz muito baixa.

— O pensamento, a ação... tudo ciladas! Se começares a pensar sentir-te-ás desgraçada.

— Não estava pensando em mim mesma — disse ela, com uma simplicidade que deixou Heyst um tanto desconcertado.

— Nos lábios dum moralista, isto pareceria uma exprobação — disse ele, meio a sério. — Mas não te suspeitarei de ser moralista. Há muito que os moralistas e eu não nos damos bem.

Ela escutara com expressão atenta.

— Ouvi dizer que não tinhas amigos — disse. — Felizmente, não há ninguém para te censurar o que fizeste. Gosto de ver que não sou estorvo para ninguém.

Heyst quis falar, porém ela não lhe deu tempo. Continuou, sem notar o seu gesto:

— O que eu perguntava a mim mesma era isto: por que estás aqui?

Heyst reclinou-se novamente, apoiado sobre o cotovelo. — Se com isso

queres dizer: “por que estamos nós aqui”... bem, tu sabes a razão.

Os olhos de Lena pousaram-se nele.

— Não, não é isso. Eu queria dizer antes... todo esse tempo, antes de me encontrares e adivinhar logo que eu estava aflita, sem ter a quem recorrer. Sabes mesmo como a minha situação era desesperada.

Morreu-lhe a voz a estas últimas palavras, como se fosse terminar aí. Mas havia na atitude de Heyst, sentado aos seus pés e olhando firmemente para ela, a clara indicação de que esperava alguma coisa mais, e Lena continuou, depois de uma breve aspiração:

— Desesperada, mesmo. Eu te disse que já tinha sido importunada por indivíduos mal-intencionados. Isso me fazia sofrer, perturbava-me... dava-me raiva, também. Mas, ah! que ódio eu tinha daquele homem!

“Aquele homem” era o flório Schomberg, de porte militar, benfeitor dos brancos (“boa comida em boa companhia”) — vítima de uma paixão serôdia. A moça estremeceu. A harmonia característica do seu rosto decompôs-se, por assim dizer, um instante. Heyst ficara surpreendido.

— Para que pensar nisso agora?

— É porque dessa vez estava encurralada, Não foi como das outras. Era pior, muito pior. Eu fazia votos para que o medo me matasse... entretanto, só agora começo a compreender o horrível que aquilo podia vir a ser. Sim, só agora, depois que...

Heyst se mexeu.

— Desde que viemos para cá — concluiu.

Abateu-se a agitação de Lena, e o seu rosto afogueado retornou gradualmente à cor normal.

— Sim — disse ela em tom tranquilo; mas ao mesmo tempo lhe deitava um olhar furtivo de admiração apaixonada. Depois o seu semblante tornou uma expressão melancólica, todos os seus músculos se relaxaram imperceptivelmente.

— Mas tu terias voltado para cá de qualquer forma? — perguntou.

— Sim. Estava só à espera de Davidson. Sim, ia voltar para cá, para estas ruínas... para a companhia de Wang, que talvez não esperasse tomar a me ver. É impossível adivinhar o que pensa esse chinês ou o como ele considera a gente.

— Não fales nele. Esse homem me põe nervosa. Fala-me em ti.

— Em mim? Vejo que ainda te ocupas com o mistério da minha existência nesta ilha. Mas nada tem de misteriosa. Em primeiro lugar, o homem com a pena de pato na mão, naquela tabuleta que tantas vezes contemplos, é o responsável pela

minha existência. Também é responsável pelo que ela é, ou antes foi. Foi um grande homem, ao seu modo. Da sua vida não sei muita coisa. Suponho que tivesse começado como os outros: tomava as palavras bonitas por moeda legítima e sonante, e os nobres ideais por notas de curso. Era um grande mestre tanto numas como noutros, seja dito de passagem. Depois veio a descobrir... como te explicarei isto? Supõe que o mundo fosse uma fábrica, com toda a humanidade por operários. Pois ele descobriu que os salários eram maus, que os homens eram pagos com dinheiro falso.

— Compreendo! — disse a moça devagar.

— Sim?

Heyst, que parecia falar para si mesmo, ergueu os olhos com curiosidade.

— A descoberta não era nova, mas meu pai concentrou sobre ela toda a sua capacidade de sarcasmo, que era tremenda. Devia ter esfarelado este globo. Ignoro quantos espíritos ele convenceu. Mas o meu espírito era então muito jovem, e suponho que a mocidade pode ser facilmente seduzida... mesmo por uma negação. Meu pai era inexorável, e no entanto não lhe faltava piedade. Dominou-me sem dificuldade, o que um homem sem coração não conseguiria fazer. Até com os tolos ele não era inteiramente desapiedado. Sabia indignar-se, mas era demasiado grande para a chacota e o escárnio. O que ele dizia não se destinava nem podia destinar-se à multidão; e eu sentia-me lisonjeado por me ver entre os eleitos. Os outros liam os seus livros, mas eu lhe ouvi a palavra viva. Era irresistível. Era como se aquele espírito me tomasse como confidente, me admitisse no segredo do seu desespero sublime. Enganava-me, não resta dúvida. Há um pouco de meu pai em todo homem que viva bastante para isso. Mas eles não dizem nada. Não podem dizer. Não saberiam exprimir-se, ou talvez não quereriam falar se pudessem. O homem, neste mundo, é um acidente imprevisto que não admite um exame muito profundo. No entanto, esse homem morreu serenamente, como uma criança que adormece. Mas eu, que o tinha ouvido, já não podia descer com a minha alma à rua e ali lutar confundido com a turba. Saí a vaguear pelo mundo, como um espectador independente... se é que tal coisa é possível.

Por largo espaço de tempo os olhos cinzentos da moça lhe haviam observado a fisionomia. Compreendera que, embora lhe dirigisse a palavra, Heyst estava na realidade falando para si mesmo. Ele ergueu a vista, apercebeu-se da sua presença, por assim dizer, e interrompeu o seu monólogo, falando em voz baixa e mudando de tom.

— Tudo isto não te explica por que vim ter aqui. Por que seria, realmente? É

como investigar mistérios inescrutáveis que não merecem estudo. Um homem deixa-se levar. Os mais bem sucedidos foram arrastados para o sucesso. Não pretendo afirmar-te que isto aqui seja um sucesso. Não me acreditarias se te dissesse. Não o é, mas tão pouco é o fracasso e a ruína que parece. Tudo isso nada prova, salvo que há no meu caráter alguma fraqueza oculta... e mesmo isso não é bem certo.

Olhou-a fixamente, e com uma expressão tão grave nos olhos que ela se sentiu na obrigação de lhe sorrir levemente, visto como não compreendia o sentido das suas palavras. Seu sorriso refletiu-se, ainda mais tênue, nos lábios dele.

— Isso não te adianta muito ao inquérito — continuou Heyst. — Para dizer a verdade, é impossível responder à tua pergunta; mas os fatos têm certo valor positivo, e vou relatar-te um fato. Certo dia encontrei um homem encurralado. Emprego esta palavra porque ela exprime de modo exato a situação do homem, e porque tu mesma à usaste ainda há pouco. Sabes o que isso significa?

— Que estás dizendo? — murmurou ela, assombrada.

— Um homem!

Heyst riu-se do seu olhar pasmado.

— Não, não! Quero dizer, encurralado a seu modo.

— Eu sabia muito bem que não podia ser nada de semelhante ao que me aconteceu — observou ela a meia voz.

— Não te aborrecerei com a história. Tratava-se de uma dificuldade de alfândega, por muito singular que isso te pareça. Ele preferiria que o matassem logo, isto é, que lhe mandassem a alma para um outro mundo, a ser esbulhado neste das suas posses — bem insignificantes posses! Vi que ele acreditava num outro mundo porque ao se ver encurralado, como já te disse, caiu de joelhos e rezou. Que pensas disto?

Heyst fez uma pausa. Ela considerou-o com expressão séria.

— Não troçaste dele por isso? — perguntou.

Heyst fez um brusco movimento de protesto.

— Minha boa menina, eu não sou um canalha — exclamou. E, voltando ao seu tom habitual: — Nem sequer me foi necessário esconder um sorriso. De certo modo, não me pareceu caso para sorrir. Não, não era cômico; era antes patético. Ele representava tão bem todas as passadas vítimas da Grande Farsa! Mas é só pela tolice que se move o mundo, de modo que a tolice é, no fundo, uma coisa respeitável. Aliás, ele era o que se chama um bom homem. Não digo isto somente porque tinha rezado. Não! Era na verdade um homem honesto, completamente

inadaptado a este mundo, um fracasso, um bom homem encurralado — um espetáculo para os deuses, pois nenhuma pessoa normal gosta de contemplar gente dessa espécie.

Pareceu acudir-lhe uma ideia e virou-se para encarar na moça.

— E tu, que também te viste encurralada... pensaste em orar?

Nem os olhos dela, nem uma só das suas feições, se moveram. Apenas deixou cair estas palavras:

— Eu não sou o que se chama uma boa moça.

— Parece uma evasiva — disse Heyst após breve silêncio. — Pois o bom rapaz rezou, e depois de lhe ouvir confessar que o tinha feito senti a comicidade da situação. Não, não me interpretes mal... não estou aludindo a esse ato em particular, claro. E a própria ideia desse apelo à Eternidade, ao Infinito e à Onipotência para que inutilizassem os planos de dois miseráveis mestiços portugueses, não me provocou ao riso. Do ponto de vista do suplicante, o perigo que se devia conjurar era uma espécie de fim do inundo, ou coisa pior. Não! O que me cativou a fantasia foi O fato de eu, Axel Heyst, a mais desprendida criatura deste cativo terreno, o mais perfeito vagabundo da terra, um homem a passear indiferente no meio do tumulto mundano — que eu me achasse lá para intervir na questão como agente da Providência. Eu, o descrente universal, que tudo desdenhava...

— Estás dando-te ares — interrompeu ela na sua voz sedutora, com uma inflexão cariciosa.

— Não. Eu sou assim mesmo, ou de nascença ou por educação, ou ambas as coisas. Não é em vão que sou filho de meu pai, daquele homem do retrato. Tenho tudo dele, tudo menos o gênio. E tenho ainda menos qualidades do que julgava, pois até o desprezo me vai abandonando com o correr do tempo. Nunca me diverti tanto como com aquele episódio em que fui chamado a desempenhar tão incrível papel. Por um momento gozei imensamente esse papel. Eu o tirei da dificuldade, sabes?

— Salvaste um homem por brincadeira... é isso o que queres dizer? Simplesmente por brincadeira?

— Por que esse tom de suspeita? — repreendeu Heyst. — Creio que o espetáculo daquela angústia me foi desagradável. O que chamas de brincadeira veio depois, quando comecei a perceber que era para ele Uma prova incarnada, viva e ambulante, da eficácia da oração. Isso me fascinava um pouco... e depois, como poderia discutir com ele? Contra provas desse gênero não há argumentos, e

além disso eu teria o ar de reclamar todo o mérito para mim. A sua gratidão já era, em si, positivamente aterradora. Situação engraçada, hein? O fastio veio depois, quando fui viver com ele no seu navio. Eu tinha, num momento de inadvertência, criado esse laço em que me vi apanhado. Não sei defini-lo precisamente. Agente fica de certo modo presa às pessoas a quem presta um serviço. Mas isso será amizade? Não sei bem o que era. Só sei que quem forma um laço está perdido. O germe da corrupção entrou-lhe na alma.

Heyst falara num tom leve de voz, com aquele sabor de gracejo que temperava tudo quanto ele dizia e parecia formar a própria essência dos seus pensamentos. A mulher que havia encontrado e de que tomara posse, a cuja presença ainda não se habituara e com quem ainda não sabia como viver — esse ser humano tão próximo, e contudo tão pouco conhecido, dava-lhe um sentimento da sua própria realidade tal como não experimentara igual em toda a sua vida.

IV

Com os joelhos dobrados, Lena apoiou neles os cotovelos e segurou a cabeça com ambas as mãos.

— Está cansada de ficar sentada aqui? — perguntou Heyst.

Um meneio negativo de cabeça, quase imperceptível, foi a única resposta.

— Por que está tão séria? — continuou ele. E logo refletiu que a seriedade habitual tornava-se, com o correr do tempo, muito mais suportável que a constante alegria. — Entretanto, essa expressão lhe fica muito bem — acrescentou, não por diplomacia mas porque, dada a tendência do seu gosto pessoal, a frase traduzia a verdade. — E enquanto eu tiver certeza de que não é o tédio que te dá esse ar severo, estou disposto a ficar aqui sentado, olhando você, até que queira ir embora.

E assim era. Estava sob a ação do encanto inédito daquela vida em comum, a surpresa da novidade, a vaidade lisonjeada com a posse desta mulher; pois tal há de ser por força o sentimento de todo homem, a menos que tenha deixado de ser homem. Os olhos dela moveram-se na sua direção, pousaram-se nele, depois, voltaram a fixar-se na penumbra densa que se estendia ao pé dos troncos eretos das Árvores, cujas espalhadas frondes iam lentamente recolhendo a sua sombra. O ar tépido agitava-se levemente em torno da sua cabeça imóvel. Inspirada por algum obscuro receio de se trair, ela abstinha-se de olhar para o companheiro. Sentia, no âmago do seu ser, o desejo irresistível de se entregar a ele mais completamente, por algum ato de absoluto sacrifício. Mas isso parecia de todo alheio aos pensamentos de Heyst. Era um ente estranho, sem necessidades. Lena sentiu os seus olhos fixos nela. E, como ele se conservasse tímido, disse inquieta (pois ignorava o que aqueles silêncios significavam):

— Então foi morar com esse amigo — com esse bom homem?

— Excelente rapaz — respondeu Heyst, com uma presteza que a surpreendeu. — Mas foi uma fraqueza minha. No fundo eu o fazia contra a vontade, mas ele não me queria largar, e eu não podia explicar. Era um desses homens a quem não se pode explicar coisa alguma. Era extremamente sensível, e seria bárbaro espezinhar os seus sentimentos delicados com a franqueza rude que se faria necessária no caso. O seu espírito era como um quarto de paredes brancas, puro, mobilado, digamos, com meia dúzia de cadeiras de assento de palha, que ele estava sempre a colocar e a deslocar em variadas combinações. Mas eram sempre as mesmas cadeiras. Achei extremamente fácil viver com ele; mas depois agarrou-se a essa ideia do carvão... ou antes, a ideia do carvão tomou conta dele. Penetrou no

quartinho pouco mobilado de que acabo de falar, e sentou-se ao mesmo tempo em todas as cadeiras. Impossível desalojá-la, compreendes! Ia fazer a sua fortuna, a minha, a fortuna de toda a gente. No passado, em certos momentos de dúvida que inevitavelmente assaltam um homem resolvido a nunca se deixar enredar pelas absurdidades da existência, eu perguntara muitas vezes a mim mesmo, com um terror momentâneo, de que modo a vida iria colher-me no laço. E o modo foi esse! Ele persuadiu-se de que não podia fazer nada sem mim. E teria eu agora a coragem de repudiá-lo e arruiná-lo? Bem, uma manhã — quisera saber se ele se ajoelhou para rezar naquela noite! — certa manhã, cedi.

Heyst arrancou com violência um tufo de capim seco e jogou fora com um gesto nervoso.

— Cedi — repetiu.

Virando os olhos para ele sem mexer a cabeça, a moça notou a enérgica expressão do rosto, com esse intenso interesse que a pessoa de Heyst despertava tanto em seu espírito quanto em seu coração. Mas a emoção passou depressa, deixando-lhe na fisionomia apenas uma expressão melancólica.

— É difícil resistir quando nada nos importa — observou ele. — E talvez eu não esteja isento de certo espírito de travessura. Divertia-me em andar dizendo coisas tolas e estafadas. Nunca fizeram tão bom conceito de mim, nas ilhas, como quando me pus a papaguear nesse vasconço comercial, como o mais rematado idiota. Palavra, creio que fui até respeitado durante algum tempo. Aparentava a gravidade de um juiz: tinha de ser leal ao homem. Fui, do começo ao fim, absolutamente leal, na medida das minhas forças. Julgava que ele entendesse um pouco desse assunto do carvão. E, se percebesse que ele não entendia nada... bem, não sei o que poderia fazer para por um dique àquilo. De uma maneira ou outra, via-me na obrigação de ser leal. É possível que a sinceridade, o trabalho, a ambição e o próprio amor sejam apenas tentos no jogo lamentável ou mesquinho da vida, mas quando pegamos as cartas na mão temos que ir até o fim da partida. Não, não há razão para que a sombra de Morrison me persiga. O que é isso? Lena, por que me olha assim? Não se sente bem?

Heyst fez menção dese levantar. A moça estendeu a mão para detê-lo, e ele ficou sentado examinando-a, apoiado num braço, observando a sua indefinível expressão de ansiedade, que fazia supor que ela não pudesse respirar.

— O que aconteceu? — insistiu ele, sentindo uma estranha aversão a se mexer, a tocar nela.

— Nada. — Lena engoliu em seco, penosamente. — Claro que isso é

impossível. Qual foi o nome que disse? Não ouvi bem.

— Nome? — repetiu Heyst, atônito. — Só falei em Morrison. É o nome do homem de que estava falando. O que tem isso?

— E quer dizer que ele era seu amigo?

— Ouviu o bastante para julgar por si mesma. Já conhece tão bem quanto eu a natureza das nossas relações. A gente destas regiões guiava-se pelas aparências, e se bem me lembro, sempre nos chamaram de amigos. As aparências... que outra coisa se pode exigir, quem pode ter melhor? Na verdade, melhor é impossível, e outra coisa não há.

— Está tratando de me confundir com essa conversa — protestou ela. — Não pode levar isso na brincadeira.

— Não? Sim, é verdade, não posso. É pena. Talvez fosse melhor — disse Heyst, num tom que ele chamaria de melancólico. — Anão ser que se possa esquecer essa estúpida história.

Antes que sua testa clareasse completamente, voltou aquele leve jeito brincalhão das maneiras e da fala, como um hábito em que se adestrara.

— Mas por que me olha tão fixamente? Oh, eu não me oponho a isso, e tratarei de não me perturbar. Seus olhos...

Olhava-os no fundo, e, para dizer a verdade, havia naquele momento esquecido por completo o finado Morrison.

— Não! — exclamou de súbito. — Que mulher impenetrável, você, Lena, com esses olhos cinzentos! As janelas da alma, como disse não sei que poeta. O sujeito devia ser vidraceiro de profissão. O fato é que a natureza soube resguardar muito bem sua alma tímida.

Quando ele se calou a moça saiu do assombro, respirando forte. Heyst ouviu a voz dela, cujos variados encantos julgava conhecer tão bem, dizer com uma inflexão nova para ele:

— E esse sócio morreu?

— Morrison? Sim, como já disse, ele...

— Nunca me disse.

— Não? Pensei que houvesse dito; ou antes, pensei que você sabia. Acho impossível que alguém, entre as pessoas com quem falo, ignore que Morrison morreu.

Ela baixou as pálpebras, e Heyst espantou-se de notar no seu rosto uma expressão que era quase de horror.

— Morrison! — murmurou Lena em tom aterrado. — Morrison!

Sua cabeça tombou no peito. Não podendo ver o rosto dela, Heyst percebia, pela voz, que por uma razão qualquer esse nome prosaico lhe despertava profunda emoção. Uma ideia lhe atravessou o espírito: teria ela conhecido Morrison? Mas a simples diferença de origem de ambos tornava o fato extremamente improvável.

— Isto é extraordinário! — disse ele. — Já ouviu falar nesse nome?

Lena moveu diversas vezes a cabeça, em pequenos meneios afirmativos, como se não pudesse fiar-se na sua voz nem se atrevesse a olhar para ele. Estava mordendo o lábio inferior.

— Conheceu alguém com esse nome? — perguntou ele.

Amoça respondeu com um sinal negativo. Afinal falou, em voz sacudida, como a exercer violência contra algum receio ou dúvida. Disse a Heyst que ouviu falar no homem.

— Impossível! — voltou ele, positivo. — Está enganada. Não pode ter ouvido falar nele. Isso é...

Interrompeu-se ao refletir que era perfeitamente inútil falar assim. Não se discute com o palpável,

— Mas eu ouvi mesmo. Só que na ocasião não sabia, nem podia adivinhar que estavam falando de seu sócio.

— Falando de meu sócio? — repetiu Heyst devagar,

— Não. — Ela parecia quase tão perplexa, quase tão incrédula, quanto ele próprio. — Não. Na realidade estavam falando de você, mas eu não sabia.

— Quem eram eles? — perguntou Heyst alterando a voz, — Quem estava falando de mim? Onde foi isso?

À primeira pergunta erguera o busto. Ao fazer a última estava de joelhos diante dela, e as cabeças de ambos encontravam-se no mesmo nível.

— Ora, naquela cidade, naquele hotel! Onde mais podia ser? — disse ela.

A ideia de ser comentado pelos outros era sempre nova para Heyst, no conceito simplista que fazia de si mesmo. Pelo espaço de um momento, a sua surpresa foi tão grande como se ele se julgasse uma mera sombra a deslizar no meio dos homens. Além disto, nutria a convicção quase subconsciente de ser inacessível à bisbilhotice ilhoa.

— Mas primeiro disse que eles falaram de Morrison — observou à moça, pondo-se de cócoras, já pouco interessado. — É singular que tivesses ocasião de ouvir essas conversas! Eu achava que você nunca via nenhum habitante da cidade, salvo quando estava no tablado.

— Esqueceu que eu não morava com as outras? Depois das refeições elas se

recolhiam ao Pavilhão, mas eu tinha de ficar no hotel, costurando ou fazendo outra coisa, na sala onde eles conversavam.

— Não me veio à lembrança. A propósito, ainda não me disse quem eram eles.

— Ora, aquele horrível animal de cara vermelha — disse ela, com toda a veemência do asco que lhe causava a simples lembrança do hoteleiro.

— Oh, Schomberg! — murmurou Heyst despreocupadamente.

— Ele falava com o patrão... com Zangiacomo, quero dizer. Eu tinha de ficar sentada na sala. Às vezes aquele demônio de mulher não me deixava sair. Estou falando na sra. Zangiacomo.

— Eu tinha adivinhado — murmurou Heyst. — Ela gostava de atormentar você de muitas maneiras. Mas é realmente singular que o hoteleiro falasse de Morrison com Zangiacomo. Se bem me lembro, ele o via raras vezes, profissionalmente. Conhecia bem melhor muitos outros.

Amoça teve um leve estremecimento.

— O nome dele foi o único que ouvi. Afastava-me daquela gente o mais que podia, ia para o fundo da sala. Mas quando aquele animal começava a berrar eu não podia deixar de ouvir. Antes nunca tivesse ouvido nada. Se eu sáisse da sala, não creio que a mulher me matasse; mas me passaria uma horrível descompostura, me ameaçaria e xingaria. Pessoas dessa espécie, não há nada que as faça parar quando sabem que a gente não tem ninguém. Não sei por que, mas as pessoas más, verdadeiramente más, aquelas que a gente está vendo que são más, me aterrorizam. É o modo como procuram espezinhar os outros. Tenho medo da malvadeza.

Heyst observava as mutáveis expressões da sua fisionomia. Animou-a com profunda simpatia, e também um pouco divertido.

— Compreendo perfeitamente. Não precisas pedir desculpa da grande sensibilidade que tens para a malvadez sem entranhas. Neste ponto eu me pareço um pouco contigo.

— Não sou muito corajosa — disse ela.

— Bem! Eu mesmo não sei o que faria, que atitude tomaria diante de uma criatura que me parecesse a encarnação do mal. Não se envergonhe disso.

Ela suspirou, ergueu o seu olhar pálido e cândido, com uma expressão tímida no rosto, e murmurou:

— Não parece ter interesse em saber o que ele disse.

— A respeito do pobre Morrison? Não podia dizer nada de mal, pois o coitado era a inocência em pessoa. E além disso, como sabe, está morto e nada mais

pode prejudicá-lo.

— Mas se estou dizendo que era de você que ele estava falando! — exclamou ela. — Dizia que o sócio de Morrison começou por arrancar tudo que ele tinha e depois... e depois... foi o mesmo que assassiná-lo... mandou-o não sei aonde para morrer!

— Acreditou nisso de mim? — perguntou Heyst, após um momento de absoluto silêncio.

— Não sabia que era você. Schomberg estava falando num sueco. Como podia saber? Foi só quando você começou a me contar como veio para cá...

— Já ouviu a minha versão. — Heyst forçava-se a falar com calma. — Então era esse o aspecto que tinha a coisa vista de fora! — murmurou.

— Lembro-me de ouvir o hoteleiro dizer que todos aqui conheciam essa história — acrescentou a moça, com a respiração presa.

— É estranho que isso me magoe! — meditou Heyst em voz alta. — Entretanto, é assim. Pelo jeito, sou tão tolo como essa gente toda que conhece a história... e sem dúvida acredita nela. Não se lembra de mais nada? — disse à moça com sombria polidez, — Ouvi muitas vezes falar na vantagem moral de vermos a nós mesmos como os outros nos veem. Continuemos a nossa pesquisa. Lembra de mais alguma coisa que todos soubessem?

— Oh! Não ria! — gritou ela.

— Eu ri? Garanto que não dei por isso. Não perguntarei se acredita na versão do hoteleiro. Deve por certo conhecer o valor dos juízos desse homem.

Ela desenlaçou as mãos, moveu-as de leve e tornou a cruzar os dedos como antes. Protesto? Assentimento? Não iria revelar mais nada? Ele sentiu alívio quando a ouviu falar naquela voz cálida e maravilhosa, que em si mesma bastava para confortar e fascinar os corações, e que a tornava adorável.

— Ouvi essas coisas antes de nos falarmos. Depois esqueci. Naquela ocasião tudo me saiu da memória, e dei graças a Deus por isso. Para mim era o começo de uma vida nova com você... você sabe. Quem me dera ter esquecido também quem eu era... Seria melhor assim. E por pouco não esqueci.

O acento vibrante das últimas palavras emocionou-o. A moça parecia falar, a meia voz, de algum encantamento maravilhoso, em termos misteriosos que tivessem um sentido especial. Heyst refletia que, se ela pudesse falar-lhe numa língua desconhecida o teria fascinado completamente pela mera beleza da voz, que sugeria profundezas infinitas de sentimento e sabedoria.

— Mas — continuou Lena — parece que o nome me ficou gravado no

espírito, e quando você falou nele...

— Desfez-se o encanto — murmurou Heyst com desapontamento e irritação, como que desenganado em alguma esperança.

Amoça, do lugar onde estava, um pouco acima dele, observou com um olhar imóvel o silêncio abstraído do homem de quem, agora, dependia totalmente. Até então não tivera consciência nítida deste fato porque nunca se sentira suspensa do seu braço, entre os abismos do céu e da terra. E se ele se cansasse do fardo?

— E, além disso, ninguém acreditou jamais naquela lenda!

Heyst lançou esta exclamação abrupta que a fez abrir ainda mais os olhos, dando uma impressão de imensa surpresa. Era um efeito puramente mecânico, pois ela não ficara surpreendida nem intrigada. Na verdade, nunca o compreendera melhor, desde que o conhecia.

Ele riu desdenhosamente.

— Em que estou pensando? Como se me importasse o que se tem dito ou acreditado, desde o começo do mundo até o dia do juízo!

— Até hoje não tinha ouvido seu riso — observou Lena. — E esta é a segunda vez.

Heyst ergueu-se em pé, dominando-a de toda a sua altura.

— Isso é porque, quando um coração é violado como você violou o meu, a porta fica aberta a todo tipo de fraquezas: a vergonha, a cólera, indignações e temores estúpidos — e o riso estúpido também. Como interpreta esse riso?

— Não era alegre, certamente — disse ela. — Mas por que se zanga comigo? Está arrependido de ter me tirado daqueles brutos? Eu disse quem era. Aliás, você mesmo podia ver.

— Céus! — murmurou Heyst, que novamente se tornara senhor de si. — Asseguro que eu via muito mais do que me podia dizer. Via muita coisa de que você nem sequer suspeita ainda. Mas você não é transparente de todo.

Tornou a sentar-se no chão ao seu lado e tomou-lhe a mão. Ela perguntou com brandura:

— O que mais quer de mim?

Heyst ficou silencioso por algum tempo.

— O impossível, suponho — disse em voz muito baixa, como de quem faz uma confidência, e apertando a mão que tinha na sua.

Amão não lhe retribuiu a pressão. Heyst sacudiu a cabeça como para enxotar aquele pensamento, e a juntou em voz mais alta e alegre:

— Nem mais nem menos. E não é porque faça pouco do que já me deu. Oh, não! É porque dou tanto valor a esta minha propriedade que ela nunca me parecerá completa, Sei que isso é absurdo. Já não me pode negar nada.

— Na verdade, não posso — murmurou ela, abandonando a mão passiva na dele, que a apertava com força. — Apenas desejaria dar mais alguma coisa, algo de melhor, ou o que quer que você deseje.

Tocou-o o acento sincero destas palavras simples.

— Vou dizer o que pode fazer: me dizer se terias vindo comigo do mesmo modo se soubesse de quem estava falando aquele abominável idiota do hoteleiro. Nada menos que um assassino!

— Mas eu não conhecia você — exclamou ela. — Além disso, tive o bom senso de compreender o que ele dizia. Não era na realidade um assassinato. Nunca acreditei que fosse isso.

— O que o levou a inventar essa atrocidade? — disse Heyst. — Ele parece ser um animal estúpido. E, com efeito, é estúpido. Como chegou a forjar essa história? Terei cara de vil? Terei o egoísmo criminoso estampado na fisionomia? Ou será isso uma coisa tão comum à raça humana que se possa afirmar de qualquer pessoa?

— Não se tratava de um assassinato — insistiu ela gravemente.

— Sei. Entendo. Era pior ainda. Quanto a matar um homem, o que seria relativamente honesto... bem, foi coisa que nunca fiz.

— Por que o faria? — perguntou ela em voz alarmada.

— Minha boa menina, não sabe a espécie de vida que eu tenho levado por essas terras inexploradas, nas selvas. É difícil dar uma ideia. Há homens que não se viram em situações tão desesperadas como as que vivi, e que foram obrigados a... a derramar sangue, segundo a expressão usual. Até nas selvas há proveitos a tirar, e eles tentam certa gente. Eu, porém, não tinha ambições, não tinha planos... nem mesmo uma grande firmeza de espírito que me tornasse obstinado. Deixava-me levar simplesmente, ao passo que os outros seguiam, talvez, alguma direção. O fato de olhar com indiferença todas as metas e caminhos torna um homem mais cordato, por assim dizer. E posso afirmar, com verdade, que nunca dei importância, já não digo à vida (pois desde o começo desdenhei aquilo que se chama por esse nome), mas ao fato de estar vivo. Não sei se isso é o que os homens chamam de coragem, mas duvido muito que seja.

— Você! Você não tem coragem? — protestou ela.

— Francamente, não sei. Não tenho essa espécie de coragem que está

sempre a ansiar por uma arma, pois nunca desejei usar uma nessas disputas em que um homem se envolve às vezes, da maneira mais inocente. As dissensões que levam os homens a matarem-se uns aos outros são, como todas as suas demais ações, as coisas mais lamentáveis e desprezíveis quando as consideramos depois de passadas. Não, nunca matei um homem e nunca ameie uma mulher — nem sequer em pensamento, nem sequer em sonhos.

Levou a mão de Lena aos lábios e deixou-os pousar nela durante algum tempo, enquanto a moça se lhe achegava um pouco mais. Após o demorado beijo Heyst não soltou a mão.

— Matar, amar... os maiores triunfos da vida sobre um homem! E eu não tenho experiência de um nem de outro. Deve perdoar qualquer coisa que possa ter parecido descabida no meu procedimento, inexpressiva nas minhas falas, inoportuna nos meus silêncios.

Mexeu-se desassossegadamente, um pouco desapontado com a atitude da companheira, porém considerando-a com indulgência e sentindo, nesse momento de perfeita serenidade, que ao lhe segurar a mão abandonada alcançara uma comunhão mais íntima que em qualquer ocasião anterior. Mas, mesmo nessa hora, perdurava nele um sentimento de imperfeição, ainda não de todo vencido — e que parecia nunca poder ser vencido — da fatal imperfeição de todas as dádivas da vida, que faz delas uma ilusão e uma cilada.

De repente, apertou-lhe a mão com cólera. A sua equanimidade, delicadamente jocosa, produto da bondade e do desdém, morrera com a perda da sua amarga liberdade.

— Diz que não foi um assassinato! Tem razão. Mas quando me fez falar há pouco, quando mencionei o nome de Morrison e compreendeu que era de mim que eles tinham dito essas coisas, mostrou uma singular emoção. Eu notei.

— Fiquei um pouco chocada — disse ela.

— Com a vileza do meu procedimento?

— Eu não seria capaz de julgar. Não, por preço nenhum.

— Sério?

— Seria o mesmo que ousar julgar tudo o que existe. — Lena fez, com a outra mão, um gesto que parecia abarcar a terra e o céu. — Eu não faria isso.

Houve então um silêncio, rompido afinal por Heyst. — Eu! Eu, causar maldosamente a morte do meu pobre Morrison! — exclamou ele. — Eu, que não tinha ânimo para melindrá-lo! Eu, que respeitei sua própria loucura! Sim, essa loucura cujos destroços pode ver daqui, junto ao pier da Baía dos Diamantes. Podia

fazer outra coisa? Ele teimava em me considerar seu salvador. Estava sempre repetindo as expressões de sua eterna gratidão, a tal ponto que me fazia arder de vergonha. Que podia eu fazer? Ele pretendia me pagar com este maldito carvão, e eu o acompanhava como quem toma parte nos brinquedos de uma criança. Não me ocorria a ideia de humilhá-lo, como a ninguém ocorre a ideia de humilhar uma criança. Que adianta falar nessas coisas? É natural que essa gente não compreendesse a verdadeira natureza das nossas relações. Mas que tinham eles a ver com isso? Matar o bom Morrison! Ora, é menos criminoso, menos vil (não direi menos difícil), matar um homem do que explorá-lo assim. Compreende isso?

Ela inclinou a cabeça de leve, mas diversas vezes e com evidente convicção. Os olhos de Heyst demoravam-se no rosto de Lena, expectantes e com um começo de ternura.

— Mas nenhuma dessas coisas eu fiz — continuou ele. — Qual é então o motivo dessa emoção? Limita-se a confessar que não poderia me julgar.

Lena, voltou para ele os seus velados olhos cinzentos, que nada viam e onde não se deixava adivinhar a sua admiração.

— Eu disse que não posso — murmurou.

— Mas achava que não há fumaça sem fogo! — O tom de gracejo mal escondia a sua irritação. — Qual não deve ser o poder das palavras, ainda quando mal ouvidas— porque não escutou com muita atenção, não foi mesmo? Que palavras foram essas? Que invenção diabólica as fez sair da garganta mentirosa daquele idiota? Se puder lembrar, talvez elas me convencessem também.

— Eu não escutei — protestou ela. — Que me importava o que dissessem de uma pessoa que eu não conhecia? Ele estava dizendo que nunca tinham visto dois amigos tão afeiçoados como vocês dois; e no fim, depois de tirar tudo dele e se candar dele, deu-lhe um pontapé mandando-o à Inglaterra para morrer.

Estas palavras alheias, m sua voz pura e encantadora, vibravam de indignação mesclada de algum outro sentimento. Calou-se de súbito e abaixou as longas pestanas escuras, como que mortalmente fatigada, numa prostração de todo o seu ser.

— Naturalmente, por que não se cansava dessa ou de qualquer outra... companhia? Você não é como os outros, e... e o pensar nisso fez com que eu me sentisse triste de repente. Mas a verdade é que não achava mal nenhum de você, eu...

Um movimento brusco do braço dele, repelindo-lhe a mão, cerceou o fio das suas palavras. Heyst perdera novamente o domínio de si. Teria gritado se isso

estivesse na sua índole.

— Não, esta terra deve ser a sementeira oficial de calúnias, destinada a abastecer o universo inteiro! Sinto-me enojado de mim mesmo, como se houvesse caído num monturo. Puf! E você... só sabe dizer que não quer me julgar, que...

Ela ergueu a cabeça a esta invectiva, embora Heyst não olhasse para ela.

— Não sinto mal nenhum em você — repetiu. — Não seria possível sentir.

Ele fez um gesto que queria dizer:

— Isto basta.

Sentia, no corpo e na alma, uma reação nervosa contra a ternura. De súbito, sem transição, detestou-a. Mas foi um momento apenas. Lembrou-se de que Lena era bonita e, além disto, tinha na intimidade uma graça toda sua. Possuía o segredo da personalidade que excita... e se esquiva.

Saltou em pé e pôs-se a caminhar de um lado para outro. Dentro em pouco a sua fúria oculta se desfazia em pó, como uma casa carcomida, deixando após si o vazio, a desolação e o pesar. O seu ressentimento não tinha por alvo a moça, mas a própria vida — esse laço, o mais comum de todos, em que se sentia apanhado, vendo com clareza a cilada suprema, e sem encontrar consolação na lucidez do seu espírito.

Girou nos calcanhares e, caminhando para ela, deixou-se cair no chão ao seu lado. Sem lhe dar tempo para fazer um movimento, ou mesmo para voltar a cabeça na sua direção, tomou-a nos braços e beijou-lhe a boca. Sentiu o travor de uma lágrima que lhe ficara presa nos lábios. Nunca a tinha visto chorar. Era como um novo apelo à sua ternura, uma nova sedução. A moça voltou os olhos, afastou-se subitamente e desviou o rosto. Fez um gesto imperioso para que a deixasse em paz. Heyst, porém, não lhe obedeceu.

Quando ela abriu finalmente os olhos e sentou-se, Heyst levantou-se rapidamente para ir buscar o capacete de cortiça de Lena, que rolara para longe. Enquanto isso ela compunha o cabelo, enrolado no alto da cabeça em duas grossas tranças escuras, que se haviam desprendido. Heyst estendeu-lhe calado o capacete e esperou, como se relutasse a ouvir o som da sua própria voz.

— Seria melhor descermos agora — sugeriu em voz baixa.

Deu-lhe a mão para ajudá-la a por-te em pé. Queria sorrir, mas abandonou a intenção ao ver-lhe de mais perto o rosto, em que se estampava a infinita lassidão da sua alma. Na volta, para tomarem a senda da floresta, fez-se mister passar pelo sítio de onde se avistava o mar. O abismo fulgurante e vazio, a chama líquida e ondulante. a trágica brutalidade da luz fizeram-na suspirar pela noite amiga, com as suas estrelas suavizadas por algum austero sortilégio — pelo céu aveludado e a grande sombra misteriosa do mar, que infundem paz no coração alquebrado pelo dia. Cobriu os olhos com a mão. Atrás dela, Heyst falou com brandura:

— Continuemos, Lena.

Ela seguiu caminho em silêncio. Heyst observou que os dois nunca tinham saído durante as horas mais quentes do dia. Receava que isto não lhe fizesse bem. A solicitude do companheiro agradou-lhe e apaziguou-a. Sentia-se retornar progressivamente à sua verdadeira personalidade, à existência de uma pobre moça de Londres que tocava numa orquestra e fora arrancada às humilhações, aos sórdidos perigos da sua posição miserável, por um homem como não havia, nem podia haver, outro igual no mundo. Sentia tudo isso com exaltação, com desassossego, com íntimo orgulho — e com uma singular tremura do coração.

— Não me deixo abater facilmente por coisas como o calor — disse ela em tom decidido.

— Sim, mas não esqueças que não és uma filha dos trópicos.

— Tu também não nasceste nestas regiões — replicou Lena.

— Não, e talvez não tenha mesmo a tua resistência física. Sou um ser transplantado. Transplantado! Devia antes dizer desarraigado... uma condição antinatural de existência; mas um homem passa por suportar tudo.

Ela olhou para trás e recebeu um sorriso. Heyst recomendou-lhe que caminhasse sob o abrigo das árvores. A senda estava muito silenciosa e abafada, ressumbrante de calor embora resguardada da luz. De quando em quando eles divisavam, esbraseada pelo sol, a velha clareira da companhia onde se erguiam os

cotos carbonizados das árvores, miseráveis e sinistros, sem lançar sombra. Atravessaram o espaço aberto em linha reta, na direção do bangalô. Acharam vislumbrar na varanda o vulto de Wang que desaparecia, embora a moça não tivesse certeza de que tinha mesmo visto algo se mexer. Heyst, esse, não duvidava.

— Wang nos estava esperando. Viemos atrasados.

— Sim? Pareceu-me avistar uma coisa branca, um momento, e depois não vi mais nada.

— É isso: ele some. É um dom muito notável que tem esse chinês.

— Eles são todos assim? — perguntou ela inquieta, com ingênua curiosidade.

— Não com a mesma perfeição — respondeu Heyst, que achara graça.

Notou, satisfeito, que a caminhada não a afogueara. As bagas de suor, na sua testa, eram como gotas de orvalho sobre a pétala alva e fresca duma flor. Considerou-lhe, com uma admiração crescente, a figura sólida e flexível, misto de graça e de força.

— Entra para descansar um quarto de hora. Depois o sr. Wang nos dará de Comer.

Tinham encontrado a mesa posta. Quando tomaram a se reunir e tomaram lugar à mesa, Wang materializou-se sem ruído, sem ser chamado, e fez o seu ofício. Findo o que, em dado momento deixou de ser visto.

Um grande silêncio pairava sobre Samburan: o silêncio do calor intenso, que parece prenhe de consequências trágicas, como o silêncio da meditação ardente. Heyst ficou sozinho na vasta sala. A moça, vendo-lhe apanhar um livro, recolhera-se ao seu quarto. Ele sentou-se debaixo do retrato do pai. Voltou-lhe à lembrança a abominável calúnia. Sentiu nos lábios o seu gosto, nauseoso e corrosivo como certas espécies de veneno. Veio-lhe o impulso de cuspir no chão, ingenuamente, por puro e simples nojo à sensação física. Sacudiu a cabeça, admirado de si mesmo. Não estava habituado a receber por essa forma as suas impressões intelectuais — refletidas em reações dos sentidos. Mexeu-se impaciente na cadeira e ergueu o livro com ambas as mãos à altura dos olhos. Era uma obra de seu pai. Abriu-o ao acaso e seus olhos pousaram-se no meio da página. Heyst pai tinha escrito sobre todas as coisas, em muitos livros — sobre o espaço e o tempo, sobre os animais e as estrelas, analisando ideias e ações, o riso e as carrancas do homem, e as visagens da sua agonia. O filho leu, mergulhando em si mesmo, compondo o semblante como se estivesse sob os olhos do autor. Sentia vivamente a presença do retrato, à sua direita, um pouco acima da sua cabeça: uma portentosa presença, enquadrada na

moldura maciça ao centro da frágil parede de esteiras, com ar de exilado e ao mesmo tempo de quem estivesse em casa, deslocado e dominador, na imobilidade do perfil pintado.

E o filho lia:

De todos os estratagemas da vida, o mais cruel é o consolo do amor — o mais sutil, também, pois o desejo é a incubadora dos sonhos.

Voltou as páginas do pequeno volume, “Tormenta e Pó”, demorando os olhos aqui e além no texto entrecortado de reflexões, máximas, frases curtas, às vezes enigmáticas e outras eloquentes. Parecia-lhe ouvir a voz de seu pai, falando e silenciando para tomar a falar. Á princípio sob resalta do, terminou por achar certo encanto na ilusão. Abandonou-se à ideia, em que acreditava a meio, de que alguma coisa de seu pai perdurava na terra, uma voz espectral e audível à sua própria carne. Com que estranha serenidade, mesclada de terrores, esse homem contemplava a inanidade universal! Nela mergulhara de cabeça para baixo, talvez para tomar mais suportável a morte — a resposta que vinha ao encontro de todas as interrogações.

Heyst mexeu-se, e a voz do fantasma calou. Mas os seus olhos detiveram-se na última página do livro:

Os homens de consciência torturada, como aqueles que são dominados pela imaginação criminosa, percebem muita coisa que os espíritos de índole mansa e resignada nem sequer suspeitam. Não são só os poetas que ousam baixar aos abismos infernais, ou mesmo que sonham com tal aventura. O mais apático dos seres humanos deve ter dito a si mesmo, numa ocasião ou noutra: “Tudo, menos isto!”

Todos nós temos os nossos momentos de clarividência. Não nos são muito úteis. O caráter do plano traçado não permite que isso, ou qualquer outra coisa, nos preste ajuda. Falando com propriedade, o caráter desse plano, a julgar pelos padrões que as suas próprias vítimas estabeleceram, é infame. Justifica os mais violentos protestos, e entretanto nunca deixa de esmagá-los, da mesma forma que esmaga o mais cego assentimento. O que se denomina perversidade, como aquilo a que se dá o nome de virtude, deve ser o prêmio de si mesma — afim de ser alguma coisa...

Com clarividência ou sem ela, os homens amam o seu cativo. À força desconhecida da negação preferem o miserável cativeiro da sua dependência. Só o homem tem o dom de cansar a nossa piedade; e contudo, acho mais fácil crer

no infortúnio da raça humana que na sua malvadez.

Eram estas as palavras finais. Heyst depôs o livro nos joelhos. Ele ouviu a voz de Lena acima de sua cabeça curvada:

- Estás aí com um jeito de infeliz.
- Achei que dormias — tomou ele.
- Estava deitada, mas não pude pregar olho.
- O repouso te faria bem depois da caminhada. Não procuraste dormir?
- Já te disse que me deitei, mas não pude dormir.
- E não fizeste o menor ruído! Que falta de sinceridade! Ou será que

querias ficar uns instantes sozinha?

Eu... sozinha! — murmurou Lena.

Notando que ela olhava para o livro, Heyst levantou-se para ir repô-lo na estante. Ao voltar-se viu que Lena se deixara cair na cadeira que sempre usava. Sua aparência fazia crer que a força a houvesse abandonado subitamente, deixando-lhe apenas a mocidade, que tinha um ar muito tocante, completamente à mercê do seu amigo. Aproximou-se da cadeira a passos rápidos.

— Cansada, hein? A culpa é minha, que te fiz subir tão alto e ficar tanto tempo fora. E num dia como este, sem vento nenhum!

Ela observava a sua atitude preocupada, em lânguida postura, os olhos alçados para ele mas, como sempre, indecifráveis. Por isto mesmo Heyst evitava de olhá-los. Esquecia-se na contemplação daqueles braços passivos, daqueles lábios indefesos e — força era voltar para eles — daqueles olhos muito abertos. Qualquer coisa de bravio, na sua cinzenta fixidez, o fazia pensar na escuridão glacial das altas latitudes. Sentiu um tremor quando ela falou. Todo o encanto da intimidade física se revelava subitamente na sua voz.

— Devias fazer um esforço para me amar! — disse ela.

Heyst teve um gesto de espanto.

— Um esforço! — repetiu. — Mas parece-me... — Interrompeu-se, dizendo de si para si que, se a amava, nunca lho tinha declarado expressamente. Simples palavras, que entanto lhe morreram nos lábios!

— Por que falas assim? — perguntou.

Ela baixou as pálpebras e desviou um pouco a cabeça.

— Eu nada fiz — disse a meia-voz. — Tu é que foste bom, solícito e terno para mim. Talvez me ames por isso... simplesmente por isso; ou talvez gostes de mim porque te faço companhia, e porque... bem! Mas às vezes quer-me parecer que nunca poderás amar-me por mim mesma, apenas pelo que sou, como se amam as

peessoas quando o amor é para sempre.

Pendeu-lhe a cabeça sobre o peito.

— Para sempre — repetia baixinho. E, em voz ainda mais fraca, ajuntou súplice: — Faz um esforço, sim?

Estas últimas palavras (o som delas mais que o sentido) foram-lhe direito ao coração. Não sabia como responder, fosse por não ter prática de lidar com mulheres, fosse simplesmente pela congênita honestidade do seu espirito. Todas as suas defesas estavam já desbaratadas. A vida acabara por o encostar à parede. Mas pôde ainda sorrir, conquanto Lena não estivesse olhando para ele. Sim, conseguiu sorrir: o conhecido sorriso de Heyst, aquele sorriso de cortesia brincalhona tão familiar, nas ilhas, a homens de todas as espécies e condições.

— Minha querida Lena — disse ele, — está-me parecendo que o que tu queres é armar uma disputa perfeitamente inútil comigo... logo comigo!

Ela não se mexeu. Com o braço dobrado horizontalmente ele torcia as pontas do longo bigode, muito perplexo e muito masculino, envolto na atmosfera de feminilidade como numa nuvem, suspeitando de armadilhas e como que receoso de se mover.

— Devo reconhecer, entretanto — acrescentou, — que não há mais ninguém aqui; e suponho que um pouco de dissentimento é necessário à existência neste mundo.

Aquela mulher, sentada numa atitude de tão graciosa serenidade, era para ele como uma inscrição em língua desconhecida, ou, mais simplesmente, como qualquer texto para um analfabeto. Em capítulo de mulheres sua ignorância era absoluta. Faltava-lhe também esse dom de intuição que é alimentado na mocidade pelos sonhos e visões, exercícios com os quais o coração se adentra para as refregas deste mundo em que o próprio amor não repousa menos no antagonismo que na atração. Sua atitude mental era a de um homem que examina um documento que ele é incapaz de decifrar, mas que pode conter alguma revelação importante. Não sabia o que dizer. Só encontrou estas palavras para acrescentar:

— Nem mesmo compreendo o que fiz ou deixei de fazer para te afligir assim.

Calou-se, sentindo mais uma vez a imperfeição física e moral das relações de ambos — um sentimento que lhe fazia desejar constantemente a presença dela, diante dos seus olhos, sob as suas mãos, e que, quando ela estava longe, a tornava tão vaga, tão fugidia e ilusória, uma promessa que se não podia captar nem reter.

— Não! Não percebo com clareza o que queres dizer. Por acaso tens o

espírito voltado para o futuro?

Acentuava o tom de gracejo ao interpelá-la assim porque tinha vergonha de pronunciar esta palavra. Mas todas as suas queridas negações o iam desertando, uma por uma.

— Porque, se é isso o que te inquieta, nada mais fácil que desembaraçarmos de tal preocupação. No nosso futuro, como naquilo que se chama a outra vida, não há nada para nos causar receio.

Lena ergueu os olhos para ele. E, se a natureza tivesse feito esses olhos para exprimir outra coisa que não a candura apática, ele perceberia o quanto suas palavras a aterrorizavam, e também que a moça o amava mais arrebatada mente que nunca. Sorriu para ela.

— Tira do espírito toda preocupação com o futuro — insistiu. —

Certamente não vais suspeitar, depois do que me contaste, que eu esteja ansioso por voltar ao seio da humanidade. Eu! Eu, assassinar o meu pobre Morrison! É possível que eu seja mesmo capaz de fazer o que eles dizem. A questão é que não fiz. Mas esse assunto é desagradável para mim. Devia ter vergonha de confessar isso... mas é assim! Esqueçamos. Tens o poder de me consolar de coisas piores, Lena, de transe mais abomináveis. Se esquecermos, não haverá aqui vozes que venham lembrar.

A moça erguera a cabeça antes de ele terminar.

— Nada perturbará a nossa solidão — prosseguiu Heyst. E, como se houvesse nos olhos alçados de Lena um apelo ou uma provocação, curvou-se e segurou-a por baixo dos braços, levantando-a da cadeira num abraço repentino e estreito. A vivacidade com que ela retribuiu esse abraço, fazendo-a parecer leve como uma folha, aqueceu-lhe nesse momento o coração mais do que já o tinham feito carícias mais íntimas. Não contava com esse impulso instantâneo que dormitava na sua atitude passiva. Nem bem tinha sentido os seus braços cingir-lhe o pescoço quando, soltando esta leve exclamação: “Ele está aí!”, Lena desprendeuse e correu para o seu quarto.

VI

Heyst ficou assombrado. Olhando em redor de si, como a tomar a sala por testemunha desse despropósito, avistou Wang que se materializara na abertura da porta. A intrusão não podia ser mais surpreendente, tendo em vista a estrita regularidade com que o chinês se fazia visível. Primeiramente Heyst sentiu vontade de rir. Este retruque prático ao que acabara de afirmar, que nada lhes poderia perturbar a solidão, aliviou a tensão dos seus nervos. Sentia-se, além disso, um pouco vexado. O chinês guardava silêncio completo.

— Que é que você quer? — perguntou Heyst com rispidez.

— Bote no mar — disse Wang.

— Onde? Que quer você dizer? Um navio perdido nos estreitos?

Certa mudança sutil nas maneiras de Wang indicava que ele estava sem fôlego. Mas não arquejava, e sua voz era firme.

— Não... bote de remo.

Foi Heyst quem se surpreendeu e ergueu a voz.

— Malaios, hein?

Wang fez um leve aceno negativo com a cabeça.

— Está ouvindo, Lena? — gritou Heyst. — Wang diz que há um bote à vista... perto, ao que parece. Onde está o bote, Wang?

— Dobrando o cabo — disse Wang, passando inesperadamente a falar malaio, em voz forte. — Homens brancos... três.

— Tão perto assim? — exclamou Heyst saindo para a varanda seguido de Wang. — Homens brancos? Impossível!

As sombras já se iam alongando sobre a clareira, O sol baixara muito, e um clarão rubro banhava a terra preta queimada, em frente do bangalô, avançando oblíquo pelo chão, entre os altos troncos retos, como mastros, das árvores que se elevavam a trinta metros ou mais, sem um só ramo. Aerva crescida não deixava ver o pier. Ao longe, para a direita, avistava-se a cabana de Wang, ou antes o seu escuro teto de esteiras, acima da cerca de bambus que ocultava a vida privada da mulher alfuro. O chinês lançou um olhar rápido naquela direção. Após deter-se um momento na varanda, Heyst deu um passo para dentro da sala.

— Parecem ser homens brancos, Lena. Que estás fazendo?

— Estou lavando um pouco os olhos — disse a voz da moça, vinda do quarto interior.

— Ah, sim; está bem!

— Precisas de mim?

— Não. É melhor.. Vou até o pier. Sim, é melhor que fiques. Que coisa extraordinária!

Ninguém poderia compreender tão bem como ele o quanto aquilo era extraordinário. Ia com a cabeça cheia de exclamações enquanto seus pés o levavam na direção do pier. Seguiu os trilhos, escoltado por Wang.

— Onde estava você quando avistou o bote? — perguntou voltando a cabeça por cima do ombro.

Wang explicou em malaio que tinha ido buscar carvão no monte junto à base do pier, quando, erguendo por acaso os olhos do chão, vira a embarcação; um bote de brancos, não uma canoa. Tinha boa vista. Enxergara o barco, com os homens remando. Neste ponto Wang fez um gesto especial diante dos olhos, como se o espetáculo os tivesse ferido. Voltara imediatamente a correr, para dar a notícia.

— Não haverá engano, hein? — disse Heyst continuando a caminhar. Na orla exterior do matagal estacou. Wang fez alto atrás dele, conservando-se entre as ervas até que a voz áspera do Número Um o chamou para fora. Obedeceu.

— Onde está esse bote? — perguntou Heyst com energia. — Diga-me: onde está ele?

Entre a ponta e o pier não se via absolutamente nada. Toda a Baía dos Diamantes era uma massa de sombra purpurina, lustrosa e vazia, enquanto ao largo o mar alto se estendia azul e opaco sob o sol. O olhar de Heyst varreu todo o horizonte até encontrar, ao longe, o cone escuro do vulcão com a sua tênue pluma de fumaça que engrossava e desaparecia perpetuamente, sem alterar a sua forma na ardente transparência da tarde.

— Esse camarada andou sonhando — resmungou ele de si para si.

Olhou fito para o chinês. Wang parecia petrificado. De repente, como se recebesse um choque, teve um arranco, atirou o braço apontando o dedo, e emitiu uns ruídos guturais para dizer que ali, ali, ali, tinha visto um bote.

Era estranhíssimo. Heyst pensou em alguma alucinação. Achava muito pouco provável; mas que um bote com três homens tivesse ido ao fundo entre a ponta e o pier, de um instante para outro, como uma pedra, sem deixar sequer um remo a boiar, era coisa ainda mais incrível. A hipótese de um bote fantasma teria mais visos de razão.

— Que diabo de coisa! — murmurou Heyst.

O mistério impressionava-o desagradavelmente. Ocorreu-lhe então uma explicação simples. Avançou às pressas pelo pier. O bote, se algum bote por ali

passara afastando-se depois, poderia ser avistado da ponta do grande desembarcadouro,

Não se via nada. Heyst deixou os olhos vagar a esmo pela superfície do mar. Tão absorto estava na sua perplexidade que um som cavo, como de alguma coisa aos trambolhões dentro de um bote, com um entrecocar de remos e mastaréus, não conseguiu despertar-lhe a atenção no primeiro momento. Quando percebeu o significado daquilo não teve dificuldade em localizar o som. Vinha de baixo, de sob o pier!

Voltou correndo, e ao fim de uns doze metros parou e olhou para baixo. Deparou-se-lhe à vista a popa de um bote grande, que em sua maior parte lhe ficava oculto pelas tábuas do pier. Viu o dorso magro de um homem atirado sobre o timão, numa estranha e incômoda postura de pesar e abatimento. Outro homem, logo abaixo de Heyst, estava estatelado de costas, de um tolete ao outro, a metade do corpo para fora do banco traseiro, a cabeça mais baixa que os pés. Este segundo homem lançou para cima um olhar feroz e fez força para se levantar, mas parecia estar muito embriagado para consegui-lo. Na parte visível do bote se achava também uma mala de couro chata, sobre a qual se encolhiam, inertes, as compridas pernas do primeiro homem. Uma grande bilha de barro, desarrolhada, rolou debaixo do ébrio sobre os tábuas do fundo.

Heyst nunca experimentara tão grande assombro em sua vida. Contemplava, mudo, a estranha equipagem do bote. Ao primeiro olhar convencera-se de que esses homens não eram marinheiros. Vestiam o traje de linho branco próprio da civilização tropical. Mas Heyst não encontrava uma razão plausível para o fato de aparecerem eles ali, num bote. Isto não podia ter relação alguma com a civilização dos trópicos. Mais se parecia com um desses mitos correntes na Polinésia, mitos que falam em homens espantosos, de raça estranha, que às vezes vêm dar a uma ilha, deuses ou demônios, trazendo o bem ou o mal à população inocente — dádivas de coisas desconhecidas, de palavras nunca ouvidas.

Heyst reparou num capacete de cortiça que boiava junto a quilha do bote. Evidentemente, caíra da cabeça do homem atirado sobre o timão, com o crânio escuro e ossudo à mostra. Também um remo fora arrojado à água, provavelmente pelo bêbado, que ainda se debatia no meio dos bancos. Já então Heyst considerava a visita, não com surpresa, mas com a atenção concentrada que exige um problema difícil. Com um pé pousado no barrote longitudinal do pier, apoiando o braço ao joelho erguido, tomava inventário da cena. O bêbado caiu do banco, estatelou-se, e

inopinadamente se põe em pé. Titubeou, tonto, abrindo os braços, e proferiu um “Olá!” rouco, em voz fraca e como que em sonhos. O seu rosto voltado para cima estava entumescido, vermelho, com a pele descarnada no nariz e nas faces. Seu olhar fixo era tresloucado. Heyst notou umas manchas de sangue seco que cobriam a frente do seu casaco branco sujo e também uma das mangas.

— Que é isso? Está ferido?

O outro baixou as olhos, cambaleou (tinha um pé dentro de um grande chapéu de cortiça) e, recobrando o equilíbrio, emitiu à maneira de riso um som aflitivo e discordante.

— O sangue... não é meu. A sede, isso é que é. Exausto, é o que é. Liquidado. Venha de beber, homem! Dê-nos água!

A sede vibrava no próprio tom das suas palavras, em que se alternavam um regougar entrecortado e um débil sonido gutural que mal alcançava o ouvido de Heyst. O homem do bote ergueu os braços pedindo que os ajudassem a subir para o pier, e sussurrou:

— Fiz força. Estou muito fraco, Levei um tombo.

Wang vinha vindo devagar pelo pier, atento, firmando a vista.

— Volte correndo e traga cá uma alavanca. Há uma no chão, perto do monte de carvão — gritou-lhe Heyst.

O homem que se pusera em pé no bote deixou-se cair sentado no banco. Um riso espasmódico e horrível brotou dos seus lábios túmidos.

— Alavanca? Para quê? — murmurou ele. E a cabeça descaiu-lhe lastimosamente sobre o peito.

Nesse meio tempo Heyst, como se tivesse esquecido o bote, pusera-se à bater com o pé numa grande torneira de latão que sobressaía das pranchas. Afim de prover os navios que vinham em busca de carvão e podiam também necessitar aguada, canalizara-se um regato no interior da ilha, e um cano de ferro trazia a água ao longo pier, até quase o ponto exato em que o bote dos desconhecidos viera dar entre os pilares. Terminava ali por uma ponta curva. Mas a torneira estava apertadíssima.

— Depressa! — bradou Heyst ao chinês, que vinha correndo com a alavanca na mão.

Arrebatou-a e, tomando o barrote longitudinal como ponto de apoio, virou a torneira com um poderoso impulso.

— Tomara que este cano não esteja entupido! — murmurou ansiosamente, de si para si.

Não estava, mas deu apenas um fio d'água, que logo se fez ouvir, quebrando-se na borda do bote e escorrendo em parte pelo costado. O som foi saudado com um grito inarticulado de selvagem alegria. Heyst ajoelhou no barrote e olhou para baixo. O homem que lhe tinha falado já abrira a boca sob o veio líquido e brilhante. A água escorria-lhe sobre os olhos e o nariz, gorgolejava pela garganta abaixo, alagava-lhe o queixo. Mas de súbito a obstrução que havia no cano cedeu, e um grosso jorro feriu-lhe o rosto. Num instante ficou, com os ombros encharcados, as abas do casaco empapadas. Todo ele gotejava. A água entrava-lhe nos bolsos, descia pelas pernas, metia-se pelos sapatos. Mas tinha segurado a ponta do cano com ambas as mãos e bebia, respingava, sufocava e bufava como um nadador. De súbito se fez ouvir um rugido surdo e estranho, Um ser pelado e escuro surdiu debaixo do pier num arremesso violento. Uma cabeça desganhada, com o ímpeto de uma bala de canhão, colheu o sedento pela ilharga e o fez soltar o cano, arrojando-o para a popa de todo o comprimento do meu corpo. O outro foi cair sobre as pernas dobradas do homem do timão, que a comoção no bote arrancara ao seu acabrunhamento, e que se sentara, calado, rígido, lembrando um cadáver. Seus olhos não eram mais que duas manchas negras e seus dentes brilhavam num sorriso de caveira entre os lábios retraídos, finos como folhas de pergaminho enegrecido que se houvessem colado às gengivas.

Os olhos de Heyst passaram deste personagem à criatura que tinha substituído o primeiro homem na extremidade do cano. Enormes patas escuras seguraram-no com ânsia selvagem. A cabeça enorme e hirsuta inclinou-se para trás, e no rosto coberto por uma grenha de pelos úmidos escancarou-se de través uma boca cheia de presas. A água encheu-a, transbordou às golfadas, escorreu pelas mandíbulas e pela garganta hirsuta, empapou o pelame escuro do enorme peito, coberto apenas por uma camisa de xadrez rasgada e arquejando convulsivamente sob a ação dos músculos maciços, que pareciam lavrados em mogno vermelho.

Tão logo o segundo homem recobrou o fôlego, que o Irresistível embate lhe fizera perder, ouviu-se na popa uma sucessão de pragas insensatas, proferidas em agudos gritos. Dobrando o cotovelo num ângulo rígido, o homem do timão levou a mão ao bolso de trás.

— Não atire, patrão! — berrou o segundo homem. — Espere! Deixe ver esse timão. Eu o ensino a comportar-se diante dum caballero!

Martin Ricardo floreou o pesado braço do timão, saltou para a frente com surpreendente vigor e descarregou o madeiro na cabeça de Pedro com um estrondo que ressoou por todos os ecos da Baía do Diamante Negro. Um fio escarlate mugiu

no meio dos cabelos emaranhados; veios vermelhos tingiram a água que escorria por toda a cara do bruto, e o sangue pingou-lhe da cabeça em gotas rosadas. Mas ele não largou o cano, e só a um segundo golpe furioso suas patas cabeludas se abriram e o corpo, que se estorcia, aluiu molemente. Antes que tocasse nas tábuas do fundo, um tremendo pontapé que Ricardo lhe aplicou às costelas arremessou-o para a proa, fora da vista, e dali veio um baque pesado, um estardalhaço de vergas e um grunhido lastimoso. Ricardo curvou-se para olhar embaixo do pier.

— Ah, cão! Isto é para te mostrar teu lugar, bruto, selvagem, assassino! Renegado, ladrão de igreja! Na próxima vez te abro a carcaça da cabeça aos pés, comedor de carniça! Escravo!

Recuou um pouco e se aprumou.

— Estava brincando — observou a Heyst, cujos olhos firmes o fitavam de cima. Correu depressa para a popa.

— Venha, patrão. É a sua vez. Eu não devia ter bebido primeiro. Esqueci, palavra! Mas sei que um cavalheiro como o senhor vai relevar isso. — Ricardo estendia a mão enquanto se desculpava. — Deixe que eu o ajude, patrão.

Mr. Jones ergueu devagar todo o seu corpo esguio, vacilou cambaleou e segurou o ombro de Ricardo. O secretário conduziu-o ao cano, de onde borbotava um jacto claro de água, brilhando luminoso contra o fundo dos barrotes escuros e o crepúsculo que reinava sob o pier.

— Agarre, patrão — aconselhou Ricardo com solicitude. — Pronto?

Deu um passo atrás e, enquanto Mr. Jones se regalava com a abundância de água, dirigiu a Heyst uma espécie de discurso justificatório, cujo tom, refletindo os seus sentimentos, participava do ronrom e do bufo felino. Havia remado trinta horas, explicou ele, e passado quarenta horas sem água. Apenas na noite anterior tinham lambido o orvalho dos toletes.

Ricardo não contou a Heyst como isso acontecera. Naquele momento não tinha nenhuma explicação preparada para o homem do pier, que ele adivinhava muito mais intrigado com a presença dos estranhos que com a situação dos mesmos.

VII

A explicação encontrava-se em dois fatos simples: primeiro, os ventos brandos e as fortes correntes do Mar de Java tinham arrastado o bote a esmo, até fazê-los perder parcialmente o rumo; e segundo, por algum extraordinário equívoco, uma das bilhas postas na embarcação pelo caseiro de Schomberg continha água do mar. Ricardo tratava de dar um tom patético às suas palavras. Remar trinta horas com remos de dezoito pés! E o sol! Ele se consolava amaldiçoando o sol. Tinham sentido o coração e os pulmões secarem dentro deles. E depois, como se isso não fosse bastante (queixava-se ele com amargura), tivera de gastar as poucas forças que lhe restavam golpeando o criado na cabeça com uma travessa. O idiota queria beber água do mar e não ouvia ninguém. Não havia outro meio de impedi-lo. Era preferível deixá-lo desacordado a vê-lo enlouquecer dentro do bote ou ser obrigado a matá-lo. O preventivo, administrado com força suficiente para romper os tampos a um elefante (gabava-se Ricardo) tivera de ser aplicado em duas ocasiões — na segunda quase com o pier à vista.

— O senhor já viu a belezinha — continuou o secretário, muito expansivo, encobrimdo sob a sua loquacidade a falta de uma versão plausível que explicasse a viagem. — Tive de arrancá-lo à força deste cano. Abri de novo todas as feridas velhas que ele tinha na cabeça. O senhor viu com que força tive de bater. Ele é absolutamente incapaz de se dominar. Se não fosse a utilidade desse sujeito em certos serviços, eu deixaria que o patrão o matasse. Sorriu para Heyst à maneira Que lhe era peculiar, retraindo os lábios, e acrescentou como a segunda reflexão:

— E é o que acabará por acontecer se ele não aprender a se conter. Em todo caso, ensinei-lhe a ter cuidado por algum tempo!

Ele tornou a sorrir para o homem do pier. Seus olhos redondos não se tinham despegado do rosto de Heyst desde que começara a narrar a viagem.

— Então é esta a cara que tem o homem! — pensava Ricardo.

Não esperava encontrar um homem com esta aparência. Formara dele um conceito que compreendia — particularidade útil — Um ponto vulnerável qualquer. Esses solitários eram muitas vezes dados à bebida. Mas não... o homem não tinha cara de bêbado, nem se podiam descobrir sinais de fraqueza, de susto ou mesmo de surpresa, naquelas feições, naquele olhar firme.

— Estávamos mais mortos que vivos, e não pudemos trepar — continuou Ricardo. — Ouvi o senhor passar aí em cima, entretanto. Creio que gritei; pelo menos tentei gritar. Não me ouviu?

Heyst fez um sinal negativo, quase imperceptível, mas que não escapou aos olhos atentos de Ricardo.

— Tinha a garganta muito ressequida. Por último não nos atrevíamos nem a cochichar um para o outro. A sede sufoca um homem. Podíamos ter morrido debaixo deste pier, antes que o senhor nos achasse.

— Não podia imaginar onde se haviam metido — falou Heyst afinal, dirigindo-se aos recém-chegados. — Mas foram vistos logo que dobraram aquela ponta.

— Fomos vistos, é? — rosnou o sr. Ricardo. — Remávamos como máquinas, sem nos atrevermos a parar. O patrão ia ao timão, mas não tinha forças para falar. O bote meteu-se entre os barrotes do pier, chocou-se com alguma coisa e nós todos caímos para a frente. Bêbados... ah, ah! Completamente secos, isso sim! Gastamos o resto das nossas forças para chegar aqui, pode crer. Mais uma milha e estávamos liquidados. Quando ouvi os seus passos em cima tratei de me levantar, mas caí.

— Foi esse o primeiro ruído que ouvi — acudiu Heyst.

Mr. Jones, com a frente do casaco branco sujo empapado e colado ao peito, afastou-se do cano cambaleando. Escorou-se ao ombro de Ricardo, respirou fundo, ergueu a cabeça gotejante e abriu a boca num horrendo sorriso de amabilidade que passou despercebido ao pensativo Heyst. Atrás dele o sol, roçando pela água, semelhava um disco de ferro candente que se houvesse resfriado até assumir um tom vermelho-escuro, prestes a sair rolando em redor da chapa circular de aço que era o mar. Este, sob o céu que começava a escurecer, parecia mais sólido que as altas montanhas de Samburan, mais sólido que o promontório, cujo longo declive mergulhava na sua própria sombra, borrando os apagados reflexos da baía. O forte jorro de água que brotava do cano quebrava-se como estilhaços de vidro na borda do bote. Aquele chapinhar estertoroso e persistente acentuava o profundo silêncio do universo.

— Grande ideia, trazer a água para cá — disse Ricardo com admiração.

Água era a vida. Sentia-se agora com forças para correr uma milha inteira, saltar um muro de três metros, cantar uma canção. Dez minutos antes era pouco menos que um cadáver, liquidado, incapaz de se por em pé, de levantar uma mão, de lançar um gemido. Uma gota d'água fizera o milagre.

— Não teve a sensação de que era a própria vida que lhe escorria para dentro, meu senhor? — perguntou ele ao patrão, com uma vivacidade deferente mas forçada.

Sem responder uma palavra, Mr. Jones foi sentar-se à popa.

— Esse criado dos senhores não estará esvaindo-se em sangue aí embaixo, na proa? — perguntou Heyst.

Ricardo fez ponto nas suas exclamações extáticas sobre a virtude vivificante da água e respondeu em tom inocente;

— Ele? O senhor pode chamar isso de homem, se isso lhe agrada, mas ele tem o couro mais duro que o mais duro dos jacarés que caçava nos seus bons tempos. O senhor não sabe o que esse sujeito é capaz de aguentar, mas eu sei. Há muito que fizemos a experiência. Olá, Pedro! Pedro! — berrou ele com um vigor de pulmões que atestava o poder regenerador da água.

Um “Señor? pronunciado em voz débil, respondeu-lhe debaixo do pier

— Que foi que eu disse? — tornou Ricardo triunfante.

— Não há nada que lhe faça mal. Está às mil maravilhas. Mas olhe, o bote está ficando alagado. Não poderá fechar essa torneira antes que afundemos? Já tem água quase pelo meio.

A um sinal de Heyst, Wang martelou na torneira e postou-se atrás do Número Um, empunhando a alavanca e imóvel como antes. Ricardo não estava talvez tão seguro da resistência de Pedro como afirmava, pois curvou-se olhando por baixo do pier, depois avançou para a proa, desaparecendo da vista. O jorro d’água, cessando repentinamente, produziu um silêncio que se tornou completo quando as últimas gotas terminaram de cair. O sol, ao longe, reduzira-se a uma chispa vermelha, luzindo muito baixo na muda imensidão do crepúsculo. Em volta do bote, a água ainda tinha uns tardios lampejos de púrpura. A figura espectral que estava à popa disse em voz lânguida:

— Este, mm... companheiro... mm... este meu secretário é um esquisitão. Receio que não nos estejamos apresentando sob uma luz muito favorável.

Heyst escutava. Era a voz convencional de um homem educado, salvo que revelava uma extraordinária falta de vida. Ainda mais estranha, porém, era a preocupação das aparências, que ele não sabia se o outro exprimia a sério ou por gracejo. A primeira alternativa era pouco verosímil naquelas circunstâncias, e ninguém gracejava em voz tão morta. Não havia para isso resposta possível, e Heyst nada disse. O outro continuou:

— Para quem viaja como eu, um homem desta espécie é extremamente útil. Não há dúvida que ele tem as suas pequenas fraquezas.

Heyst não resistiu à tentação de dizer:

— Realmente? Entre elas não se conta a fraqueza do braço, nem sentimentos exageradamente humanos, pelo que me é dado ver,

— Defeitos de gênio — explicou Mr, Jones da popa do bote.

O assunto desse diálogo, saindo nesse momento debaixo do pier para a parte visível do bote, defendeu-se numa voz cheia de vida e com modos que nada tinham de lânguidos. Eram, pelo contrário, muito vivos, quase jocosos. Pediu desculpas por contradizer. Nunca se enfurecia com “o nosso Pedro”. O sujeito era um índio extremamente forte e sem a menor inteligência. Isto o tomava perigoso, e era preciso tratá-lo de acordo, de maneira que ele pudesse compreender. Era incapaz de raciocínio.

— E assim — disse Ricardo a Heyst, com animação, — o senhor não deve se surpreender...

— Garanto — interrompeu Heyst — que o meu assombro com a chegada dos senhores nesse bote é tão grande que não deixa lugar para me surpreender com coisas de menor importância. Mas não seria melhor que desembarcassem?

— Isso é que é falar, cavalheiro!

Ricardo começou a azafamar-se pelo bote, e enquanto isso não cessava de falar. Sentindo-se incapaz de “tomar a medida” a este homem, estava inclinado a lhe atribuir poderes extraordinários de penetração, poderes que o silêncio, no seu entender, teria favorecido. Temia também que lhe fizessem alguma pergunta à queima-roupa. Não tinha nenhuma história pronta para contar. Ele e o seu patrão haviam protelado demais a consideração deste pormenor importante. Nos últimos dois dias os horrores da sede, assaltando-os inesperadamente, impediram-nos de deliberar. Para escaparem com vida tiveram de remar sem descanso. Mas o homem do pier, fosse ele parente do próprio diabo, havia de lhes pagar tudo que tinham padecido — pensava Ricardo com infernal alegria.

Nesse entremeses, patinhando na água que cobria o fundo do bote, Ricardo felicitava-se em voz alta por ter encontrado a bagagem seca. Empilhou-a na proa. Amarrou toscamente a cabeça de Pedro. Pedro não tinha motivo para resmungar. Pelo contrário, devia agradecer a ele, Ricardo, o fato de ainda estar com vida.

— Bem, agora, vou-lhe dar um impulso, para o — disse ele jovialmente ao seu chefe, que ficara imóvel na popa.

— Todos os nossos trabalhos se acabaram para sempre... ou ao menos por algum tempo. Não é sorte encontrarmos um homem branco nesta ilha? Antes teria esperado um anjo do céu... hein, Mr. Jones? Bem, então... está pronto, meu senhor? Um, dois, três, upa!

Ajudado debaixo por Ricardo e de cima pelo homem mais inesperado que

um anjo, Mr. Jones trepou para o pier e ficou ao lado de Heyst. Vacilava como um caniço. Anoite que descia sobre Samburan convertera em densa sombra a ponta de terra e o próprio pier, e dava uma negra solidez à água parada, que se estendia para oeste até encontrar os derradeiros traços de luz. Heyst encarava assim os hóspedes que o mundo abandonado lhe mandara ao cair do dia. Os outros vestígios de luz que tinham ficado na terra se enfurnavam pelos olhos cavos do homem magro. Brilhavam ali, móveis e languidamente evasivos. As pálpebras palpitavam.

— O senhor está se sentindo fraco — disse Heyst.

— Sim, um pouco, no momento — confessou o outro.

Ofegando fortemente, vigoroso e desajudado, Ricardo içou-se para o pier com os pés e as mãos. Ergueu-se junto de Heyst e bateu com o pé nas pranchas, duas pancadas vivas e provocadoras, qual as pancadas que se ouvem por vezes nas escolas de esgrima, antes que os adversários tercem as armas. Não que Ricardo, o marinheiro renegado, tivesse algum conhecimento de esgrima. Suas armas eram o que ele chamava “pau de fogo” ou uma faca ainda mais plebeia, como a que naquele momento trazia engenhosamente apresilhada à perna. Achou nela. Seria bastante baixar rapidamente a mão, dar um corte debaixo para cima, empurrar o homem para dentro da água, e apenas o ruído de um mergulho perturbaria o silêncio da noite. Heyst não teria tempo para gritar. Seria um trabalho rápido e limpo, que condizia perfeitamente com o estado de ânimo de Ricardo. Mas reprimiu esse impulso selvagem. A coisa não era tão simples assim. Era preciso representar a peça ao som de outra música, de compasso muito mais lento. Voltou ao tom de simplicidade tagarela.

— É. Eu também não me sinto tão forte como pensei, depois de beber.

Grandes milagres faz a água! E arranjà-la aqui mesmo! Foi uma delícia hein, patrão?

Mr. Jones, diretamente interpelado, entrou no seu papel:

— Francamente, quando vi este pier numa ilha que parecia desabitada, não pude crer nos meus olhos. Duvidei. Pensei que fosse uma ilusão, até que o bote se meteu entre os barrote, aí onde o senhor o vê.

Enquanto ele falava, numa voz fraca que não parecia ser deste mundo, o seu assecla, em acentos fortes e muito terrenos, inquietava-se com a bagagem que estava no bote, e gritava a Pedro:

— Vamos, passa os troços cá para cima! Mexe-te, homem, senão terei que descer de novo para te dar uns cascudos nessas ataduras, seu urso resmungão!

— Ah, o senhor não acreditou na realidade do pier? dizia Heyst a Mr. Jones.

— Devias beijar-me as mãos!

Ricardo agarrou a velha mala de couro e deixou-a cair nas pranchas do pier com um baque surdo.

— Sim! Devias acender uma vela diante de mim, como vocês fazem aos santos na sua terra. Nenhum santo já fez tanto por ti como eu fiz, vagabundo ingrato. Vamos, sobe!

Ajudado pelo loquaz Ricardo, Pedro subiu ao pier, onde ficou algum tempo de quatro pés, abanando a cabeça hirsuta envolta em trapos brancos. Depois levantou-se desajeitadamente, parecendo-se, no crepúsculo, com algum animal de grande porte que se equilibrasse nas patas traseiras.

Mr. Jones começou a explicar a Heyst, languidamente, que estavam em situação muito precária naquela manhã quando descortinaram a fumaça do vulcão. Isto os animou a fazer mais um esforço para salvar suas vidas. Pouco depois avistavam a ilha.

— Ainda me restava bastante entendimento no cérebro torrado para modificar o rumo do bote — continuou a voz espectral. — Quanto a encontrar socorro, um pier, um homem branco... ninguém teria sonhado com isso. Simplesmente absurdo!

— Foi isso mesmo o que eu pensei quando o meu criado chinês me disse que tinha visto um bote com homens brancos a remar — disse Heyst.

— Uma sorte incrível — interpôs Ricardo, que lhes estava ao lado, escutando cada palavra com atenção ansiosa.

— Parece um sonho — acrescentou. — Um sonho delicioso!

Um silêncio envolveu os três homens, como se cada um deles receasse falar, sentindo a iminência de uma crise. Pedro, de uma banda, e Wang da outra, tinham o ar de espectadores interessados. Haviam surgido algumas estrelas no rastro da luz crepuscular que fugia. Uma leve brisa, tépida após o dia esbraseante, fez Mr. Jones tiritar dentro das suas roupas encharcadas.

— Posso deduzir, então, que há aqui um estabelecimento de brancos? — murmurou ele, estremecendo visivelmente.

Heyst saiu da sua meditação.

— Oh, tudo abandonado. Vivo aqui... a bem dizer, só. Mas ainda restam várias casas desocupadas. Acomodação não falta. É bom que... Wang, volte à praia e traga cá o vagonete.

Tendo dito estas últimas palavras em malaio, explicou cortesmente que eram instruções para o transporte da bagagem. Wang sumira-se na noite, sem ruído.

— Caramba! Até trilhos têm aqui — exclamou Ricardo em tom de

admiração. — Nunca pensei!

— Explorávamos uma mina de carvão na ilha — disse o ex-administrador da Companhia de Carvão da Zona Tropical. — Isso são os destroços das nossas instalações.

Os dentes de Mr. Jones começaram a entrecocar-se a um novo sopro de vento, um mero suspiro vindo do poente, onde Vênus despedia os seus raios à beira do horizonte, qual lâmpada brilhante a pender sobre o túmulo do sol.

— Podíamos pôr-nos a andar — propôs Heyst. — O chinês e... ah... esse seu criado ingrato, o homem da cabeça quebrada, podem por as coisas no vagonete e trazê-las atrás de nós.

O conselho foi aceito em silêncio. A caminho da praia os três homens cruzaram-se com o vagonete, um simples ruído metálico que passou roçando por eles, impellido por Wang, apenas visível, e que corria silenciosamente. Nada mais que o som dos seus passos os acompanhava. Havia muito tempo que não se ouviam tantos passos juntos sobre aquele pier. Antes de penetrarem, no caminho Aberto entre as ervas, Heyst disse:

— Não posso convidá-los a participar do meu alojamento. — A polidez distante deste exórdio fez os dois estancar subitamente, como pasmados com alguma incongruência manifesta. — Lamentá-lo-ia muito — continuou ele — se não lhes pudesse oferecer um desses bangalôs vazios, à escolha, para sua residência temporária.

Voltou-se e mergulhou na senda estreita, seguido pelos outros em fila indiana.

— Esquisito começo! — cochichou Ricardo, aproveitando a ocasião, falando às costas de Mr. Jones que vacilava ao lusco-fusco, entre as duas paredes de ervas tropicais, quase tão esguio quanto elas.

Nessa ordem surdiram eles na clareira que Wang tinha aberto com o seu judicioso sistema de queimas periódicas. As casas sem luz, com seus tetos elevados, pareciam misteriosamente grandes e informes contra o cintilar das estrelas que se iam multiplicando. Heyst notou com satisfação a ausência de luz no seu bangalô. Parecia tão desabitado como os outros. Continuou a mostrar o caminho aos dois homens, pendendo para a esquerda. Sua voz tranquila soou na noite:

— Este aqui é o mais conveniente. Era o nosso escritório. Ainda há alguns móveis aí dentro. Tenho certeza de que os senhores encontrarão duas camas de campanha numa das peças.

O alto teto do bangalô erguia-se muito perto, escondendo o céu.

— Cá estamos. Três degraus. Como veem, há uma larga varanda. Desculpem se os faço esperar um momento. Creio que a porta está fechada com chave.

Ouviram-no a experimentar a fechadura. Depois encostou-se ao parapeito, dizendo:

— Wang nos trará as chaves.

Os outros esperaram, duas sombras vagas que quase se confundiam na escuridão da varanda, onde repentinamente se ouviu o bater aos dentes de Mr. Jones, logo reprimido, e um leve arrastar de pés de Ricardo. O guia e hospedeiro, com as costas contra a balaustrada, parecia olvidado da existência dos dois homens. De súbito moveu-se, murmurando:

— Ah, aí vem o vagonete.

Falou mais alto, em malaio, e recebeu a resposta: “Ya tuan”, vinda de um grupo indistinto que se divisava na direção dos trilhos.

— Mandeí Wang buscar a chave e uma luz — disse ele, numa voz que não parecia vir de nenhuma direção especial: uma peculiaridade que desconcertou Ricardo.

Wang não se fez esperar muito tempo. Pouco depois avistava-se uma lanterna a oscilar na escuridão. Lançou um raio fugitivo sobre o vagonete parado, com a bagagem, por cima da qual se curvava o vulto de Pedro. Depois avançou para o bangalô e subiu os degraus. Após lidar na fechadura perra, Wang encostou o ombro à porta e esta cedeu ruidosamente, como que indignada por se ver assim violada ao cabo de dois anos de repouso. Da tampa inclinada de uma alta escrivaninha voou uma folha de papel esquecida e solitária, indo sentar graciosamente no chão.

Wang e Pedro entravam e saíam pela porta ultrajada, trazendo as coisas do vagonete, um a deslizar célere e o outro a cambalear pesadamente. Terminada, a acomodação da bagagem, Wang, a uma ordem calma de Heyst, fez diversas viagens aos depósitos, voltando com cobertores, provisões em lata, café, açúcar e um pacote de velas. Acendeu uma destas e grudou-a na beira da escrivaninha. Nesse meio tempo Pedro, que fora apresentado a um feixe de gravetos e algumas achas de lenha, pusera-se a acender fogo na frente da casa. Pendurou em cima das chamas uma chaleira cheia de água que Wang lhe estendeu impassível, na ponta do braço, como se o fizesse por cima de um abismo. Tendo recebido os agradecimentos dos seus hóspedes, Heyst desejou-lhes boa noite e retirou-se, deixando-os descansar.

VIII

Heyst afastou-se devagar. Não havia luz ainda no seu bangalô, e isto lhe pareceu bom. Já não estava tão perturbado. Wang o precedera com a lanterna, como se tivesse pressa de fugir aos dois hóspedes e seu hirsuto fâmulos. Aluz parara de dançar. Fora colocar-se, perfeitamente imóvel, junto aos degraus da varanda.

Heyst olhou casualmente para trás e viu outra luz: o fogo dos hóspedes. Um vulto negro e mal enjambrado inclinou-se monstruosamente sobre as chamas e mergulhou cambaleando na sombra envolvente. A água da chaleira tinha fervido, com toda probabilidade.

Levando gravada nos sentidos essa estranha visão de um ser cuja natureza humana era duvidosa, Heyst avançou um passo ou dois. Que poderiam ser esses homens que tinham tal criatura por criado? Deteve-se. A vaga apreensão de um futuro distante, em que via Lena inevitavelmente separada dele por diferenças profundas e sutis; a negligência céptica que acompanhara todos os seus ensaios de ação, como uma secreta ressalva da sua alma, abandonou-o. Já não era dono de si. Uma missão mais imperiosa e augusta lhe fora imposta. Aproximou-se do bangalô e, na orla da luz da lanterna, viu os pés de Lena e a fimbria do seu vestido. O resto da sua pessoa debuxava-se vagamente na sombra, até a cintura. Estava sentada numa cadeira e a escuridão do beiral baixo envolvia-lhe a cabeça e os ombros. Não se mexeu.

— Estiveste dormindo aqui, por acaso? — perguntou ele.

— Oh, não! Estava te esperando... no escuro.

Heyst, tendo subido a escada, apoiou-se a um dos pilares de madeira depois de afastar um pouco a lanterna.

— Estava pensando que foi bom não teres acendido luz. Mas não te enfastiaste de me esperar no escuro?

— Não preciso de luz para pensar em ti.

A encantadora voz da moça dava especial valor a esta resposta trivial, que também tinha o mérito de ser verídica, Heyst riu um pouco e disse que tivera uma aventura curiosa. Lena não fez nenhuma observação. Ele procurou desenhar mentalmente os contornos da sua postura serena. Uma mancha de luz baça, aqui e ali, deixava entrever a indefectível graça de atitude que era um dos seus dons naturais.

Estivera pensando nele, não porém em conexão com os recém-chegados. Admirara-o desde o primeiro dia; foi atraída pela sua voz quente, pelo seu olhar doce, mas achava-o muito maravilhoso e difícilimo de compreender. Ele dera sabor e movimento à sua existência, uma promessa mesclada de ameaças, e Lena não suspeitava que pudesse encontrar tais coisas na vida... pelo menos uma mulher acorrentada, como ela, pela miséria. Dizia a si mesma que não devia irritar-se demasiado com ele por ser muito metido consigo, e como que encerrado num mundo seu. Quando ele a estreitava nos braços, Lena sentia que esse abraço tinha uma grande força grande e refletida, que ele estava profundamente tocado e talvez não se cansasse dela muito depressa. Achava que o seu amigo lhe tinha dado a conhecer sentimentos de delicada alegria, que a própria inquietude que Heyst lhe causava era deliciosa na sua tristeza, e trataria de prendê-lo o mais tempo possível... até que os seus braços frouxos, a sua alma desalentada, não tivessem mais o poder de retê-lo.

— Wang, naturalmente, não está aqui? — disse Heyst de súbito.

Ela respondeu como que em sonhos.

— Largou a luz aí, sem parar, e foi embora correndo.

— Correndo? Hum! Bom, já tinha passado desde muito a hora de ir ter com sua mulher em casa. Mas ser visto a correr é uma espécie de degradação para Wang, perito na arte de desaparecer. Achas que foi algum susto que o fez desmentir a sua perfeição?

— Por que havia ele de se assustar?

A voz de Lena continuava sonhadora, algo incerta.

— Eu mesmo cheguei a ficar apreensivo — disse Heyst.

Ela não o escutava. A lanterna colocada aos seus pés projetava para cima as sombras do seu rosto. Seus olhos cintilavam, como que atemorizados e atentos, acima do queixo iluminado e do pescoço muito alvo.

— Sob minha palavra — refletiu Heyst em voz alta, — agora que não estou vendo esses sujeitos mal posso acreditar na sua existência!

— E quanto à minha? — perguntou ela, com tal presteza que Heyst teve o brusco recuo de um homem a quem assaltam de emboscada. — Quando não me vêes, acreditas que existo?

— Se existes? Tens uma realidade cheia de encanto! Minha querida Lena, tu não conheces os teus próprios atrativos. Pois se bastaria a tua voz para te fazer inesquecível!

— Oh, não era a essa espécie de esquecimento a que eu me referia. Suponho

que se eu morresse havias de te recordar de mim. Mas a quem aproveitaria isso? É enquanto estou viva que eu quero...

Heyst estava de pé junto à cadeira de Lena, um vulto varonil escassamente iluminado. Os ombros largos, o semblante marcial que era como um disfarce da sua alma desarmada, perdiam-se na treva, acima do plano luminoso em que estavam plantados os seus pés. Achava-se presa de uma perturbação com que ela nada tinha que ver. Lena não fazia uma ideia exata das condições de existência que lhe oferecera seu companheiro. Levada para aquela estagnação toda especial, permanecia alheia a esta, graças à sua ignorância.

Não podia, por exemplo, compreender o quão prodigiosamente inverossímil era a chegada desse bote. Não parecia pensar nisso. Talvez já houvesse esquecido o fato. Heyst resolveu, repentinamente, não lhe falar mais nele. Não porque evitasse alarmá-la. Como ele próprio não tinha nenhuma opinião definida, não imaginava que as suas explicações pudessem produzir nela um efeito preciso. Há nos acontecimentos uma qualidade que é percebida de modo diverso pelos diversos espíritos, e até pelo mesmo espírito em ocasiões diferentes. Qualquer homem dotado de consciência tem noção desta embaraçosa verdade. Heyst bem via que a visita não podia augurar nada de bom. No seu presente estado de ânimo, que era de azedume para com toda a humanidade, considerava-a uma intrusão das mais irritantes.

Olhou da varanda na direção do outro bangalô. O fogo de gravetos se apagara. Nenhum clarão de cinzas, nem o mais leve fio de luz denunciava a presença dos forasteiros. As sombras mais negras na obscuridade, o silêncio absoluto, em nada traíam a estranha invasão. Como em todas as outras noites, reinava paz em Samburan. Tudo continuava como dantes, exceto — Heyst notou-o repentinamente — exceto que, durante talvez um minuto inteiro, enquanto tinha a mão apoiada à cadeira da moça, bem junto dela, olvidara a sua existência pela primeira vez desde que a trouxera para partilhar desta paz invencível e absoluta. Pegou a lanterna do chão, e toda a varanda tumultuou de movimentos silenciosos. Uma barra de sombra passou célere sobre o rosto de Lena, e a luz forte se fixou. sobre a imobilidade das suas feições, que eram como as de uma mulher que contempla uma visão. Os olhos estavam parados, os lábios postos numa expressão grave. O vestido, aberto ao pescoço, agitava-se levemente ao sopro da sua própria respiração.

— É melhor irmos para dentro, Lena — sugeriu Heyst em voz muito baixa, como a romper cautelosamente um sortilégio.

Lena ergueu-se sem dizer palavra e entrou, seguida dele. Ao passarem pela sala Heyst deixou a lanterna acesa sobre a mesa do centro.

IX

Naquela noite a moça acordou, pela primeira vez na sua nova vida, com a sensação de ter sido abandonada a si mesma. Acordou de um aflitivo sonho de separação, cujo motivo não conseguia compreender, e o instante do despertar não lhe trouxe conforto. Persistia o desolado sentimento de solidão. E, com efeito, estava só. A luz de uma lamparina evidenciava o fato, à maneira vaga e misteriosa dos sonhos. Mas aquilo era a realidade. Ficou extremamente inquieta.

Alcançou num ápice a cortina que tapava o vão da porta e ergueu-a com mão firme. As condições da vida de ambos em Samburan tomavam absurda qualquer espionagem, e aliás isto era alheio à sua natureza. Não a movia um impulso de curiosidade, mas de franco susto, a angústia e o temor do seu sonho que se prolongavam. Não podia ser muito tarde. A chama da lanterna ardia vigorosamente, listrando de grossas barras negras o assoalho e as paredes da sala. Ela não saberia dizer se esperava ou não encontrar ali a Heyst. Mas viu-o imediatamente, em pé junto à mesa, de pijama, com as costas para a porta. Entrou sem ruído, com os pés descalços, deixando cair a cortina atrás de si. Algo de característico na aparência de Heyst fê-la dizer, quase num sussurro:

— Está procurando alguma coisa?

Ele não a ouviu entrar; mas não se sobressaltou com o inesperado cochicho. Limitou-se a fechar a gaveta da mesa e, sem mesmo olhar por cima do ombro, perguntou calmamente, aceitando a presença da moça como se ela conhecesse todos os seus passos:

— Escute: tem certeza de que Wang não passou por esta sala hoje à noite?

— Wang? Quando?

— Depois de deixar aí a lanterna,

— Oh, não. Ele saiu correndo. Eu o estava observando.

— Ou talvez antes... enquanto eu falava com esses homens do bote? Não sabe? Não pode me dizer?

— Não creio. Saí para a varanda no pôr do sol e fiquei lá até você voltar.

— Ele pode ter entrado um instante pela varanda dos fundos.

— Não ouvi barulho nenhum — disse ela. — Qual o problema?

— É natural que não ouvisse. Ele sabe como caminhar mais silenciosamente que uma sombra, quando quer. Creio que esse sujeito seria capaz de nos roubar os travesseiros enquanto dormimos. É até possível que ele tenha estado aqui há dez minutos.

— O que acordou você? Algum barulho?

— Não posso afirmar. Geralmente não se sabe o que nos acorda. Mas acha isso provável, Lena? De nós dois você é quem tem o sono mais leve. Um ruído forte o bastante para me acordar teria acordado você também. Tentei não fazer barulho. O que acordou você?

— Não sei... um sonho, talvez. Acordei chorando.

— Sonhava com o quê?

Heyst, com a mão apoiada na mesa, virara-se para ela, a grande cabeça descoberta entroncada num musculoso pescoço de lutador. Ela deixou a pergunta sem resposta, como se não a tivesse ouvido.

— Está procurando o quê? — perguntou, com expressão muito séria.

Seus cabelos escuros, penteados para trás, estavam dispostos em duas tranças, para dormir. Heyst notou a bela forma da sua testa, ampla e digna, de uma alvura sem lustro. Era uma fronte escultural. Ele passou por um momento de intensa admiração, que veio interromper pensamentos de bem diversa ordem. Ao parecer, nunca cessaria de descobrir coisas novas na moça, e nos momentos mais impróprios.

Ela vestia apenas um sarong de algodão, de fabricação doméstica — uma das poucas aquisições de Heyst anos antes nas Celebes, onde se faziam esses tecidos. Tinha esquecido completamente o objeto até Lena aparecer na ilha, e ela o encontrara no fundo de um velho baú de pau de sândalo, dos tempos anteriores a Morrison. Aprendera depressa a enrolá-lo sob os braços, prendendo-o com uma torcida segura, como fazem as malaías do campo quando tomam banho de rio. Tinha os ombros e os braços nus. Uma das tranças, que caía para a frente, parecia quase negra sobre a brancura da pele. Como era mais alta do que a média das mulheres malaías, o sarong ficava nela bem acima dos tornozelos. Firmemente plantada no chão, entre a mesa e a cortina, os pés alvejavam como mármore na sombra da esteira que cobria o assoalho. O pendor dos seus ombros, em que a luz batia em cheio, o torneio delicado e vigoroso dos braços caídos ao longo do corpo, e mesmo a sua imobilidade, tinham algo de estatutário, o encanto da obra de arte tensa de vida. Não era muito alta (Heyst, no começo, chamava-a em seus pensamentos “essa pobre garotinha”), mas assim revelada, sem a mesquinha banalidade do seu vestido branco da orquestra, envolta no singelo sarong, havia na sua forma e nas proporções do seu corpo algo que fazia pensar na maquete de uma estátua de proporções heroicas.

Ela avançou um passo.

— Deu por falta de quê? — perguntou de novo.

Heyst virou-se completamente de costas para a mesa. As barras de sombra no chão e nas paredes, reunindo-se na sombra do teto, eram como os varões de uma jaula em torno deles. Desta vez foi Heyst quem não deu ouvidos à pergunta.

— Diz que acordou assustada?

Lena caminhou para ele, exótica e no entanto familiar, com as espáduas e o rosto alvos de mulher surgindo do sarong, como se o traje fosse um feérico disfarce. Mas a sua expressão era de seriedade.

— Não! — respondeu. — Era antes aflição. Você não estava lá, sabe, e eu não sabia por que me deixou. Um sonho horrível... o primeiro que tenho, por sinal, desde que...

— Acredita em sonhos, por acaso?

— Conheci uma mulher que acreditava. Pelo menos, cobrava um xelim para explicar o significado deles.

— Quem sabe você pergunta a ela o que significa esse sonho? — perguntou Heyst, gracejando.

— Ela morava em Camberwell. Era uma velha horrível!

Heyst riu, um pouco contrafeito.

— Sonho é loucura, minha querida. São as coisas que acontecem no mundo enquanto dormimos que desejaríamos compreender.

— Sentiu falta de alguma coisa nessa gaveta — disse ela, positiva.

— Nesta ou em outra. Procurei em todas as gavetas e acabei voltando à primeira, como se costuma fazer. Tenho dificuldade de acreditar no testemunho dos meus sentidos, mas o fato é que não está aí. Bem, Lena, tem certeza de que não...

— Nunca toquei em coisa alguma nesta casa a não ser no que você me deu.

— Lena! — exclamou ele.

Esse revide a uma acusação que ele não fizera afetou-o dolorosamente. Era o que teria dito um criado, um subalterno exposto a suspeitas — ou, em todo caso, um estranho. Sentiu raiva por se ver tão mal compreendido, desencantado por ela não perceber instintivamente o lugar que ele secretamente lhe reservava em seus pensamentos.

— Depois de tudo — ele pensou — ainda somos estranhos um para o outro. Mas teve pena dela e falou com calma:

— Eu ia perguntar se tem certeza de que não há mesmo razão para desconfiar que o chinês tenha entrado aqui esta noite.

— Suspeita dele? — perguntou Lena, franzindo as sobrancelhas.

— Não há ninguém mais de quem suspeitar. Pode até dizer que tenho certeza.

— Não quer me dizer o que é? — inquiriu ela no tom sereno de quem toma nota de um fato.

Heyst limitou-se a sorrir ligeiramente.

— Não é nada de muito precioso, quanto ao valor monetário — respondeu.

— Achei que fosse dinheiro.

— Dinheiro! — exclamou Heyst, como se a ideia fosse completamente absurda. A surpresa de Lena foi tão visível que ele se apressou em acrescentar: — Há, naturalmente, algum dinheiro em casa... ali naquela escrivaninha, na gaveta da esquerda. Não está fechada à chave. Pode-se puxá-la para fora. Atábua dos fundos gira sobre si mesma, formando um pequeno compartimento. Um esconderijo muito simples, quando a gente o conhece. Descobri-o por acaso, e guardo ali a nossa provisão de libras. O tesouro, minha querida, não é grande o bastante que necessite de uma caverna.

Fez uma pausa, riu muito baixo e retribuiu o olhar firme de Lena.

— Quanto às moedas de prata, alguns florins e dólares, sempre guardei nessa gaveta. Não tenho dúvida nenhuma de que Wang sabe disso. Mas ele não é ladrão, e foi por isso que eu... Não, Lena, o que está faltando não é dinheiro nem joias; é justamente isso o que torna o fato interessante... ao passo que um furto de dinheiro não teria menor interesse.

Ela respirou forte, aliviada por saber que não era dinheiro. Tinha no rosto uma expressão de grande curiosidade, mas não fez mais perguntas a Heyst.

Deu-lhe apenas um de seus sorrisos brilhantes.

— Como não fui eu, tem de ser Wang. Devia obrigá-lo a devolver.

Heyst ouviu este conselho ingênuo e prático sem nada responder, pois o objeto desaparecido da gaveta era seu revólver.

Era uma arma grande, que ele tinha por muitos anos, e da qual nunca fizera uso. Desde que os móveis tinham vindo de Londres o revólver repousava naquela gaveta. Para ele, os verdadeiros perigos da vida não eram aqueles que se podem combater à bala ou com uma espada. Aliás, nem seu físico nem suas maneiras pareciam bastante inofensivos para expô-lo a fáceis agressões.

Não sabia dizer a razão que o fizera ir alta noite procurar na gaveta. Saiu da cama num ímpeto repentino, o que nele era muito insólito. Surpreendeu-se sentado no leito, completamente acordado. Amoça dormia junto dele, com o rosto voltado para o outro lado: um vulto vago e caracteristicamente feminino na penumbra. Sua

imobilidade era completa.



Nessa parte do ano não havia mosquitos em Samburan, e as bandas dos mosquiteiros estavam apanhadas. Heyst atirou as pernas para o chão e maquinalmente se pôs em pé. Ignorava por que razão o fazia. Não desejava despertá-la, e o leve rangido da cama lhe parecera soar muito alto. Virou-se apreensivo, esperando que Lena se mexesse. A mulher, porém, continuava a dormir. Olhando para ela, Heyst viu-se também deitado ali, mergulhado no sono e : — coisa que lhe ocorria pela primeira vez na vida — completamente indefeso. Esta novíssima impressão dos perigos do sono fizeram-no pensar repentinamente no revólver. Saiu do quarto com passos silenciosos. A leveza da cortina que afastou ao passar, e a outra porta, escancarada sobre o negror da varanda (o telhado descia muito baixo, tapando as estrelas), deram-lhe a sensação de se achar perigosamente exposto — a que, não sabia. Abriu a gaveta. Ao vê-la vazia rompeu-se o fio das reflexões. Murmurou:

— Impossível! Deve estar em outra parte!

Procurou lembrar-se do lugar onde tinha posto a arma. Mas os balbucios da sua memória não foram animadores. Depois de vasculhar todos os receptáculos e recantos com bastante espaço para conter um revólver, convenceu-se de que ele não estava naquela peça da casa. Na outra, muito menos. O bangalô consistia em dois quartos e uma profusão de varandas ao redor. Heyst saiu para a varanda.

— Foi Wang, não há a menor dúvida — meditava ele com o olhar perdido nas trevas. — Apoderou-se do revólver, por algum motivo.

Nada lhe garantia que o chinês fantasma não se materializaria de repente ao pé da escada, ou em qualquer outra parte, para abatê-lo com um tiro certo. O perigo era tão inevitável que não valia a pena atormentar-se com isso, como não vale a pena preocupar-se alguém com a precariedade da existência humana em geral. Heyst refletiu sobre esse novo risco. Desde quando se achava à mercê daquele esguio dedo amarelo pousado num gatilho? Ou seria com outro fim que o chinês

surripiara o revólver?

— Matar e herdar — pensou Heyst. — Nada mais simples!

Tinha, contudo, acentuada repugnância a ver um assassino no pacato hortelão.

— Não, não foi para isso. Wang podia ter feito mil vezes a coisa nestes doze meses ou mais que vivemos juntos aqui.

Heyst partia da suposição de que Wang se tivesse apossado do revólver quando ele estava ausente de Samburan. Chegado, porém, a este ponto das suas cogitações, mudou de pensar. Adquiriu a certeza de que o revólver desaparecera na tarde daquele dia, ou quem sabe mesmo se já de noite. Não restava dúvida que fora Wang! Mas por quê? No passado, pois, não houvera perigo algum. Todo o perigo estava no futuro.

— Agora ele tem a minha vida nas mãos — pensou Heyst, sem nenhum nervosismo.

Tudo que sentia era uma curiosidade que o fazia esquecer-se de si mesmo, como quem considera a situação crítica de uma pessoa estranha. Mesmo este interesse, porém, já começava a dissipar-se quando ele olhou para a direita e avistou os vultos familiares dos outros bangalôs erguendo-se na noite, e lembrou-se dos três sedentos chegados no bote. Wang dificilmente se arriscaria a cometer tal crime em presença de outros brancos. Era uma excelente ilustração do princípio da “proteção do número”, que de certo modo era desagradável a Heyst.

Sorumbático, voltou para dentro e plantou-se diante da gaveta vazia absorto numa meditação profunda é insatisfatória. Tinha resolvido não dizer palavra de tudo isso à sua companheira quando ouviu atrás de si a voz dela. Embora colhido de surpresa, Heyst resistiu ao impulso de voltar-se, pensando que ela podia ler-lhe no rosto a sua perturbação. Sim, fora colhido de surpresa, e por isso mesmo a conversação dos dois não tomou o rumo que teria tomado se ele estivesse preparado para a pergunta que Lena lhe fez à queima-roupa. Devia ter dito logo: “Não perdi nada.” Deplorou que a tivesse deixado ir ao ponto de lhe perguntar se perdera alguma coisa. Fez ponto na conversa dizendo negligentemente:

— É uma coisa de pouco valor. Não te inquietes com isso... não vale a pena. O melhor que tens a fazer é voltar para a cama, Lena.

Ela retirou-se contrariada, e em chegando à porta perguntou:

— E tu?

— Vou fumar um charuto na varanda. Ainda não tenho sono.

— Então não te demores.

Heyst não respondeu. Vendo-o permanecer imóvel, com a testa franzida, Lena deixou cair a cortina devagar.

Heyst acendeu com efeito um charuto, antes de sair de novo para a varanda. Olhou por baixo do beiral afim de ver, pelas estrelas, se a noite ia muito adiantada. A noite parecia arrastar-se vagarosamente. Não saberia dizer por que motivo isto o aborrecia. Nada esperava do dia; mas tudo que o cercava tornara-se ilógico, movediço e cheio de uma vaga premência, impondo-lhe uma obrigação mas sem lhe indicar qualquer linha de ação definida. Tudo isso lhe causava um agastamento desdenhoso. O mundo exterior invadira a sua vida privada, e ele não sabia o que tinha feito para merecer isso, como ignorava por que culpa atraía sobre si a horrível calúnia a respeito de suas relações com o pobre Morrison. Não podia esquecer aquilo. A história chegara ao ouvido de alguém que necessitava ter a mais absoluta confiança na retidão da sua conduta.

— E ela só duvida em parte — pensou, com um sentimento de profunda humilhação.

Esta espécie de traição parecia ter-lhe roubado parte das suas forças, como uma punhalada. Não se sentia disposto a fazer nada: nem exigir explicações de Wang sobre o desaparecimento do revólver, nem indagar dos forasteiros quem eram e como tinham vindo parar ali. Jogou longe o charuto em brasa. Mas Samburan deixara de ser um lugar solitário onde ele podia fazer o que lhe viesse à cabeça. A parábola ardente que a bagana descreveu na escuridão foi avistada de outra varanda, à distância de uns vinte metros. Foi interpretada como um sintoma importante por um observador ávido de sinais, e cujos sentidos estavam tão aguçados que por pouco não ouvia crescer a erva.

X

O observador era Martin Ricardo. Para ele a vida não era uma renúncia passiva, mas uma guerra rica de atividade. Não desconfiava da vida nem lhe tinha repugnância, e muito menos se sentia inclinado a suspeitar dos seus desencantos. Mas tinha viva consciência das múltiplas possibilidades de fracasso que ela encerrava. Embora estivesse muito longe de ser um pessimista, não era um homem de ilusões ingênuas. Detestava o insucesso, não só pelas suas consequências desagradáveis e perigosas, mas também por motivo das lesões que ele produzia no seu amor-próprio. Tratava-se, ainda mais, de um empreendimento todo especial, planejado por ele mesmo e cheio de novidade. Não se encaixava, por assim dizer, na sua especialidade — salvo de um ponto de vista moral, que não lhe dava cuidados. Era por estas razões que Martin Ricardo tinha perdido o sono.

Após vários tremores de frio, para combater os quais bebera chá quente em abundância, Mr. Jones parecia ter caído em profunda modorra. Desanimara decididamente as tentativas do seu fiel secretário para conversar. Ricardo escutava-lhe a respiração regular. Para o patrão, estava muito bem. Ele considerava tudo isso uma espécie de esporte, o que era natural num cavalheiro. Mas, a todo custo, era preciso levar a cabo esta empresa importante e melindrosa, em que tanto a honra como a segurança pessoal estavam em jogo. Ricardo levantou-se silenciosamente e pôs-se a caminhar pela varanda. Não podia ficar quieto na cama. Precisava de ar e tinha, além disso, a impressão de que, ante a energia do seu ardor, a escuridão e o silêncio cederiam algum segredo aos seus ouvidos.

Reparando na noite constelada, tornou a recuar para a escuridão espessa. Resistiu ao impulso insistente de sair e aproximar-se furtivamente do outro bangalô. Seria loucura pôr-se a rondar à noite em terreno desconhecido. E para que, se não simplesmente para aliviar a sua opressão? A imobilidade lhe pesava nos membros com uma vestimenta de chumbo. E contudo, não queria renunciar. Persistia naquela vigilância infrutífera. O habitante da ilha conservava-se tranquilo.

Foi nesse momento que os olhos de Ricardo surpreenderam o rastro vermelho do charuto — uma surpreendente revelação de que o homem estava acordado. Não pôde conter um “Olá!” proferido em voz baixa, e pôs-se a avançar para a porta, cosendo-se com a parede. Era bem possível que o homem já tivesse saído para a frente da casa, afim de melhor observar a varanda. Na realidade Heyst, depois de jogar fora o charuto, voltara para dentro como quem desiste de um trabalho improfícuo. Mas Ricardo imaginou que ouvia leves pisadas na clareira

e ocultou-se depressa dentro do quarto. Respirou então, e meditou algum tempo. Depois disso procurou às apalpadelas uma caixa de fósforos sobre a escrivaninha alta, e acendeu uma vela, Tinha de comunicar ao seu patrão ideias e reflexões de tanta importância que se fazia absolutamente necessário observar na fisionomia do ouvinte o efeito do que ia dizer. Julgara primeiramente que podia adiar a discussão desses assuntos para quando amanhecesse. Mas a vigília de Heyst, descoberta de forma tão inesperada, dera-lhe de súbito a convicção de que não lhe seria mais possível dormir naquela noite.

Foi o que disse ao seu patrão. Quando a pequena chama em forma de punhal rompeu parcialmente a escuridão, Mr. Jones tornou-se visível, a repousar sobre uma cama de campanha, num canto distante da peça. Uma manta de viagem cobria-lhe o corpo descarnado, até a cabeça, que descansava sobre uma segunda manta enrolada à guisa de travesseiro. Ricardo sentou-se no chão cruzando as pernas, junto à cama baixa, de maneira que Mr. Jones — cujo sono não seria talvez tão profundo como parecia — encontrou, ao abrir os olhos, o rosto do secretário no mesmo nível que o seu.

— Hein? Como é? Não poderá dormir esta noite? Mas ao menos deixe-me dormir, a mim! Que diabo de agitação!

— Porque esse sujeito também não dorme... aí está. Diabos me levem se ele não estava matutando ainda há pouco! Que necessidade tem ele de pensar altas horas da noite?

— Como é que você sabe disso?

— Ele tinha saído, patrão... saiu para fora tarde da noite, Eu o vi com estes olhos.

— Mas como pode você saber que ele se levantou para pensar? — perguntou Mr. Jones. — Podia ser outra coisa qualquer... uma dor de dentes, por exemplo. E afinal quem me diz que você não sonhou tudo isso? Não tratou de dormir?

— Não, senhor. Nem quis ficar deitado.

Ricardo contou ao patrão a sua vigília na varanda, e a descoberta que a terminara. Concluía que um homem acordado alta noite, a fumar um charuto, devia estar refletindo.

Mr. Jones ergueu-se sobre um cotovelo. Este sinal de interesse confortou o fiel auxiliar.

— Está me parecendo que é tempo de pensarmos um pouco também — ajuntou Ricardo, com mais firmeza. Por muito que tivessem vivido juntos, as

variações de humor do patrão ainda eram motivo de ansiedade para a sua alma simples.

— Você anda sempre fazendo alvoroço — observou Mr. Jones com tolerância.

— Sim, mas nunca sem motivo, não é mesmo? Isto o senhor não pode negar. O meu modo de considerar as coisas pode não ser de um cavalheiro, mas também não é de um idiota. O senhor mesmo o tem dito algumas vezes.

Ricardo animava-se, e ia tomando um tom argumentativo. Mr. Jones interrompeu-o com paciência.

— Com certeza você não me acordou para falar de si?

— Não, senhor. — Ricardo ficou um minuto calado, prendendo a ponta da língua entre os dentes. — Sobre mim mesmo, não poderia contar-lhe nada de novo — continuou. Havia na sua voz um tom de satisfação divertida, que desapareceu quando ele prosseguiu: — É sobre esse homem aí que temos de conversar. O sujeito não me agrada!

Não notou o pálido sorriso que encrespou os lábios do seu patrão.

— Não? — murmurou Mr. Jones, cujo rosto ao se reclinar sobre a mão ficou na mesma altura que o ápice da cabeça de Ricardo.

— Não, senhor — disse este sublinhando as palavras. A vela, colocada na outra extremidade do quarto, projetava na parede a sombra negra e monstruosa do secretário. — Ele... não sei bem como dizer... ele não parece ser muito afável.

Mr. Jones concordou com os seus modos lânguidos:

— Parece ser um homem muito senhor de si.

— Isso mesmo. Senhor de... — Ricardo sufocava de indignação. — Em dois tempos faria sair essa senhoria por um buraco entre as costelas, se não fosse um trabalho especial!

Mr. Jones devia ter feito lá suas reflexões, pois perguntou:

— Acha que o homem está desconfiado?

— Não vejo de que é que ele pode desconfiar — ponderou Ricardo. — Mas o fato é que estava lá fora, pensando. E em que podia ele pensar? O que foi que o tirou da cama a estas horas? Pulgas não havia de ser.

Talvez a má consciência — insinuou. Mr. Jones, pilheriando.

O fiel secretário, presa de irritação, não percebeu o gracejo. Replicou agastado que consciência era coisa que não existia. Medo, sim, existia; mas não havia motivo para aquele sujeito se amedrontar. Reconhecia, entretanto, que ele podia ter ficado inquieto com a chegada dos forasteiros, por causa dos tesouros que

devia ter escondido em alguma parte.

Ricardo olhou para os lados, como se receasse ser ouvido pelas sombras de que a luz escassa cobria o quarto inteiro. Seu patrão murmurou calmamente:

— E quem sabe se aquele hoteleiro não lhe mentiu quando falou nele? Talvez seja um pobre diabo qualquer.

Ricardo sacudiu levemente a cabeça. A teoria de Schomberg sobre Heyst tornara-se nele uma convicção profunda, que absorvera tão naturalmente como uma esponja se embebe de água. As dúvidas de Mr. Jones eram a negação leviana de uma coisa evidente. A voz de Ricardo, porém, conservou-se no mesmo ronrom costumeiro, sob o qual se pressentia um rosnido.

— Estou admirado com o senhor! Esse é o jeito de todos os mansos, de todos os hipócritas deste mundo. Quando a presa vem se oferecer à gente, não há ninguém que deixe de agarrá-la. E eu não condeno os outros por isso. E o jeito como essa gente procede que me aborrece. Lembre-se de como ele se desfez daquele seu camarada! Mandar um homem morrer de um resfriado na sua terra... aí está um desses truques de homem sem fibra. E o senhor acha que um sujeito capaz disso não se apossaria com toda a hipocrisia do que lhe passasse debaixo das mãos? E esse negócio do carvão, o que foi? Pura velhacaria de homem sem sangue... hipocrisia, aí está! Não, não senhor! O que se deve fazer é arrancar-lhe a coisa com toda a limpeza possível. Esse é o trabalho — e não é tão simples como parece. Imagino que o senhor tenha considerado tudo antes de se resolver a fazer esta viagem.

— Não. — A voz de Mr. Jones, cujos olhos estavam fitos ao longe, era quase imperceptível, — Não pensei muito nesse assunto. Estava enfasiado.

— Isso é verdade: enfasiado até a raiz dos cabelos. Eu estava num desespero na noite em que aquele maricão barbudo começou a me falar neste sujeito. Por casualidade, mesmo. Pois patrão, aqui estamos nós, depois de termos escapado por um tris. Ainda me sinto todo mole, mas não importa: eu me cobrarei de tudo nele!

— O homem vive sozinho aqui — observou Mr. Jones num murmúrio cavo.

— Sim, de certo modo. Bastante só. Pode-se dizer que ele está sozinho.

— Mas há o chinês.

— Sim, há o china — concordou Ricardo, que parecia pensar noutra coisa.

Estava resolvendo consigo se seria aconselhável falar na mulher. Acabou decidindo-se pela negativa. A aventura já era bastante difícil sem ferir a sensibilidade do cavalheiro com quem ele tinha a honra de estar associado. Era melhor que a revelação viesse por si mesma. Poderia jurar então que nada sabia da

mulher.

Era desnecessário mentir. Bastava conservar-se calado.

— Sim — murmurou pensativamente, — há esse china, é verdade.

No fundo, sentia uma espécie de respeito ambíguo pela misoginia exagerada do seu patrão, como se esse horror à presença feminina fosse uma espécie de moralidade depravada — mas sempre uma moralidade, visto como redundava em vantagem. Afastava muitas complicações indesejáveis. Não presumia compreender aquilo. Não tentava mesmo estudar essa idiossincrasia do seu chefe. Sabia apenas que as suas inclinações, bem diferentes, não o tornavam mais feliz nem mais tranquilo. Ignorava qual seria a sua sorte se andasse sozinho pelo mundo, completamente senhor de si. Felizmente, era um subordinado — não um escravo assalariado, mas o companheiro de um gentleman — e isto lhe impunha certas restrições. Sim, o modo de ser de Mr. Jones em geral simplificava as coisas, não se podia negar. Mas era claro que também podia complicá-las — como no caso presente, já bastante delicado na opinião de Ricardo. E o pior de tudo era que não se podia prever com exatidão o efeito que produziria a descoberta.

Essas coisas não são naturais, refletia ele com certo azedume. Como fazer planos com aquilo que está fora da natureza? Em tais casos não há regras que nos sirvam de base. O fiel companheiro de Mr. Jones-simplesmente, prevenido numerosas dificuldades de ordem material, resolveu ocultar a seu amo a existência da mulher; e ocultá-la também às suas vistas, enquanto fosse possível. Infelizmente, parecia ser questão de poucas horas, e para dar o devido andamento ao negócio seriam precisos alguns dias. Uma vez tomado o primeiro impulso, não receava que o seu cavalheiro o desertasse. Como muitas vezes sucede com aqueles que não conhecem lei alguma, a fé de Ricardo em dados indivíduos era simples e irrestrita. O homem precisa ter algum apoio na vida.

De pernas cruzadas, perfeitamente silencioso e um pouco curvado, parecia um bonzo a meditar sobre a sílaba sagrada “Om”: uma notável ilustração da falsidade das aparências, pois o seu desprezo do mundo tinha um caráter severamente prático. Ricardo nada tinha de oriental, salvo a pasmosa imobilidade da sua postura. Mr. Jones também estava muito quieto. Afundara a cabeça na manta enrolada, deitado de flanco e com as costas para a luz. Nessa posição, as sombras que se acumulavam nas cavidades dos seus olhos faziam-nos parecer completamente vazios. Quando falou, sua voz espectral não teve de percorrer senão algumas polegadas para alcançar a orelha esquerda de Ricardo.

— Por que não diz alguma coisa, já que me acordou?

— Não sei se o senhor estava dormindo tão profundamente como procurava fazer crer — disse Ricardo, impassível.

— Também não sei — tornou Mr. Jones. — Em todo caso, estava descansando sossegadamente.

— Venha cá! — disse Ricardo num cochicho alarmado.

— O senhor por acaso estará começando a enfasiar-se?

— Não.

— Ora muito bem! — continuou o secretário, grandemente aliviado. — Posso garantir-lhe que não há motivo para isso — murmurou em tom grave. — Tudo menos isso! Se eu me demorei a falar não é porque não haja muito assunto para conversa. Assunto há de sobra.

— Que é que você tem? — exclamou o patrão. — Vai ficar pessimista agora?

— Eu? Não, senhor! Não sou desses que mudam do pensar. Pode chamar-me os nomes feios que quiser, mas sabe muito bem que eu não sou um jeremias.

Ricardo mudou de tom.

— Se me demorei a falar, é porque estava pensando no china, patrão.

— Realmente? Pois perdeu o seu tempo, meu caro Martin. Os chineses são impenetráveis.

Ricardo reconheceu que talvez fosse assim. Em todo caso, um china em geral não tinha grande importância, por mais impenetrável que fosse. Mas um barão sueco não o era... não podia ser! Tais barões andavam por aí às dúzias.

— Não compreendo como ele pode ser tão pacato — observou Mr. Jones, numa meia-voz sepulcral.

— Em que sentido, patrão? O homem não é uma lebre, já se vê. Não poderia hipnotizá-lo, como eu lhe vi fazer a muitos castelhanos e outros cidadãos sem fibra, quando era preciso obrigá-los a obedecer.

— Não espere por isso — murmurou Mr. Jones em tom sério.

— Eu não, meu senhor, se bem que o seu olhar tenha uma força extraordinária. Essa é que é a verdade.

— O que eu tenho é uma extraordinária paciência — observou Mr. Jones secamente.

Um apagado sorriso perpassou os lábios do fiel Ricardo, que nem sequer ergueu a cabeça.

— Não quero abusar do senhor, mas este trabalho não se parece com nenhum outro dos que nós temos discutido.

— Talvez não. Em todo caso, consideremo-lo assim.

O tom deste assentimento parcial refletia um tédio ante a monotonia da vida, que mexeu com os nervos do ardente Ricardo.

— Pensemos no modo de agir — retrucou ele com certa impaciência. — Esse homem é muito esperto. Lembre-se da maneira como ele tratou aquele seu camarada. O senhor já ouviu falar em tamanha baixeza? E a astúcia desse animal... uma astúcia sórdida e sem fibra!

— Não comece a pregar moral, Martin — advertiu Mr. Jones. — Ao que me é dado julgar pelo que lhe contou aquele hoteleiro alemão, a história parece revelar certa dose de caráter, e uma rara independência das ideias comuns. Isso é muito notável, se é que é verdadeiro.

— Sim, sim! Muito notável. Mas não deixa também de ser uma grande baixeza — resmoneou Ricardo com obstinação. — Eu me consolo em pensar que ele há de receber o troco, e de um modo que não espera!

A ponta da sua língua pareceu adquirir vida própria durante um instante, como se procurasse nos seus lábios comprimidos o gosto dessa vingança feroz. Era sincera a indignação de Ricardo ante essa violação a sangue frio, lenta, prolongada numa duplicidade de anos inteiros, do princípio elementar da lealdade devida a um companheiro. A vilania tem os seus cânones como a virtude, e o ato, tal como ele o imaginava, revestia-se de um horror adicional pela marcha vagarosa dessa traição atroz e covarde. Mas Ricardo também compreendia o juízo cultivado do seu amo, um cavalheiro que considerava todas essas coisas com o privilegiado desprendimento de um espírito culto e de uma personalidade elevada.

— Sim, ele é esperto e astuto — murmurou o secretário entre os seus dentes afiados.

— Vá para o diabo! — disse ao seu ouvido o tranquilo murmúrio de Mr. Jones. — Diga logo o que importa.

Ricardo obedeceu, pondo de lado as suas reflexões. Havia entre os dois homens uma similaridade de espírito — entre o proscrito dos seus próprios vícios e o aventureiro cheio de desdém provocador, da agressividade de um animal de presa que considera suas vítimas naturais todas as criaturas pacíficas da terra. Ambos, pontudo tinham bastante astúcia, e ambos compreendiam que haviam mergulhado nessa aventura sem um suficiente estudo dos pormenores. Aquela figura de homem solitário, longe de todo socorro, avultava indefesa e fascinante no meio do mar, enchendo-lhes inteiramente o campo de visão. Antes não parecera haver nenhuma necessidade de pensar “Eram três contra um”, como dissera Schomberg.

Mas agora a coisa não parecia tão simples, diante da solidão que envolvia

esse homem como uma couraça. A ideia que o secretário expressou ao seu modo: “Agora que estamos aqui não parecemos muito adiantados”, foi tacitamente aceita pelo patrão. Era muito fácil — refletiu Ricardo em voz baixa e confidencial — estripar um sujeito ou meter-lhe uma bala no couro, quer ele estivesse só ou acompanhado. Mas...

— Ele não está só — disse Mr. Jones em voz apagada, na postura de um homem que se prepara para dormir. — Não esqueça o chinês.

Ricardo teve um ligeiro tremor.

— Ah, sim... o china!

Esteve a ponto de falar na mulher. Mas não! Queria que o patrão continuasse firme e sereno. Em relação a essa mulher, começavam a se agitar em seu cérebro vagos pensamentos que mal ousava encarar de frente. Ela não podia ser grande coisa, refletia. Podia meter medo nela. Havia ainda outras possibilidades. Mas quanto ao china, era possível discuti-lo francamente.

— O que eu estou pensando é isso, patrão — continuou em tom sério: — Temos aqui esse homem. Ele não é nada. Se não quiser se portar direito, nós o acomodamos. Nada mais fácil. Mas há também a presa, que não está no bolso dele.

— Espero que não — murmurou Mr. Jones.

— Iguamente. É muita coisa, já sabemos. Mas se ele estivesse sozinho não se preocuparia muito com isso... com a segurança da presa. O que faria era simplesmente guardar tudo na caixa ou na gaveta que achasse mais à mão.

— Você acha?

— Sim, senhor. Para manter um olho na coisa, como quem diz. E por que não? Ninguém enterra as suas coisas, a não ser que tenha boas razões para isso. Boas razões, hein?

— Pois é. Um homem não é uma toupeira, que diabo!

Firmado na sua experiência, Ricardo garantiu que esse homem não era um animal cavoucador. Os próprios avarentos raramente enterravam os seus tesouros, a não ser que tivessem motivos excepcionais para isso. Na situação em apreço, de um homem que vivia só numa ilha, a companhia de um chinês constituía uma excelente razão. Gavetas ou caixas não seriam garantia suficiente contra um china a espreitar com seus olhos tortos. Não, senhor. Mas um cofre... um bom cofre de escritório! E o cofre estava ali, naquela sala.

— Aqui nesta sala há um cofre? Não reparei — murmurou Mr. Jones.

Era porque o cofre estava pintado de branco, como as paredes da sala; além disso, tinham-no encafuado a um canto, na sombra. Ao desembarcarem, Mr. Jones

estava cansado demais para observar o que quer que fosse. Mas Ricardo notará logo o retângulo característico. Quisera poder dizer também que o fruto da traição, da duplicidade e de todas as abominações morais de Heyst se achava ali. Mas não, o raio da coisa estava vazia.

— Pode ser que ele tenha guardado tudo aí numa ocasião ou noutra — comentou ele, sombrio. — Mas depois tirou.

— O homem escolheu outra casa para morar — tornou Mr. Jones. — E por falar nisso, que queria ele dizer quando falou em certas circunstâncias que não lhe permitiam hospedar-nos no outro bangalô? Lembra-se disso, Martin? As palavras me pareceram enigmáticas.

Martin, que bem se lembrava e sabia ser a frase motivada pela presença da mulher, tardou um pouco a responder:

— Alguma astúcia dele, patrão. E não há de ser a pior, tão pouco. E aquele seu modo de não nos fazer perguntas... isso também é astúcia. Um homem tem de sentir curiosidade, e ele não é diferente dos outros. Entretanto, faz como se não estivesse ligando. Ele está preocupado: do contrário, o que estaria fazendo tarde da noite com aquele charuto, matutando? Isso não me agrada!

— Pode ser que estivesse observando a nossa luz, tão intrigado com a nossa falta de sono como nós com a sua — insinuou gravemente o patrão de Ricardo.

— Pode ser, meu. senhor. Mas isto é muito importante para ser discutido no escuro. E que mal têm a luz? Podemos arranjar uma explicação. Estamos com a luz acesa tarde da noite porque... ora, porque o senhor não se sente bem. O senhor não se sente bem, aí está! E vai ter que fingir-se doente mesmo.

Ocorrera esta ideia de repente ao fiel auxiliar, como um bom meio de conservar o seu amo afastado da mulher o maior tempo possível. Mr. Jones acolheu a sugestão sem bulir, sem que no fundo das suas órbitas estremecesse sequer aquele lampejo pálido e fixo, que era o único sinal a revelar vida e atenção no seu corpo emaciado. Mas Ricardo, logo que deu voz à lembrança feliz, descobriu nela outras possibilidades mais adequadas aos seus fins, e de maior vantagem prática.

— Com a aparência que o senhor tem, não será difícil — prosseguiu ele naturalmente, como se não tivesse havido pausa alguma, sempre respeitoso mas franco, com perfeita singeleza de ânimo. — Basta o senhor ficar tranquilamente deitado na sua cama. Eu reparei no olhar meio surpreso que ele lhe lançou quando estávamos no pier.

Aestas palavras, que eram um tributo ingênuo ao seu aspecto físico, ainda mais sugestivo da sepultura que da doença, formou-se uma prega naquele lado do

rosto de Mr. Jones que estava exposto à luz baça da vela. Era um sorriso silencioso, uma ruga semicircular, profunda e sombria, ligando a asa do nariz à base do mento. Ricardo que notara com um olhar de esguelha esse jogo fisionômico, sorriu também com simpatia, ganhando coragem.

E o senhor são como um touro! — continuou ele, — Diabos me levem se eu conseguir convencer qualquer um de que o senhor não está doente, ainda que jure por todos os meus santos! Precisamos de um dia ou dois para estudar o negócio e tomar o pulso desse hipócrita.

Os olhos de Ricardo permaneciam fitos nas suas pernas cruzadas. O chefe aprovou com a sua voz mortíça.

— Talvez seja uma boa ideia.

— Quanto ao china, não tem importância. Podemos aquietá-lo quando quisermos.

Uma das mãos de Ricardo, que repousava com a palma para cima sobre as suas pernas cruzadas, fez um gesto rápido como uma estocada, que a enorme sombra do braço repetiu na parte mais baixa da parede. Esse movimento quebrou o encanto da perfeita quietude que reinava no quarto. O secretário considerou meditativamente a parede, de onde a sombra havia desaparecido. Era fácil aquietar qualquer um, acentuou ele. Não pelo mal que o china fosse capaz de fazer, mas pela influência que a sua companhia podia exercer sobre o procedimento da vítima. Um homem! O que era um homem? Podia-se estripar um barão sueco, ou então meter-lhe uma bala no couro, tão facilmente como a outro qualquer. Mas era exatamente isto que deviam evitar, até ficar conhecido o esconderijo onde ele guardava o tesouro.

— Não acredito que o tenha posto em algum buraco, naquele bangalô — argumentou Ricardo com genuína ansiedade.

Não. Uma casa pode pegar fogo, acidental ou propositadamente, enquanto dormem os seus habitantes. Estaria debaixo dela... ou em alguma frincha, algum interstício? Algo lhe dizia que não. As sobrancelhas de Ricardo contraíram-se com a ânsia do esforço mental. O seu couro cabeludo parecia mover-se nessa lida torturante de vãs suposições.

— Que diabo, a gente não é nenhum bebê! — disse ele respondendo às objeções de Mr. Jones. — Estou pensando no que faria em lugar dele. Ele não pode ser mais sabido do que eu.

— E você sabe o que faria?

Mr. Jones parecia observar a perplexidade do companheiro com um

divertimento oculto sob a sua fúnebre compostura.

Ricardo não deu importância à pergunta. Todas as suas faculdades estavam absortas na visão física do tesouro roubado. Visão esplêndida e quase palpável! Vários saquinhos de lona amarrados com cordel fino, revelando na sua distensão bojuda a forma discoide das moedas — moedas de ouro, sólidas, pesadas, eminentemente portáteis. Talvez fossem cofres de aço com arabescos engastados na tampa, ou então uma caixa de latão com filetes negros e uma alça no topo, cheia sabe-se lá de que. Notas de banco? Por que não? O sujeito estivera fazendo preparativos para voltar à Inglaterra, e por certo metera nos cofres coisa que valia a pena.

— E ele pode ter escondido isso em qualquer parte aí fora em qualquer parte! — exclamou Ricardo em voz abafada. — Na floresta...

Era isso! A luz fosca da vela mudou-se temporariamente em trevas, trevas de floresta à noite, com o clarão de uma lanterna iluminando uma figura que cava ao pé de uma árvore. Ao lado dela, com certeza, outra figura segurando a lanterna... uma figura feminina! A mulher!

O prudente Ricardo sufocou uma exclamação profana e pitoresca, metade de alegria e metade de apreensão. O homem teria confiado na garota? Confiança ou desconfiança, devia ser completa! Com as mulheres não pode haver meias-medidas. Não concebia que um homem confiasse apenas parte dos seus segredos a uma mulher que tinha com ele relações tão íntimas, e vivendo em condições tão especiais, numa solidão em que as maiores confidências não pareciam perigosas, visto como não havia ali ninguém a quem ela o pudesse trair. Ademais, em noventa por cento dos casos, um homem confia na sua amante. Mas em qualquer caso, a presença dela seria um fator favorável ou desfavorável do problema? Eis a questão!

Grande, na verdade, era a tentação de consultar o seu chefe, discutir o importante fato e obter a sua opinião. Ricardo resistiu, mas a agonia desse solitário conflito mental era extremamente aguda. Uma mulher num problema é um fator incalculável, mesmo que tenhamos alguma base para fazer conjecturas. Que dizer então quando nem sequer a vimos ainda!

Por muito velozes que fossem os seus pensamentos, ele achou que não convinha prolongar por mais tempo o silêncio. Apressou-se a dizer:

— E o senhor nos vê daqui, patrão, o senhor e eu, cada um com a sua pá na mão, obrigados a esgaravatar em toda esta maldita ilha?

Fez com o braço um leve movimento expressivo, que a sombra ampliou num gesto imenso.

— Isto parece bastante desanimador, Martin — murmurou o amo impassível.

— Não devemos desanimar, e acabou-se! — retorquiu o auxiliar. — Ainda mais depois de tudo que tivemos de aguentar naquele bote! Isso até seria...

— Não encontrou qualificativos. Muito calmo, fiel e contudo astuto, exprimiu por forma enigmática as suas novas esperanças.

— Há de surgir alguma coisa para nos por na trilha. O que não podemos é precipitar o trabalho. Pode contar comigo para tirar proveito da menor oportunidade que se apresentar. O senhor, porém... o senhor deve tratar o homem com muito jeito. Quanto ao resto, pode confiar em mim.

— Sim, mas o que eu desejaria saber é em que confia você.

Na nossa sorte — voltou o fiel Ricardo. — Não fale mal da sorte. Poderia deitar tudo a perder.

— Você é um diabo supersticioso. Não, eu não falarei mal da sorte.

— Muito bem, patrão. Também não faça pouco dela nos seus pensamentos. Não se deve brincar com a sorte.

— Sim, a sorte é uma coisa delicada — concordou Mr. Jones num murmúrio sonhador.

Houve um breve silêncio, que Ricardo cortou com voz discreta e cautelosa:

— Por falar em sorte, creio que nós podíamos convencê-lo a jogar umas voltas com o senhor... piquet de dois ou écarté, visto como o senhor anda achacado e não pode sair... uma coisinha para passar o tempo. Quem sabe se ele não é um desses tipos apaixonados que depois de começarem a jogar...

— Isso será possível? — tornou o patrão friamente. — Diante do que sabemos da vida dele... o que se passou com aquele sócio, por exemplo?

— É verdade, patrão. É um animal de sangue frio. Um tipo insensível, desumano, um sujeito...

— Outra coisa improvável é que ele se deixe depenar. Não estamos lidando com um criança que se possa levar com lisonjas e conversinhas, ou que se deixe intimidar. Esse homem é um calculador.

Ricardo compreendeu claramente a verdade desta definição. Tinha pensado num joguinho pequeno, só para entreter o inimigo enquanto ele, Ricardo, investigava os arredores.

— O senhor até podia perder algum dinheiro para ele, patrão — insinuou.

— É verdade.

Ricardo meditou um instante.

— Ele também me dá a impressão de ser um homem capaz de encrencar quando a gente menos espera. Que é que o senhor acha? Não lhe parece capaz de armar encrenca... se desconfiasse de alguma coisa, bem entendido? Mais capaz disso que de disparar, hein?

A resposta foi imediata:

— Oh, sem dúvida alguma, sem dúvida alguma!

— Gosto de saber que o senhor tem a mesma opinião que eu. O sujeito é uma animal encrenqueiro e nós não devemos facilitar... isto é, enquanto eu não descobrir a coisa. Depois...

Ricardo calou-se, sinistro na sua imobilidade. De repente levantou-se com um movimento rápido e, abstraído e sorumbático, contemplou o patrão aos seus pés. Mr. Jones não se mexeu.

— Há uma coisa que me preocupa — começou Ricardo a dizer em voz abafada.

— Só uma? — foi o fraco comentário que partiu do corpo imóvel sobre a cama.

— Queria dizer: uma coisa que me preocupa muito mais que todas as outras.

— A notícia é grave.

— Sim, bem grave. São esses... como se está sentindo o patrão? Não irá enfiar-se? Eu sei que esses acessos lhe vêm de repente, mas o senhor pelo menos deve saber...

— Martin, você é um imbecil.

A cara apreensiva do secretário se iluminou.

— Sério, patrão? Pois eu fico contentíssimo em saber... Desde que o senhor não se enfatie, tudo irá bem.

Para estar mais à fresca, Ricardo tinha aberto a camisa e enrolado as mangas. Com os pés nus atravessou furtivamente o quarto, caminhando para a vela. A sombra da sua cabeça e dos seus ombros cresceu na parede oposta, para onde estava virado o rosto de Mr. Jones-simplesmente. Voltando a cabeça por cima do ombro com um movimento felino, Ricardo olhou as costas magras do espectro que repousava na cama, e depois apagou a vela.

— Até me estou divertindo, Martin — disse Mr. Jones no escuro.

Ouviu o som de uma palmada na coxa e a exclamação jubilosa do seu ajudante:

— Ótimo! Assim é que se fala, meu senhor!

o

o

o

o

o

Parte 4

o

o

o

o

o

I

Ricardo avançava prudentemente, por breves carreiras entre árvore e árvore, mais à maneira de um esquilo que de um gato. Fazia algum tempo que o sol tinha surgido: Já o fulgor do mar ia invadindo rapidamente o azul da Baía dos Diamantes, escura e fresca ao amanhecer. Mas a penumbra profunda retardava-se ainda sob os possantes pilares da floresta, entre os quais se ocultava o secretário.

Vigia o bangalô do Número Um com paciência de animal, embora com uma complexidade muito humana de intenções. Era a segunda manhã que o fazia. Na primeira nada tinha conseguido. Bem... estritamente falando, não havia pressa.

Surgindo repentinamente sobre a cumeada dos montes, o sol inundou de luz a esplanada coberta de relva queimada que se estendia diante de Ricardo e o outão do bangalô onde ele tinha os olhos fitos, deixando apenas um ponto escuro, que era a porta aberta. À direita do observador, à sua esquerda e às suas costas, surgiram manchas de ouro na sombra profunda da floresta, clareando a escuridão que reinava sob o teto irregular da folhagem.

Essa circunstância não era muito favorável aos intuitos de Ricardo. Não queria que o surpreendessem na sua paciente ocupação. Estava à espera de que a mulher — aquela mulher! — aparecesse. Só queria ver que jeito tinha ela. Possuía excelente vista, e a distância não era tão grande. Havia de distinguir-lhe muito facilmente as feições, bastando que ela saísse para a varanda: e cedo ou tarde teria de sair. Confiava em que poderia formar uma opinião sobre ela — o que sentia ser necessário, antes de se aventurar a entrar em relações com a desconhecida sem que o barão sueco soubesse. Sua teoria sobre ela era de molde a deixá-lo disposto, assim que a tivesse examinado de longe, a mostrar-se discretamente... e até a fazer um sinal. Tudo dependia do que lhe revelassem as suas feições. Não podia ser grande coisa. Ele conhecia aquela raça!

Avançando um pouco a cabeça, obteve através da folhagem de uma trepadeira ornamental um panorama dos três bangalôs, dispostos irregularmente num amplo arco de círculo. Sobre o parapeito da varanda mais distante estava estendida uma manta escura axadrezada, dando muito na vista. Ricardo distinguia até os quadrados do xadrez. Um fogo vivo de gravetos ardia no chão em frente aos degraus da varanda. À luz do sol a chama tênue e oscilante empalidecera, tornando-se quase invisível, qualquer coisa de róseo a tremer sob uma débil voluta de fumo. Viu a cabeça enfaixada de Pedro curvar-se sobre o fogo, com as madeixas de cabelo preto grotescamente espetadas para cima. Ele próprio havia amarrado

aquele pano à enorme e feia cabeça do criado, depois de quebrá-la. A criatura balançava-a como um fardo, cambaleando na direção dos degraus. Ricardo discernia uma pequena frigideira de cabo comprido, seguro por uma grande pata cabeluda.

Sim, ele via tudo quanto era visível, tanto longe como perto. Excelentes olhos! Só não podiam penetrar no retângulo escuro da porta, sob o beiral baixo do bangalô. E isto era irritante. Era uma afronta. Ricardo afrontava-se facilmente. Com certeza ela não tardaria a aparecer? Por que não aparecia? Por certo o sujeito não a tinha amarrado ao pé da cama, antes de sair de casa!

Nada aparecia. Ricardo estava tão imóvel quanto os ramos folhudos das trepadeiras, pendentes como uma cortina do grosso tronco que se estendia vinte metros acima da sua cabeça. Até as suas pálpebras estavam imóveis, o que lhe dava o ar cismador de um gato deitado sobre um tapete, a contemplar as chamas da lareira. Estaria sonhando? À sua frente, em plena luz, haviam surgido uma jaqueta branca em forma de blusa, calça curta azul, duas barrigas de perna amarelas e nuas, um longo e fino rabicho...

— Aquele maldito china! — resmungou ele, pasmado.

Não se lembrava de haver desviado os olhos. Entretanto, sem ter surdido do outão direito ou do outão esquerdo da casa, sem ter caído do céu nem brotado do solo, Wang tornara-se visível bem no meio do quadro, em tamanho natural e femininamente ocupado em colher flores. Caminhando passo a passo e curvando-se muitas vezes sobre os canteiros no pé da varanda, o chinês materializado por forma tão surpreendente desapareceu da cena de modo vulgaríssimo, subindo os degraus e sumindo-se no retângulo escuro da porta.

Só então perderam os olhos de Martin Ricardo a sua fixidez atenta. Compreendeu que era hora de se mexer. Aquele ramo de flores que o chinês levava para dentro da rasa só podia ser para a mesa do almoço. Que outro destino poderia ter?

— Deixa que eu te dou flores! — rosnou ele em tom ameaçador. — Espera só!

Tendo-se demorado ainda um instante para relancear o bangalô de Mr. Jones, de onde esperava ver sair Heyst, a caminho do almoço tão afrontosamente decorado, Ricardo pôs-se em retirada. Seu impulso e seu desejo eram de investir em terreno aberto, face a face com a vítima designada, e operar ato contínuo o que ele chamava “uma boa estripadela”, imaginada com avidez e sempre precedida, de sua parte, daquela rápida curvatura do tronco que pressagiava morte certa ao adversário. Tal foi o seu impulso; e como este era, por assim dizer, constitucional, era

extremamente difícil resistir quando seu sangue esquentava. Que maior provação o que ser obrigado a andar escondido, contendo-se, esquivando-se, quando o sangue fervia? O sr. secretário Ricardo começou a operar a retirada do seu posto de observação atrás de uma árvore em frente ao bangalô de Heyst, no maior cuidado para não ser visto. Isto era facilitado pelo forte declive do terreno, que descia para o mar. Sentindo através das solas dos chinelos de palha o calor do arcabouço rochoso da ilha, já aquecido pelo sol, ele mergulhou naquela baixada que o escondia da vista. Uma breve ladeira de uns seis metros o fez surgir novamente no nível superior, no ponto em que a base do pier era plantada na praia. Encostou-se a um dos altos postes que ainda sustentavam o cartaz da companhia, acima do monte de carvão abandonado. Ninguém teria adivinhado o quanto lhe fervia o sangue. Para conter-se, cruzava com força os braços sobre o peito.

Ricardo não estava afeito a tão prolongados esforços para se dominar. Sua astúcia e seus cálculos ficavam sempre à mercê da sua natureza, que era verdadeiramente selvática e que só a influência do “patrão”, o prestígio do gentleman, podiam manter em submissão. Também essa natureza tinha a sua astúcia própria, mas a provação era quase insuportável, visto o problema não comportar a solução animal e simples que consiste em rugir e saltar. Ricardo não ousava aventurar-se no terreno livre — não ousava!

— Se encontro esse desgraçado — pensava ele. — não sei o que farei. Não me fio em mim mesmo.

O que o exasperava nesse momento era a sua incapacidade de compreender Heyst. Ricardo era suficientemente humano para sofrer com a consciência das suas limitações. Não, não podia tomar o pulso a Heyst. Ser-lhe-ia extremamente fácil matá-lo — um grunhido e um salto — mas isso era proibido! Fosse como fosse, não podia ficar eternamente debaixo do fúnebre cartaz.

— Tenho de fazer alguma coisa — refletiu.

Avançou, ligeiramente estonteado pelo reprimido desejo de uma ação violenta, e saiu para o terreno aberto em frente aos bangalôs como se voltasse de uma caminhada ao pier, para olhar o bote. Envolvia-o a luz do sol, muito nítida, muito quieta e muito ardente. À sua frente ficavam as três casas. A que tinha a manta estendida na balaustrada era a mais distante; no meio, o bangalô vazio; a mais próxima, com os canteiros ao pé da varanda, continha aquela irritante mulher que, tão provocadoramente, lograva manter-se invisível. Era por esta razão que os olhos de Ricardo não largavam o bangalô. Seria, por certo, mais fácil tomar o pulso à mulher do que a Heyst. Um simples relance de olhos que lhe desse já lhe forneceria

uma base, seria um passo dado •em direção à meta — seria, realmente, a entrada em ação. Ricardo não via outra possível. A qualquer momento a mulher podia surgir naquela varanda!

Não apareceu mas, como um imã oculto, continuou a exercer a sua atração. A marcha de Ricardo desviou-se na direção do bangalô. Embora os seus movimentos fossem comedidos, de tal modo o dominavam os instintos ferozes que, se houvesse encontrado Heyst, teria de satisfazer a sua necessidade de violência. Mas não viu ninguém. Wang estava nos fundos da casa, conservando o café no fogo até chegar o Número Um para a refeição matinal. Mesmo o simiesco Pedro não se achava visível. Sem dúvida acorara-se na soleira da porta, cravando com devoção de animal os olhinhos vermelhos em Mr. Jones, que conversava com Heyst no outro bangalô — conversa de um espectro malfazejo com um homem desarmado, sob a observação de um mono.

Quase independentemente da sua vontade, Ricardo encaminhou-se para os degraus do bangalô de Heyst, dardejando rápidos olhares em todas as direções. Uma vez ali, cedendo a uma atração incoercível, subiu a escadinha com passadas furtivas e selvagens, e parou um instante sob os beirais para escutar o silêncio. Pouco depois avançou uma perna para dentro da porta — a perna pareceu estender-se automaticamente, como um membro de borracha — sentou o pé no Interior da sala, trouxe o outro rapidamente para a frente e encontrou-se dentro de casa, voltando a cabeça de um lado para o outro. Aos seus olhos, que vinham da luz ofuscante do sol, tudo pareceu escuro no primeiro momento. Suas pupilas se dilataram rapidamente, como as de um gato, e ele distinguiu uma quantidade enorme de livros. Ficou assombrado, e desconcertado também, vexado. Pretendia observar o aspecto e a natureza das coisas e esperava tirar alguma conclusão útil, um indicio sobre o caráter do homem. Mas que se podia concluir dessa multidão de livros? Não sabia o que pensar, e formulou o seu assombro com esta exclamação mental:

— Que diabo de coisa esse sujeito andou querendo botar aqui? Uma escola?

Fitou longamente o retrato do pai de Heyst, aquele severo perfil desdenhoso das vaidades deste mundo. Seus olhos lampejaram num olhar de viés aos maciços castiçais de prata, um sinal de opulência. Rondava por ali como o teria feito um gato vadio que entrasse numa casa desconhecida; porque, se Ricardo não possuía o dom milagroso de materializar-se e desaparecer, que era apanágio de Wang, sabia ser tão silencioso quanto este nos seus movimentos menos misteriosos. Notou que a porta dos fundos estava entreaberta. A todo esse tempo as suas orelhas levemente

apontadas, com os tímpanos extremamente tensos, colavam-se ao silêncio que, lá fora, envolvia a absoluta quietude da casa.

Não se haviam passado dois minutos quando lhe ocorreu que o bangalô devia estar deserto. Com toda probabilidade a mulher escapara-se, e andava pelos fundos da casa. Provavelmente lhe tinham mandado que não se mostrasse. Por quê? Porque o sujeito desconfiava dos seus hóspedes. Ou seria porque desconfiava dela própria?

Ricardo refletiu que, sob um certo ponto de vista, vinha a dar mais ou menos na mesma coisa. Lembrou-se da história contada por Schomberg. Achava que fugir com um homem, somente para se livrar das atenções daquele animal idiota, não constituía prova de paixão cega. Ela era acessível.

Seus bigodes buliram. Havia alguns instantes que Ricardo olhava para uma porta fechada. Decidiu-se a espreitar o interior daquele outro quarto, onde talvez encontrasse algo mais instrutivo do que a maldita livralhada. Ao atravessar a peça dizia temerariamente de si para si:

— Se o desgraçado entrar de repente e começar a fazer encrenca, estripo-o numa vez e acabou-se!

Pegou o trinco, e a porta, desaferrolhada, acompanhou o movimento da mão. Antes de abri-la aguçou novamente o ouvido. Sentiu que em torno o silêncio era completo, sem a menor falha.

A necessidade de ser prudente exasperara-lhe os instintos de ferocidade e, como sempre acontecia em tais ocasiões ele sentiu o contato físico da faca amarrada à sua perna. Puxou a porta com uma curiosidade brutal. Ela abriu-se sem que um só gonzo rangesse, sem que a folha roçasse no assoalho, sem o mais leve ruído, e Ricardo encontrou-se de frente com um anteparo de pano azul opaco, que parecia sarja. Era uma cortina que pendia sobre a face interna da porta, Como era bastante longa e pesada, permanecera imóvel.

Uma cortina! Esse obstáculo imprevisto à sua curiosidade arrefeceu-lhe a brusquidão do ímpeto. Não afastou o pano com um gesto impaciente. Limitou-se a olhá-lo de perto, Como se fosse preciso examinar a fibra do tecido antes de lhe tocar com a mão. Nesse intervalo de hesitação pareceu-lhe perceber uma falha na perfeição de silêncio, o mais ligeiro sussurro possível, que o seu ouvido apanhou e imediatamente tornou a perder, no esforço consciente de escutar. Não! Tudo continuava quieto dentro e fora da casa; apenas a sensação de estar só o tinha abandonado.

Quando estendeu a mão para as dobras imóveis do pano, fê-lo com extrema

cautela, e somente para afastar um pouco a cortina e espreitar pela fresta. Houve um instante de completa: imobilidade, após o que, sem que nenhum outro músculo do seu corpo se mexesse, a cabeça de Ricardo tornou a recuar e o seu braço descaiu devagar ao longo do corpo. Achava-se ali dentro uma mulher. Aquela mesma mulher! Sob os reflexos da luz exterior, sua figura ensombreada parecia tomar proporções singularmente grandes na outra extremidade daquele quarto comprido e estreito. Estava penteando o cabelo, de costas para a porta, com os braços nus alçados. Um deles luzia com uma alvura de pérola; o outro destacava em negro a sua forma perfeita contra o quadrado da janela aberta e será cortinas. Ali estava, trançando com os dedos os cabelos pretos, em perfeita inconsciência, exposta, indefesa... e tentadora!

Ricardo recuou um pé e comprimiu os flancos com os cotovelos. O peito lhe começou a arfar convulsivamente, como numa luta ou numa corrida. Seu corpo oscilava ligeiramente para diante e para trás. Já não se dominava: seus impulsos naturais tinham de encontrar vazão. Não era mais possível conter o salto da fera. Violar ou matar, tudo lhe era o mesmo, desde que com esse ato libertasse a alma selvagem tanto tempo encadeada. Após lançar um olhar para trás por cima do ombro — cautela que, segundo os caçadores, nenhum leão ou tigre se esquece de tomar antes de se lançar à carga — Ricardo arremeteu de cabeça baixa direito à cortina. O pano, violentamente deslocado por esse ímpeto furioso, voltou lentamente às suas dobras verticais, sem um tremor, no ar parado e quente.

II

O relógio de parede, que outrora media as horas de meditação filosófica, não podia ter percorrido mais de cinco minutos depois disso quando Wang se materializou dentro da sala de jantar. O que o trazia ali era o zelo pelo almoço já atrasado, mas os seus olhos se fixaram logo sobre a cortina imóvel. Era atrás dela que tinha localizado os estranhos rumores de luta que enchiam a sala vazia. Os olhos oblíquos da sua raça não podiam arredondar-se de espanto; mas ficaram parados completamente parados, e a apreensão distendeu imediatamente o seu rosto amarelo e impassível, sob o intenso esforço de temerosa atenção. Impulsos contraditórios combatiam-se no seu corpo, plantado na esteira. Foi mesmo ao ponto de estender a mão para a cortina mas, embora não lhe pudesse tocar, não deu o necessário passo à frente.

Prosseguia a luta misteriosa, com ruídos confusos de pés nus no assoalho, num pugilato mudo, sem que nenhum som humano, gemido, murmúrio, bufido ou exclamação, atravessasse a cortina. Uma cadeira tombou, sem grande bulha, como se apenas lhe tivessem roçado, e logo depois se ouviu leve tinido metálico da banheira de latão. Afinal, o silêncio palpitante, como de dois adversários travados num mortal corpo a corpo, terminou pelo baque surdo e pesado de um corpo macio jogado contra a repartição interna de tábuas. Pareceu abalar todo o bangalô. Já então, caminhando de costas, a garganta constricta, os olhos cheios de excitação e medo, o braço estendido ainda a apontar para a cortina, Wang desaparecera pela porta dos fundos. Uma vez lá fora, deu volta correndo ao cunhal da casa e surdiu inocentemente entre os dois bangalôs. Ali se deixou ficar, vagueando desocupado pela clareira, à visita de quem quer que sáisse de uma das duas casas: um chinês a espiares por ali, muito senhor de si, não levando na mente, talvez, nada mais que um almoço por servir.

Foi nessa hora que Wang resolveu cortar todos os laços que o uniam ao Número Um, um homem não só desarmado mas já meio vencido. Até aquela manhã tivera dúvidas quanto a essa decisão, mas a luta que acabava de ouvir terminara com as suas hesitações. O Número Um era um homem perdido, uma dessas criaturas a quem é nefasto socorrer. Enquanto caminhava pela clareira com ar indiferente, Wang admirava-se de não ouvir som algum no interior da casa. Era bem possível que a mulher branca tivesse estado a lutar lá dentro com um espírito mau, que naturalmente acabara por matá-la. Nenhuma coisa visível saía da casa, que ele observava com o canto dos olhos oblíquos. Ali fora, reinavam imperturbados

o sol e o silêncio.

Mas dentro da casa, o silêncio da grande sala não pareceria perfeito a um ouvido aguçado. Cortava-o um sussurro vindo de trás da cortina, tão fraco que mal se lhe poderia chamar o fantasma de um cochicho.

Apalpando a garganta com cuidado e carinho, Ricardo murmurou em tom de admiração:

— Você tem dedos de aço. Papagaio! Tem força como um gigante!

Felizmente para Lena, estava enrolando as duas grossas tranças em volta da cabeça por ocasião do repentino assalto de Ricardo, e não tivera tempo de baixar os braços. Esta circunstância, que os livrou de ser imprensados contra os flancos, lhe deu maior facilidade para resistir. O ímpeto do homem quase a fizera tombar. Também por sorte sua, achava-se tão perto da parede que, embora fosse jogada contra esta, o choque não foi assaz forte para lhe tirar todo o fôlego. Auxiliou, pelo contrário, seu primeiro esforço instintivo para rechaçar o assaltante.

Após o primeiro sobressalto de surpresa, muito violento para que ela pudesse gritar, não duvidou um só instante da natureza do perigo. Defendeu-se com plena e nítida consciência, animada pela força do instinto que é a verdadeira fonte de toda grande demonstração de energia, e com uma resolução que mal se teria esperado de uma mulher que, encostada à parede num corredor sombrio pelo rubicundo e balbuciante Schomberg, tremera de vergonha, repugnância e medo; que se acovardara, aterrada, diante de meras palavras odiosamente babujadas por um homem que nunca lhe pusera a pata no corpo.

O assalto deste novo inimigo era um ato de violência simples e direto, e não aquela conspiração sorrateira e viscosa para escravizá-la, que a enchera de asco e, na sua solidão, lhe fizera sentir a incapacidade de lutar contra os seus opressores. Não se achava mais só no mundo. Resistiu sem um segundo de vacilação, porque já não lhe faltava apoio moral, porque era um ser humano que representava alguma coisa, porque já não se defendia apenas por amor a si mesma, e também por causa da fé que nela desportara — a fé no homem que o destino lhe deparara, ou talvez no céu que de tão maravilhosa maneira o tinha posto no seu caminho.

O seu modo de defesa consistiu principalmente em apertar com força desesperada e mortal a garganta de Ricardo, até que sentiu afrouxar de súbito o terrível abraço em que, estúpida e ineficazmente, ele tentava prendê-la. Vendo isso, Lena, com um esforço supremo dos braços e do joelho erguido, arrojou-o contra o tabique. Como o cofre de cedro lhe ficava atrás, Ricardo, com um baque que ressoou cavamente por todo o bangalô, caiu sentado em cima dele, meio

estrangulado e exausto, não tanto pelo esforço como pelas emoções da luta.

Ela também titubeou sob a reação do esforço empregado, cambaleou para trás e sentou-se na beira da cama. Sem fôlego, mas calma e imperturbada, pôs-se a reajustar sob os braços o sarong de Celebes, estampado em cores parda e amarela, e cuja ponta se desprendera durante a luta. Depois, cruzando com força os braços sobre o peito, inclinou o tronco para a frente sobre as pernas cruzadas, resoluta e destemida.

Ricardo, também curvado para a frente, despojado da sua força nervosa, descorçoado como um animal de presa que errou o salto, fazia face aos grandes olhos cinzentos dela que o consideravam, bem abertos, observadores, misteriosos sob os arcos escuros de suas impávidas sobranceiras. Entre os rostos de ambos não mediavam nem trinta centímetros. Ele cessou de apalpar a garganta dolorida e deixou as palmas das mãos cair pesadamente sobre os joelhos. Não era para os ombros nus da mulher, nem para os seus robustos braços, que olhava: olhava para o chão. Tinha perdido uma das chinelas de palha. Uma cadeira, que tinha um vestido branco em cima, tombara ao chão. Esses objetos, com os salpicos de água provenientes de uma esponja de banho, eram os únicos vestígios da luta.

Antes de falar Ricardo engoliu duas vezes, como para certificar-se do estado da sua garganta.

— Está certo. Não tinha nenhuma intenção de te fazer mal... embora eu não seja de brinquedo quando me decido a isso.

Ergueu a perna do pijama para mostrar a faca presa pela correia. Ela olhou para a arma sem mover a cabeça, e murmurou, com amargura e desprezo:

— Ah, sim... com isso cravado no peito. Só mesmo assim.

Ele abanou a cabeça com um sorriso envergonhado.

— Escuta! Já sosseguei. Palavra! Não preciso te explicar por que... tu sabes como são essas coisas. E agora também estou compreendendo que esse não era o jeito de lidar contigo.

Ela não respondeu. O seu olhar sereno, dirigido de baixo para cima, tinha uma tristeza paciente que o perturbou como a proximidade de um grande abismo. Acrescentou em tom de dúvida:

— Não vais armar berreiro por causa desta asneira que eu fiz?

Ela sacudiu a cabeça, muito de leve.

— Caramba! És maravilhosa — murmurou Ricardo sinceramente, e mais tranqüilizado do que ele próprio imaginava.

Se ela tivesse tentado fugir teria, claro, cravado a faca nas costas para por

termo aos seus gritos. Mas então estaria o caldo entornado, o negócio absolutamente perdido, e o furor do patrão — especialmente quando este conhecesse a causa, — não teria limites. Uma mulher que não faz alarido após um atentado dessa espécie perdoa tacitamente a ofensa. Ricardo não tinha pequenas vaidades. Mas evidentemente, se ela deixava a coisa passar assim em branca nuvem, era porque não o achava tão repugnante. Ficara lisonjeado. A mulher, tão pouco, parecia ter medo dele. Já sentia quase uma ternura por ela, por essa bonita e animosa garota que não pensara em fugir dele aos gritos.

— Ainda seremos amigos. Não penses que eu desisti de ti. Amigos, e muitos amigos! — murmurou Ricardo cheio de confiança. — Caramba! Tu não tens nada de frouxa. Nem eu tão pouco. Não levarás muito tempo a convencer-te disso.

Não podia saber que ela não fugira apenas porque naquela manhã, cedendo à sua crescente inquietação com a presença dos incompreensíveis visitantes, Heyst lhe confessara que era o seu revólver o objeto que estivera procurando na noite passada; o revólver desaparecera, e ele estava desarmado e indefeso. Lena mal tinha compreendido a significação desse fato. Agora compreendia melhor. O esforço com que ela se dominava, a sua serenidade, impressionaram Ricardo. De repente, a moça falou:

— O que vieram buscar aqui?

Ele conservou os olhos baixos. As mãos pousadas nos joelhos, a cabeça pendida, algo de meditativo, na sua atitude, faziam pensar numa alma simples alquebrada, na fadiga de uma luta moral e não física. Respondeu claramente à pergunta direta da mulher, como se estivesse cansado demais para dissimular:

— Abolada.

Lena não conhecia a palavra. O ardor velado dos seus olhos cinzentos, sob as sobrancelhas negras, não abandonou o rosto de Ricardo.

— Bolada? — murmurou ela calmamente. — O que é isso?

— Ora, a bolada, a presa, o que esse moço passou tantos anos roubando por aí tudo... os tubos. Não sabes? Isto!

Sem alçar os olhos, fez o gesto de contar dinheiro na palma da mão. Ela baixou levemente os seus para observar A pequena pantomima. Logo, porém, tornou a cravá-los no rosto do homem. E então, num ténue murmúrio, perguntou, ocultando a sua apreensão e a sua perplexidade:

— Como sabem da vida dele? O que têm com ela?

— Tudo — foi a concisa resposta de Ricardo, emitida num ligeiro cochicho enfático. Disse consigo que essa garota era, na verdade, a sua maior esperança. Da

impressão de violência, ainda não apagada, ia nascendo esse sentimento que não permite a um homem olhar com indiferença uma mulher que já uma vez teve nos braços — embora contra a vontade dela — e ainda mais se ela lhe perdoou o ultraje. Isso se transforma numa espécie de vínculo. Sentia a necessidade positiva de confiar nela — um sutil traço masculino, essa necessidade quase física de confiança, que pode coexistir com a mais brutal desconfiança.

— É um jogo de agarra... entendes? — prosseguiu, dando ao seu murmúrio uma nova inflexão de intimidade. Olhava-a agora em face. — Foi aquele hoteleiro gordo, aquela lesma covarde, o Schomberg, que nos pôs no rastro.

Tão forte é a impressão da desdita impotente e perseguida, que a mulher que sem hesitar levava de vencida uma agressão selvagem não pôde reprimir de todo um estremecimento, ao mero som deste nome abominado.

Ricardo pôs-se a falar mais rápido e em tom de confiança:

— Ele quer se desforrar do seu companheiro... de vocês dois, para falar verdade. Foi o que me disse. Estava louco por ti. Seria capaz de entregar tudo que tinha nessas mãos, que por pouco não me estrangularam. Mas tu não pudeste, hein? Não houve jeito... hein?

Ricardo fez uma pausa, e terminou:

— De modo que, em vez de... preferiu morar com um cavalheiro?

Notou um leve movimento da cabeça de Lena e acrescentou rapidamente:

— Eu também... de preferência a ser um escravo pago. Mas é que não se pode confiar nesses estrangeiros. Ele não te merece, Um homem capaz de roubar do seu melhor camarada!

Ela ergueu a cabeça. Ricardo continuou cochichando às pressas, satisfeito com os progressos que fazia:

— Sim. Eu conheço esse sujeito por dentro e por fora. E assim, podes fazer uma ideia do modo como ele tratará uma mulher, depois de passado algum tempo!

Ignorava que estava infundindo terror no coração da sua ouvinte. Mas os olhos de Lena continuaram fixos nele, observando-o imóveis, como que sonolentos, sob a fronte alva. Começava a compreender. As palavras daquele homem tinham para ela um sentido preciso e terrível, que ele passou a esclarecer melhor com os seus murmúrios convictos.

— Tu e eu fomos feitos para nos compreendermos. Imagino que tivemos a mesma origem e a mesma educação. Tu não és conformada. Eu, da mesma forma! Foste atirada para o meio deste mundo podre de hipócritas. Eu, da mesma forma!

O silêncio, o aterrorizado silêncio da mulher, tinha aos seus olhos um ar de

atenção fascinada. De repente, perguntou:

— Onde está?

Ela fez um esforço para falar:

— Onde está o quê?

Ricardo respondeu num tom de confiança excitada.

— Abolada... a presa, os tubos. Isto é um jogo de agarra. Temos de carregar tudo. Mas o trabalho não é fácil, e precisamos da tua ajuda. Fala! Ele guardou a coisa dentro de casa?

Como frequentemente acontece às mulheres, o próprio terror da ameaça entrevista aguçou as faculdades de Lena. Fez um sinal negativo de cabeça.

— Não.

— Tens certeza?

— Toda a certeza.

— Ah! É o que eu pensava. O teu cavalheiro confia em ti?

Ela tornou a sacudir a cabeça.

— Hipócrita safado — disse ele com energia, e acrescentou: — E é dos mansos, não é?

— É melhor você verificar por si mesmo — respondeu ela.

— Podes fiar-te em mim. Não quero morrer antes de ficarmos amigos.

Isto foi dito com um estranho ar de galanteria felina. E, sondando o terreno:

— Mas se quisesse, podias fazer com que ele confiasse em ti, hein?

— Confiar em mim? — disse ela, num tom que raiava pelo desespero, mas que ele tomou por derrisão.

— Passa para o nosso lado — insistiu. — Dá um pontapé nessa maldita hipocrisia. Quem sabe se, mesmo sem a confiança, dele, já conseguiste descobrir alguma coisa, hein?

— Talvez — disse ela. Tinha a impressão de que seus lábios iam gelando rapidamente.

Ricardo considerou-lhe então o rosto sereno com certo respeito. Aquela serenidade, aquela economia de palavras, chegavam mesmo a impressioná-lo. Com seu instinto feminino, ela notou o efeito que tinha produzido, a vantagem de saber as coisas e guardá-las para si. Até aqui, tudo isso fora conseguido sem a intervenção da sua vontade. Mas assim animada, vendo apontarem-lhe o caminho da duplicidade que é o refúgio dos fracos, fez um esforço heroico e contraiu num sorriso os lábios rígidos e gelados.

A duplicidade, refúgio dos fracos e dos covardes — e também dos

desarmados! Nada, senão a duplicidade, poderia impedir que uma catástrofe cruel destruísse o sonho encantado da sua existência. O homem sentado à sua frente afigurava-se-lhe uma presença inevitável, companheira de toda a sua vida. Era o mal do mundo corporificado. Ela não teve vergonha da sua duplicidade. Com a coragem franca das mulheres, assim que viu essa saída enveredou por ela sem reservas, apenas com uma dúvida: a dúvida sobre as suas próprias forças. A situação apavorava-a; mas já a sua feminilidade despertada, compreendendo que amava Heyst fosse qual fosse o seu sentimento para com ela, e sentindo que ela própria atraía sobre ele aquela ameaça, enfrentava o perigo com o desejo ardente de defender o que era propriedade sua.

III

Á moça mostrara-se a Ricardo sob um aspecto tão imprevisto que lhe tolhia o uso da faculdade crítica. O seu sorriso lhe parecia prenhe de promessas. Não a imaginara assim. Quem, julgando pelo que se dizia, teria esperado uma garota como esta? Era uma pequena do outro mundo, dizia ele de si para si, com uma familiaridade a que não faltava certo vislumbre de respeito. Não fora feita para o bico de sujeitos da laia daquele pacato fazedor de grogues. Ricardo ardia de indignação. A coragem, a força física da mulher, demonstradas à sua custa, forçavam-lhe a simpatia. Sentia-se atraído para ela pelas provas do seu valor, que o enchia de pasmo. Que mulher! Tinha uma alma forte, e a sua bem pensada inclinação para abandonar o companheiro mostrava que ela não era hipócrita.

— O teu cavalheiro é bom na pontaria? — perguntou ele olhando novamente para o chão, a simular indiferença.

Lena quase não compreendeu a frase, cuja forma sugeria entretanto alguma espécie de habilidade pessoal. Não havia perigo em murmurar uma afirmativa:

— Sim.

— O meu também... pra lá de bom — murmurou Ricardo. E, mim ímpeto de confiança: — Eu não sou tão bom, mas em todo caso carrego aqui uma arma de respeito!

Deu uma palmada na perna. Lena estava já imunizada contra os temores. Toda rígida, incapaz de mover os próprios olhos, sentia uma horrível tensão mental que era como uma fuga da memória. Ricardo tratou de influenciá-la a seu modo.

— E o meu cavalheiro não é homem para me largar de mão. Ele não é estrangeiro, ao passo que tu, com o teu barão, não sabes o que te espera... ou antes, como és mulher, sabes perfeitamente. Seria muito melhor não esperares que ele te desse o fora. Passa para nós e receberás a tua parte — a tua parte na bolada. Tu já sabias dela.

Amoça pressentiu que, se desse a entender por uma palavra ou um sinal que não havia nada de semelhante na ilha, Heyst não teria meia hora de vida. Mas todo o poder de ligar palavras desaparecera na tensão do seu espírito. Era-lhe até, demasiado difícil recordar-se delas, exceto a palavra “sim”, a palavra salvadora! Murmurou-a sem que uma só linha do seu rosto se movesse. Para Ricardo, o som débil e lacônico exprimia um consentimento tranquilo e reservado, mais valioso naquela admirável mulher, tão senhora de si, do que mil palavras na boca de qualquer outra. Achou, exultante, que descobrira uma mulher num milhão... em

dez milhões! O seu murmúrio assumiu um tom de franca premência.

— Ótimo! Agora só falta descobrir onde ele guarda a bolada. Mas anda depressa! Não poderei aguentar muito tempo ainda este negócio de andar de rastos para não assustar o teu moço. Que diabo, a gente não é réptil nem nada!

Ela olhava fito, sem ver coisa alguma, como uma pessoa que de noite fica sentada a olhar o vazio e a escutar sons funestos, encantamentos malignos. E dentro da cabeça continuava a sentir aquela tensão do cérebro que procura captar alguma coisa, uma ideia salvadora que parecia roçar por ela, e que entanto não conseguia apanhar. De repente, aprisionou-a: tinha de fazer com que aquele homem sáísse dali! Nesse momento a voz de Heyst fez-se ouvir lá fora, não muito perto mas clara:

— Você estava me procurando, Wang?

Foi para ela como um relâmpago que, iluminando a escuridão que a cercava por todos os lados, lhe mostrasse aos pés um terrível precipício. Endireitou o corpo com um movimento convulsivo, mas não teve força para se levantar. Ricardo, pelo contrário, pôs-se imediatamente em pé, silencioso como um gato. Seus olhos fulvos lampejavam, deslizando de um lado para outro, mas também ele parecia incapaz de fazer outro movimento. Apenas os seus bigodes se mexiam perceptivelmente, como as antenas de um inseto.

Os dois ouviram, mais fraca, a resposta de Wang: Ya tuan, e novamente a voz de Heyst:

— Está bem! Pode trazer o café. Mem Putih ainda está no quarto?

Nenhuma resposta audível de Wang.

Cruzaram-se os olhares de Ricardo e da moça, absolutamente inexpressivos, pois todas as faculdades de ambos estavam absorvidas em escutar o ruído dos passos de Heyst, qualquer ruído a anunciar que a retirada de Ricardo fora cortada. Tanto um como a outra compreenderam que Wang devia ter dado volta à casa, dirigindo-se para os fundos, e tornando impossível a Ricardo o escapulir-se por ali antes que Heyst entrasse pela frente.

Uma sombra anuviou o semblante do dedicado secretário. Todo o plano estava arruinado! Era uma sombra de cólera, e também de receio. Talvez houvesse escapado pela porta dos fundos se os dois não ouvissem Heyst que subia os degraus da varanda. Subia devagar, muito devagar, como um homem desalentado ou fatigado — ou simplesmente pensativo. Ricardo viu-lhe em espírito o rosto, o bigode marcial, a alta fronte, as feições impassíveis e os olhos serenos e meditativos. Demônio, estava encurralado! A final de contas, talvez o patrão tivesse razão.

Convinha evitar um mulheres. Por bobear com esta havia deitado a perder, ao que parecia, todo o negócio. Apanhado como estava, seria melhor matar de uma vez, já que, de qualquer forma, ser visto era ser desmascarado. Era, porém, demasiado justo para se sentir encolerizado com ela.

Heyst tinha parado na varanda, no próprio limiar da porta.

— Se eu não for ligeiro, serei morto a tiro como um cachorro — murmurou Ricardo à moça, em voz excitada.

Curvou-se para puxar a faca, pronto a arrojá-la através da cortina, tão rápido e mortal para Heyst como um raio inesperado. Deteve-o o contato, mais que a força, da mão da moça que o segurava pelo ombro. Rodopiou nos calcanhares, agachado, virando para cima os olhos amarelos que luziam. Ah! Ter-se-ia ela voltado contra ele?

Teria cravado a faca no côncavo da sua garganta nua se não lhe visse a outra mão que apontava para a janela. Era uma abertura alongada, e ficava muito alto, quase logo abaixo do teto, com um único postigo que girava sobre gonzos.

Enquanto ele continuava a olhar para a janela, Lena afastou-se sem fazer ruído, apanhou a cadeira tombada e encostou-a à parede. Voltou então os olhos para ele. Mas Ricardo não precisava que lhe fizessem sinal. Deu duas longas passadas nas pontas dos pés e colocou-se ao lado dela.

— Ande depressa! — murmurou Lena em voz estrangulada.

Ele tomou-lhe a destra e apertou-a como toda a força da sua gratidão muda, como um homem que estreita a mão de um camarada quando não há tempo a perder com palavras. Trepou então na cadeira. Era demasiado baixo para poder içar-se até a janela sem roçar com os pés na parede, fazendo ruído. Hesitou um instante. De ouvido alerta, ela firmou o assento da cadeira com os belos braços nus enquanto ele, ligeiro e destro, se encarapitava no espaldar. As madeixas castanhas de Lena cobriam-lhe o rosto.

Passos ressoaram na peça contígua e a voz de Heyst, não muito alta, chamou-a pelo nome.

— Lena!

— Sim, um minuto! — respondeu ela, com uma intonação especial que sabia ser de molde a impedir Heyst de entrar logo.

Quando ergueu os olhos Ricardo tinha desaparecido, atirando-se ao chão lá fora com tanta agilidade que ela não ouvira o menor som. Aprumou o corpo então, aturdida, cheia de terror, como quem acorda de um sono causado por narcótico, com as pálpebras pesadas, os olhos baixos e sem ver nada, no abandono das suas

forças, a imaginação como que morta e incapaz de manter desperto o seu medo.

Heyst pusera-se a caminhar à-toa no outro quarto. O som dos seus passos reanimou o espírito exausto de Lena.

Começou logo a pensar, a ouvir, a enxergar, e o que enxergou (ou melhor, reconheceu, pois os seus olhos tinham estado todo esse tempo postos no objeto) foi a chinela de palha de Ricardo, perdida na luta, e que ficara no assoalho perto da banheira. Mal teve tempo de dar um passo o pousar o pé sobre o objeto quando a cortina se abriu e Heyst apareceu no umbral da porta.

O perigo que o ameaçava fez nascer no peito dela um calor, vindo do encantamento dos sentidos apaziguados, que experimentara com ele, e que era como a condição de uma pessoa enfeitiçada. Sentiu qualquer coisa agitar-se no seu íntimo, algo profundo como uma nova espécie de vida.

O quarto estava imerso em semiescuridão, pois Ricardo fechara o postigo ao saltar a janela. Heyst espreitou da porta.

— Como, ainda não se penteou? — disse ele.

— Não, vou fazer isso agora. Não demoro — respondeu Lena em voz firme. E ficou imóvel, sentindo sob a sola do pé o contato do chinelo de Ricardo.

Heyst retirou-se, deixando cair a cortina. Imediatamente ela se abaixou para apanhar o chinelo. Depois girou nos calcanhares como doida, procurando com os olhos um esconderijo. Não havia nenhum no quarto, onde escassa era a mobília. A cômoda, a mala de couro, um ou dois vestidos dela pendurados de cabides — a todos esses lugares poderia o acaso guiar a mão de Heyst em qualquer momento. A janela entrecerrada atraíu-lhe o olhar desatinado. Correu para ela e, pondo-se na ponta dos pés, conseguiu alcançar o postigo com a ponta dos dedos. Abriu com um empurrão, voltou para o meio do quarto, virou-se, balançou o braço regulando a força do arremesso para que a chinela não tomasse muito impulso, batendo de encontro ao beiral baixo. Era um cálculo delicado para os músculos daquele braço torneado, ainda trêmulos da luta mortal com um homem, para aquele cérebro trabalhado pela ansiedade, e para os nervos extenuados que lhe punham uma nuvem escura diante dos olhos. Por fim soltou o chinelo, e este passou pela abertura desaparecendo-lhe da vista. Ficou a escutar. Não o ouviu bater em parte alguma: sumira-se simplesmente, como se tivesse asas para voar. Nenhum som! Livrara-se do perigoso objeto.

Ela ficou como petrificada, com os valentes braços colados ao corpo. Um ligeiro assobio fez-se ouvir lá fora. O deslembado Ricardo, percebendo a perda, tinha ficado por ali, inquieto, e o aparecimento do chinelo que surgiu voando por

baixo do beiral restituiu-lhe a serenidade. Zeloso pela tranquilidade da moça, arriscara aquele assobio.

De súbito o corpo de Lena pendeu para a frente, cambaleando. Salvou-se de cair cingindo com os braços um dos altos suportes do mosquitoireiro. Esteve muito tempo agarrada a ele, com a testa encostada à madeira. Uma das bandas do sarong desprendido escorregara-lhe para a anca. As longas tranças castanhas pendiam em farripas finas, como que molhadas, quase negras contra a alvura do seu corpo. O flanco descoberto e imóvel, úmido com o suor da angústia e da fadiga, tinha reflexos frios de mármore polido à luz ardente e difusa que descia da janela, apagado reflexo da fogueira furiosa e devoradora que era o sol lá fora, no afã de incendiar a terra, reduzi-la a cinzas.

IV

Heyst, que estava sentado à mesa com o queixo, grudado ao peito, ergueu a cabeça ao ouvir o ligeiro sussurro do vestido de Lena. Surpreendeu-o a palidez mortal das suas faces, algo de exânime nos olhos que o consideravam de modo estranho, como se não o reconhecessem. Mas Lena respondeu às suas perguntas em tom tranquilizador, afirmando que não tinha nada, absolutamente nada. Sentira uma tontura ao levantar. Depois do banho, dera-lhe até uma fraqueza. Fora preciso sentar-se e esperar que aquilo passasse. Era isto o que a tinha feito atrasar-se na toilette.

— Nem me penteiei. Não queria fazer-te esperar mais — disse ela.

Heyst não quis insistir nas perguntas sobre a sua saúde, visto que ela não parecia inquietar-se com a indisposição. Embora não houvesse penteado o cabelo, passara-lhe a escova e prendera-o atrás com uma fita. Com a testa descoberta afigurava-se muito jovem, quase uma menina — uma criança devorada de ansiedade, roída por alguma preocupação secreta.

O que surpreendeu Heyst foi o fato de não aparecer Wang. O chinês materializava-se sempre no momento preciso de servir a mesa, nem um segundo mais tarde ou mais cedo. Desta vez não se verificava o milagre costumeiro. Que significava isto? Heyst deu um grito, coisa que não gostava de fazer. A resposta veio logo, de fora:

— Ada tuan!

Apoiada sobre o cotovelo, com os olhos no prato, Lena parecia não ter ouvido nada. Quando Wang entrou com a bandeja os seus olhos estreitos, inclinados para dentro pela saliência dos malaras, não deixaram um só instante de observá-la furtivamente. Nenhum dos dois lhe prestou a menor atenção, e ele retirou-se sem lhes ouvir trocar uma única palavra. Foi para a varanda dos fundos e pôs-se de cócoras. Seu espírito de chinês, muito lúcido mas de curto alcance, era moldado pela simples razão das coisas, tal como ela lhe aparecia à luz do seu simples instinto de conservação, sem a interferência de ideias românticas de honra ou delicadezas de consciência. Suas mãos amarelas, levemente entrecruzadas, pendiam-lhe molemente entre os joelhos. Os túmulos dos antepassados de Wang estavam muito longe; perdera os pais, seu irmão mais velho era soldado no yamen de algum mandarim, lá por Formosa. Ninguém, naquelas redondezas, tinha direito à sua veneração ou à sua obediência. Havia anos que vagava sem descanso, sempre a trabalhar. O único laço que o prendia ao mundo era a mulher alfufo, em troca da

qual cedera uma parte considerável dos seus haveres acumulados com grande fadiga. Em boa consciência, não tinha deveres senão para consigo mesmo.

À luta atrás da cortina agourava mal para o Número Um, a quem o chinês não tinha afeição nem antipatia. A ocorrência assustara-o bastante para fazê-lo demorar-se com a cafeteira até ser chamado pelo Número Um. Wang entrou cheio de curiosidade. A mulher branca tinha realmente a aparência de quem estivera a lutar com um espírito, que conseguira tirar-lhe metade do sangue antes de a soltar. Quanto ao homem, havia muito tempo que Wang o considerava como de certo modo enfeitiçado. Agora, porem, estava perdido. O chinês ouviu as vozes dos dois na sala. Heyst insistia com a moça para que fosse deitar-se de novo. Estava extremamente preocupado. Ela não comera nada.

— É o melhor que tens a fazer. Realmente, devi as deitar-te!

Lena não lhe dava ouvidos. De quando em quando sacudia a cabeça num gesto negativo, como se nada lhe pudesse fazer bem. Mas Heyst teimava. Ela viu a admiração que começava a transparecer nos seus olhos, e subitamente cedeu.

— Talvez seja mesmo bom.

Não queria despertar-lhe o assombro, que passaria logo à suspeita. Ele não devia suspeitar!

Junto com a consciência do seu amor por esse homem, já tinha nascido nela uma inata desconfiança ante a masculinidade, dessa sedutora força aliada a uma esquivança delicada e absurda ante a crua necessidade dos fatos, que jamais atemorizou uma mulher digna deste nome. Não tinha plano algum, mas com o espírito um pouco apaziguado pelo próprio esforço de manter, no interesse dele, a compostura exterior, compreendeu que o seu procedimento havia garantido, em todo caso, um breve período de tréguas. Talvez pela semelhança de suas origens miseráveis, entre escórias humanos, compreendia perfeitamente a Ricardo. Ele se conservaria algum tempo sossegado. Nesta certeza, que momentaneamente tranquilizava os seus temores, fez-se sentir a fadiga do seu corpo, tanto mais acabrunhadora por provir do inesperado do esforço que tivera de dispendir, mais que da nua intensidade. Tentaria vencer essa fadiga, por simples instinto de resistência, se não fossem os rogos e ordens alternados de Heyst. Ante essa insistência eminentemente masculina ela sentiu a feminina necessidade de ceder, a doçura da capitulação.

— Farei tudo o que desejar — disse.

Ao se levantar, notou surpresa a onda de fraqueza lânguida que a invadira, abraçando-a e envolvendo-a como água tépida, e fazendo em seus ouvidos o som

do mar quebrando na areia.

— Preciso de sua ajuda — acrescentou logo.

Heyst passou o braço pela cintura dela (o que nada tinha de novo), e ela sentiu uma satisfação especial em ser assim amparada. Abandonou todo o peso do corpo àquela pressão envolvente e protetora, enquanto um frêmito a percorria toda à ideia súbita de que era ela quem teria de protegê-lo, defender um homem forte o bastante para erguê-la do chão, como naquele mesmo instante ele fazia com os dois braços. Foi exatamente o que Heyst fez assim que transpuseram a porta do quarto. Achou mais rápido e mais simples carregá-la na última parte do trajeto. Estava, na verdade, ansioso demais para sentir o peso dela. Ergueu-a bem alto e depositou-a na cama, como quem deita uma criança de lado num berço. Sentou-se depois na beira, ocultando sua ansiedade sob um sorriso que não encontrou resposta na imobilidade sonhadora dos olhos dela. Mas Lena procurou sua mão, agarrou-a com avidez, e, enquanto a apertava com todas as forças que lhe restavam, o sono colheu-a do súbito, irresistivelmente, como costuma assaltar uma criança deitada num berço, com os lábios postos para uma palavra serena de carinho que ela não teve tempo de pronunciar.

Pairava sobre Samburan o silêncio esbraseado de sempre.

— Que novo mistério será este? — murmurou Heyst de si para si, contemplando-lhe a modorra profunda.

Tão profundo era esse sono encantado, que procurando, pouco depois, abrir-lhe os dedos suavemente para desprender a sua mão, ele conseguiu fazê-lo sem provocar na adormecida o mais ligeiro movimento.

— A explicação há de ser muito simples, sem dúvida — pensou enquanto se retirava para a sala, pé ante pé.

Tirou distraidamente um livro do alto da estante e sentou-se para ler. Mesmo depois de abri-lo sobre os joelhos, porém, e de fitar as páginas durante algum tempo, não saberia dizer de que tratava.

Seus olhos imóveis não largavam aquelas linhas cerradas e paralelas. Só recobrou o domínio completo das suas faculdades quando, ao alçar os olhos sem nenhum motivo especial, viu Wang que se postara imóvel no outro lado da mesa.

— Ah, sim — disse ele, como quem se lembra repentinamente de um compromisso esquecido e pouco agradável.

Depois de esperar um pouco, fez um esforço e perguntou com relutante curiosidade ao silencioso Wang o que lhe queria dizer. Pressentia que o caso do revólver desaparecido acabaria por vir à baila, mas os sons guturais emitidos pelo

chinês não tinham relação com esse delicado assunto. Ele só falava em xícaras, pires, pratos, facas e garfos. Tudo isso fora guardado em seu lugar, nos armários que se achavam na varanda dos fundos, perfeitamente limpo, “tudo dileito”. Heyst admirou-se destes escrúpulos num homem que se dispunha a abandoná-lo; pois não se surpreendeu quando ouviu Wang concluir o seu relatório com estas palavras:

— Mim vai embola.

— Oh, você vai embora? — disse Heyst, reclinando-se na cadeira com o livro nos joelhos.

— Sim. Mim não gosta. Um homem, dois homem, três homem... não pode faz! Mim vai embola.

— Que foi que o assustou assim? — perguntou Heyst, em cujo espírito lampejou a esperança de obter algum esclarecimento dessa criatura tão diferente dele, e cujos contatos com o mundo eram simples e diretos, coisa de que o seu espírito era incapaz. — Por quê? — prosseguiu. — Você está Acostumado com os brancos. Conhece-os bem.

— Sim. Mim sabe — confirmou Wang com expressão inescrutável. — Mim sabe bastante.

Tudo que ele conhecia, na realidade, era a sua decisão, Resolvera fugir, com a mulher alfufo, das relações imprevisíveis que iam estabelecer-se entre aqueles brancos. Pedro fora o primeiro a despertar as suspeitas e o temor de Wang. O chinês tinha visto selvagens. Remontara, na comitiva de um mascate chinês, um ou dois rios de Bornéu até o país dos daiaques. Também estivera no interior de Mindanau, onde Axkte gente que vive nas árvores — selvagens, verdadeiros animais. Mas um animal peludo como Pedro, com as suas grandes presas e os seus grunhidos ferozes, ficava completamente fora da sua concepção de um ser humano. A impressão profunda que lhe deixara o colombiano fora o primeiro incentivo para roubar o revólver. As reflexões gerais sobre a situação e a insegurança do Número Um vieram depois, quando ele já se havia apossado da arma e da caixa de cartuchos que estavam na gaveta da mesa, na sala.

— Então você sabe bastante a respeito dos brancos — continuou Heyst em tom levemente brincalhão, após refletir silenciosamente por algum tempo e convencer-se de que seria impossível reaver o revólver, quer pela persuasão quer pelo emprego da força. — Você fala assim, mas tem medo desses brancos que estão aí!

— Mim não tem medo — protestou Wang em voz rouca, empinando a cabeça, gesto que retesou os músculos da sua garganta e lhe deu uma aparência

mais ansiosa que nunca. — Mim não gosta — acrescentou em tom mais tranquilo.
— Mim muito doente.

Levou a mão ao estômago.

— Isso — disse Heyst, sereno e positivo — é uma linda mentira. É assim que um homem fala? E além do mais você roubou o meu revólver!

Resolvera subitamente falar na arma, porque esta franqueza não poderia tornar a situação pior do que já era. Nem um instante supôs que Wang tivesse o revólver consigo. Depois de ponderar sobre o assunto, chegara à conclusão de que o chinês nunca tencionara fazer uso da arma contra ele. Após um ligeiro sobressalto (pois a acusação direta o havia colhido de improviso) Wang abriu violentamente os panos da sua jaqueta, numa demonstração convulsiva de indignação.

— Mim não tem! Pode vê! — exclamou com uma cólera fingida.

Deu uma palmada enérgica no peito nu. Pôs à mostra as próprias costelas, que a virtude ultrajada fazia arquejar. Seu ventre liso rebojava de indignação. Sacudiu a larga calça azul em volta das pernas amarelas. Heyst observava-o tranquilamente.

— Eu não disse que você o tinha consigo — tornou ele sem altear a voz. — Mas o revólver desapareceu do lugar onde eu o tinha guardado.

— Mim não sabe levólvel — replicou Wang, obstinado.

O livro que jazia aberto sobre os joelhos de Heyst escorregou de repente para o chão, e ele fez um movimento brusco para apanhá-lo. Wang, a quem a mesa impedia de ver a razão desse movimento, tomou-o por um sintoma ameaçador e deu um salto para trás. Quando Heyst ergueu os olhos o chinês já estava à porta, com o rosto voltado para dentro, sem medo mas em guarda.

— Que foi? — perguntou Heyst.

Wang sacudiu significativamente a cabeça raspada para a cortina que tapava a porta da alcova.

— Mim não gosta — repetiu.

— Que diabo quer você dizer? — perguntou Heyst, presa de autêntico assombro. — Não gosta de quê?

Wang apontou para as dobras imóveis do pano um dedo comprido, de um amarelo citrino.

— Dois — disse ele.

— Dois o quê? Não compreendo,

— Se sinhô sabe, sinhô não gosta disso. Mim sabe bastante. Mim vai embola.

Heyst tinha-se levantado da cadeira, mas Wang conservou-se por algum

tempo ainda no mesmo lugar, à porta. Seus olhos amêndoa dos emprestavam-lhe ao rosto uma expressão de melancolia suave e sentimental. Os músculos da sua garganta moveram-se perceptivelmente quando ele disse um “adeus” distinto e gutural, desaparecendo logo após da vista do Número Um.

O afastamento do chinês modificava a situação. Heyst refletiu sobre o que seria preferível fazer em face desse fato. Hesitou longo tempo; afinal, encolhendo os ombros com expressão fatigada, caiu para a varanda, desceu os degraus e prosseguiu com passos firmes e semblante pensativo na direção do bangalô dos seus hóspedes. Queria fazer-lhes uma participação importante. Não tinha outro objetivo — e menos que tudo o de lhes dar um choque visitando-os de surpresa. Entretanto, como o agreste criado não se achava de sentinela, quis a sorte que Heyst fosse surpreender Mr. Jones e seu secretário com o seu súbito aparecimento à porta. A conversa dos dois devia ser muito interessante, para que não houvessem sentido a aproximação do visitante. Heyst os viu separarem-se bruscamente no quarto escuro — pois traziam os postigos sempre fechados por causa do calor. Foi Mr. Jones quem falou:

— Ah, cá está o senhor de novo! Entre, entre!

Tirando o chapéu à porta, Heyst entrou no quarto.

Lena acordou de repente e correu os olhos pela alcova sem erguer a cabeça do travesseiro. Estava só. Levantou-se apressadamente, como para contrabalançar com a ação enérgica dos membros o horrível desfalecimento que sentia no coração. Mas esta sensação foi momentânea. Senhora de si pelo orgulho, pelo amor e pela necessidade, e também pela vaidade que uma mulher põe no sacrifício de si mesma, recebeu com um olhar claro e um sorriso a Heyst, que voltava do bangalô dos estranhos.

O sorriso foi retribuído por Heyst. Notando, porém, que ele evitava o seu olhar, Lena compôs os lábios e baixou os olhos. Por essa mesma razão apressou-se a lhe falar num tom de indiferença que assumiu sem esforço, como se desde a manhã daquele dia se houvesse tornado perita em simulações.

— Estiveste lá de novo?

— Estive. Achei que... Mas é melhor saberes primeiro que perdemos "Wang" definitivamente.

Ela repetiu: "Definitivamente?" como se não tivesse compreendido.

— Para bem ou para mal... não saberia dizer-te qual dos dois. Ele despediu-se e foi embora.

— Mas já esperavas por isso, não é verdade?

Heyst sentou-se no lado oposto da mesa.

— Sim. Esperava por isso desde que descobri que ele tinha anexado o meu revólver, Ele afirma que não o tirou. Isso é natural. Um chinês não acredita em confessar, sob quaisquer circunstâncias. Negar todas as acusações é um princípio de sabedoria. Mas não esperava que eu lhe desse crédito. No fim ele foi um tanto enigmático, Lena. Surpreendeu-me.

Heyst fez uma pausa. Amoa parecia absorta nos seus pensamentos.

— Ele me surpreendeu — repetiu Heyst. Lena notou a ansiedade da sua voz e voltou levemente a cabeça para olhá-lo por cima da mesa.

— Deve ter sido coisa importante para surpreender-te, a ti — disse ela. No fundo dos seus lábios entreabertos, como uma romã madura, luziram os dentes brancos.

— Foi uma simples palavra... e alguns gestos. Ele estava fazendo bastante ruído. Admira-me que não tenhas acordado. Que sono pesado tens! Escuta, estás te sentindo bem agora?

— Fresca como uma flor — disse ela, presenteando-o com outro lampejo

profundo dos dentes alvos. — Não ouvi ruído algum, felizmente. Assusta-me o modo que esse homem tem de falar, com aquela voz áspera. Não gosto desses estrangeiros.

— Foi logo antes de ele sair... de fugir, devia dizer. Sacudiu a cabeça e apontou para a cortina do nosso quarto. Sabia que tu estavas aí, naturalmente. Parecia estar pensando, procurando dar a entender que tu... bem, que corrias um perigo especial. Conheces seu modo de falar.

Ela não respondeu, não emitiu um som. Apenas, a cor sumiu de seu rosto.

— Pois é — continuou Heyst. — Parecia que ele estava procurando avisar-me. Deve ter sido isso. Imaginaria ele que eu me esqueci da tua existência? Só disse uma palavra: “dois”. Sim “dois”... e também que ele não gostava disso.

— Que significa isso? — murmurou ela.

— Nós bem sabemos o que significa a palavra “dois”, não é verdade, Lena? Somos dois. Nunca houve dois mais solitários e mais segregados do mundo, minha querida! Talvez Wang quisesse lembrar-me que ele também tinha uma mulher de quem cuidar. Por que estás tão pálida, Lena?

— Estou pálida? — perguntou ela em tom negligente.

— Estás — confirmou Heyst, que sentia verdadeira ansiedade.

— Pois de medo não é — protestou ela, sem mentir.

Sentia, realmente, uma espécie de horror que a deixava em plena posse de todas as suas faculdades. Era, talvez, mais difícil de suportar por essa razão, mas não lhe paralisava as forças.

Heyst sorriu-lhe por seu turno.

— Francamente, não sei se há razão para ter medo.

— Queria dizer que não tenho receio por mim mesma.

— Creio que és muito corajosa — disse ele. A cor voltara às faces de Lena, e Heyst continuou: — Eu sou tão rebelde às impressões exteriores que não posso afirmar o mesmo de mim. Não reajo com suficiente precisão. — E, mudando de tom: — Sabes que fui falar com esses homens esta manhã cedo?

— Sei. Toma cuidado!

— Quisera saber como se toma cuidado! Tive uma longa conversa com... mas não creio que os tenhas visto. Um deles é um homem comprido, duma magreza fantástica, e parece estar doente. Não me admiraria que estivesse, com efeito. Faz questão de frisar esse fato, com certos modos misteriosos. Suponho que ele tenha sofrido de febres tropicais, mas não tanto como procura fazer crer. É o que certa gente chama um gentleman. Pareceu disposto a me narrar as suas aventuras (coisa

que eu não lhe pedi), mas afinal observou que a história era muito comprida e seria melhor deixá-la para outra ocasião.

“ — O senhor deve ter vontade de saber quem sou? — perguntou-me.

“Respondi que deixava isso com a sua consciência, num tom que, falando-se entre cavalheiros, não podia deixar dúvidas no seu espírito. Ele ergueu-se sobre o cotovelo (estava deitado na cama de campanha) e disse:

“ — Eu sou aquele que é...”

Lena parecia não estar escutando, mas quando Heyst parou de falar ela voltou a cabeça rapidamente para o seu lado. Ele tomou isso por um gesto de interrogação. Enganava-se, porém. As impressões de Lena estavam envoltas numa nuvem indistinta, ao passo que todas as suas energias se concentravam na luta que ela queria para si, numa grande exaltação do amor e do sacrifício, que é a sublime faculdade das mulheres. Toda a luta para si, e que nada restasse para ele, nem mesmo a ciência do que ela estava fazendo, se tal fosse possível. Desejaria encerrá-lo à chave, mediante algum estratagema. Se conhecesse um meio de fazê-lo dormir dias consecutivos, empregaria sem hesitar encantamentos e filtros. Ele lhe parecia demasiado nobre para tais contatos, e insuficientemente aparelhado. Este último sentimento não tinha relação alguma com a circunstância material do roubo do revólver. Ela não podia avaliar toda a importância dêste fato.

Observando-lhe os olhos fixos e como que privados da vista (pois a concentração no seu propósito roubava-lhe toda expressão aos olhos), Heyst imaginou que isto fosse efeito de um grande esforço mental.

— É inútil perguntar-me o que ele queria dizer, Lena. Eu não sei, nem lhe perguntei. Esse cavalheiro, como já te disse, parece amigo de mistificações. Como eu nada respondia, ele tornou a reclinar a cabeça no rolo de cobertores que usa como travesseiro. Simula um estado de grande fraqueza, mas desconfio que é perfeitamente capaz de saltar em pé, se achar necessário. Disse-me que, tendo sido segregado do meio social a que pertencia por não querer conformar-se a certas convenções, tornou-se um rebelde e agora circula pela terra em todos os sentidos. Como eu não estivesse desejoso de ouvir essas tolices, respondi-lhe que já tinha ouvido uma história semelhante a respeito de outra pessoa. O sorriso desse homem é na verdade horripilante. Confessou que eu era bem diverso da espécie de homem que ele esperava encontrar. Depois acrescentou:

“ — Quanto a mim, não sou mais feio do que o cavalheiro em que está pensando, e não sou mais nem menos resoluto do que ele.”

Heyst considerou Lena, por cima da mesa. Apoiada nos cotovelos, ela

moveu num gesto de compreensão a cabeça, que segurava com as duas mãos.

— Nada podia ser mais claro, hein? — disse Heyst com expressão sombria.

— Não ser que ele entendesse com isso fazer uma boa pilhéria. Com efeito, soltou uma grande risada quando terminou de falar. Eu é que não o imitei!

— Antes o tivesses feito — murmurou Lena.

— Não o imitei. Nem me lembrou isso. Não sou bom diplomata. Talvez fosse mais prudente, porque creio, francamente, que ele foi longe demais e estava procurando desfazer a impressão com a sua hilaridade afetada. Contudo, pensando bem, a diplomacia sem força que a sustente não é mais que um esteio podre. E, mesmo que tivesse pensado nisso, ignoro se o poderia fazer. Sinceramente, não sei. Seria contra a minha natureza. Poderia mesmo fazê-lo? Tenho vivido demasiado dentro de mim mesmo a contemplar meras sombras e reflexos da vida. Enganar um homem numa questão que se pode resolver mais depressa matando-o, quando estamos desarmados, impotentes, sem mesmo o recurso de fugir... não! Isso sim é que me parece demasiado degradante. E no entanto, tenho-te aqui comigo. Sou responsável pela tua existência. Que me dizes, Lena? Seria eu capaz de te atirar aos leões para salvar a minha dignidade?

Ela levantou-se, contornou rapidamente a mesa, sentou-se de leve nos joelhos de Heyst, passando-lhe um braço em volta do pescoço, e cochichou-lhe ao ouvido:

— Podes fazer, se quiseres. Talvez eu só consentisse em te deixar dessa maneira. Por uma coisa assim. Ainda que fosse apenas pelo teu dedo mindinho.

Beijou-o ligeiramente nos lábios e afastou-se, sem lhe dar tempo para retê-la. Voltou para a sua cadeira e tornou a apoiar os cotovelos na mesa. Custava a crer que ela tivesse saído do seu lugar. Seu corpo, que nos joelhos dele não pesara mais que uma pluma, o abraço ao pescoço, o sussurro ao ouvido, o beijo nos lábios, semelhavam as sensações insubstanciais de um sonho que invadissem as realidades da vigília, uma espécie de miragem encantadora na aridez nua dos seus pensamentos. Heyst hesitou em falar, até que ela perguntou com vivacidade:

— Bem, e daí?

Heyst sentiu um tremor.

— Pois é. Não o imitei. Deixei-o rir sozinho. Todo ele sacudia, como um esqueleto jovial, debaixo do seu cobertor de algodão — creio que estava escondendo um revólver que tinha na mão direita. Não o vi, mas tenho a impressão distinta de que a arma estava ali, debaixo da coberta. Como durante algum tempo ele não olhou para mim, pois conservava os olhos fitos em certa parte do quarto, voltei a

cabeça e vi um espécie de criatura selvagem e peluda que eles trouxeram consigo, de côcoras no canto da parede atrás de mim. Não estava ali quando entrei. Não gostei do ver aquele monstro montando guarda às minhas costas. Se não estivesse tão à mercê desses homens, teria certamente mudado de posição. No ponto a que as coisas vieram parar, tomar uma atitude defensiva seria pura fraqueza. Fiquei, portanto, onde estava. O cavalheiro que estava deitado na cama disse que me podia asseverar uma coisa: que a sua presença aqui não era mais repreensível do que a minha.

“ — Nós perseguimos os mesmos fins — afirmou ele, — mas talvez eu o faça de maneira mais franca que o senhor... com mais simplicidade.

“Foi o que ele disse — prosseguiu Heyst depois de olhar para Lena, numa espécie de silêncio interrogativo. — Perguntei-lhe se antes de vir dar à ilha já sabia que eu vivia aqui, mas ele só me respondeu com um sorriso sinistro. Achei então que era preferível não insistir, Lena.”

Sobre a testa lisa de Lena sempre parecia repousar um raio de luz. Seus cabelos soltos, repartidos no meio, cobriam as mãos que lhe sustentavam a cabeça. Ela parecia enfeitiçada pelo interesse da narrativa. A pausa de Heyst não foi longa. Tratou de continuar o seu relato com bastante serenidade, começando desta vez por um pequeno comentário. -

— Ele iria mentir com descaro... e eu detesto ouvir mentiras. Deixam-me constrangido. É evidente que eu não me adapto às realidades deste mundo. Mas não queria que ele pensasse que eu aceitava com demasiado conformismo a sua presença. Disse, portanto, que as suas idas e vindas na terra não me diziam respeito, naturalmente, salvo a curiosidade natural de saber quando ele julgaria conveniente reiniciá-las.

“Pedi-me que considerasse o estado em que se achava. Se eu estivesse completamente só aqui, como eles pensam que estou, teria rido do homem. Mas, como não estou só... Escuta, Lena, tens toda certeza de que não te mostraste em nenhum lugar onde pudesses ser vista?”

— Toda certeza — respondeu ela prontamente.

— Compreendes, Lena, que se te peço para te conservares absolutamente invisível, é porque eles não devem olhar para ti, nem falar em ti. Minha pobre Lena! Não posso fugir a esse sentimento. Tu o compreendes?

Ela moveu de leve a cabeça, num gesto que não era afirmativo nem negativo.

— Os outros terão de me ver, mais dia menos dia — respondeu.

— O que eu desejaria saber é quanto tempo ainda poderás conservar-te invisível! — murmurou Heyst, pensativo. E, debruçando-se sobre a mesa: — Deixa-me contar o resto. Perguntei-lhe à queima-roupa o que queria comigo. Ele deu sinais de extrema repugnância em falar no assunto. Disse que não era tão urgente assim. O seu secretário, que na realidade é seu sócio, não se achava presente, pois tinha descido ao pier para dar uma olhadela ao bote. Finalmente, o sujeito propôs adiar até depois de amanhã certa comunicação que tinha para me fazer. Concordei, mas também lhe disse que não tinha a menor ansiedade de ouvi-la. Não via em que me podiam interessar os seus negócios.

“ — Ah, sr. Heyst — disse ele, — o senhor e eu temos muito mais coisas em comum do que imagina.”

Inesperadamente, Heyst bateu com o punho na mesa.

— Era um remoque, tenho certeza!

Pareceu envergonhar-se do seu ímpeto e sorriu levemente para os olhos imóveis da moça.

— Que podia eu fazer, ainda que tivesse os bolsos cheios de revólveres?

Ela fez um gesto de compreensão, e murmurou:

— Matar é um pecado, sem dúvida alguma.

— Retirei-me — continuou Heyst. — Deixei-o lá, deitado sobre o lado e com os olhos fechados. Ao entrar aqui, encontrei-te com ar de doente. Que era aquilo, Lena? Que susto me deste! Depois, enquanto descansavas, tive a conversa com Wang. Estavas dormindo tranquilamente. Sentei-me aqui na sala para considerar todas essas coisas com calma, tratar de penetrar no seu sentido íntimo e nas suas relações externas. Estes dois dias que temos diante de nós me pareceram uma espécie de trégua. Quanto mais pensava, mais sentia que isso tinha ficado tacitamente entendido entre Mr. Jones e eu. A vantagem era nossa, se alguma coisa pode trazer vantagem a pessoas tão completamente indefesas como nós. Wang tinha ido embora. Ele, pelo menos definira-se, mas como eu não sabia o que ele poderia entender de fazer, achei conveniente avisar essa gente de que já não era responsável pelo chinês. Não desejava que o sr. Wang fizesse alguma coisa capaz de precipitar a ação dos outros contra nós. Compreendes este ponto de vista?

Ela fez um sinal afirmativo. Toda a sua alma banhava-se na ardente resolução, numa fé exaltada em si mesma — na contemplação do maravilhoso ensejo que tinha de conquistar a certeza, a eternidade do amor desse homem.

— Nunca vi dois homens mais agitados com uma notícia do que Jones e o seu secretário — dizia Heyst, — pois o outro já tinha voltado para o bangalô. Não

sentiram a minha aproximação; Eu lhes pedi desculpa por ser importuno.

“— Absolutamente, absolutamente! — respondeu Jones.

“O secretário recuou para um canto e ficou a me observar como um gato desconfiado. A verdade é que os dois estavam visivelmente em guarda.

“— Vim — disse-lhe eu — para informá-los de que o meu criado desertou... foi embora.

“A princípio eles se entreolharam como se não tivessem compreendido. Mas logo tomaram um ar inquieto.

“— Quer dizer que o seu chim levantou voo? — disse Ricardo, saindo do seu canto. — Assim de repente? Por que fez ele isso?

“Respondi que um chinês sempre tem uma razão simples e definida para tudo que faz, mas não é tão fácil obrigá-lo a confessar essa razão. Tudo que ele me tinha dito era que “não gostava”.

“Ao ouvir isto, os dois pareceram extremamente perturbados. Queriam saber de que era que ele não gostava.

“— Do aspecto do senhor e dos seus companheiros — disse eu a Jones.

“— Asneira! — exclamou ele. E imediatamente Ricardo, o mais baixo, intrometeu-se na conversa.

“— Ele lhe disse isso? Por quem tomava o senhor, por uma criança? Ou o senhor pensa que nós somos bebês? Sem intenção de ofender, bem entendido. Aposto como o senhor vai dizer-nos agora que achou falta de alguma coisa.

“— Eu não lhes queria contar isso — disse eu, — mas o fato é que é verdade.

“Ele bateu na coxa.

— Já previa isto. Que lhe parece esta peça, patrão?

“Jones fez-lhe um sinal qualquer, e aquele seu extraordinário parceiro com cara de gato propôs ajudar-me, com o criado dos dois, a pegar o chim vivo ou morto.

“Respondi que o meu objetivo não era obter auxílio. Não tencionava dar caça ao chinês. Fora lá apenas para preveni-los de que ele estava armado, e realmente não se conformava com a presença dos três na ilha. Queria dar-lhes a entender que eu não era responsável por qualquer coisa que acontecesse.

— Quer então dizer-nos — perguntou Ricardo — que há um chinês louco, à solta com um revólver de seis tiros nesta ilha, e que o senhor não se importa com isso?

“O estranho é que eles não pareciam acreditar na minha história. Não cessavam de trocar olhares significativos. Ricardo chegou perto do patrão

furtivamente, os dois confabularam e depois aconteceu uma coisa que eu não esperava. É mesmo um pouco embaraçoso.

“Como eu não queria aceitar o auxílio deles para pegar o chim e reaver minha propriedade, podiam ao menos me emprestar o criado. Quem disse isso foi Jones, e Ricardo apoiou.

— Sim, sim... que o nosso Pedro cozinhe para todos nós aqui. Ele não é tão mau quanto parece. E é o que ele vai fazer!

“Saiu para a varanda e chamou Pedro com um assobio estridente. Depois de ouvir o grunhido do bruto em resposta, Ricardo voltou correndo.

“— Sim, sr. Heyst. É um excelente arranjo, sr. Heyst. Basta que o senhor lhe dê instruções para fazer todo o serviço costumeiro da casa, entende?

“Lena, confesso que me pegaram completamente desprevenido. Não esperava semelhante coisa. Nem sei mesmo o que esperava. Estou tão inquieto por você por não poder me livrar desses velhacos infernais... E dois meses atrás não me importaria com eles. Teria desafiado sua velhacaria assim como zombei de todas as outras intrusões da vida. Mas agora tenho você! Você entrou na minha vida, e...”

Heyst respirou fundo. A moça deu-lhe um rápido olhar, com os olhos bem abertos.

— Ah! É nisso que está pensando... que me tem!

Era impossível ler os pensamentos velados pelos seus firmes olhos cinzentos, penetrar o sentido dos seus silêncios, das suas palavras, e até dos seus amplexos. Heyst costumava sair de entro os seus braços com uma sensação de logro.

— Se não a tenho comigo, se não está aqui, então onde você está? — exclamou ele. — Você me compreende perfeitamente!

Lena sacudiu um pouco a cabeça. Seus lábios rubros, que ele estava contemplando agora, seus lábios tão fascinantes como a voz que deles brotava, pronunciaram estas palavras:

— Estou ouvindo o que diz, mas o que significa?

— Significa que eu poderia mentir, e talvez até me rebaixar por você.

— Não! Não! Nunca faça isso — disse ela precipitadamente, enquanto os seus olhos tomavam um brilho súbito. — Ia me odiar depois!

— Odiar? — Repetiu Heyst, que reassumira os modos polidos. — Não! Não precisa considerar os extremos do improvável... por enquanto. Mas confesso que eu... como direi?... que eu dissimulei. Primeiro dissimulei minha consternação com o resultado imprevisito da minha diplomacia idiota. Compreende, minha querida menina?

Era evidente que ela não compreendia a palavra. Heyst mostrou o seu sorriso brincalhão, que contrastava de modo estranho com o todo da sua expressão aflita. Suas têmporas pareciam ter-se afundado, e o rosto afigurava-se mais fino.

— Uma declaração diplomática, Lena, e uma declaração em que tudo é verdadeiro, menos o sentimento que parece inspirá-la. Nunca fui diplomata nas minhas relações com a humanidade... não por consideração com os sentimentos dos outros, mas para poupar os meus. A diplomacia não se casa bem com o desprezo consistente. Eu dava pouco pela vida e ainda menos pela morte.

— Não fales assim!

— Dissimulei o meu intenso desejo de agarrar pelo gasnete aqueles velhacos sem paradeiro — prosseguiu ele. — Só tenho duas mãos (quem me dera ter cem para te defender!), e as gargantas eram três. Já então, o tal Pedro estava também no quarto. Se me visse às voltas com as gargantas dos seus patrões, teria saltado à minha como um cão feroz ou qualquer outro bruto selvagem e fiel. Não tive dificuldade em dissimular o meu desejo de empregar o argumento desesperado, vulgar e estúpido da luta. Repliquei que não necessitava realmente de um criado. Repugnava-me privá-los dos serviços do seu homem. Mas eles não me quiseram escutar. Estavam decididos.

“ — Vamos mandá-lo imediatamente — disse Ricardo, — para começar a preparar o jantar para todos. Espero que o senhor não se incomode por eu ir comer em sua mesa no bangalô. Quanto ao jantar do patrão, manda-se para cá.

“Tudo que eu podia fazer era ficar calado ou armar uma contenda, provocar alguma manifestação dos intuitos tenebrosos desses homens, aos quais não temos meios de resistir. Naturalmente, poderás continuar invisível esta noite; mas com esse bruto atroz a rondar pelos fundos da casa o dia inteiro, quanto tempo ainda poderemos ocultar a tua presença a esses homens?

Sentia-se no silêncio de Heyst a sua tortura. A cabeça da moça, sustentada pelas mãos Que mergulhavam nos bastos cabelos, conservava uma imobilidade perfeita.

— Tens certeza de que não foste vista até agora? — perguntou ele de repente. .

Acabeça imóvel falou.

— Como posso ter certeza? Disseste-me para me esconder, e assim fiz. Não te perguntei a razão disso. Julguei que não querias que soubessem que tinhas contigo uma moça como eu.

— O que! Por vergonha? — exclamou Heyst.

— Talvez não seja direito... para ti, quero dizer. Será direito?

Heyst ergueu as mãos ao alto, repreensivo e cortês.

— Considero isso tão direito que não posso tolerar que te contemplem olhos sem simpatia ou respeito. Desde o começo me desagradaram esses sujeitos, e desconfiei deles. Então não compreendeste?

— Sim, eu me escondi — disse ela.

Fez-se um silêncio entre ambos. Afinal Heyst moveu-se um pouco.

— Tudo isso é agora de muito pouca importância — disse suspirando. — Trata-se de coisa infinitamente pior que simples olhares e pensamentos, por mais baixos e desprezíveis que sejam. Como te disse, respondi com o silêncio aos alvitreiros de Ricardo. Quando eu me ia retirando ele disse:

“— Se o senhor tem aí por acaso a chave daquela sua dispensa, sr. Heyst, pode até me entregar, que eu a darei, ao nosso Pedro.

“Eu tinha a chave comigo, e a estendi ao homem sem dizer uma palavra. A peluda criatura, que nesse momento estava à porta, apanhou no ar a chave que Ricardo lhe atirou, com mais destreza do que o teria feito um macaco adestrado. Retirei-me então. Enquanto falava com eles não cessava de pensar em ti com ansiedade. Deixara-te a dormir aqui, sozinha e, ao que parecia, doente”.

Heyst interrompeu-se, voltando a cabeça como quem escuta. Ouvira um ligeiro ruído de gravetos que estavam quebrando nos fundos. Levantou-se e atravessou a sala para ir olhar pela porta traseira.

— E aí está a criatura — disse voltando para a mesa.

— Aí está ele, tratando já do fogo. Ah, minha querida Lena!

Ela o tinha seguido com os olhos. Observou-o enquanto saía cautelosamente para a varanda da frente. Heyst baixou com movimentos furtivos dois estores que havia entre as colunas, e ficou ali muito quieto, como que interessado em alguma coisa lá fora. Entrementes, Lena também se erguera para dar uma espreitadela aos fundos da casa. Heyst, olhando por cima do ombro, a viu voltar para a sua cadeira. Fez-lhe um sinal e ela prosseguiu, atravessando a sombria sala, luminosa e pura no seu vestido branco, os cabelos soltos e com um certo ar de sonâmbula nos seus calmos movimentos, na mão estendida, nos olhos cinzentos a brilhar na penumbra, dando a impressão de que não enxergavam. Ele nunca lhe tinha visto semelhante expressão no rosto. Havia nela devaneio, uma atenção intensa, e uma espécie de severidade. Detida à porta pelo braço estendido do amigo, pareceu acordar, corou ligeiramente — e esse rubor, ao desaparecer, levou consigo a estranha transfiguração. Com um gesto corajoso ela jogou para trás a pesada cabeleira. A luz

batia-lhe na testa. Suas narinas delicadas freMIam. Heyst agarrou-lhe o braço e murmurou em voz excitada:

— Passa para cá, depressa! Ficarás escondida atrás dos estores. Mas cuidado com o vão da escada. Eles estão aí fora... refiro-me aos outros dois. Convém que os vejas antes que...

Ela teve um movimento de recuo, apenas perceptível, e depois ficou imóvel. Heyst soltou seu o braço.

— Sim, talvez seja melhor — disse Lena com uma resolução estranha, e foi postar-se junto dele na varanda.

Um de cada lado do estore, espreitaram entre a borda da tela e a coluna da varanda engrinaldada de trepadeiras. Um grande calor subia do chão ferido pelo sol, numa eterna onda ascendente, que parecia provir de algum depósito secreto no seio ardente da terra, pois o céu já ia refrescando e o sol declinara o bastante para que as sombras de Mr. Jones e seu auxiliar se projetassem lado a lado sobre o bangalô — uma infinitamente esguia, curta e ancha a outra.

Os dois forasteiros estavam parados e olhavam. Para manter a ficção da sua enfermidade, Mr. Jones, o gentleman, apoiava-se ao braço de Ricardo, o secretário. A copa do chapéu deste dava pelos ombros do seu patrão.

— Você os vê? — cochichou Heyst ao ouvido da moça. — Ei-los, os emissários do mundo exterior. Aí os tem: a inteligência maligna e a selvageria instintiva de braço dado. A força bruta, está lá nos fundos. Três embaixadores muito aptos, talvez... mas o que diz da recepção? Se eu estivesse armado, seria capaz de meter uma bala nesses dois, onde estão? Seria capaz?

Sem mexer a cabeça, a moça procurou a mão de Heyst, apertou-a e não a soltou mais. Ele continuou, brincalhão e amargo:

— Não sei. Não acredito. Há em mim qualquer coisa que me impõe a insensata obrigação de evitar a própria ideia de matar. Nunca apertei um gatilho e nunca levantei a mão para um homem, nem mesmo em legítima defesa.

Sentindo-a apertar de repente sua mão com mais força, ficou calada.

— Estão se mexendo — murmurou Lena.

— Pensarão em vir aqui? — perguntou Heyst com ansiedade.

— Não, não vêm para este lado,

Houve outra pausa.

— Vão voltando para a casa deles — informou Lena finalmente.

Depois de os ter observado ainda um pouco, soltou a mão de Heyst e afastou-se do estore. Ele a seguiu para dentro da sala.

— Já os viu. Imagine o que foi para mim vê-los em terra ao anoitecer, fantasmas do mar... aparições, quimeras! Mas não se dissipam. Isto é o pior de tudo... eles continuam! Não têm o direito de existir — mas existem. Devia me enfurecer. Mas já estou a tal ponto refinado que todos os sentimentos instintivos me abandonaram — a cólera, a indignação, o próprio desprezo. Só resta a repugnância. E depois que me contou aquela abominável calúnia, ela se tornou imensa... ao ponto de se estender a mim mesmo.

Tirou os olhos do chão e pousou-os nela.

— Mas, por sorte, tenho você. E se Wang não tivesse levado aquele miserável revólver... Sim, Lena, aqui estamos nós dois!

Ela pousou ambas as mãos nos seus ombros e olhou-o no fundo dos olhos. Heyst retribuiu esse olhar penetrante, cujo sentido se lhe esquivava. Não pôde devassar o véu cinzento daqueles olhos, mas a tristeza da voz de Lena o emocionou profundamente.

— Não está me censurando? — perguntou ela devagar.

— Censurar? Que palavra para ser pronunciada entre nós dois! Só poderia censurar a mim mesmo... mas ao falar em Wang tive uma ideia. Tenho estado... não exatamente me aviltando, não exatamente mentindo, mas dissimulando. Quanto a você, se esconde para me ser agradável, mas se esconde. Tudo isso é muito honroso. Por que não experimentamos também suplicar? Uma nobre arte! Sim, Lena, devemos sair juntos. Eu não poderia deixá-la só, e tenho... sim, tenho que falar com Wang. Vamos procurar esse homem, que sabe o que quer e sabe obter o que quer. Vamos sem demora!

— Espere que eu penteie o cabelo — disse ela, concordando imediatamente, e desapareceu atrás da cortina.

Quando esta tornou a cair Lena virou os olhos para trás com uma expressão de infinita ternura por ele — por esse homem que ela não esperava compreender jamais, e a quem receava nunca poder satisfazer; como se a sua paixão fosse de uma qualidade irremediavelmente baixa, incapaz de apaziguar algum desejo delicado e sublimado da alma superior de seu companheiro. Dentro de dois minutos tornou a aparecer. Saíram da casa pela porta dos fundos e passaram a um metro do estarecido Pedro, sem mesmo olhar para o seu lado. O criado endireitou o corpo, que estava curvado sobre um fogo de gravetos, equilibrou-se desajeitadamente e descobriu as enormes presas num assombro boquiaberto. Subitamente, partiu rolando nas pernas tortas para participar aos seus amos o espantoso descobrimento de uma mulher.

VI

Quis a sorte que Ricardo estivesse tomando ar, sozinho, na varanda da antiga contadoria. Farejou logo uma novidade e desceu a escada correndo para ir ao encontro daquela figura de urso que se aproximava a trote. Os grunhidos profundos que lançava, embora tivessem apenas uma remota semelhança com a língua espanhola, ou mesmo com qualquer linguagem humana, eram, pela longa prática, perfeitamente inteligíveis ao secretário de Mr. Jones. Ricardo estava um tanto surpreso. Imaginara que a mulher se conservaria oculta às vistas. Tinham, ao que parecia, aberto mão dessa política. Não suspeitava dela. Como poderia suspeitar? Considerava-a com serenidade.

Procurava afastar do espírito a imagem dela, afim de poder utilizar suas faculdades com um pouco dessa calma que requeria a natureza complexa da situação, tanto em seu interesse pessoal como na qualidade de fiel acompanhador de Mr. Jones, cavalheiro.

Concentrou as ideias. Era uma mudança de tática, obra talvez de Heyst. Sendo assim, que poderia significar? O sujeito tinha voltas! Ou então seria inspiração dela, e neste caso... hum! muito bem! Com certeza era. Ela havia de saber o que estava fazendo.

Diante dele, Pedro balançava o corpo para os lados, erguendo os pés alternativamente — sua atitude habitual de expectação. Os olhinhos vermelhos, perdidos entre o pelame da cara, estavam imóveis. Ricardo fitou-os com desprezo estudado e disse numa voz áspera e colérica:

— Mulher! Está claro que há uma mulher. Não precisamos de ti para saber disso!

Deu um empurrão ao monstro.

— Vamos, toca! Mexe-te! Vai preparar o jantar! Para que lado foram eles, hein?

Pedro indicou a direção estendendo o enorme braço peludo, e foi-se com as suas pernas tortas. Ricardo avançou alguns passos e pôde ainda enxergar, por cima dos arbustos, dois capacetes brancos que se moviam lado a lado na clareira. Desapareceram. Agora que lograra impedir Pedro de informar o patrão da existência de uma mulher na ilha, podia entregar-se a cogitações sobre os movimentos daqueles, dois. Sua atitude perante Mr. Jones passara por uma modificação de que ele próprio ainda não tinha plena consciência.

Nessa manhã, antes do almoço e após a sua fuga do bangalô de Heyst,

completada de tão inspiradora maneira pela reconquista do chinelo, Ricardo dirigira-se para a casa em que estavam alojados, a cambalear enquanto corria, com a cabeça dando voltas. Ia extremamente agitado com visões promissoras e extraordinárias. Parou para se dar compostura antes de fazer face ao patrão. Ao entrar no quarto encontrou Mr. Jones sentado na cama de campanha, qual um alfaiate na sua esteira, com as pernas cruzadas e o longo dorso encostado à parede,

— Olhe, meu chefe! O senhor não vai me dizer agora que está enfasiado, hein?

Enfasiado? Não! Onde diabo esteve você todo este tempo?

— Observando... vigiando... farejando. Que mais podia ser? Sabia que o senhor tinha companhia. Conversou bastante, patrão?

— Conversei sim — grunhiu Mr. Jones.

— Mas não mostrou as castas, patrão?

— Não. Desejei que você estivesse aqui. Você passa toda a manha vadiando por aí e volta para cá esbaforido. Que foi que aconteceu?

— Não andei perdendo o meu tempo — disse Ricardo,

Não aconteceu nada. Talvez... talvez me tenha apressado um pouco.

Ainda estava arquejante, com efeito. Apenas, não era a corrida que o deixava assim, mas o tumulto de pensamentos e sensações longo tempo reprimidos, e que a aventura da manhã tinha libertado. Já se iam tornando quase uma angústia. Ricardo esquecia-se de si mesmo num labirinto de possibilidades, ameaçadoras umas, inspiradoras outras.

— Então conversaram muito? — perguntou de novo, para ganhar tempo.

— Vá para o diabo! Será que o sol lhe torrou os miolos? Por que me encara você como um basilisco?

— Perdão, meu senhor. Não sabia que o estava encarando — desculpou-se Ricardo de bom humor. — Este sol bem pode atravessar um crânio mais grosso do que o meu. É um braseiro. Puxa! Por quem é que o senhor me toma... por uma salamandra?

— Você devia ter ficado aqui.

— O animal deu sinais de querer encrencar? — indagou Ricardo rapidamente, com uma candura autêntica. — Isso não nos conviria, patrão. O senhor deve tratá-lo com macieza, ao menos por um ou dois dias. Tenho um plano. Palpita-me que descobrirei muita coisa nesses dois dias.

— Realmente? De que maneira?

— Ora... observando — respondeu Ricardo devagar.

Mr. Jones soltou um grunhido.

— Isso não é nenhuma novidade. Observando, hein? Por que não reza um pouco, também?

— Ah, ah, ah,! Esta é boa! — exclamou Ricardo, considerando Mr. Jones com um olhar sério.

O patrão abandonou o assunto, com indolência.

— Sim, você tem pelo menos um ou dois dias garantidos.

Ricardo recobrou a tranquilidade. Seus olhos luziam voluptuosamente.

— Ainda havemos de dar solução a isto, e com limpeza, sem dificuldades, se o senhor tiver confiança em mim.

— Estou confiando em você, não há dúvida — disse Mr. Jones. — Aliás, o interesse também é seu.

E, efetivamente, a afirmação de Ricardo era assaz verídica. Tinha, agora, fé absoluta no sucesso. Mas não podia dizer ao seu chefe que arranjara cúmplices no campo inimigo. Falar-lhe na mulher seria desastroso. Só o diabo sabia o que faria Mr. Jones se tivesse notícia da existência de uma mulher na ilha. E como poderia começar a informá-lo? Não havia jeito de lhe confessar o seu recente atentado.

— Havemos de levar isto a cabo, patrão — disse ele com uma alegria perfeitamente simulada. Sentia crescer no seu coração uns ímpetos de júbilo terrível, ardentes como chamas atçadas.

— Temos de fazê-lo — concluiu Mr. Jones. — Esta, Ricardo, não é igual às nossas outras tentativas. Considero-a com um sentimento especial. É uma coisa diferente, uma espécie de prova das nossas capacidades.

As maneiras do patrão impressionaram Ricardo. Era a primeira vez que se podia descobrir nele um sinal de paixão. Também a palavra “prova” se afigurou ao secretário, não sabia bem por que, particularmente significativa. Foi a última palavra pronunciada entre os dois naquela manhã. Logo depois Ricardo saiu para fora. Era impossível ficar parado. Não lhe permitia um sentimento de euforia, em que uma doçura extraordinária se mesclava a um feroz triunfo. Esse sentimento também não o deixava pensar. Esteve até a tarde caminhando de um lado para outro na varanda, e olhando para o bangalô a cada volta que dava. A casa parecia desabitada. Uma ou duas vezes ele estacou para considerar o seu chinelo esquerdo. Em cada uma dessas ocasiões teve um riso gutural e bem audível. Seu desassossego foi crescendo, até que chegou a lhe fazer medo. Segurou o parapeito da varanda e imobilizou-se, sorrindo não aos seus pensamentos, más por causa da intensa sensação de vida que lhe estuava no interior. Abandonava-se a essa sensação

descuidosamente, com temeridade mesmo. Pouco lhe importavam os outros, amigos ou inimigos. Nesse momento Mr. Jones chamou-o pelo nome, lá dentro. Uma sombra toldou a fisionomia do secretário.

— Já vai, patrão — respondeu. Mas levou ainda um momento para se decidir a entrar.

Encontrou o patrão em pé. Mr. Jones estava cansado da cama, e não havia necessidade de permanecer deitado. A figura esguia, que deslizava pelo quarto, parou.

— Estive pensando numa coisa que você me sugeriu, Martin. Na ocasião o alvitre não me pareceu prático, mas refletindo bem parece-me que propor uma partida de cartas é uma maneira tão boa como outra qualquer de dar a entender a ele que chegou a hora de desembuchar. É menos... como direi?... menos vulgar. Ele me entenderá. Dá-se assim uma boa aparência ao negócio... que em si mesmo é brutal, Martin, brutal.

— Quer poupar-lhe os sentimentos? — escarneceu o secretário, em tom tão acre que Mr. Jones ficou realmente surpreendido.

— Como, se a ideia foi sua mesmo, que demônio!

— Eu não digo o contrário — retrucou Ricardo, de mau modo. — Mas já estou farto de andar de rastos. Não! Não! Descubramos onde está a presa e passemos a faca no sujeito. Não merece mais que isso.

Com as suas paixões assim despertadas, uma sede de sangue aliara-se nele à sede de ternura... sim, de ternura! Uma espécie de sensação ansiosa e dissolvente lhe invadia o coração e o amolecia, ao pensamento daquela mulher — uma mulher da sua classe. Ao mesmo tempo, o ciúme começara a roer-lhe as entranhas com a intrusão da imagem de Heyst no seu antegozo ardente da felicidade.

— A sua ferocidade é positivamente revoltante, Martin — disse Mr. Jones, com desdém. — Você nem sequer compreende a minha intenção. Quero divertir-me um pouco com ele. Faça ideia da atmosfera em que se desenrolará a partida... O sujeito com as cartas na mão... que mortal ironia! Oh, eu hei de apreciar isso imensamente. Sim, que ele perca o seu dinheiro em lugar de ser forçado a entregá-lo. Você, naturalmente, preferiria matá-lo logo, mas eu quero gozar essa pilhéria refinada. Como ele vai ficar enfurecido e humilhado! Estou prometendo a mim mesmo alguns momentos deliciosos, que passarei a observá-lo enquanto jogar.

— Sim, mas suponha que ele comece de repente a armar baralho! Não há de gostar da brincadeira.

— Quero que você esteja presente — observou Mr. Jones em tom calmo.

— Bem, desde que eu tenha permissão de saqueá-lo e de estripá-lo quando julgar chegada a hora, desejo-lhe bom proveito do seu pequeno divertimento, meu senhor. Eu não o estragarei.

VII

Fora nesse instante preciso da conversação que Heyst se havia introduzido na presença de Mr. Jones e de seu secretário para adverti-los a respeito de Wang, conforme contara depois a Lena. Quando os deixou os dois entreolharam-se num silêncio admirado. Mr. Jones foi o primeiro que falou.

— Martin!

— Sim, patrão?

— Que significa isto?

— É alguma manobra. Que me enforcem se entendo!

— Não pode com a astúcia dele? — perguntou Mr. Jones secamente.

— Isso não é mais que uma amostra do infernal descaramento desse tipo — rosnou o secretário. O senhor não acredita em tudo o que ele disse sobre o chinês, hein, patrão? É mentira.

— Não é preciso que isso seja verdade para ter um significado para nós. O importante é a vinda dele para nos contar isso.

— Julga que ele tenha inventado a história para nos meter medo?

Mr. Jones franziu o sobrolho, considerando o secretário com expressão pensativa.

— O homem parecia inquieto — disse ele, como se falasse consigo mesmo. — E se esse chinês tivesse mesmo roubado o dinheiro dele? O homem me pareceu muito preocupado.

— Simples esperteza dele, meu senhor — protestou Ricardo com veemência, pois não podia admitir a inquietadora ideia. — Acha provável que o chinês estivesse tão bem informado sobre o paradeiro do dinheiro? Pois se seria justamente disso que ele faria o maior segredo! Há outra coisa aí. Sim, mas que será?

— Ah ah, ah! — riu Mr. Jones espectralmente, aos gritinhos agudos. — Até hoje não me tinha visto em situação tão ridícula — continuou, com sepulcral equanimidade. — Foi você, Martin, que me meteu nela. Em todo caso, eu também tenho culpa. Eu devia... mas estava enfasiado demais para fazer uso dos miolos, e os seus não merecem confiança. Você é uma cabeça esquentada!

Ricardo deixou escapar uma exclamação blasfematória de pesar. Não merecia confiança! Cabeça esquentada! Quase vertia lágrimas.

— Não lhe ouvi dizer mais de vinte vezes, meu senhor, desde que nos expulsaram de Manila, que nós precisaríamos de muito capital para explorar a costa oriental da África? O senhor sempre me dizia que para deixar bastante influídos

aqueles funcionários e aqueles portugueses sovinas tínhamos de começar por perder muito. Não andava sempre pensando num meio de conseguir uma boa bolada? Como poderíamos consegui-la enfasiando-se o senhor naquele maldito lugarejo holandês, jogando a dois vinténs com uns miseráveis empregadinhos de banco e gente dessa laia? Pois bem, eu o trouxe aqui, onde podemos arranjar dinheiro sonante, e em penca, por sinal — a juntou, entre os dentes cerrados.

Fez-se um silêncio. Cada um deles fitava os olhos num canto diferente do quarto. Súbito, batendo de leve com o pé no chão, Mr. Jones dirigiu-se para a porta. Ricardo foi ter com ele lá fora.

— Enfie o seu braço no meu, patrão — rogou em tom suave mas firme. — De nada serve denunciar-nos. Um doente bem pode sair para tomar a fresca, depois que o sol baixou um pouco, veja bem. Mas aonde é que o senhor quer ir? Por que saiu, patrão?

Mr. Jones estacou.

— Nem eu mesmo sei com certeza — confessou num murmúrio cavo, olhando atentamente para o bangalô do Número Um. — Isto é perfeitamente absurdo — disse em tom ainda mais baixo.

— É melhor voltar para dentro, patrão — insinuou Ricardo. — Que é aquilo? Aqueles estores não estavam baixados esta manhã. Aposto como ele está espiando agora por trás deles... o bruto fingido, manhoso, sorrateiro!

— Por que não vamos lá para ver se lhe descobrimos o jogo? — propôs Mr. Jones inesperadamente. — Ele terá de se explicar conosco.

Ricardo conteve um estremecimento de consternação, mas esteve um momento sem poder falar. Limitou-se a apertar instintivamente a mão de Mr. Jones contra o seu corpo.

— Não, patrão. Que iria o senhor dizer-lhe? Espera por acaso encontrar o fundo das mentiras desse sujeito? Como poderia obrigá-lo a falar? Ainda não chegou a hora de por as cartas na mesa. O senhor decerto não me julga capaz de recuar, hein? O china, claro que eu lhe meterei uma bala assim que o veja, como quem mata um cachorro. Mas quanto a esse sr. Heyst do inferno, ainda não chegou a sua hora. De nós dois, quem tem a cabeça mais sólida agora sou eu. Voltemos para dentro. O senhor está se expondo aqui. Imagine se ele se lembrar de atirar em nós! É um sonso, um hipócrita em quem não se pode confiar.

Mr. Jones deixou-se persuadir e tornou à sua reclusão. O secretário, contudo, ficou na varanda — afim, explicou ele, de ver se o china não andava espionando por ali, caso em que pretendia atirar mesmo de longe no labrego, enfrentando os

riscos. A verdade era que ele queria estar só, longe dos olhos encovados do seu patrão. Sentia o desejo sentimental de entregar-se aos seus devaneios na solidão. Uma grande mudança se operara no sr. Ricardo desde aquela manhã. Uma boa metade da sua natureza, que a prudência, a necessidade e a lealdade tinham conservado adormecida, despertava agora tingindo-lhe os pensamentos e perturbando o seu equilíbrio mental com a visão de extraordinárias eventualidades, como, por exemplo, a possibilidade de um conflito ativo com o seu chefe. O aparecimento de Pedro com a sua notícia arrancou Ricardo a uma cisma envolta no presságio de complicações iminentes. Uma mulher? Sim, havia uma mulher, e era isto o que fazia toda a diferença. Depois de afastar Pedro e de ver desaparecer os capacetes de Heyst e de Lena entre os arbustos, ficou perdido em reflexões.

— Aonde poderiam eles ir assim? —, perguntava consigo.

A resposta que encontrou a sua sagacidade, empregada a fundo, foi: à procura do china. Ricardo não acreditava na deserção de Wang. Isto era uma ficção, e parte importante de um perigoso plano. Heyst tinha ido combinar nova manobra. Ricardo, porém, estava seguro de que a garota era por ele — aquela garota cheia de coragem, de perspicácia, de compreensão, uma aliada da sua própria casta! Voltou vivamente para dentro. Ms. Jones reassumira a sua postura, com as pernas cruzadas na cabeceira da cama e as costas apoiadas à parede.

— Alguma novidade?

— Não, meu senhor.

Ricardo pôs-se a caminhar sossegadamente pelo quarto, como se tivesse o espírito em paz com o mundo inteiro. Trauteava trechos de canções. Ao ouvir isto Mr. Jones ergueu as finas sobrancelhas. O secretário pôs-se de joelhos diante de uma velha mala de couro e, depois de remexer nela, tirou um espelhinho de mão. Esteve examinando a sua fisionomia com silenciosa absorção.

— Acho que vou fazer a barba — resolveu afinal, levantando.

Deitou um olhar de esguelha ao seu chefe e tornou a fazê-lo várias vezes durante a operação, que não tomou muito tempo. Continuou ainda a relanceá-lo com o rabo do olho depois, quando, tendo guardado os apetrechos de barbear, voltou a caminhar de um lado para outro no quarto, cantarolando novos trechos de canções desconhecidas. Mr. Jones mantinha uma imobilidade completa, comprimindo os lábios finos, os olhos velados. Suas feições pareciam esculpidas em madeira.

— Então o patrão tem vontade de jogar uma partida com esse velhaco? — disse Ricardo, parando subitamente e esfregando as mãos.

Mr. Jones não deu sinal de ter ouvido.

— Sim, por que não? Por que não lhe proporcionar essa experiência? O senhor se lembra daquela cidadezinha mexicana?... Como se chamava mesmo? Lembra-se daquele salteador que pegaram nas montanhas e condenaram a ser fuzilado? Ele jogou até mais de meia-noite com o carcereiro e com o xerife. Pois bem, este sujeito também está condenado. Convém que ele lhe dê alguma distração. Que demônio, um cavalheiro precisa divertir-se um pouco! E o senhor tem sido de uma paciência rara, patrão.

— Você é que ficou de uma volubilidade rara, de repente — observou Mr. Jones em voz enfastiada. — Que foi que lhe aconteceu?

O secretário cantarolou ainda um pouco, e disse:

— Tratarei de trazê-lo aqui para passar o tempo com o senhor esta noite, depois do jantar. Não se preocupe se eu não estiver aqui, patrão. Andarei farejando por aí... entende?

— Entendo — motejou Mr. Jones com ar lânguido. — Más que é que você tenciona descobrir no escuro?

Ricardo não respondeu. Depois de dar mais uma volta ou duas, desapareceu do quarto. Já não se sentia à vontade sozinho com o seu patrão.

VIII

Entrementes, Heyst e Lena se aproximavam da cabana de Wang, caminhando com certa pressa. Heyst pediu à moça que esperasse e subiu a escadinha de bambu que conduzia à porta. A fumarenta casa estava vazia, tal como ele esperava, salvo um grande cofre de sândalo, muito pesado para que se pudesse retirá-lo dali às pressas. A tampa estava aberta, e o cofre nada mais continha. Wang levava consigo tudo que possuía. Sem se demorar mais dentro da cabana, Heyst voltou para junto da moca. Esta não lhe fez perguntas, com aquele seu estranho ar de saber ou de compreender todas as coisas,

— Sigamos adiante — disse ele.

E foi na frente, seguido pelo frufu da saia branca de Lena. Penetraram nas sombras da floresta, trilhando a senda habitual dos seus passeios. Embora o ar estivesse pesado entre os troncos retos e nus, as manchas de luz tremulavam no chão, e Lena, erguendo os olhos, viu muito no alto a agitação das folhas, o estremecimento superficial dos possantes galhos estendidos horizontalmente, na perfeita imobilidade da paciência. Duas vezes Heyst olhou para ela, por cima do ombro. Atrás do sorriso com que ela lhe respondia prontamente havia um fundo de paixão dedicada e concentrada, ardendo no desejo de uma satisfação mais perfeita. Passaram pelo sítio de onde costumavam desviar-se para o cume escavado da colina central. Heyst, contudo, seguiu adiante, buscando o limite superior da floresta. Assim que deixaram o abrigo das árvores envolveu-os uma brisa e uma grande nuvem, tapando o sol, comunicou a todas as coisas um matiz sombrio especial. Heyst apontou para um caminho íngreme e irregular que sarjava a encosta da colina. Ia terminar numa barricada de árvores abatidas, obstáculo de concepção primitiva que muito trabalho devia ter custado a erigir naquele sítio.

— Isto — explicou Heyst no seu tom urbano — é uma barreira contra a marcha da civilização. Essa pobre gente que vive no outro lado não gostou dela, conforme lhe apareceu sob a forma da companhia de carvão — um grande passo à frente, segundo costumava chamar-lhe certa gente, com mal empregada confiança. O pé levado à frente tornou a recuar, mas a barricada ficou.

Continuaram a subir devagar. A nuvem tinha passado, deixando após si uma luz ainda mais rutilante a inundar a face do mundo.

— Isto é bem ridículo — prosseguiu Heyst, — mas o fato é que é um produto do medo sincero... medo do desconhecido, do incompreensível. Também é, de certo modo, patético. Desejo de todo o coração, Lena, que nós vivêssemos do outro lado.

— Oh, para, para! — gritou ela, segurando-lhe o braço.

Sobre o alto da barricada, da qual se iam aproximando, haviam empilhado novas ramadas recém-cortadas. As folhas ainda estavam verdes. Agitava-as uma branda viração que roçava pelo topo. Mas o que havia sobressaltado a moça era a descoberta de várias pontas de lança que surgiam entre a folhagem. Avistara-as de súbito e muito distintamente, embora elas não reluzissem ao sol, imóveis e com um aspecto ameaçador,

— E melhor que eu siga sozinho, Lena.

Ela puxava-o obstinadamente pelo braço. Mas ao cabo de algum tempo, durante o qual não cessou de fitar com expressão risonha os seus olhos terrificados, Heyst terminou por se desvencilhar.

— Isto é mais um símbolo que uma demonstração — arguiu ele, com modos persuasivos. — Espera aqui um momento. Prometo não me aproximar muito.

Como num pesadelo, ela viu Heyst galgar os poucos metros que restavam de caminho, com ar de quem não pretendia parar nunca mais; ouviu a sua voz, semelhante às vozes que ouvimos em sonhos, bradar palavras desconhecidas numa inflexão que não era deste mundo. Heyst estava apenas pedindo para falar com Wang. Não o fizeram esperar muito tempo. Refazendo-se da primeira palpitação de terror, Lena notou um farfalhar na cabeleira verde da barricada. Soltou um suspiro de alívio quando as pontas de lança recuaram para dentro e desapareceram da vista — hediondas coisas! Em certo ponto, fazendo face a Heyst, duas mãos amarelas afastaram as folhas e uma cara veio preencher a pequena abertura, uma cara dotada de olhos muito conspícuos. Era, naturalmente, a cara de Wang, mas sem deixar entrever o corpo a que pertencia, como essas caras de papelão que ela se recordava de ter contemplado, em criança, na vitrina de uma loja escura da Kingsland Road, em Londres, propriedade de um homenzinho misterioso. Essa cara, porém, em lugar de simples buracos tinha olhos que pestanejavam. Lena distinguia o bater das pálpebras. As mãos que tinham aparecido aos lados da cara, para conservar os ramos afastados, também não tinham a aparência de pertencerem a algum corpo físico. Uma delas segurava um revólver, arma que ela reconheceu por simples intuição, nunca tendo visto até então um objeto daquela espécie.



Encostou os ombros a um penedo perpendicular e conservou os olhos fitos em Heyst, com relativa calma, visto que as pontas de lança não o ameaçavam mais. Atrás das costas rígidas e imóveis do companheiro, via a fantástica cara de papelão de Wang» que mexia os lábios finos e fazia caretas que pareciam artificiais. A distância era muito grande para que pudesse ouvir o diálogo, que se travou em voz natural. Esperou pacientemente que ele terminasse. Seus ombros separaram-se da tepidez do penedo; de quando em quando parecia vir de cima um sopro de ar mais fresco, envolvendo-lhe a cabeça. Do fundo do barranco atulhado de vegetação, que tinha aos pés, subia o débil e sonolento zunzum dos insetos. Tudo estava muito sossegado. Lena não notou o momento exato em que a cabeça de Wang sumiu entre a folhagem, levando consigo aquelas fantásticas mãos. Com horror seu, as pontas de lança tornaram a surgir deslizando vagarosamente. Arrepiaram-se-lhe os cabelos, mas, antes que ela tivesse tempo de soltar um grito, Heyst, que parecia ter criado raízes no chão, virou-se repentinamente e começou a descer para junto dela. Os seus grandes bigodes não conseguiam ocultar um sorriso mau, porém, irresoluto. E quando se aproximou o bastante para poder tocar nela explodiu numa risada áspera:

— Ah! ah! ah!

Amoça olhou para ele sem compreender. Heyst fez ponto no seu riso, e disse laconicamente:

— É melhor voltarmos pelo mesmo caminho.

Lena tornou a penetrar na floresta, em seguimento dele. O declinar da tarde encheu a floresta de sombras. Ao longe, uma réstia oblíqua de luz entre as árvores formava uma cortina que tapava a vista, e para além tudo era escuro. Heyst parou.

— Não há razão para nos apressarmos, Lena — disse no seu tom ordinário, sereno e polido. — Fomos mal sucedidos. Creio que tu sabes, ou pelo menos podes conjecturar, qual foi o fim que me trouxe aqui?

— Não, querido, não faço ideia — disse ela, sorrindo ao notar com emoção que o peito dele arquejava como se estivesse sem fôlego. Não obstante, Heyst tratou

de dominar a sua voz, fazendo apenas breves pausas entre as palavras.

— Não? Eu vim à procura de Wang. Subi aqui... — Tornou a cortar-se neste ponto a respiração de Heyst, mas foi a última vez. — Trouxe-te comigo porque não queria deixar-te desprotegida, na proximidade daqueles indivíduos.

Súbito, arrancou da cabeça o capacete de cortiça e arrojou-o ao chão.

— Não! — gritou com violência. — Tudo isto é demasiado fantástico. É intolerável! Não posso proteger-te! Não tenho o poder de fazê-lo.

Cravou nela os olhos arregalados e depois correu em busca do chapéu, que tinha saltado para longe. Voltou olhando-a no rosto, que estava muito pálido.

— Devia pedir-te perdão destas excentricidades — disse ele, tornando a por o chapéu na cabeça. — Um gesto de infantil petulância! Sinto-me, com efeito, quase uma criança na minha ignorância, na minha impotência, em tudo salvo na horrível consciência de uma ameaça que paira sobre a tua cabeça... a tua!

— E a ti que eles querem --murmurou ela.

— Sem dúvida, mas desgraçadamente...

— Desgraçadamente... o quê?

— Desgraçadamente, não tive êxito com Wang — disse ele. — Não consegui tocar-lhe no coração chinês... se é que tal coisa existe. Disse-me, com a horrível razoabilidade das gentes do seu país, que não nos podia deixar passar a barreira porque seríamos perseguidos. Ele detesta lutas. Deu-me a entender que me atiraria com o meu próprio revólver sem o menor remorso, de preferência a arriscar por minha causa uma desagradável batalha com aqueles estranhos bárbaros. Esteve pregando sermão aos habitantes da aldeia. Eles o respeitam. E o homem mais notável que conhecem, e seu parente por afinidade. Compreendem a sua política. Aliás, só restara mulheres, crianças e alguns velhos na aldeia. Esta é a quadra do ano em que os homens saem a trabalhar nos navios mercantes. Mas ainda que estivessem aí seria a mesma coisa. Nenhum deles gosta de lutas... e muito mais com homens brancos! São um povo pacato e bondoso que me veria morrer com extrema satisfação. Wang pareceu considerar muito estúpida e desprovida de tacto a minha insistência... porque insisti, sabes? Mas um homem em perigo de se afogar agarra-se a qualquer palha. Falamos em malaio, de que entendemos os dois o suficiente.

— Os seus receios são idiotas — disse-lhe eu.

— Idiotas? Está visto que sou idiota — replicou ele.

— Se eu fosse um homem de tino teria um grande armazém em Singapura, em vez de ser um cule numa mina, convertido em criado de todo serviço. Mas se o senhor não for embora com tempo, eu lhe meterei uma bala antes que fique escuro

demais para poder enxergá-lo direito. Não o farei antes disso, Número Um, mas hei de fazê-lo então. Agora... termine o que tem para dizer!

— Muito bem — disse eu, já terminei no que me diz respeito; mas você não tem motivo para se opor a que a mem putih vá morar alguns dias com as mulheres de Orang Kaya. Darei um presente em prata, em pagamento do serviço. — Orang Kaya é o maioral da aldeia, Lena — acrescentou Heyst.

Ela considerou-o com assombro.

— Querias mandar-me para essa aldeia de selvagens? — perguntou com a voz presa. — Querias que eu te deixasse?

— Isso me deixaria com as mãos mais livres.

— Heyst espalmou as mãos e olhou um momento para elas, depois deixou-as pender aos lados do corpo. Lia-se a indignação mais na curva dos lábios dela do que nos seus olhos, que nem se moveram.

— Creio que Wang riu — continuou ele. — Emitiu um som semelhante ao grito do peru.

— Isso seria pior que tudo — me disse ele.

“Fiquei pasmo. Fiz-lhe ver que ele estava dizendo incongruências. O fato de te encontrares aqui ou acolá não fazia nenhuma diferença para eles, pois os homens maus, conforme os chama Wang, ignoravam a tua existência. Não cheguei precisamente a mentir, Lena, embora tivesse esticado a verdade a ponto de estalar. Mas esse chinês parece possuir uma perspicácia sobrenatural. Abanou a cabeça e disse-me que eles sabiam perfeitamente da tua existência. Fez-me uma careta horrível.”

— Não faz mal — disse a moça. — Eu não queria ir, e não iria mesmo.

Heyst tirou os olhos do chão para contemplá-la.

— Admirável intuição! Como eu insistisse com ele, Wang fez essa mesma observação a teu respeito. Quando ele sorri, a sua cara assemelha-se a uma caveira presunçosa. Foi mesmo essa a última coisa que ele disse. Voltei então.

Ela apoiou-se a uma árvore. Heyst lhe fazia face, na mesma atitude negligente, como se os dois se houvessem libertado do tempo e de todos os outros cuidados da terra. De súbito, muito acima das suas cabeças, o teto de folhagem sussurrou tumultuosamente para eles e depois silenciou.

— Uma ideia estranha essa tua, de me mandar embora — disse ela. — Mandar-me embora! Para quê? Sim, para quê?

— Pareces indignada — observou ele, distraído.

— E ainda mais para o meio desses selvagens! — prosseguiu Lena. — E

pensavas que eu iria? Podes fazer de mim o que quiseres... mas isso não, isso não!

Heyst estendeu a vista pelas naves escuras da floresta. Tudo estava agora tão quieto que o próprio chão em que eles pisavam parecia exalar silêncio no meio das sombras.

— Por que te indignas? — obtemperou ele. — A coisa, afinal, não aconteceu. Desisti de argumentar com Wang. E aqui estamos nós, repelidos! Não só impotentes para resistir ao mal, mas incapazes de entrar em entendimento com os dignos emissários, os embaixadores extraordinários do mundo com o qual julgávamos ter cortado relações por muitos anos. E isto é mau, Lena, muito mau.

— É engraçado — disse ela, pensativa. — Mau? Creio que seja. Não sei bem se é ou não. Mas tu, tens certeza do que dizes? Falas como se não acreditasses nisso.

Considerava-o com expressão séria.

— Se tenho certeza do que digo? Ah, esse é que é o mal! Não sei falar como devia. À força de me refinar eliminei de mim mesmo todo senso de realidade. Eu disse à terra que me deu a vida: “Eu sou eu, e tu és uma sombra”. E por Júpiter que é verdade! Mas, ao que parece, ninguém pode pronunciar essas palavras impunemente. E aqui me encontro eu sobre uma Sombra habitada por Sombras. Quão impotente é um homem contra as Sombras! Como é possível intimidá-las, persuadi-las, resistir a elas, afirmar nossa existência diante delas? Perdi toda fé nas realidades... Lena, dá-me a tua mão.

Lena olhou-o surpresa, sem compreender.

— A tua mão! — exclamou ele.

Lena a estendeu. Heyst segurou-a com avidez, como desejoso de levá-la aos lábios, mas a meio caminho da boca soltou-a. Os dois ficaram algum tempo se olhando.

— Que tens, querido? — murmurou ela timidamente.

— Nem força, nem convicção — resmoneou Heyst de si para si, em voz fatigada. — Como enfrentarei este problema tão deliciosamente simples?

— Lamento — murmurou Lena.

— Eu também — reconheceu ele logo. — E o que há de mais amargo nesta humilhação é a sua completa inutilidade... que eu bem sinto, bem sinto!

Lena nunca o tinha visto dar semelhantes sinais de emoção. Os bigodes, sobre o seu rosto cheio de angústia, chamejavam na sombra. De repente ele falou:

— Teria eu coragem suficiente para me introduzir no meio deles à noite, com uma faca, e cortar-lhes as gargantas uma por uma, enquanto dormem? E o que estou perguntando a mim mesmo...

Ela se assustou, mais com a sua aparência insólita do que com as palavras, e disse com energia:

— Não procures fazer uma coisa assim! Nem penses nisso!

— A única arma que possuo é um canivete. Quanto a pensar nisso, Lena, ninguém pode governar os seus pensamentos. Não sou eu que penso. Alguma coisa dentro de mim é que pensa... alguma coisa estranha à minha natureza. Que foi?

Reparara nos lábios entreabertos e no olhar singular de Lena, que se desviara do seu rosto.

— Alguém nos está seguindo. Vi mexer-se uma coisa branca! — exclamou ela.

Heyst não voltou a cabeça. Limitou-se a olhar para o seu braço estendido.

— Não há dúvida que nos seguem. Estamos sendo observados.

— Agora não vejo nada — disse ela.

— E isso não importa — prosseguiu Heyst na sua voz ordinária. — Aqui estamos na floresta. Eu não tenho veemência nem o dom de persuadir. O fato é que é extremamente difícil ser eloquente diante da cabeça de um chinês que nos aparece no meio de uma galharia. Mas poderemos nós vaguear indefinidamente no meio destas árvores? Isto será um refúgio? Não! E que mais temos nós? Cheguei a pensar um instante na mina, mas ali também não poderíamos ficar muito tempo. Além disso, a galeria não é segura. Puseram-lhe esteios muito fracos. E as formigas têm trabalhado neles... as formigas, depois dos homens. Uma verdadeira armadilha. Só se pode morrer uma vez, mas há muitas espécies de morte.

Amoça olhou receosa em torno de si, procurando o seguidor ou observador que tinha vislumbrado um instante entre as árvores. Mas, se esse homem existia realmente, havia-se escondido. Os olhos dela nada descobriram, a não ser as sombras que se adensavam naquelas vistas de pouco fundo, entre os pilares vivos que sustentavam o teto imóvel de folhas. Ela ergueu para o homem que estava ao seu lado um olhar expectante e terno, com um contido terror e uma espécie de admiração intimidada.

— Também pensei no bote desses homens — continuou Heyst. — Podíamos embarcar nele, e... mas é que tiraram tudo que havia dentro do barco. Vi os remos e os mastros num canto do quarto deles. Metermo-nos ao mar num bote vazio não seria mais que um recurso desesperado, ainda que ele fosse arrastado a uma boa distância entre as ilhas, antes de amanhecer. Seria apenas um processo complicado de suicídio... sermos encontrados mortos num bote, mortos pelo sol e pela sede. Um novo mistério do mar. Quisera saber quem nos encontraria! Davidson talvez; mas

Davidson passou há dez dias para oeste. Uma manhã cedo eu o vi, do pier, cruzar ao largo.

— Não me contaste isso — disse ela.

— Ele devia estar-me olhando pelos seus grandes binóculos. Se eu tivesse levantado o braço, talvez... mas que quereríamos nós com Davidson naquela ocasião? Ele só voltará dentro de três semanas ou mais, Lena. Quem me dera ter levantado o braço naquela manhã!

— De que serviria isso? — suspirou ela.

— De que serviria? De nada, naturalmente. Nós não tínhamos pressentimentos. Esta ilha parecia ser um refúgio inexpugnável, onde podíamos viver sem ser perturbados e pouco a pouco nos iríamos conhecendo melhor.

— Talvez seja nas dificuldades que as pessoas podem conhecer-se melhor umas às outras — insinuou ela.

— Talvez — disse ele com indiferença. — Em todo caso, não teríamos ido embora daqui com ele, se bem me pareça que ele acudiria bastante pressuroso, e pronto para nos prestar qualquer serviço. Tal é a natureza daquele homem gordo... um tipo encantador. Não quiseste ir ao pier aquela vez que mandei por ele o chale da sra. Schomberg. Ele nunca te viu.

— Não sabia se tu querias que alguém me visse.

Heyst tinha cruzado os braços sobre o peito e deixava pender a cabeça.

— Quanto a mim, não sabia se tu desejavas ser vista por enquanto. Um mal-entendido, evidentemente. Um honroso mal-entendido. Mas agora, que importa isso?

Alçou a cabeça após um silêncio.

— Como esta floresta ficou escura! Entretanto, o sol não pode ter-se posto ainda.

Ela olhou em derredor. E, como se os seus olhos se tivessem aberto naquele momento, percebeu as sombras da floresta que as cercavam, não tanto de escuridão como de uma hostilidade muda, ríspida, ameaçadora. Fraquejou-lhe o coração naquele silêncio absorvente, e sentiu então a proximidade da morte, cujo hálito a envolvia juntamente com o homem que se achava ao seu lado. Se ouvisse uma súbita agitação das folhas, o estalido de um galho seco, o mais leve roçar, teria gritado. Mas repeliu essa fraqueza indigna. Tal como era, uma arranhadora de rabeca recolhida por um homem quando se achava à beira da infâmia, procuraria elevar-se acima de si mesma, triunfante e humilde — e então a felicidade a invadiria como uma torrente, jogando-lhe aos pés o homem que amava.

Heyst fez um leve movimento.

— É melhor pormo-nos a caminho, Lena, visto como não podemos passar toda a noite na floresta... nem em parte alguma, se vamos a isso. Somos os escravos desta infernal surpresa que nos foi armada por... devo dizer pelo destino?... pelo teu ou pelo meu.

Embora o homem tivesse rompido o silêncio, foi a mulher que se pôs à frente. À beira da floresta deteve-se, oculta atrás de uma árvore. Heyst veio ter com ela cautelosamente.

— O que é? Que estás vendo, Lena? — cochichou ele.

Era apenas uma ideia que lhe passara pela cabeça, respondeu ela. Hesitou um momento, dirigindo-lhe por cima do ombro o fulgor dos seus olhos cinzentos. Desejava saber se essa dificuldade, esse perigo, esse mal ou o que quer que fosse, que os fora buscar no seu retiro, não seria uma espécie de castigo.

— Castigo? — repetiu Heyst. Não podia compreender o que ela queria dizer com isto. Quando Lena explicou, ficou ainda mais surpreendido. — Uma espécie de vingança do céu encolerizado? — disse, admirado. — Vingança contra nós? Mas por que, então?

Viu o seu rosto pálido escurecer no crepúsculo. Ela havia enrubescido. Seu murmúrio escorria muito rápido. Era pelo modo como os dois viviam juntos... não era direito, não era verdade? Uma vida de pecado, porquanto ela não fora forçada a aceitá-la, não a tinham arrastado nem amedrontado. Não, não... viera para os braços dele por sua própria vontade, por um anseio pecaminoso da sua alma.

A comoção dele foi tão profunda que por um momento não pôde falar. Afim de esconder a sua perturbação, assumiu a sua melhor maneira heystiana.

— O quê? Os nossos visitantes são então os vingadores da moral, os agentes da providência? Este é, por certo, um ponto de vista original. Como eles ficariam lisonjeados se te pudessem ouvir!

— Agora estás caçoando comigo — disse ela, numa voz abafada que subitamente lhe faltou.

— Tens consciência do pecado? — perguntou Heyst gravemente. Ela não respondeu. — Porque eu não tenho — acrescentou ele; — juro perante o céu que não tenho!

— Tu! Tu és diferente. A mulher é a tentadora. Tu me recolhiste por piedade. Fui eu que me atirei nos teus braços.

— Oh, estás exagerando, estás exagerando. Não foi tão mau assim — disse ele em tom de gracejo, mantendo com esforço a firmeza da voz. Já se considerava

um homem morto, e no entanto forçado a fingir-se vivo para o bem dela, em sua defesa. Lamentou não ter um céu a que recomendar esse lindo e palpitante punhado de cinzas e de pó — cálido, vivo, sensível, e seu e desamparadamente exposto ao insulto, ao ultraje, à degradação, à infinita miséria do corpo.

Ela desviara os olhos do rosto dele e mantinha-se calada. Heyst tomou-lhe subitamente a mão passiva.

— Queres que seja assim? Queres? Bem, então confiemos juntos na misericórdia divina.

Ela sacudiu a cabeça sem olhá-lo, como uma criança envergonhada.

— Lembra — continuou Heyst, incorrigível na sua delicada zombaria, — que a esperança é uma virtude cristã, e por certo não hás de querer toda a misericórdia para ti mesma.

Diante dos olhos de ambos, no outro lado da clareira, o bangalô aparecia banhado numa luz sinistra. Uma inesperada lufada de vento frio fez ramalhar as copas das árvores. Ela retirou a mão e saiu para a clareira; mas não tinha andado três metros quando estacou, apontando para o lado do ocidente.

— Olha lá! — exclamou.

Atrás do promontório da Baía dos Diamantes, negras sobre o mar purpurino, empilhavam-se grandes massas de nuvens envoltas numa névoa de sangue. Uma fenda carmesim, qual ferida aberta, percorria-as em ziguezague, terminando embaixo numa poça vermelho-escura. Heyst lançou um olhar indiferente ao caos agourento do céu.

— Está se formando uma tempestade. Vamos ouvi-la a noite inteira, mas provavelmente não virá até aqui. Em geral as nuvens se aglomeram em redor do vulcão.

Lena não o escutava. Seus olhos refletiam as cores sombrias e violentas do pôr-do-sol.

— Isso não se parece muito com um sinal de clemência — disse devagar, como se falasse para si mesma. E continuou a caminhar às pressas, seguida por Heyst. Súbito, parou.

— Não me importa. Eu faria ainda mais do que isto. Algum dia me perdoarás. Terás de me perdoar!

IX

Tropeçando nos degraus como se de repente se sentisse exausta, Lena entrou na sala e deixou-se cair na cadeira mais próxima. Antes de entrar também, Heyst observou da varanda os arredores. A solidão era completa. Nada havia no aspecto daquela cena familiar para lhe indicar que ele e sua companheira não estavam inteiramente sós, como no começo da sua vida em comum nesse sítio abandonado, onde apenas lhes faziam companhia a muda recordação de Morrison e Wang, que de quando em quando se materializava discretamente.

Após a lufada de vento frio o ar ficara de todo imóvel. A negra massa de nuvens carregada de eletricidade pairava inteiriça além do promontório baixo, preto como tinta, e entenebrecia o crepúsculo. Por contraste, o céu estava claro e translúcido no zênite, brilhando qual delicado globo de vidro que o menor sopro de ar poderia despedaçar. Um pouco à esquerda, entre os vultos negros da ponta de terra e da floresta, o vulcão, pluma de fumaça durante o dia e brasa de charuto à noite, tirava a sua primeira baforada ardente do anoitecer. Acima dele surgiu uma estrela avermelhada, como uma centelha despedida pelo seio incandescente da terra e imobilizada por algum misterioso influxo dos espaços gelados.

Defronte de Heyst a floresta, já envolta em sombras profundas, semelhava um muro que ali se erguesse. Mas ele ainda se demorou a observar a orla do arvoredo, onde este terminava numa cinta de arbustos, ocultando a base do pier. Desde que a moça lhe falara numa coisa branca lobrigada entre as árvores, cria firmemente que o secretário de Mr. Jones os tinha seguido na excursão ao alto da montanha. Sem dúvida o sujeito os vira sair da floresta e agora, a menos que se desse ao trabalho de tornar atrás o bastante para fazer um rodeio considerável, teria de surgir no espaço aberto entre os bangalôs. Heyst julgou, com efeito, perceber em dado momento algo que se movia entre as árvores, mas imediatamente o perdeu de vista. Continuou a olhar com paciência, porém nada mais aconteceu. Afinal de contas, por que preocupar-se com o que fazia aquela gente? Por que esse cuidado estúpido com os preliminares, se a crise, quando chegasse, o encontraria desarmado e a encolher-se diante da sua degradante hediondez?

Foi para dentro. Reinava já na sala um denso crepúsculo. Lena, próximo à porta, estava quieta e calada. A alvura da toalha de mesa dava nos olhos. O bruto que aqueles dois nômades tinham, domesticado entrara ali para por a mesa durante a ausência de Heyst e Lena. Heyst percorreu diversas vezes a sala, de um extremo ao outro. A moça continuava imóvel e silenciosa na sua cadeira. Mas quando Heyst,

depois de colocar sobre a mesa os dois candelabros de prata, riscou um fósforo para acender as velas, ela levantou-se de repente e entrou na alcova. Voltou logo depois. Tinha tirado o chapéu. Heyst olhou-a por cima do ombro.

— De que serve esquivar-nos à bora fatídica? Acendi estas velas para dar sinal da nossa volta. Afinal, pode ser que não nos tenham observado... isto é, durante a volta. Mas claro que nos viram sair de casa.

Amoça tornou a se sentar. Sua rica cabeleira parecia mais escura sobre o descorado das faces. Ergueu os olhos, que brilharam suavemente na luz, com uma espécie de apelo ilegível, e produzindo um estranho efeito de candura cega.

— Sim — disse Heyst no outro lado da mesa, com as pontas dos dedos de uma das mãos pousadas na alva toalha. — Uma criatura dotada de uma mandíbula antediluviana, peluda como um mastodonte e com o feitio de um símio pré-histórico, pôs a mesa para nós. Estás acordada, Lena? Estarei eu mesmo acordado? Seria capaz de dar beliscões em mim mesmo, se não soubesse que nada porá fim a este sonho. Três talheres. Sabes que quem virá é o mais baixo dos dois... o cavalheiro que faz lembrar uma onça pela estrutura facial e pelo movimento dos ombros ao caminhar. Ah, não Gabes o que é uma onça? Mas já olhaste bem para os dois. É o mais baixo, sabes, que será nosso conviva.

Ela fez um sinal com a cabeça para dizer que sabia. A insistência de Heyst fez com que a imagem de Ricardo lhe surgisse vivida aos olhos do espírito. Paralisou-lhe todos os membros um súbito langor, que era como um eco físico da sua luta com aquele homem. Ficou quieta na cadeira, muito atemorizada com esse fenômeno e pronta a rezar em voz alta, pedindo forças.

Heyst pusera-se a caminhar de novo pelo aposento.

— Nosso conviva! Há um provérbio (creio que é russo) , segundo o qual quando um hóspede entra numa casa Deus entra com ele. Asanta virtude da hospitalidade! Ela mete a gente em embaraços tanto como outra qualquer.

Amoça ergueu-se inesperadamente, balançando o corpo flexível e estirando os braços acima da cabeça. Ele se deteve para observá-la com curiosidade, e prosseguiu:

— Ouso crer que Deus nada tenha que ver com semelhante hospitalidade nem com tal hóspede!

Lena havia saltado em pé, afim de reagir contra o torpor e verificar se o seu corpo lhe obedecia à vontade. Obedeceu. Podia estar em pé e mover livremente os braços. Embora não fosse fisiologista, inferiu quê aquele torpor repentino estava todo na cabeça, e não nos membros. Apaziguados os seus temores deu graças a Deus

mentalmente e para Heyst, murmurou um protesto:

— Oh, sim! Ele cuida de tudo... das menores coisas. Nada pode acontecer...

Sim — apressou-se ele a disser, — um dos dois pardais não poderá cair... é nisto que estás pensando. — O habitual sorriso brincalhão desaparecera dos lábios bondosos recobertos pelo bigode marcial. — Ah, ainda te lembras do Que te contavam aos domingos, quando eras criança.

— Sim, eu me lembro. — Lena deixou-se cair de novo na cadeira. — Eram os únicos momentos felizes que tinha quando era garota... com as duas meninas da nossa senhoria, sabes.

— Estou perguntando á mim mesmo, Lena — disse Heyst, voltando ao seu urbano tom de gracejo, — se tu és apenas uma criancinha ou se representas alguma coisa tão velha como o mundo.

Ela o surpreendeu replicando em voz sonhadora:

— Mas... e tu mesmo, o que és?

— Eu? Eu pertença a uma época posterior... muito posterior. Não posso chamar-me de criança, mas sou tão recente que poderia qualificar-me de um homem de última hora... ou será da penúltima? Passei tanto tempo afastado que não sei com segurança até onde foram os ponteiros do relógio desde... desde...

Relanceou os olhos para o retrato de seu pai, suspenso exatamente acima da cabeça de Lena, com um ar de não querer tomar conhecimento dela na sua expressão austera. Não terminou a frase, mas tão pouco permaneceu muito tempo calado.

— Apenas, o que devemos evitar são as inferências enganadoras, Lena... especialmente nesta hora.

— Estás caçoando de mim outra vez — disse ela sem levantar os olhos.

— Eu, caçoando? — protestou ele. — Não, estou advertindo. Que diabo, por mais verdades que te hajam dito naquele tempo, também isto é verdade: os pardais caem efetivamente ao chão, os pardais são abatidos. Isso não é uma vã afirmação, mas um fato. E eis por que... — sua voz mudou outra vez de tom, enquanto ele pegava uma faca da mesa e a soltava depois desdenhosamente — eis por que desejo que estas miseráveis facas redondas tivessem gume. Verdadeiras drogas... nem gume, nem ponta, nem elasticidade. Creio que um destes garfos daria uma arma melhor em caso de aperto. Mas como poderei andar por aí com um garfo no bolso?

Rangeu os dentes com uma fúria bem real, e contudo cômica.

— Tínhamos antes uma faca de trincar, mas há muito que se quebrou e foi

jogada fora. Não há por aqui muita coisa que trincar. Seria uma arma de respeito, sem dúvida alguma. Mas...

Calou-se. A moça estava muito quieta, com os olhos baixos. Vendo que o silêncio dele se prolongava, ergueu-os e disse pensativamente:

— Sim, uma faca... o de que precisarias era duma faca, não é mesmo, no caso... no caso...

Ele encolheu os ombros.

— Deve haver uma ou duas alavancas de ferro nos barrações; mas eu entreguei todas as chaves. Também, fazes ideia de mim andando por aí com uma alavanca na mão? Ah, ah! E além disto, esse edificante espetáculo bastaria por si só para dar começo às hostilidades, se não me engano. A propósito, por que será que ainda não começaram?

— Talvez eles tenham medo de ti — murmurou ela, tornando a por os olhos no chão.

— Por Júpiter, é o que pareci — concordou Heyst meditativamente. — Eles têm o ar de conter-se por alguma razão. Será essa razão a prudência, o medo puro e simples, ou quem sabe se os pausados métodos da certeza?

Lá fora, na noite escura, não muito longe do bangalô, ressoou forte e prolongado assobio. As mãos de Lena seguraram as bordas do espaldar da cadeira, sem que a moça, entretanto, fizesse o menor movimento. Heyst teve um sobressalto e desviou os olhos da porta.

O som inquietador havia cessado.

— Assobios, uivos, sinais, augúrios, portentos... que importa tudo isso? — disse ele. — Mas que me dizes daquela alavanca? Supondo-se que eu a tivesse aqui, poderia emboscar-me atrás da porta, desta porta, e esmigalhar a primeira cabeça que apontasse para dentro, esparramar sangue e miolos pelo chão, sobre estas paredes, e depois correr furtivamente à outra porta para fazer a mesma coisa... e repeti-la, quem sabe, ainda uma vez? Poderia eu fazer isso? Por uma suspeita, sem remorsos, de ânimo sereno e decidido? Não, isso não está em mim. Pertença a uma era demasiado recente. Gostarias de me ver tentar isso enquanto ainda dura o meu misterioso prestígio... ou a não menos misteriosa hesitação desses homens?

— Não, não! — murmurou ela ardentemente, como que forçada a falar pelos olhos de Heyst, que estavam cravados no seu rosto. — Não, é com uma faca que precisas defender-te... defender.. Nós teremos tempo...

— E quem sabe se tal não é, com efeito, o meu dever? — recomeçou ele, como se não tivesse ouvido em absoluto as frases desarticuladas de Lena. — Talvez

seja... o meu dever para contigo, para comigo mesmo. Por que hei de suportar a humilhação destas ameaças encobertas? Sabes o que diria o mundo?

Deu uma risada em voz baixa, que a aterrorizou. Quis levantar-se, mas Heyst curvara-se tanto sobre ela que não lhe permitia mover-se sem primeiro afastá-lo com um empurrão,

— O mundo diria, Lena, que eu — “aquele sueco” — depois de causar a morte do meu amigo e sócio, por simples cobiça de dinheiro, assassinei por puro medo estes náufragos inofensivos que, vieram dar à minha ilha. Seria essa a história que se cochicharia... que se rugiria talvez... que com certeza seria propalada e acreditada... e acreditada, minha querida Lena!

— Quem acreditaria em coisas tão horríveis?

— Tu talvez não acreditasses... no começo, em todo caso. Mas o poder da calúnia vai crescendo com o tempo. Ela é insidiosa e penetrante. Pode até destruir a nossa fé em nós mesmos, carcomer a alma.

De súbito os olhos dela saltaram para a porta e ali se fixaram, um pouco maiores que o normal. Heyst voltou a cabeça e avistou Ricardo, enquadrado no retângulo da porta. No primeiro momento nenhum dos três se mexeu; depois, voltando os olhos do recém-chegado para a moça que continuava sentada, Heyst fez uma apresentação sardônica.

— O sr. Ricardo, minha querida.

Ela baixou um pouco a cabeça. Ricardo levou a mão ao bigode. Sua voz atroou dentro da sala.

— Um seu criado, madame!

Entrou, tirou o chapéu com um gesto rasgado e soltou-o negligentemente numa cadeira que se achava junto da porta.

— Um seu criado — repetiu, num tom bem diverso. — Fui informado pelo nosso Pedro de que havia uma senhora aqui; apenas, não sabia que teria o prazer de lhe falar esta noite, madame.

Lena e Heyst consideravam-no às esconsas, mas ele, com um vago olhar que evitava a ambos, não se fixava em nada, parecendo seguir algum ponto no espaço.

— Gostaram do passeio? — perguntou de repente.

— Sim. E o senhor? — replicou Heyst, que conseguira encarar com ele.

— Eu? Não me afastei nem um metro do patrão esta tarde, até agora. — A pureza do acento de voz surpreendeu Heyst, sem convencê-lo da veracidade das palavras. — Por que pergunta? — ajuntou Ricardo, com todas as inflexões da perfeita inocência.

— Podia ter sentido o desejo de explorar um pouco a ilha — disse Heyst, estudando o homem, que, justiça lhe seja feita, não procurou desviar os olhos. — Devo lembrar que isso importa certo perigo.

Ricardo era a própria imagem da inocência.

— Ah, sim! Refere-se àquele china que fugiu. Não me impressiono com ele!

— Ele tem um revólver — observou Heyst em tom significativo.

— Bem, o senhor também tem um revólver — replicou Ricardo inesperadamente, — e eu não estou me preocupando com isso.

— Eu? Isso é diferente. Não tenho medo do senhor — respondeu Heyst depois de uma breve pausa.

— De mim?

— De vocês todos.

— O senhor tem um modo esquisito de falar — ia começando Ricardo.

Mas nesse momento se abriu, com certo ruído, a porta que dava para os fundos e Pedro entrou apertando contra o peito uma bandeja carregada. Sua enorme cabeça hirsuta oscilava um pouco, e o homem caminhava plantando um pé diante do outro, com um baque breve e duro no assoalho. A chegada de Pedro desviou talvez o fio das ideias de Ricardo, e o fez mudar de assunto.

— Ouviram-me assobiar lá fora ainda há pouco? Era para avisá-lo, enquanto vinha, de que podia trazer o jantar. E aí está ele.

Lena ergueu-se e passou para a direita de Ricardo, que baixou os olhos um momento. Sentaram-se à mesa. O enorme dorso de Pedro, que parecia o dorso de um gorila, desapareceu pela porta, balançando.

— Um bruto extraordinariamente forte, madame — disse Ricardo. Tinha uma propensão para discorrer sobre o “nosso Pedro”, como certos homens que gostam de falar nos seus cães. — Não é bonito, verdade seja dita. Não, não é nada bonito. E é preciso trazê-lo de rédea curta. Eu sou o guarda da fera, como quem diz. O patrão não se ocupa muito com detalhes. Deixa tudo para o Martin. O Martin sou eu, madame.

Heyst viu os olhos da moça voltarem-se para o secretário de Mr. Jones e pousarem-se inexpressivos no seu rosto. Mas Ricardo olhava vagamente o vazio e, com os lábios agitados por leves arrepios de sorriso, conversava infatigavelmente diante do silêncio dos seus anfitriões. Gabava-se muito da sua longa parceria com Mr. Jones — já mais de quatro anos, dizia ele. E, deitando um rápido olhar a Heyst:

— O senhor viu logo que ele era um cavalheiro, não foi mesmo?

— Os senhores — disse Heyst, com uma nota sombria no seu habitual tom

brincalhão — são inteiramente destituídos de realidade aos meus olhos.

Ricardo recebeu a frase como se esperasse ouvir estas mesmas palavras, ou bem como se não lhe importasse em absoluto o que dizia Heyst. Murmurou um distraído “sim, sim,” brincou com um pedaço de biscoito, suspirou e disse, com um curioso olhar fixo que não parecia ir muito longe, detendo-se num ponto muito próximo ao seu rosto:

— Qualquer pessoa pode ver logo que o senhor também é um cavalheiro. O senhor e o patrão devem entender-se bem. Ele espera a sua visita esta noite, O patrão não está passando bem, e temos de pensar na volta.

Enquanto dizia estas palavras virou-se em cheio para Lena, mas sem nenhuma expressão legível no rosto. Recostada na cadeira com os braços cruzados, a moça olhava para a frente como se estivesse sozinha na sala. Mas, sob esse aspecto de indiferença quase imbecil, os perigos e emoções que haviam penetrado na sua existência enchiam-na de uma sensação de vida extraordinariamente intensa.

— Realmente? Estão pensando em voltar? — murmurou Heyst.

— Os melhores amigos têm de se separar mais cedo ou mais tarde — pronunciou Ricardo devagar. — E, contanto que se separem amigos, tudo vai bem. Nós dois estamos acostumados com as mudanças. O senhor, segundo me informaram, prefere ficar no mesmo lugar.

Era visível que ele dizia tudo isto apenas por falar e que seu pensamento estava concentrado em algum desígnio sem relação com as palavras que saíam da sua boca.

— Eu gostaria de saber — tornou Heyst com incisiva polidez — de que modo os senhores colheram essa e outras informações a meu respeito. Que me lembre, não lhes fiz nenhuma confidência.

Ricardo, olhando confortavelmente para o espaço e com a cabeça reclinada no espaldar da cadeira (havia algum tempo que todos os três tinham deixado de fingir que comiam), respondeu em tom distraído:

— Qualquer um pode adivinhar.

Aprumou o corpo de repente e pôs à mostra todos os seus dentes, numa careta extraordinariamente feroz que a persistente amabilidade do seu tom desmentia.

— O patrão é que lhe contará isso. Eu gostaria que o senhor se resolvesse a ir vê-lo. Sempre é ele quem fala por nós dois. Deixe-me levá-lo lá esta noite. Ele não está nada bem, e não quer decidir-se a ir embora sem primeiro conversar com o senhor.

Heyst levantou a vista e encontrou os olhos de Lena, cuja expressão cândida parecia ocultar alguma intenção que lutava por se fazer conhecida. Ele julgou notar um imperceptível movimento afirmativo de cabeça. Por quê? Que razão teria ela para isso? Seria a inspiração de algum instinto obscuro? Ou era simplesmente uma ilusão dos seus sentidos? Mas, nessa estranha complicação que invadira a serenidade da sua existência, no estado de dúvida, de desdém e quase de desespero com que olhava para si mesmo, ter-se-ia deixado guiar até por uma aparência ilusória naquela escuridão tão compacta que chegava a causar-lhe indiferença.

— Bem, e supondo que eu me resolva?

Ricardo não escondeu a sua satisfação, que despertou momentâneo interesse em Heyst.

— Não deve ser a minha vida o que eles querem — disse este consigo. — De que lhes serviria ela?

Olhou para a moça, no outro lado da mesa. Que importava que ela tivesse acenado ou não com a cabeça? Como todas as vezes que contemplava aqueles olhos inconscientes, sentiu alguma coisa que se parecia com um resíduo de piedade e de ternura. Resolvera ir. O oceano dela, imaginário ou real, advertência ou ilusão, tinha feito pender a balança. Heyst disse consigo que o convite de Ricardo dificilmente poderia representar uma armadilha. Isto seria por demais absurdo. Para que arrastar sutilmente a uma armadilha alguém que já se achava, por assim dizer, amarrado de mãos e pés?

Enquanto pensava estas coisas olhava fixamente para a mulher a que tinha dado o nome de Lena. Com aquela sua tranquilidade submissa, atitude que nunca deixara desde que os dois haviam iniciado sua nova existência na ilha, ela continuava misteriosa como sempre. Heyst ergueu-se abruptamente, com um sorriso tão enigmático e desesperado que o secretário Ricardo, cujo olhar abstrato nada deixava escapar, teve um ligeiro encolhimento de corpo como para mergulhar debaixo da mesa e puxar a faca que carregava na perna. Mas o movimento foi reprimido tão depressa se esboçou. Ricardo esperara que Heyst fosse saltar sobre ele ou puxasse um revólver, pois tinha formado uma ideia do homem conforme à sua própria imagem. Mas, ao invés de tomar uma dessas duas decisões lógicas, Heyst atravessou a sala, abriu a porta e meteu a cabeça para fora afim de olhar o pátio.

Logo que ele virou as costas a mão de Ricardo procurou sob a mesa o braço da moça. Embora o homem não a olhasse, ela sentiu o tatear nervoso, e subitamente os seus dedos lhe prenderam o braço acima do punho. Ricardo curvou-se um pouco

para diante, sem todavia ousar ainda olhar para ela. Mantinha os olhos cravados nas costas de Heyst. O seu argumento principal, a sua ideia fixa, encontrou esta expressão causticante, emitida num sibilo extremamente baixo:

— Estás vendo? Ele não é homem para ti!

Relanceou-lhe os olhos, afinal. Os lábios dela mexeram-se um pouco, e esse movimento silencioso infundiu respeito em Ricardo, cujos dedos logo soltaram o braço que apertavam com força. Heyst havia fechado a porta. Ao voltar para a mesa cruzou-se com a moça a quem outrora — sem que ela soubesse por que — chamavam Alma e também Madalena, e cujo espírito permanecera tanto tempo em dúvida sobre a razão da sua existência. Já não se atormentava, porém, com esse amargo enigma, pois o seu coração encontrara a resposta numa grande luz resplendente e cegadora, numa resolução apaixonada.

X

Ela passou por Heyst como se na verdade estivesse ofuscada por algum clarão secreto, lívido e consumidor, onde se dispusesse a penetrar. A cortina da alcova caiu em dobras rígidas por detrás dela. O olhar vazio de Ricardo parecia observar os revoadas de uma mosca no ar.

— Escuro como diabo lá fora, não? — murmurou ele.

— Mas não tão escuro que me impedisse de ver esse criado dos senhores rondando por aí — tomou Heyst, em tom comedido.

— O que, Pedro? Ele pouco tem de homem, como sabe: se não fosse assim eu não gostaria tanto do camarada.

— Muito bem. Chamemo-lo então o seu digno parceiro.

— É. Bastante digno para o serviço que pedimos dele. Grande ajuda é o Pedro numa refrega. Grunhir e morder... ah, meu amigo! Então o senhor não quer que ele ande por aí?

— Não quero.

— Quer que eu o mande embora? — insistiu Ricardo, com uma afetação de incredulidade que Heyst aceitou calmamente, se bem que o ar parecesse tornar-se mais pesado dentro da sala a cada nova palavra que se pronunciava.

— E isso. Quero que o mande embora.

Esforçava-se por falar com calma.

— Meu Deus! Isso é coisa de somenos. Pedro não tem grande serventia aqui. O assunto que interessa ao meu chefe pode ser resolvido em dez minutos de conversa razoável com... com outro cavaleiro. Conversa sossegada!

Levantou de repente os olhos, que se tinham feito duros e fosforescentes. Heyst não moveu um só músculo. Ricardo deu parabéns a si mesmo por não ter trazido o revólver. Não sabia o que seria capaz de fazer, tamanha era a sua exasperação.

— O senhor quer que eu mande embora o pobre, o inofensivo Pedro antes de levá-lo para falar com o patrão... é isso? — disse ele afinal.

— Sim, é isso.

— Hum! Está se vendo — tornou Ricardo com venenoso subentendido — que o senhor é um cavaleiro. Mas todas essas fantasias de cavaleiro são capazes de azedar os bofes de um homem simples. Em todo caso... o senhor vai desculpar-me.

Levou os dedos à boca e soltou um assobio que parecia introduzir uma

agulha de ar sólido a perfurar o tímpano da orelha que lhe estivesse mais próxima. Embora gozasse imensamente a careta involuntária de Heyst, Ricardo ficou sentado com uma cara perfeitamente séria enquanto esperava pelo efeito da chamada.

Pedro surdiu com uma impetuosidade extraordinária, agreste e primitiva. A porta escancarou-se com estrondo, e a selvagem figura que ela revelou parecia pronta a devastar a sala em meia dúzia de saltos. Mas Ricardo ergueu a mão espalmada, e a criatura entrou tranquilamente. As manoplas entrecerradas balançavam-se-lhe diante do corpo curvado enquanto ele caminhava. Ricardo olhava-o com expressão truculenta.

— Você vá para o bote, entendeu? Agora mesmo!

— Os olhinhos vermelhos do monstro domesticado piscaram com penosa atenção entre o pelame da cara

— E então? Por que não vai? Já esqueceu a linguagem humana? Não sabe mais o que é um bote?

— Si, bote — gaguejou a criatura com ar de dúvida.

— Pois bem, vai para lá... para o bote, no pier. Toca para lá e deita-te, faz o que quiseses mas não durmas... até ouvir o meu assobio, e então corre para cá. São estas as ordens. Marcha! Toca, vamos! Não, por aí não: pela porta da frente. E nada de caras feias!

Pedro obedeceu com desengonçada alacridade. Depois que ele foi embora, desapareceu dos olhos de Ricardo aquele brilho feroz e desapiedado e a sua fisionomia assumiu, pela primeira vez naquela noite, a expressão de um gato doméstico que está sendo observado.

— O senhor poderá vê-lo até entrar no matagal, se quiser. Está escuro demais, hein? Por que não vai com ele até lá, então?

Heyst fez um gesto de vago protesto.

— Nada me assegura quo ele vá ficar lá. Quanto à ida não tenho dúvida, mas e um ato sem garantia.

— Aí está! — disse Ricardo encolhendo os ombros filosoficamente. — Para isso não há remédio. Anão ser que meta uma bala no nosso Pedro, ninguém pode ter absoluta certeza de que ele ficará num lugar mais tempo do que entende. Mas sossegue, ele vive apavorado com o meu mau gênio. É por isso que eu faço cara de papão quando falo com ele. E contudo, não seria capaz de atirar nele... não, a menos que estivesse num desses acessos de raiva que fazem um homem atirar num cachorro de estimação. Olhe, meu senhor! Isto é jogo limpo. Eu não pisquei o olho a ele para mandá-lo fazer outra coisa. Ele não se mexerá do pier. Vamos agora, meu

senhor?

Houve um breve silêncio. Os músculos da mandíbula de Ricardo se contraíam agourentamente. Seus olhos deslizavam com expressão voluptuosa de um lado para o outro, cruéis e cismados. Heyst reprimiu um movimento repentino, pensou um instante e disse:

— Vai ter que esperar um pouco.

— Esperar um pouco! Esperar um pouco! Por quem ele toma a gente... por estátua? — rosnou Ricardo em voz semiaudível.

Heyst entrou na alcova e bateu a porta atrás. Como vinha da sala iluminada, não pôde de início enxergar coisa alguma. Teve, contudo, a impressão de que a moça se levantava do chão. A cabeça dela destacou-se de repente contra a escuridão menos densa da janelinha, muito vaga, simples indicação de uma forma redonda e sem rosto.

— Vou lá, Lena. Vou enfrentar esses patifes.

Heyst surpreendeu-se ao sentir dois braços que lhe pousavam nos ombros.

— Julgava que tu... — começou.

— Sim, sim! — sussurrou a moça apressadamente.

Não se agarrava a ele, nem mesmo tentava puxá-lo para si. Suas mãos apertavam-lhe os ombros, e Heyst teve a sensação de que ela lhe fitava o rosto no escuro. Podia agora ver também alguma coisa do seu semblante — uma forma oval sem feições — e distinguir-lhe vagamente o vulto nas trevas, um contorno sem linhas definidas.

— Tu tens aí um vestido preto, não é mesmo, Lena? — perguntou falando depressa, e tão baixo que ela mal o podia ouvir.

— Sim... um vestido velho.

— Muito bem. Veste-o sem demora.

— Mas por quê?

— Não é por luto! — Havia algo de imperioso neste murmúrio levemente irônico. Podes encontrá-lo no escuro e vesti-lo?

— Lena respondeu que podia, que ia tentar. Ele ficou esperando, muito quieto. Imaginava os movimentos que ela fazia lá no fundo do quarto, mas os seus olhos, já acostumados à escuridão, não a divisavam mais, e quando ela falou sua voz o surpreendeu pela proximidade. Tendo feito o que ele pedira Lena aproximara-se, invisível.

— Bem! Onde está aquele véu roxo que eu vi por aí? — perguntou ele.

Como resposta, um leve sussurro de pano.

— Onde está? — repetiu ele, impaciente.

Sentiu-lhe o bafo inesperadamente nas faces.

— Aqui, nas minhas mãos.

— Ótimo! Escuta, Lena. Assim que eu sair daqui com esse horrível biltre, tu escapas pelos fundos... imediatamente, sem perda de tempo!... e dás uma volta correndo para a floresta. Será essa a tua oportunidade, enquanto nos afastamos. Estou certo de que ele não me largará. Corre para a floresta, atrás da orla de arbustos, entre as árvores grandes. Hás de encontrar, com certeza, um sítio de onde possas ver de frente a porta da varanda. Receio por ti; mas com esse vestido preto e quase todo o rosto oculto pelo véu escuro, desafio qualquer um a que te descubra antes de amanhecer. Espera na floresta até que eu traga a mesa para diante da porta e vejas três velas, das quatro, apaguem-se, e uma tornar-se a acender... ou, se as luzes se apagarem aqui enquanto estiver observando, espere até que eu acenda três velas e torne a apagar duas. Quando vir um desses sinais volta correndo o mais depressa possível, porque isso quer dizer que estou à espera aqui.

Enquanto ele falava a moça tinha tomado uma das suas mãos. Não a apertou. Segurou-a com frouxidão, como que timidamente, caridosamente. Era um simples contato, o contato de quem desejasse certificar-se de que ele estava ali, de que era um ente real e não uma mera sombra mais escura no meio das trevas. O calor daquela mão deu a Heyst uma sensação estranha e íntima de toda a pessoa dela. Teve de fazer esforço para recalcar uma emoção de nova espécie, que quase o enervava. E, inflexível, continuou a cochichar:

— Mas se não vir sinal nenhum, não pense — por medo, curiosidade, desespero ou esperança — em voltar para cá. E logo que começar a amanhecer siga pela borda da clareira até encontrar a senda. Não espere mais, porque provavelmente estarei morto.

A palavra murmurada “Não!” penetrou em seu ouvido como se fosse formada no ar e viesse flutuando.

— Conhece o caminho — prosseguiu ele. — Vai até a barricada e procure Wang... sim, Wang. Que nada te detenha! — Pareceu-lhe que a mão da moça tremia um pouco. — O pior que ele te pode fazer é dar-te um tiro; mas não o fará. Tenho a convicção de que ele não o fará, se eu não estiver contigo. Fica com os aldeões, com os selvagens, e não receies nada. Causarás mais terror a eles do que eles medo a ti. Davidson aparecerá antes que se passem muitos dias. Fica vigiando a passagem de um vapor. Inventar um sinal qualquer para chamá-lo.

Ela não respondeu. A impressão do silêncio pesado e torvo, vinda do mundo

exterior, parecia entrar no quarto e enchê-lo; era a sensação de uma infinidade opressiva, sem vida e sem luz, como se o grande coração do mundo houvesse cessado de pulsar, como se houvesse chegado o fim de todas as coisas.

— Compreendeste? Fugirás daqui — murmurou Heyst, premente.

Lena levou a mão dele aos lábios e soltou-a. Heyst ficou surpreso.

— Lena! — exclamou a meia voz,

Lena se afastara. Ele não ousava confiar em si mesmo — nem sequer para pronunciar uma palavra.

Ao virar-se para sair do quarto ouviu um baque em algum ponto da casa. Para abrir a porta tinha de erguer primeiro a cortina. Fê-lo com o rosto voltado para trás. Um tenuíssimo fio de luz, penetrando pelo buraco da fechadura e uma ou duas frinchas, bastou para que ele a avistasse claramente, toda de preto, de joelhos no assoalho, com a cabeça e os braços atirados sobre a guarda da cama — toda enlatada, na desolação de uma pecadora aflita. Que seria? Cruzou pela mente de Heyst a suspeita de que houvesse em tudo aquilo muitas coisas que ele não compreendia. O braço dela, desprendendo-se da guarda da cama, acenou-lhe para que se afastasse. Ele obedeceu e saiu, cheio de inquietação.

A cortina ainda não cessara de balouçar atrás de Heyst quando ela se pôs em pé e chegou-se rente à porta, à escuta de sons, numa postura curvada e trágica de atenção furtiva, apertando o peito com uma mão, como para comprimi-lo, para abafar os latejos do coração. Heyst surpreendera o secretário de Mr. Jones contemplando a sua escrivaninha fechada. Talvez Ricardo estivesse a pensar na maneira de arrombá-la. Ao voltar-se repentinamente mostrou uma cara tão convulsa que Heyst se deteve pasmado com o branco daqueles olhos revirados que pestanejavam horivelmente, como se o homem estivesse sofrendo de convulsões internas.

— Pensei que o senhor não vinha mais — resmoneou Ricardo.

— Eu não sabia que tinha tanta pressa. Mesmo que a sua viagem de volta dependa desta conversação, segundo diz, duvido que ousem fazer-se ao mar numa noite como esta — disse Heyst, fazendo sinal a Ricardo para que o precedesse no caminho.

O secretário saiu logo da sala, caminhando com felinas ondulações dos ombros e dos quadris. Havia algo de cruel no absoluto mutismo da noite. A grande nuvem que cobria metade do céu estava suspensa diante deles, como uma enorme cortina a esconder ameaçadores preparativos de violência. No momento em que os pés dos dois homens tocaram no solo veio um rumor de trás da nuvem, precedido

de um clarão rápido e misterioso que alumiou as águas da baía.

— Ah! — disse Ricardo. — Está começando.

— Talvez não venha a ser nada, em fim de contas — observou Heyst, que avançava a passos firmes.

— Não! Deixe que venha! — replicou Ricardo com ferocidade. — Estou em disposição para isso!

Quando os dois homens alcançaram o outro bangalô o rumor modulado e distante passara a um rosnar contínuo, enquanto os pálidos relâmpagos, qual ondas de fogo frio, inundavam a ilha e afastavam-se em rápida sucessão. Ricardo, inesperadamente, subiu correndo os degraus e enfiou a cabeça pela abertura da porta.

— Aqui está ele, patrão! Segure-o o mais tempo que puder... até que me ouça assobiar. Já encontrei a pista.

Atirou estas palavras para dentro do quarto com incrível rapidez e afastou-se para deixar passar a visita. Teve, porém, de esperar um considerável momento, pois Heyst, percebendo-lhe a intenção, afrouxara desdenhosamente o passo, e quando entrou no quarto foi com um sorriso, o sorriso de Heyst, a esconder-se sob o seu bigode marcial.

XI

Duas velas ardiam sobre a escrivaninha alta. Mr. Jones, enfaixado num roupão de seda azul, velho mas suntuoso, mantinha os cotovelos colados ao corpo e as mãos mergulhadas nos bolsos extraordinariamente fundos da vestimenta. Esse traje acentuava os seus traços emaciados. Ele se assemelhava a uma estaca pintada e encostada à escrivaninha, com uma cabeça ressequida e cheia de distinção duvidosa cravada na ponta. Ricardo deixara-se ficar à porta. Indiferente, na aparência, ao que se passava, estava na realidade fazendo tempo. Em dado momento, entre dois relâmpagos, desapareceu da moldura da porta como se se tivesse evaporado no ar exterior. Esse sumiço foi imediatamente notado por Mr. Jones, que abandonou a sua negligente imobilidade e deu alguns passos com o fim de se colocar entre Heyst e a porta.

— O ar está horrivelmente abafado — observou ele.

Heyst, que ficara no meio do quarto, tinha-se decidido pela franqueza.

— Não nos encontramos para falar do tempo. Esta manhã o senhor me disse uma frase um tanto enigmática a seu respeito: “eu sou aquele que é”. Que significa isso?

Sem olhar para Heyst, Mr. Jones continuou os seus movimentos distraídos até alcançar a posição visada. Encostou então os ombros ruidosamente à parede, próximo à porta, e ergueu a cabeça. Na emoção daquele momento decisivo o seu rosto desfigurado tornara-se reluzente de suor. As gotas de perspiração lhe escorriam pelas faces cavas e quase cegavam os olhos espectrais nas suas cavernas ósseas.

— Isso significa que eu sou homem que deve ser levado em conta. Não! Alto! Não leve a mão ao bolso!

Sua voz assumira um inesperado timbre agudo e selvagem. Heyst sentiu um tremor, e seguiu-se um momento de expectativa, durante o qual a voz de baixo do trovão rosnou ao longe e a porta, à direita de Mr. Jones, fulgurou com uma luz azulada. Finalmente Heyst sacudiu os ombros, e até olhou para a sua mão. Não a levou ao bolso, contudo. Mr. Jones, pregado à parede, viu-o levantar as duas mãos para as pontas dos bigodes horizontais e respondeu à interrogação que lia no seu olhar firme.

— Uma medida de prudência — disse ele no seu tom cavo natural, e com uma sinistra compostura das feições. — Um homem de vida livre como o senhor deve por certo ter compreendido isso. Embora o senhor seja uma pessoa muito

comentada, Mr. Heyst... pelo que me foi dado entender, prefere empregar as armas sutis da inteligência... não posso expor-me ao risco de vê-lo recorrer a... mm... método e mais grosseiros. Não sou bastante destituído de escrúpulos para rivalizar com o senhor no uso da inteligência, mas garanto, Mr. Heyst, que no outro terreno o senhor não pode competir comigo. Neste momento tenho-o sob a mira do meu revólver. E estou mirando desde que entrou neste quarto. Sim... aqui no meu bolso.

Durante esta arenga, Heyst olhou tranquilamente por cima do ombro, recuou um passo e sentou-se na beira da cama de campanha. Apoiando um cotovelo sobre o joelho, aninhou o rosto na palma da mão e pareceu refletir sobre o que iria dizer. Mr. Jones, plantado contra a parede, esperava visivelmente uma manifestação qualquer por parte do outro. Como não viesse nada, resolveu tomar a iniciativa de falar. Hesitava, porém. Embora achando que o passo mais difícil já fora dado, dizia consigo que cada fase da conversação requeria grandes cautelas, para que o homem, na expressão de Ricardo, não comesse a “encrencar” — o que seria altamente nefasto. Voltou a uma frase já dita antes:

— Eu sou um homem com quem se deve contar.

O outro continuou com os olhos cravados no chão, como se estivesse só no quarto. Houve um silêncio.

— Ouviu, então, falar em mim? — disse Heyst afinal, erguendo os olhos.

— Se ouvi! Estivemos hospedados no hotel de Schomberg.

— Schom... — ecoou Heyst.

— Que foi, Mr. Heyst?

— Nada. Náuseas — tornou Heyst resignadamente. E voltou à sua atitude de silêncio meditativo. — Que ajuste de contas é esse em que falou? — perguntou ao cabo de algum tempo, no tom mais calmo possível. — Eu não o conheço.

— É evidente que nós pertencemos à mesma... esfera social — começou Mr. Jones com lânguida ironia. No íntimo, mantinha uma vigilância extrema. — Alguma coisa fez com que o senhor fosse segregado... a originalidade das suas ideias, talvez. Ou dos seus gostos.

Mr. Jones teve um de seus fúnebres sorrisos. Em repouso, as suas feições tinham um curioso aspecto de austeridade exausta e maligna; mas quando ele sorria toda a sua máscara assumia uma expressão desagradavelmente infantil. A trovoadas continua recrudescendo lá fora, encheu o quarto de sons retumbantes e esvaiu-se em silêncio.

— O senhor não está aceitando a situação como deve — observou Mr. Jones. Foi isto o que ele disse, mas na realidade o negócio lhe parecia marchar de maneira

perfeitamente satisfatória. O homem, pensava, não tinha ânimo para lutar. E prosseguiu em voz alta: — Vamos! Não pode esperar em sair-se bem de tudo. E um homem com experiência do mundo.

— E o senhor? — interrompeu-o Heyst inesperadamente, — Como é que define a si mesmo?

— Eu, meu caro senhor? Em certo sentido eu sou... sim, sou o próprio mundo que lhe vem fazer uma visita. Em outro sentido, sou um proscrito... quase um foragido. Se prefere um ponto de vista menos material, sou uma espécie de destino... o castigo que aguarda a ocasião oportuna.

— Prouvera aos céus que fosse um bandido vulgar! — disse Heyst, erguendo para Mr. Jones os olhos serenos. — Ao menos seria possível falar claro e esperar um tratamento humano da sua parte. Mas deste modo...

— Eu detesto violências e ferocidades de qualquer sorte, quase tanto como o senhor — declarou Mr. Jones, encostado à parede com um ar muito lânguido, mas falando em voz bem alta. — Pode perguntar a Martin se não é assim. A nossa era, Mr. Heyst, é uma era de brandura. E, também, uma era sem preconceitos. Ouvi dizer que o senhor, de acordo com o espírito dos tempos, está isento deles. Não deve chocar-se se eu lhe disser claramente que nós viemos em busca do seu dinheiro... ou antes, eu vim, se prefere tomar-me como único responsável. Pedro, está visto, ignora esse intuito tão completamente como o ignoraria qualquer outro animal. Ricardo pertence à categoria dos sequazes fiéis... absolutamente identificado com todas as minhas ideias, desejos, e até caprichos.

Mr. Jones retirou a mão esquerda do bolso, puxou um lenço de outra algibeira e começou a enxugar o suor da testa, do pescoço, e do queixo. A excitação de que estava presa tornava-lhe visível a respiração. Metido naquele roupão comprido, tinha o ar de um convalescente que houvesse abusado imprudentemente de suas forças. Heyst, ancho de espáduas e robusto, observava da cama a operação, muito calmo, com as mãos descansando nos joelhos.

— E por falar nisso — perguntou ele, — onde está agora esse seu auxiliar? Arrombando a minha escrivaninha?

— Isso seria brutal. Entretanto, a brutalidade é uma das condições da vida — disse o patrão de Ricardo com levíssimo tom de chiste. — É possível, mas pouco provável. Martin é um tanto brutal, mas o senhor não o é, Mr. Heyst. Para dizer a verdade, não sei exatamente onde ele está. De algum tempo para cá tem andado um tanto misterioso, mas confio nele. Não, não se levante, sr Heyst!

Sua fisionomia espectral tinha uma indescritível expressão de malevolência.

Heyst, que se movera um pouco, surpreendeu-se com a intimação.

— Não pretendia levantar-me — disse ele.

— Tenha a bondade de ficar sentado — insistiu Mr. Jones em voz lânguida, mas com um brilho muito decidido nas órbitas escuras.

— Se o senhor fosse mais observador — disse Heyst com tranquilo desprezo, — teria percebido, antes de eu estar cinco minutos neste quarto, que não trago comigo arma de espécie alguma.

— E possível, mas faça o favor de estar quieto com as mãos. Estão muito bem onde estão. Considero muito importante este negócio para me arriscar.

— Importante? Muito importante? — repetiu Heyst, com autêntica surpresa. — Santo Deus! Muito pouco existe aqui daquilo que procura... muito pouco de qualquer coisa.

— É natural que o senhor diga isso, mas não foi o que nos contaram — retorquiu Mr. Jones em voz rápida, fazendo uma careta tão hedionda que era impossível considerá-la voluntária.

O semblante de Heyst fizera-se muito sombrio. Franziu as sobranceiras.

— Que foi que lhe contaram? — perguntou.

— Muita coisa Mr. Heyst... muita coisa. — Mr. Jones estava tentando recobrar as suas maneiras de lânguida superioridade. — Ouvimos falar, por exemplo, num certo sr. Morrison, outrora seu sócio.

Heyst não pôde reprimir um ligeiro movimento.

— Ahá! — disse Mr. Jones, com uma espécie de alegria fúnebre pintada no rosto.

Os trovões abafados pareciam ecos de um canhoneio longínquo, além do horizonte, e os dois homens tinham o ar de estarem a escutá-lo num silêncio carrancudo.

“Esta calúnia diabólica ainda acabará por me tirar literalmente a vida”, refletiu Heyst.

De súbito, desatou a rir. Mr. Jones escutava-o, portentoso e espectral.

— Ria à vontade. Eu, que fui escoraçado da sociedade por pessoas altamente morais, não vejo nada de cômico nessa história. Mas aqui estamos os dois, e o senhor terá de pagar agora o preço do seu divertimento, Mr. Heyst.

— Andaram contando uma porção de feias mentiras a vocês — observou Heyst. — Afirmo isso sob minha palavra.

— É natural que o senhor fale assim... muito natural. A verdade é que eu não ouvi muita coisa. A rigor, quem ouviu foi Martin. Ele é quem colhe informações

e o que for preciso. O senhor supõe que eualaria mais do que o estritamente necessário com aquele animal de Schomberg? Foi a Martin que ele fez confidências.

— Aestupidez daquela criatura é tão enorme que chega a ser formidável — disse Heyst, como se falasse para si mesmo.

Seus pensamentos volveram-se involuntariamente para a moça, a vaguear na floresta, sozinha e aterrada. Tornaria a vê-la? Aesta reflexão esteve a ponto de perder o domínio próprio. O que o retemperou um pouco foi a ideia de que, se ela havia seguido as suas instruções, esses homens não poderiam encontrá-la. Ignoravam que a ilha tinha habitantes; e uma vez que se houvessem desembaraçado dele seria muito grande a sua pressa de fugir para perderem tempo em procura de uma mulher desaparecida.

Tudo isso passou com rapidez de relâmpago pela mente de Heyst, como sói acontecer nos momentos de perigo. Ele olhou com expressão inquiridora para Mr. Jones que, é bem de ver, nem um só instante tirara os olhos da sua vítima em perspectiva. E Heyst formou a convicção de que esse renegado das altas esferas era um patife absolutamente empedernido e sem piedade.

A voz de Mr. Jones causou-lhe um sobressalto.

— Seria inútil, por exemplo, dizer-me que o chinês fugiu com o seu dinheiro. Um homem que vive sozinho numa ilha, com um chinês, tem o cuidado de esconder propriedades desse gênero, tão bem que o próprio diabo...

— Certamente — murmurou Heyst.

Mr. Jones tomou a esponjar, com a mão esquerda, o osso frontal, o espigado pescoço, a mandíbula aguçada, o descarnado queixo. Novamente lhe falhou a voz, e o seu aspecto tornou-se ainda mais horivelmente malévol, como o de um cadáver perverso e desapiedado.

— Entendo o que quer dizer — exclamou ele, — mas não deve confiar demasiado no seu engenho. O senhor não dá a impressão de ser uma pessoa muito engenhosa, Mr. Heyst. Eu tão pouco o sou. Os meus talentos são para outras coisas. Mas Martin...

— Que neste momento está ocupado em saquear minha escrivania — interpôs Heyst.

— Não creio. Ia dizer que Martin é muito mais sagaz do que um chinês. Não creê na superioridade racial, Mr. Heyst? Eu creio firmemente. Martin é afiadíssimo em descobrir segredos como o seu, por exemplo.

— Segredos como o meu! — repetiu Heyst com amargura. — Pois eu lhe desejo bom proveito do que descobrir!

— É muita gentileza sua — observou Mr. Jones. Estava começando a ficar ansioso pela volta de Martin. Homem de indomável sangue frio à mesa de jogo, destemido nos conflitos súbitos, percebera que essa tarefa de gênero especial punha à prova os seus nervos.

— Não se mexa de onde está! — gritou com rudeza.

— Já lhe disse que não estou armado — redarguiu Heyst, cruzando os braços no peito.

— Estou mesmo inclinado a acreditar nisso — confessou Mr. Jones com seriedade. — Coisa estranha! — refletiu em voz alta, com as cavernas dos olhos voltados para Heyst. E vivamente: — Mas a minha tenção é conservá-lo neste quarto. Não me provoque com algum movimento imprudente, ou vai fazer com que eu lhe esfacele o joelho, ou coisa parecida, com uma bala. — Passou a língua sobre os lábios, que estavam ressequidos e escuros, ao passo que a sua testa brilhava de suor. — Não sei se não seria melhor fazer isso duma vez!

— Quem se demora a pensar está perdido — disse Heyst com grave zombaria.

Mr. Jones não prestou ouvido à observação. Tinha o ar de confabular consigo mesmo.

— Fisicamente, não sou homem para enfrentá-lo — disse ele devagar, com o negro olhar cravado no homem que estava sentado na ponta da cama. — O senhor poderia saltar..

— Está procurando meter medo a si mesmo? — perguntou Heyst abruptamente. — Parece não ter suficiente coragem para a sua profissão. Por que não faz isso de uma vez?

Mr. Jones, violentamente ofendido, rosnou como um esqueleto furioso.

— Por muito estranho que isso lhe possa parecer, é em razão da minha origem, das minhas tradições, minhas relações de mocidade e outras bagatelas do mesmo jaez. Não são todos que conseguem despir-se dos preconceitos de um cavalheiro com a facilidade com o que o senhor o fez, sr. Heyst. Mas não se preocupe com a minha coragem. Se o senhor saltasse para mim, receberia na trajetória do seu pulo alguma coisa que o tomaria perfeitamente inofensivo quando pousasse pé em terra. Não, não nos interprete mal, sr. Heyst. Nós somos... mm... bandidos competentes, e viemos em busca do fruto das suas atividades de... mm... vigarista feliz. São os métodos deste mundo... engolir e vomitar!

Inclinou fatigadamente a cabeça sobre o ombro esquerdo. Sua vitalidade parecia exausta. As próprias pálpebras encovadas baixaram dentro das órbitas

ossudas. Só as suas sobranceiras finas, primorosamente desenhadas a lápis, um pouco franzidas, indicavam a vontade e o poder de fazer mal, uma invencível e mortal perversidade.

— Frutos! Vigarista! — repetiu Heyst sem calor, quase sem desprezo. — Estão se dando um trabalho infinito, o senhor e o seu fiel laçao, para quebrar uma noz vazia. Aqui não há fruto algum, como imagina. Há algumas libras, que serão suas se as quiser. E já que chamou a si mesmo de bandido...

— Sim! — tornou Mr. Jones em voz arrastada. — Antes isso que ser vigarista. Pelo menos faz-se guerra franca!

— Muito bem! Apenas, deixe-me dizer-lhe nunca houve no mundo dois bandidos mais logrados... nunca!

Heyst pronunciou estas palavras com tal energia que Mr. Jones, inteirando-se, pareceu ficar mais delgado e mais alto dentro do seu roupão de um azul metálico contra a alvura da parede caiada.

— Ludibriados por um estalajadeiro imbecil e velhaco! — prosseguiu Heyst. — Persuadidos como duas crianças com promessas de doces!

— Eu não falei com aquele animal repugnante — resmungou Mr. Jones de cara fechada; — mas ele convenceu Martin, que não é nenhum idiota.

— Creio que o seu Martin estava muito desejoso de se deixar convencer — disse Heyst, com o tom cortês tão conhecido nas ilhas. — Não quero perturbar-lhe a tocante fé no seu... no seu auxiliar, Mr. Jones, mas ele deve ser o bandido mais crédulo do mundo. Que supõe o senhor? Se essa história das minhas riquezas tivesse algo de verdadeiro, julga que Schomberg lhe teria comunicado por puro altruísmo? Esses são os métodos do mundo, Mr. Jones?

Por um momento, o patrão de Ricardo deixou pender o queixo. Mas tornou a cerrá-lo como um estalo de desprezo e disse com espectral intensidade:

— Aquele animal é poltrão! Estava amedrontado e queria livrar-se de nós, se o deseja saber, sr. Heyst. Não sei se o incentivo material era tão grande assim, mas eu andava cheio de tédio e resolvemos aceitar a indicação. Não me arrependo disso. Tenho passado toda a minha vida em busca de novas impressões, e o senhor me saiu uma pessoa inteiramente fora do comum. Martin, naturalmente, está interessado nos resultados materiais. Ele é simples... fiel... e duma admirável agudeza.

— Ah, sim! Ele está no rastro... — Heyst falava agora com uma zombaria polida e soturna — mas não é suficiente para que convenha meter-me uma bala sem mais delongas. Não lhe indicou Schomberg também o lugar preciso onde eu

escondia o fruto das minhas rapinas? Pf! Ignora então que ele seria capaz de lhe dizer qualquer coisa, verdadeira ou falsa, e por um motivo muito claro? Vingança! ódio cego... o repulsivo idiota!

Mr. Jones não parecia muito emocionado. À sua mão direita, o retângulo da porta acendia-se continuamente com os relâmpagos distantes, e o intermínio retumbar do trovão prosseguia, irritante, como o rosnar de algum gigante tartamudo e presunçoso.

Heyst dominou a sua imensa repugnância de aludir àquela cuja imagem, encolhida de medo na floresta, lhe estava constantemente diante dos olhos, com todo o patético e toda a força do seu apelo, para ele augusta, lamentável e quase santa. Foi com precipitação e em tom embaraçado que acrescentou:

— Se não fosse essa moça que ele perseguia com a sua paixão insensata e odiosa, e que veio lançar-se nos meus braços solicitando a minha proteção, esse indivíduo nunca teria... Mas o senhor bem gabe disso!

— Eu não sei tal! — estrugiu Mr. Jones com assombrosa veemência. — Aquele hoteleiro quis falar-me numa garota que lhe tinha fugido, mas eu repliquei que não queria ouvir essas malditas histórias de mulheres. O caso tinha alguma relação com o senhor, então?

Heyst contemplava este rompante com serenidade. Depois perdeu um pouco da sua paciência.

— Que espécie de comédia é esta? O senhor quererá dizer que ignorava que eu tinha... que a moça estava aqui?

Percebia-se que os olhos de Mr. Jones se haviam tornado fixos nas profundezas das suas cavernas negras, pelo reflexo das escleróticas que se imobilizara. Todo o seu corpo parecia ter-se congelado.

— Ouça aqui! Ouça aqui! — gritou ele duas vezes, em tom agudo. Era inconfundível o seu espanto, a sua chocada incredulidade... qualquer coisa como uma repugnância mesclada de terror.

Heyst também sentia repugnância, mas em outro sentido. Também ele estava incrédulo. Arrependia-se de ter falado na moça. Mas o mal estava feito. Sua repulsão cedera ao calor da discussão com o absurdo bandido.

— Será possível que o senhor não estivesse ao par de um fato tão significativo? — indagou ele. — Da única verdade no meio dessas tolas mentiras pelas quais se deixaram enganar tão facilmente?

— Não sabia, não! — bradou Mr. Jones. — Mas Martin sabia! — acrescentou num ligeiro murmúrio; e foi tudo que o ouvido de Heyst conseguiu apanhar.

— Eu a conservei escondida o mais tempo que pude disse este. — Talvez que com a sua educação, as suas tradições, etcétera, o senhor compreenda a minha razão para fazer isso.

— Ele sabia. Sabia antes de virmos para cá! — gemia Mr. Jones em voz cava.
— Desde o começo sabia da existência dessa mulher!

Apoiado de costas contra a parede, deixara de vigiar Heyst. Tinha a aparência de um homem que vê escancarar-se um abismo aos seus pés.

Se eu quiser matá-lo, é este o momento azado, pensou Heyst. Não se mexeu, porém.

Um instante depois Mr. Jones ergueu a cabeça com um movimento brusco, os olhos a fuzilar de fúria sardônica.

— Pelo sim, pelo não, meto-lhe uma bala no couro, ermitão mulherengo, homem da lua que não pode viver sem... Não, não será a você que eu matarei. Será o outro femeeiro... o pelintra reles, amoroso embusteiro e fingido! E ele se barbeou... barbeou-se diante do meu nariz! Hei de matá-lo!

“O homem perdeu o juízo”, pensou Heyst, surpreso com o furor repentino do espectro.

Sentia-se mais em perigo, mais próximo da morte que em qualquer momento desde que entrara no quarto. Um bandido louco é uma combinação mortal. Ele não sabia, nem podia saber, que Mr. Jones tinha o pensamento bastante veloz para ver já extinto o seu império sobre o pensar e o sentir do excelente secretário, para pressentir a iminente defecção de Ricardo. Uma mulher tinha intervindo! Uma mulher, uma garota que possuía aparentemente o dom de despertar a repugnante loucura dos homens. Já em dois casos dera provas desse seu poder: com o bestial estalajadeiro e com esse homem de bigodes, em quem Mr. Jones, com a destra mortífera a contrair-se dentro do bolso, fitava uns olhos arregalados, mais de repulsa que de cólera. O próprio objetivo da expedição perdera-se de vista nessa sensação repentina e avassaladora de completa insegurança. E isto enfurecia extremamente a Mr. Jones, mas não contra o homem dos bigodes. E assim, enquanto dizia consigo que não tinha talvez dois minutos de vida, Heyst ouviu-se interperlar sem nenhuma afetação de lânguida insolência, mas com um ímpeto de resolução febril:

— Escute aqui! Vamos fazer uma trégua! — disse Mr. Jones.

Heyst estava por demais descoroçoado para poder sorrir.

— Estive-lhe fazendo guerra, por acaso? — perguntou com voz fatigada. — Como pode esperar que eu empreste algum sentido às suas palavras? O senhor parece ser um bandido mórbido e destituído de senso. Nós não falamos a mesma

língua. Se eu lhe dissesse por que motivo estou aqui a conversar com o senhor, não me daria crédito porque não me poderia compreender. Não é certamente por amor a vida, sentimento de que me divorciei há muito tempo... não de todo, talvez. Mas se receia pela sua, repito-lhe que ela nunca correu perigo da minha parte. Estou desarmado.

Mr. Jones mordia o lábio inferior, imerso em profunda meditação. Só no fim do discurso de Heyst foi que ele olhou para este.

— Desarmado, hein? — E numa explosão violenta: — Estou-lhe dizendo que um cavaleiro não pode competir com o rebanho comum! E somos obrigados a nos utilizar deles. Desarmado, hein? E suponho que essa criatura seja das mais vulgares. O senhor não podia tê-la tirado de um salão. Se bem que no fundo elas sejam todas iguais... Desarmado! É uma lástima. Eu corro muito mais perigo do que o senhor... ou muito me engano. Mas não... eu — conheço o meu homem!

Perdeu aquele ar de vacuidade mental e desfez-se em exclamações agudas. Para Heyst, essas ejaculações pareceram mais doidas que qualquer coisa ouvida antes.

— No rastro! Na pista! — gritava o homem, esquecendo-se ao ponto de executar uma dança selvagem no meio do quarto.

Heyst olhava, fascinado por esse esqueleto envolto num roupão de cores alegres, movendo-se aos arrancos como um títere grotesco acionado por fios invisíveis. O boneco aquietou-se repentinamente.

— Eu devia ter farejado mouro na costa! Sempre previ esse perigo. — Passou de súbito ao tom confidencial, fixando um olhar sepulcral em Heyst. — E contudo, aqui me vê ludibriado por esse sujeito, como o maior dos idiotas. Sempre andei à espreita de uma influência bestial dessa sorte, e contudo aqui estou, colhido no laço! Ele barbeou-se na minha frente e eu não adivinhei!

O riso agudo, sucedendo-se ao tom baixo de confiança, tinha um tão convincente caráter de demência que Heyst se levantou como que movido por mola. Mr. Jones recuou dois passos, mas sem revelar inquietação...

— É claro como a luz do dia! — disse ele em voz de lamento. E se calou.

Atrás dele o retângulo da porta fulgurou com uma luz lívida, e um ruído semelhante ao de uma batalha naval além do horizonte encheu a pausa palpitante. Mr. Jones inclinou a cabeça sobre o ombro. Sua disposição de espírito mudara por completo.

— Que me diz o sr. homem desarmado? Devemos ir averiguar o que está detendo por tanto tempo o meu leal Martin? Ele me pediu para prender o senhor

com uma conversa amigável enquanto continuava a estudar a pista. Ah, ah, ah!

— Sem dúvida, está vasculhando a minha casa — disse Heyst.

Estava atônito. Parecia-lhe que tudo aquilo era um sonho incompreensível, ou talvez uma brincadeira complicada do outro mundo, armada por esse espectro de vistoso roupão.

Mr. Jones olhou para ele com um horrível sorriso cadavérico de inescrutável zombaria, e apontou para a porta. Heyst saiu na frente. Tinha a sensibilidade tão embotada que já não lhe importava o momento em que fosse alvejado pelas costas.

— Como o ar está pesado! — disse a voz de Mr. Jones ao seu lado. — Esta estúpida tempestade me irrita os nervos. Receberia com satisfação um pouco de chuva, embora fosse desagradável molhar-me. Por outro lado, esta trovoadas exasperante tem a vantagem de ocultar a nossa aproximação. O relâmpago é que é inconveniente. Ah, a sua casa está completamente iluminada! O meu hábil Martin está devastando a sua provisão de velas. Ele pertence à classe dos sem-cerimônia, que são também destituídos de afetividade, de lealdade e assim por diante.

— Deixei as velas acesas — disse Heyst — para lhe poupar trabalho.

— O senhor esperava realmente que ele iria à sua casa? — inquiriu Mr. Jones com sincero interesse.

— Tinha uma forte suspeita disso. Creio mesmo que ele está lá agora.

— E isso não lhe importa?

— Não!

— Não lhe importa? — Mr. Jones parou, assombrado.

— O senhor é um homem extraordinário — disse ele suspeitosamente. E seguiu adiante, roçando cotovelos com Heyst.

No peito deste morava um profundo silêncio, o silêncio completo das faculdades não utilizadas. Nesse momento, com um simples encontrão de ombro em Mr. Jones poderia atirá-lo ao chão e, em dois ou três saltos, colocar-se fora do alcance do seu revólver. Mas nem sequer pensou nisto. Sua própria vontade parecia morta de fadiga. Caminhava automaticamente, a cabeça baixa, como um cativo enfeitado pelo poder maligno de um esqueleto que houvesse fugido da sepultura em traje de mascarada. Mr. Jones encarregava-se de lhe dirigir os passos. Descreveram uma grande volta. Os ecos do trovão distante pareciam persegui-los nos calcanhares.

— A propósito — disse Mr. Jones, como se não pudesse reprimir a sua curiosidade, — o senhor não se sente ansioso por essa... uf!... essa fascinante criatura a quem deve o prazer que lhe possa causar a nossa visita?

— Eu a pus em lugar seguro — disse Heyst. — Tomei essa precaução.
Mr. Jones pousou-lhe uma mão no braço.

— Sim? Pois olhe! É a isso que chama pô-la em lugar seguro?

Heyst ergueu os olhos. À luz dos relâmpagos a desolada clareira, à sua esquerda, revelava-se e tornava a desaparecer nas trevas, e com ela as formas fugidias de coisas distantes, pálidas e extraterrenas. Mas no retângulo brilhante da porta ele viu a moça... a mulher que suspirava por ver uma vez mais — como que entronizada, com as mãos nos braços da cadeira. Estava de preto, o rosto branco, a cabeça sonhadoramente inclinada sobre o peito. Heyst só a via dos joelhos para cima. Ele a via ali, na sala, bem viva e cheia de sombria realidade. Não era uma visão ilusória. Ela não estava na floresta, mas ali! Estava sentada na cadeira, aparentemente sem forças mas também sem receio, curvando-se ternamente.

— O senhor é capaz de compreender o poder dessas criaturas? — cochichou-lhe ao ouvido o hálito ardente de Mr. Jones. — Pode haver espetáculo mais repugnante? Isso é suficiente para tomar detestável a terra inteira. Ela parece ter encontrado o eleito da sua alma. Chegue-se mais perto. Se eu tiver de matá-lo no final, pode ser que ao menos morra curado.

Heyst obedeceu à pressão de um cano de revólver nas suas costas. Se bem que o sentisse distintamente, não sentia o solo sob os seus pés. Encaminharam-se para a escada e, sem que ele tivesse consciência de a estar subindo, galgaram lentamente os degraus, um por um. A dúvida introduzira-se no seu espírito, uma dúvida de espécie nova, sem forma e hedionda. Parecia espalhar-se por todo o seu corpo, invadir-lhe os membros e alojar-se nas suas entranhas. Estacou subitamente, pensando que o homem que experimentava tal sentimento não tinha o direito de viver — ou talvez já tivesse cessado de existir.

Todas as coisas, o bangalô, a floresta, a clareira, tremiam continuamente. A terra e o próprio céu sacudiam sem cessar, e a única coisa imóvel nesse universo presa de convulsões era o interior da sala iluminada, onde a mulher de preto estava sentada à luz das oito velas. Estas lançavam em torno dela um brilho intolerável que feria a vista de Heyst, parecia requeimar-lhe o próprio cérebro com uma radiação de calor infernal. Seus olhos encandeados levaram algum tempo a distinguir Ricardo, que estava sentado no assoalho a pequena distância, com as costas parcialmente voltadas para a porta. Seu perfil alçado revelava o arroubo absorto da sua contemplação.

A ossuda garra de Mr. Jones segurou Heyst, fazendo-o recuar um pouco. Entre os ribombos do trovão, que cresciam e só acalmavam, ele cochichou-lhe

sarcástico ao ouvido: “Estava visto!”

Uma grande vergonha baixou sobre Heyst: uma vergonha de culpado, absurda e endoidecedora. Mr. Jones arrastou-o ainda mais para trás na escuridão da varanda.

— Isto é sério — disse ele, destilando o seu sepulcral veneno no ouvido de Heyst. — Muitas vezes tive de fechar os olhos a essas bagatelas. Mas desta vez é sério. Ele encontrou enfim a sua companheira espiritual. Almas de lodo, obscenas e astutas! E corpos de lama, corpos formados da lama das sarjetas! Digo-lhe que nós não podemos competir com essa vil gentalha. Até eu por pouco não fui apanhado na armadilha. Ele me pediu que segurasse o senhor até lhe ouvir o sinal. Não é ao senhor que terei de matar, mas a ele. Depois disto, não poderia tê-lo cinco minutos perto de mim!

Deu uma leve sacudida ao braço de Heyst.

— Se o senhor não se tivesse referido a essa criatura, estaríamos ambos mortos antes de amanhecer. Ele o apunhalaria quando o senhor descesse a escada ao sair do meu bangalô, e depois entraria para me cravar a mesma faca nas costelas. Esse homem não tem preconceitos. Quanto mais vil a origem, maior a liberdade dessas almas simples!

Tomou uma respiração cautelosa e um pouco sibilante, e acrescentou num murmúrio agitado:

— Eu leio claramente os pensamentos dele. Quase me pegou dormindo com suas artimanhas.

Esticou o pescoço afim de olhar para dentro da sala, pela ombreira da porta. Heyst deu também um passo à frente, sob o leve impulso daquela mão esguia e ossuda que lhe apertava o braço.

— Veja! — farfalhou-lhe ao ouvido num tênue fio de voz, com espectral camaradagem, o esqueleto do bandido louco. — Veja o simples Acis beijando as sandálias da ninfa, a caminho dos seus lábios, enquanto a flauta ameaçadora de Polifemo já soa bem perto... Se ele pudesse ouvi-la! Abaixei-se um pouco.

XII

Ao voltar ao bangalô, rápido como se tivesse asas nos pés, Ricardo encontrara Lena à sua espera. Estava vestida de preto; e logo a sua exultante leveza cedeu o passo a uma paciência respeitosa e trêmula ante o rosto pálido dela, ante a sua postura imóvel e repousada, maravilhosa para quem, como ele, lhe conhecia a força dos músculos e o espírito indomável. Ela tinha vindo para a sala depois de partir Heyst, e sentara-se sob o retrato, afim de esperar pela volta do homem de violência e de morte. Enquanto erguia a cortina sentia a angústia de desobedecer assim ao seu amor, angústia temperada por um sentimento que já conhecia, um suave banho de penetrante doçura. Não obedecia automaticamente a uma sugestão momentânea; guiavam-na influências mais refletidas, mais vagas e mais potentes. Retirava energia, não da sua vontade mas de uma força externa e de mais alto valor. Não contava com coisa alguma definida; nada havia calculado. Apenas conhecia o seu propósito de capturar a morte... a morte selvagem, súbita e irresponsável, rondando o homem que era seu senhor; a morte materializada numa faca pronta a cravar-se-lhe no coração. Fora, sem dúvida, um pecado atirar-se aos braços dele. Com essa inspiração que nos vem por vezes do alto, por fortuna ou por desgraça da nossa comum mediocridade, ela compreendia que fora para ele apenas uma escolha sincera e ardente da curiosidade e da compaixão... uma coisa passageira. Não o conhecia. Se ele a abandonasse, desaparecendo, não pronunciaria uma palavra de censura, não lhe guardaria rancor, pois havia de levar consigo a impressão de uma coisa extremamente rara e preciosa: os abraços dele tornados propriedade sua pelo denodo de lhe salvar a vida.

Tudo em que pensava — a essência dos seus tremores, das ondas de calor e dos arrepios de frio — era a maneira como havia de se apoderar daquela faca, objetivação e símbolo da morte rondadora. Agitava-lhe as mãos um tremor de impaciência por agarrar a terrível arma, entrevista uma única vez e inesquecível.

O instintivo avançar dessas mãos fez Ricardo estacar entre a porta e a cadeira em que ela estava sentada, com a pronta obediência de um homem conquistado e que pode aguardar tranquilamente a sua oportunidade. O feliz efeito do seu gesto desconcertou-a. Escutou os terríveis transportes elogiosos do homem e suas declarações de amor, ainda mais assustadoras. Pôde mesmo fitá-lo nos olhos, oblíquos e fugidios, a expelir selvagens faíscas de desejo,

— Não! — dizia ele, após o ardente jorro de palavras em que as mais ferozes frases de amor se mesclavam aos acentos de súplica de um namorado. — Não

suporto mais isto! Não desconfies de mim. Sou moderado na minha linguagem. Vê como estão calmas as batidas do meu coração. Dez vezes julguei hoje, quando te via — a ti, a ti! — diante dos meus olhos, que ele me ia rebentar as costelas ou pular-me à garganta. Ele cansou-se de tanto bater à espera desta noite, deste mesmo minuto. E agora não pode mais. Vê como está sossegado!

Deu um passo à frente, porém ela ergueu a clara voz em tom de comando:

— Não chegue mais perto!

Ricardo parou com um sorriso de adoração imbecil nos lábios, com a obediência deleitada de quem podia a qualquer momento agarrá-la e atirá-la ao chão.

— Ah, se eu te houvesse segurado pelo pescoço esta manhã e feito o que queria contigo, nunca ficaria sabendo o quanto vales. Mas agora te conheço. És uma maravilha! E eu também, cá ao meu jeito. Tenho audácia, e tenho cabeça também. Nós nos teríamos perdido muitas vezes, se não fosse eu. Sou eu que faço os planos, sou eu que conspiro pelo meu chefe. Um cavalheiro... pf! Estou farto dele. E tu do teu, hein? Ah, tu, tu!

Tremia por todo o corpo. Arrulhou uma série de nomes carinhosos, ternos e obscenos. Terminou perguntando abruptamente:

— Por que não me falas?

— O meu papel é escutar — disse ela, dando-lhe um sorriso inescrutável, com um rubor nas faces e os lábios frios como gelo.

— Mas vais responder, não é?

— Sim.

— Os olhos de Lena dilataram-se como se ela tomasse interesse subitamente. Onde está essa presa? Sabes?

— Não! Ainda não.

— Mas há dinheiro escondido por aí, dinheiro que recompense o nosso trabalho?

— Sim, creio que há. Mas quem sabe? — juntou ela depois de uma pausa.

— E quem se importa com isso? — retrucou ele estouvadamente. — Estou farto de rastejar. Tu é que és o meu tesouro. Foi a ti que descobri, no lugar onde um cavalheiro te havia enterrado para apodreceres debaixo das suas malditas carícias!

Olhou para atrás e em torno de si procurando uma cadeira, depois voltou para ela os seus olhos perturbados e o seu sorriso apagado.

— Estou morto de cansaço — disse, sentando-se no chão. — Comecei a me sentir cansado esta manhã, desde que vim cá e me pus a conversar contigo... tão

cansado como se tivesse derramado o meu sangue nestas tábuas para que tu molhasses nele os teus pezinhos brancos.

Impassível, Lena sacudiu a cabeça pensativa para ele. Todas as suas faculdades permaneciam femininamente concentradas no objeto do seu desejo — a faca — enquanto o homem continuava a balbuciar coisas loucas aos seus pés, adulator e selvagem, quase doido de júbilo. Mas ele também se mantinha firme no seu propósito.

— Por ti! oh, por ti desperdiçarei dinheiro e vidas... todas elas, menos a minha! Do que precisas é dum homem, de um amo que te deixe por-lhe o pé no pescoço, e não desse fujão que se cansaria de ti dentro de um ano, e tu dele. E depois? Tu não és de índole conformada; nem eu, tão pouco. Eu vivo para mim mesmo, e tu também viverás para ti, e não para um barão sueco. Eles se servem das pessoas da nossa espécie. Um cavalheiro é melhor do que um patrão, mas o que nós precisamos é de formar uma sociedade de camaradas, contra todos os hipócritas. Vamos correr o mundo inteiro, tu e eu, livres e sinceros os dois. Tu não és um pássaro de gaiola. Vamos correr aventura juntos, porque nós somos daqueles que não têm pátria! Nascemos errantes!

Ela o escutava com a máxima atenção, como se qualquer palavra inesperada pudesse dar-lhe um pretexto para se apoderar da terrível faca e desarmar o crime personificado, que estava ali aos seus pés suplicando amor. Tornou a sacudir a cabeça pensativamente, fazendo acender-se uma faísca naqueles olhos amarelos que, cheios de adoração, lhe devoravam o rosto. Quando ele se acercou um pouco mais, Lena não experimentou nenhum recuo íntimo. Tinha de ser assim. Aceitava tudo que contribuísse para por ao alcance da sua mão a faca daquele homem. Ele passou a falar em tom mais confidencial.

— Nós nos encontramos, e chegou a hora deles — principiou, mirando-a nos olhos. — Terei de liquidar a minha sociedade com o meu cavalheiro. Onde estamos nós dois, não há lugar para ele. Pois se ele me mataria como a um cão! Mas não te inquietes! Isto resolverá o assunto, e esta noite mesmo!

Bateu na perna dobrada, abaixo do joelho, e admirou-se, lisonjeado, ao ver o rosto dela iluminar-se e inclinar-se para ele, ávido e expectante, os lábios puerilmente entreabertos, rubros no rosto pálido e frementes sob a respiração acelerada.

— Ó maravilha, ó milagre, ó felicidade e alegria dum homem... uma mulher num milhão! Não, a única no mundo! Encontrei em mim o teu homem — murmurou em voz trêmula. — Escuta! Eles estão conversando pela última vez,

porque eu darei cabo do teu cavalheiro também, por volta da meia-noite!

Logo que passou a sensação de constrição no peito e lhe foi possível falar, ela murmurou sem o menor tremor:

— Eu não teria tanta pressa... com ele.

A pausa e o tom, tudo isso tinha a aparência de um conselho bem meditado.

— Boa e atilada garota! — riu ele em voz baixa, com uma estranha alegria felina traduzida pelo movimento ondulatório dos seus ombros e pelos olhos oblíquos que pestanejavam cintilantes. — Ainda estás pensando nessa bolada. Hás de fazer uma boa parceira, ora se não! E que chamariz! Papagaio!

Abandonou-se um momento ao seu entusiasmo, mas não tardou a ensombrecer-se-lhe o rosto.

— Não! Nada de tréguas. Por quem é que tu me tomas, por um espantalho? Só chapéu e roupas e nenhum sentimento cá dentro, nenhum miolo para imaginar as coisas? Não! — prosseguiu com violência. — Nunca mais na vida entrará ele no teu quarto... nem uma vez mais!

Houve um silêncio. Ele ficara sombrio, atormentado pelo ciúme, e não olhava mais para ela. Lena aprumou-se na cadeira e devagar, pouco a pouco, foi-se inclinando cada vez mais para ele, como se estivesse pronta a cair-lhe nos braços. Ricardo ergueu os olhos afinal, pondo termo, sem o saber, a esse movimento descendente.

— Escuta! Tu, que tens coragem para lutar com um homem braço a braço, não poderias... hein?... não poderias espetar um com uma faca como a minha?

Ela arredondou muito os olhos e dirigiu-lhe um sorriso adoidado.

— Como poderei saber? — murmurou, numa voz enfeitiçadora. — Deixas que eu a veja?

Sem tirar os olhos do rosto dela Ricardo sacou a faca, uma lâmina de dois gumes, curta, larga e cruel, com cabo de osso. Só então baixou os olhos para a arma.

— Uma boa amiga. Pega-a e sente-lhe o peso — sugeriu.

No momento em que Lena se curvou para receber a faca das suas mãos — passou-lhe pelos olhos misteriosos uma centelha de fogo — um clarão vermelho na névoa branca que envolvia os impulsos e os anseios da sua alma. Conseguira! Tinha nas mãos o próprio ferrão da morte, o veneno da víbora no seu paraíso, extraído, inofensivo em seu poder... e a cabeça do réptil quase debaixo do seu calcanhar. Ricardo, estendido sobre as esteiras do assoalho, — chegava-se de rastos cada vez mais perto da cadeira em que ela estava sentada.

Lena tinha todas as suas faculdades ocupadas em encontrar uma maneira

de conservar em sua posse aquela arma que lhe parecia concentrar em si todos os perigos e ameaças desta terra submetida ao império da morte. Lena disse com um riso baixo, que ele não soube interpretar:

— Eu não julgava que você me confiaria isto!

— Por que não?

— De medo que eu o apunhalasse de repente.

— Por quê? Pelo que aconteceu esta manhã? Oh, não! Não me guardas rancor por isso. Já me perdoaste. Tu me salvaste, e também me venceste. E, de qualquer modo, para que serviria isso?

— E mesmo, para nada — respondeu ela.

Sentia no seu íntimo que não saberia como fazê-lo, e, se houvesse luta, deixaria cair a adaga e lutaria com as suas mãos.

— Escuta. Quando nós andarmos juntos pelo mundo, tu me chamarás sempre de marido. Estás ouvindo?

— Sim — disse ela, cobrando vigor para o encontro, sob qualquer forma que se apresentasse.

A faca jazia no seu regaço. Deixou-a entre as dobras do vestido e pousou os braços, com os dedos entrelaçados, sobre os joelhos, que apertava desesperadamente um contra o outro. Escondera afinal o terrível objeto. Sentiu todo o corpo molhado de suor.

— Eu não vou te esconder como esse cavaleiro é inútil, pernóstico e escaminho. Serás a minha companheira e o meu orgulho. Isso não é melhor do que ficar apodrecendo numa ilha para gozo de um cavaleiro até que ele te dê fora?

— Serei tudo que quiser — disse ela.

Na sua embriaguez ele se aproximava mais e mais a cada palavra que ela pronunciava, a cada movimento que ela fazia.

— Me dê seu pé — suplicou num murmúrio tímido, com plena consciência do seu poder.

Qualquer coisa! Qualquer coisa para conservar a morte inativa e desarmada, enquanto lhe voltava a força aos membros e até que ela pudesse resolver o que faria. A própria facilidade do seu sucesso lhe abalara a fortaleza. Avançou um pouco o pé sob a fimbria da saia, e o homem atirou-se a ele, sofregamente. Lena não o percebeu sequer. Lembrara-se da floresta, para onde lhe tinham dito que fugisse. Sim, a floresta: para lá devia levar a terrível presa, o ferrão da morte vencida. Segurando-lhe os tornozelos, Ricardo comprimiu vezes e mais vezes os lábios contra o peito do seu pé, murmurando palavras anelantes que semelhavam soluços,

emitindo pequenos ruídos que pareciam sons de pesar e aflição. Sem que nenhum dos dois o ouvisse, o trovão rosnava ao longe com modulações coléricas da sua voz formidável, enquanto o mundo, lá fora, estremecia sem cessar em volta da grande quietude da sala, onde o perfil emoldurado do pai de Heyst tinha os olhos severamente fitos no espaço.

Súbito, Ricardo sentiu-se repellido pelo pé que ele cobria de beijos, repellido com um golpe tão violento no côncavo da sua garganta que o fez aprumar-se imediatamente sobre os joelhos. Leu a ameaça no olhar petrificado da moça, e no próprio momento de saltar em pé ouviu, destacando-se entre as vozes ameaçadoras da tempestade, o breve estampido de um tiro que o deixou meio atordoado, à maneira de uma pancada. Voltou a cabeça, que lhe ardia, e viu Heyst de pé na abertura da porta. Perpassou-lhe o espírito a ideia de que o desgraçado começara a “armar baderna”. Durante uma fracção de segundo os seus olhos aflitos procuraram a arma por todo o assoalho. Não a encontrou.

— Espete-o você! — gritou em voz rouca à moça, arremessando-se para a porta dos fundos.

Enquanto obedecia deste modo ao instinto de conservação, a razão lhe dizia que não poderia alcançar a porta com vida. A porta, todavia, abriu-se com estrondo sob o seu furioso embate, e imediatamente ele a fechou atrás de si. Ali, com os ombros encostados a ela, agarrado com ambas as mãos ao trinco, atordoado e só na noite cheia de estremecimentos e de rosnidos ameaçadores, tentou recobrar o domínio de si mesmo. Perguntava consigo se lhe teriam atirado mais de uma vez. Tinha o pescoço úmido do sangue que lhe escorria da cabeça. Apalpando por cima da orelha, certificou-se de que era uma ferida superficial, mas o choque da surpresa o desfibrara momentaneamente.

Que diabo estava fazendo o patrão, para deixar aquele desgraçado assim à solta? Ou... estaria o patrão morto, por acaso?

O silêncio da gala impressionava-o. Não podia pensar em voltar.

— Mas ela sabe se cuidar — murmurou.

A mulher ficara com a sua faca. Era ela agora que tinha a morte nas mãos, enquanto ele se achava desarmado, imprestável de momento. Afastou-se furtivamente da porta, com o regatinho tépido a escorrer-lhe pelo pescoço, para averiguar o que acontecera ao patrão e munir-se de uma arma de fogo no arsenal das malas.

XIII

Mr. Jones, depois de atirar por cima do ombro do Heyst, julgara conveniente se retirar. Como o espectro que era, desaparecera sem ruído da varanda. Heyst entrou titubeante na sala e olhou em derredor de si. Todas as coisas que se achavam ali — os livros, o brilho fosco da prata velha que conhecia desde criança, o próprio retrato na parede — pareciam vagas, insubstanciais, cúmplices mudas num assombroso enredo de sonho que terminava numa ilusão de despertar, com a impossibilidade de jamais tomar a cerrar os olhos. Olhou para a moça, com esforço e com terror. Ainda sentada na cadeira, ela curvara-se muito baixo sobre os joelhos, escondendo o rosto nas mãos. Heyst lembrou-se repentinamente de Wang. Como era claro tudo isto — e imensamente divertido! Imensamente!

Lena aprumou-se um pouco, depois recostou-se no espaldar, e, tirando as mãos do rosto, apertou-as ambas de encontro ao coração, como se a emocionasse, profundamente o vê-lo ali a olhar para ela com uma torva e horrorizada curiosidade. Heyst sentiria pena dela se a expressão triunfante do seu rosto não lhe produzisse um choque que destruía o equilíbrio dos seus sentimentos. Lena falou com um acento de alegria selvagem:

— Eu sabia que tu voltarias a tempo! Já não corres perigo. Consegui! Nunca, nunca permitiria que ele... — Morreu-lhe a voz, enquanto seus olhos brilhavam para ele, como o sol quando rompe a neblina. — Que ele a levasse de novo. Ó meu bem-amado!

Ele inclinou gravemente a cabeça e disse no seu tom polido:

— Não há dúvida que agiste por instinto. As mulheres receberam a sua arma própria. Eu era um homem desarmado, e vejo agora que toda a minha vida o fui. Podes glorificar-te na tua habilidade e no profundo conhecimento que tens de ti mesma. Mas parece-me que a outra atitude, que sugeria vergonha, tinha o seu encanto. Porque és cheia de encantos!

O júbilo desapareceu do rosto dela.

— Não debes zombar de mim agora. Eu não sei o que é vergonha. Estava agradecendo a Deus de todo o meu coração pecador, por me ter permitido fazer isto... por te haver dado a mim desta maneira... oh, meu amado... inteiramente meu, afinal!

Ele a olhava como doido. Timidamente, Lena procurou desculpar-se por ter

desobedecido às instruções que ele lhe dera para que se pusesse a salvo. Cada modulação da sua encantadora voz lhe rasgava o peito, e o doloroso da sensação mal lhe permitia compreender as palavras. Voltou as costas para a mulher, mas uma súbita pausa, um extraordinário desfalecimento da voz dela, o fez girar sobre os calcanhares. Sobre o alvo pescoço a cabeça da moça pendia como, sob uma rajada cruel, uma flor murcha pendo na sua haste. Ele reteve o fôlego, olhou-a de perto e julgou ler nos seus olhos alguma terrível compreensão. No momento em que as suas pálpebras caíam, como se um poder invisível as tivesse ferido de cima, Heyst a ergueu da cadeira e, sem prestar atenção a um tinido metálico no assoalho, carregou-a para o outro quarto. O abandono daquele corpo o assustava. Depois de a deitar na cama tornou a sair correndo, tomou um candelabro de quatro ramos que se achava em cima da mesa e correu de novo ao quarto, arrancando com um puxão furioso a cortina que pendia estupidamente no seu caminho. Mas depois de por o candelabro sobre a mesinha de cabeceira, ficou absolutamente ocioso. Não parecia restar-lhe mais nada que fazer. Segurando o queixo com a mão, olhava atentamente para o rosto imóvel de Lena.

— Ela foi apunhalada com esta coisa? — perguntou Davidson, que ele subitamente viu de pé ao seu lado, mostrando-lhe a faca de Ricardo. Heyst não pronunciou uma só palavra de reconhecimento ou de surpresa. Deitou apenas um olhar mudo a Davidson, um olhar cheio de inexprimível horror. Depois, como que tomado de um furor repentino, pôs-se a rasgar a frente do vestido da moça. Ela permanecia insensível sob as suas mãos, e Heyst proferiu um gemido que fez Davidson estremecer interiormente. Era o surdo queixume de um homem que cai golpeado na cabeça, no escuro.

Os dois homens ficaram lado a lado, olhando lugubrememente para o pequeno orifício negro que a bala de Mr. Jones tinha aberto sob o túmido peito, de uma alvura deslumbrante e como que sagrada. O peito arfava levemente, tão levemente que só os olhos do amante podiam distinguir essa débil palpação de vida. Heyst, calmo e com o rosto completamente desfigurado, caminhando pelo quarto sem fazer ruído, preparou um pano molhado e estendeu-o sobre a insignificante ferida, em torno da qual apenas ligeiros traços de sangue maculavam o encanto e a fascinação daquela carne mortal.

— Às pálpebras de Lena estremeceram. Ela olhou sonolentemente em redor de si, serena, como que apenas fatigada com os esforços da sua tremenda vitória, a conquista do ferrão da morte a serviço do seu amor. Mas os seus olhos arredondaram-se, bem acordados, quando ela avistou a adaga de Ricardo, o despojo

da morte vencida, que Davidson segurava ainda inconscientemente.

— Me dá! — disse ela. — É minha.

Davidson depôs-lhe o símbolo da sua vitória nas débeis mãos estendidas para ele com o gesto inocente de uma criança que pede com avidez um brinquedo.

— Para você — suspirou ela, virando os olhos para Heyst. — Não mate ninguém.

— Não — disse Heyst, tomando a adaga e depositando-a suavemente no peito de Lena, cujas mãos caíram sem forças ao longo do corpo.

Esvaiu-se o débil sorriso de seus lábios profundos e a cabeça afundou-se-lhe no travesseiro, assumindo a majestosa palidez e a imobilidade do mármore. Mas um ligeiro e horrível tremor percorreu os músculos que pareciam imobilizados para sempre na sua transfigurada beleza e, com uma energia assombrosa, ela perguntou em voz alta:

— Que é que eu tenho?

— Foste baleada, minha querida Lena — disse Heyst em voz firme enquanto Davidson, ouvindo a pergunta, voltava-se para apoiar a testa à coluna do pé da cama.

— Baleada? E verdade, pareceu-me que alguma coisa me tinha atingido.

A trovoadá cessara finalmente de reboar por sobre Samburan, e o mundo das formas materiais já não estremecia sob as estrelas que começavam a apontar no céu. O espírito da moça, que se ia evolvendo da terra, agarrava-se ao seu triunfo, convicto da realidade dessa vitória sobre a morte.

— Acabou-se! — murmurou ela. — Não acontecerá mais nada! Oh, meu amado — exclamou em voz débil, — eu te salvei! Por que não me tomas nos teus braços e não me levas para longe deste lugar solitário?

Muito curvado sobre ela, Heyst amaldiçoava os requintes da sua alma que mesmo nesse momento não deixavam desprender-se-lhe dos lábios o grito sincero do amor, na sua infernal desconfiança da vida. Não ousava tocar-lhe, e a moribunda já não tinha forças para lançar-lhe os braços ao pescoço,

— Quem mais teria feito isto por ti? — murmurou ela gloriosamente.

— Ninguém no mundo — respondeu Heyst, num murmúrio de desespero que não mais procurava esconder.

Lena tentou sentar-se no leito, mas só conseguiu soerguer a cabeça do travesseiro. Com um movimento vagaroso e terrificado, Heyst logo lhe passou o braço sob o pescoço. Imediatamente ela se sentia aliviada de um peso intolerável, e abandonou-se-lhe satisfeita, na infinita fadiga da sua tremenda façanha. Exultante,

via a si mesma estendida na cama, vestida de preto, e envolta numa paz profunda; enquanto ele, inclinando-se sobre ela com um sorriso bondoso e gracejador, estava pronto para erguê-la nos braços rijos e recebê-la no santuário íntimo do seu coração — para sempre! O arrebatamento que lhe invadia todo o ser expandiu-se num sorriso de felicidade inocente e pueril; e com essa divina radiação nos lábios ela soltou o último alento, triunfante, buscando o olhar dele nas sombras da morte.

XIV

— Sim, Excelência, — disse Davidson com a sua voz plácida, — houve mais mortos nessa história... mais brancos mortos, isto é... do que em muita batalha da última guerra de Achém.

Davidson falava a uma Excelência, pois aquilo que, nas conversações, era denominado “o mistério de Samburan” causara tamanha sensação no Arquipélago que até nas esferas elevadas havia ansiedade por obter informes de primeira mão. Um alto funcionário do governo, em sua visita circular de inspeção, marcara audiência ao capitão de navio.

— Conhecia bem ao falecido barão Heyst?

— A dizer verdade, ninguém por aqui se pode gabar de tê-lo conhecido bem. Era um tipo esquisito. Duvido mesmo que ele percebesse até que ponto o era. Mas toda a gente sabia que eu o andava vigiando — como amigo, já se vê. E foi assim que recebi um aviso que me fez virar de bordo no meio da viagem e voltar a Samburan, onde, pesa-me dizer, cheguei demasiado tarde.

Sem se alongar muito, Davidson explicou à autoridade atenta como uma mulher, a esposa de certo hoteleiro chamado Schomberg, surpreendera dois batotoiros de má fama a indagar do seu marido a posição exata da ilha. Tinha ouvido apenas umas poucas palavras relativas ao vulcão vizinho, mas foi o bastante para despertar suas suspeitas — “que, acrescentou Davidson, ela me comunicou, Excelência. Infelizmente, muito bem fundadas eram essas suspeitas!”

— Ela deu prova de sagacidade — observou o grande homem.

— Essa mulher é muito mais sagaz do que se pensa — tornou Davidson.

Absteve-se, porém, de revelar à Excelência a verdadeira causa que tinha aguçado o espírito da sra. Schomberg. A pobre mulher tinha um terror mortal de que trouxessem a moça novamente para perto do seu apaixonado Wilhelm. Davidson disse apenas que a agitação da hoteleira o havia impressionado, mas confessou que enquanto voltava começara a duvidar que os seus temores tivessem algum fundamento.

— Dei em cheio numa dessas estúpidas tempestades que se formam com frequência em redor do vulcão — narrava ele. — Tive de procurar às apalpadelas o rumo da Baía dos Diamantes, com uma vagareza de tartaruga. Não creio que alguém, mesmo que estivesse à minha espera, me tivesse ouvido lançar a âncora.

Reconheceu que devia ter ido à terra imediatamente. Mas a ilha estava completamente às escuras e em absoluto silêncio. Ele sentia vergonha da sua impulsividade. Que papel de tolo faria, acordando um homem alta noite só para perguntar se tudo ia bem! Além disso, por motivo da presença da moça, receava que Heyst considerasse sua visita uma injustificável intrusão.

O primeiro sinal que tivera do drama fora o encontro de um grande bote de brancos a vogar desmastreado, tendo dentro o cadáver de um homem extremamente peludo. O bote viera bater na proa do seu navio. Dirigira-se então sem mais delongas para a praia — sozinho, claro, pois assim o mandava a delicadeza.

— Cheguei a tempo de ver morrer a pobre moça, conforme contei a V. Excia. Não lhe direi o que passei com ele depois. Esteve-me falando. Seu pai parece ter sido um malucão que virou as ideias dele quando era moço. Era um camarada esquisito. Abem dizer, as últimas palavras que ele me disse, quando saímos para a varanda, foram estas:

“— Ah, Davidson, infeliz do homem cujo coração não aprendeu, enquanto moço, a esperar, a amar e a confiar na vida!

“Enquanto estávamos ali, pouco antes de eu o deixar, — pois ele dissera que queria ficar algum tempo só com a morta — ouvimos uma voz rosar perto das ervas altas que há junto da praia:

“— É o senhor, patrão?

“— Sim, sou eu.

“— Papagaio! Julguei que o desgraçado tivesse dado cabo da sua pele. Ele já começou a fazer baderna, e quase me mandou para o outro mundo. Tenho andado escondido por aqui desde então, à procura do senhor.

“— Pois bem, aqui estou — gritou de repente a outra voz. E ouvimos um tiro.

— Desta vez ele não errou o alvo — disse-me Heyst com amargura, E foi para dentro.

“Eu voltei para bordo, como ele me tinha pedido com insistência que fizesse. Mais tarde, pelas cinco da manhã, alguns dos meus grumetes indígenas vieram chamar-me correndo, a berrar que havia um incêndio na ilha. Fui logo para lá, naturalmente. O bangalô principal estava em chamas. O calor nos fez recuar. As duas outras casas pegaram fogo uma depois da outra, como montes de gravetos secos. Até a tarde não nos foi possível ir além da base do pier”.

Davidson suspirou placidamente.

— O senhor tem certeza, suponho, de que o barão Heyst morreu?

— Ele... é cinzas, Excelência — disse Davidson, com a voz um tanto dificultada pela asma, — ele e a moça. Creio que não pôde suportar os pensamentos que lhe vieram diante do cadáver dela... e o fogo purifica tudo. Àquele chinês de quem falei a V. Excia. ajudou-me a procurar no dia seguinte, quando as brasas esfriaram um pouco. Descobrimos o suficiente para ter certeza. O chinês não é mau sujeito. Contou-me que tinha seguido Heyst e a moça na floresta, por piedade, e também em parte por curiosidade. Ficou observando a casa até que viu Heyst sair depois de jantar, e Ricardo voltar só. Enquanto andava ali às escondidas, lembrou-se de ir cortar as amarras do bote, temendo que aqueles bandidos rodeassem a ilha pelo mar e fossem bombardear a aldeia com seus revólveres e Winchesters. Considerava-os uns demônios capazes de tudo. Assim, avançou pelo pier silenciosamente, e quando desceu ao bote para soltá-lo, aquele homem cabeludo que, ao que parece, estava dormindo ali dentro, pulou em pé rosnando e Wang matou-o com um tiro. Depois empurrou o bote para a baía, o mais longe que pôde, e foi embora dali.

Houve uma pausa, ao fim da qual Davidson continuou, com os mesmos modos tranquilos:

— Que o céu tome conta do que foi purificado. O vento e a chuva se encarregarão das cinzas. A carcaça daquele ajudante, secretário, ou qualquer que seja o nome que o imundo rufião dava a si mesmo, deixei-a onde estava, para que rebentasse e apodrecesse ao sol. Seu chefe tinha lhe metido uma bala bem no meio do coração. Depois, ao que parece, esse Jones foi ao pier procurar o bote e o homem peludo. Imagino que ele tenha caído na água por acidente... ou talvez não fosse acidente. O bote e o homem tinham levado sumiço, e o sacripanta viu-se sozinho, perdido, apanhado numa armadilha. Quem há de saber? A água é muito clara naquele sítio, e eu o vi todo encolhido no fundo, entre dois barrotes, como um monte de ossos dentro de um saco de seda azul, e só a cabeça e os pés apontando para fora. Wang é que ficou contente quando nós o descobrimos! Estavam acabados os perigos, disse ele. E foi imediatamente ao outro lado da colina para trazer a sua mulher alfuro de volta, à cabana.

Davidson tirou o lenço do bolso para enxugar o suor da testa.

— Então, Excelência, fui embora. Não havia nada que fazer lá.

— Evidentemente — concordou S. Excia.

Davidson, pensativo, parecia considerar o assunto. Finalmente, murmurou com plácida tristeza:

— Nada!

The logo consists of the letters 'FIM' in a bold, blue, sans-serif font. The letters are slightly stylized, with the 'F' and 'M' having a modern, blocky appearance. The 'I' is a simple vertical bar. The entire logo is centered within a light gray rectangular background.

JOSEPH CONRAD



VITÓRIA

COLEÇÃO NOBEL

EDIÇÃO DA LIVRARIA DO GLOBO – PÔRTO ALEGRE

Edição da
LIVRARIA DO GLOBO
Porto Alegre

VITÓRIA

COLEÇÃO NOBEL 42

Obras do mesmo autor:

Joseph Conrad, uma das mais vigorosas expressões da literatura inglesa, é um dos inúmeros escritores estrangeiros que foram revelados ao público leitor brasileiro pela Livraria do Globo. Já se encontram traduzidos para o português os seguintes trabalhos:

TUFÃO

Um livro de imenso sucesso em todo o mundo. Uma das mais belas páginas de Conrad, em que o autor descreve a grandeza da paisagem oceânica; o mar, cheio de beleza, mistério e de sedução infinita.

LORD JIM

Um interessantíssimo romance psicológico, dos melhores escritos por Conrad. Um livro que figura entre as grandes obras da literatura inglesa. Jim, o aguadeiro inquieto, parte num navio em busca de aventuras e emoções.

FLECHA DE OURO

O livro que espelha com mais fidelidade uma página belíssima da vida do autor. O êxito deste romance se explica no vigor do enredo que lhe dá uma expressão de humanidade e atualidade. Episódios do movimento carlista espanhol.

